

O LIVRO-SENSAÇÃO DO ANO, ACLAMADO PELOS LEITORES



AMAZON 4,8 • GOODREADS 4,5

ELE
MANIPULA-OS

ELE VÊ-OS
A ARDER



BEM-VINDOS
AO

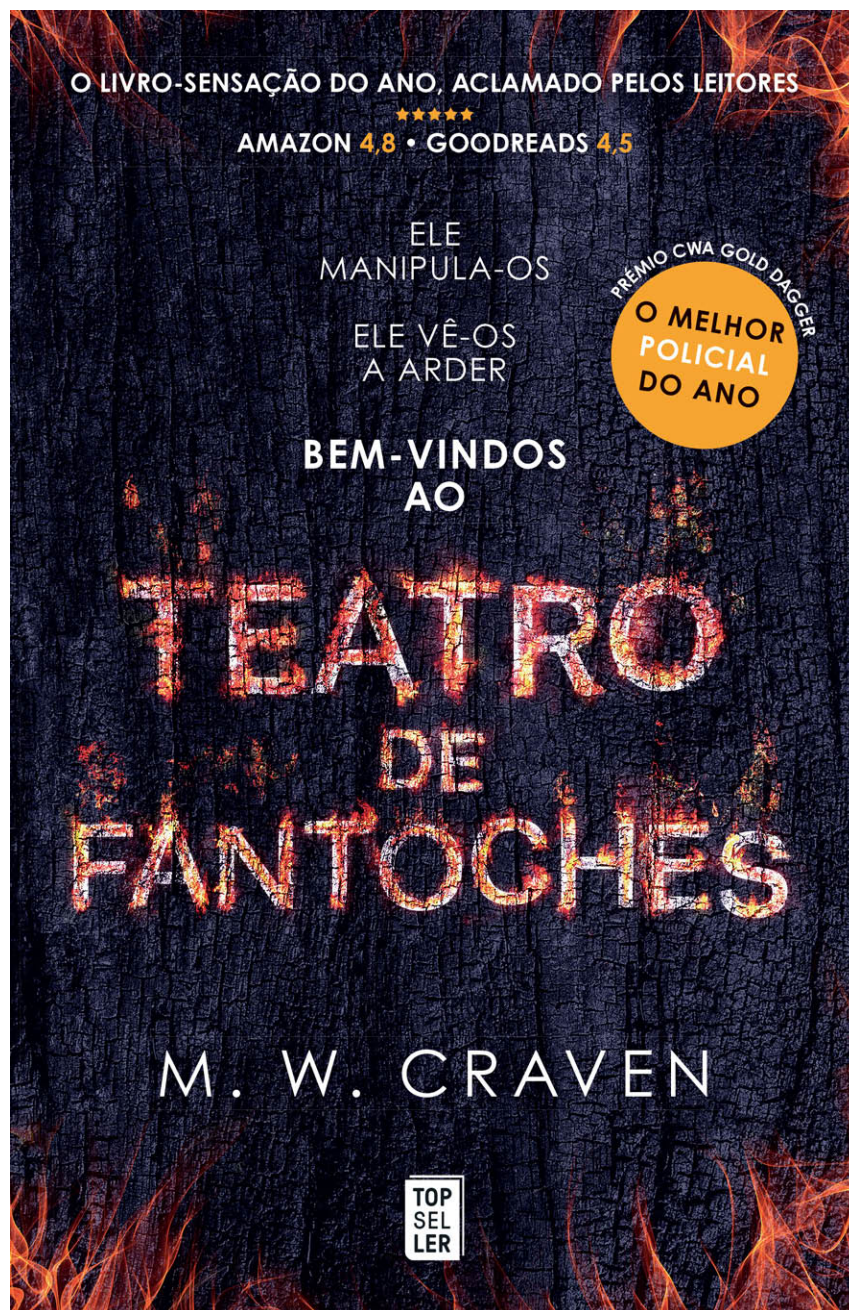
TEATRO DE FANTOCHES

M. W. CRAVEN

TOP
SEL
LER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



*Para a minha mulher, Joanne,
e para a minha saudosa mãe, Susan Avison Craven.
Sem elas, este livro não teria sido possível.*

Imolação [imule'sẽw]

1. Oferecer em sacrifício religioso através da morte.
2. Matar, sobretudo com recurso ao fogo.

O círculo de pedra é um local antigo e sereno. As pedras que lhe dão forma são sentinelas silenciosas. Vigilantes imóveis. O granito refulge, coberto pelo orvalho da manhã. Presenciaram mais de mil invernos e, apesar de denotarem sinais de desgaste, nunca cederam ao tempo, às estações ou ao ser humano.

Sozinho no centro do círculo está um velho rodeado por sombras difusas. Tem o rosto vincado pelas rugas e uns fiapos de cabelo grisalho emolduram-lhe a cabeça calva e cheia de manchas. A sua magreza é cadavérica, e a ossatura, sacudida por tremores. Tem a cabeça tombada e os ombros descaídos. Está nu e prestes a morrer.

Arames robustos que se cravam na sua pele prendem-no a uma viga de ferro. Mas ele não quer saber: já sofreu sevícias às mãos do seu captor.

Está em estado de choque e acredita que já é insensível à dor.

Engana-se.

— Olha para mim. — A voz do captor é impassível.

O velho foi besuntado com uma substância gelatinosa que cheira a gasolina. Levanta a cabeça e encara a figura encapuzada que está diante de si.

O seu captor tem na mão um isqueiro *Zippo* americano.

É então que o medo se instala. O medo primevo do fogo. Ele sabe o que vai acontecer e sabe também que nada pode fazer para o travar. A respiração torna-se rápida e errática.

O *Zippo* está agora diante dos seus olhos. O velho apercebe-se da sua beleza simples. As linhas perfeitas, a precisão dos mecanismos. Um design que não se alterou em cem anos. Com um gesto, a tampa abre. Um girar do polegar e a roda faz faiscar a pederneira. A erupção das faúlhas espoleta a chama.

O captor baixa o isqueiro, arrastando consigo a chama. O combustível inflama. As chamas devoradoras explodem e percorrem toda a extensão do braço do velho.

A dor é imediata, como se o seu sangue se tivesse transformado em ácido. Os olhos arregalam-se em pânico e todos os músculos contraem. As mãos estão cerradas em punhos. Ele tenta gritar, mas o som é travado pelo obstáculo que tem na garganta. Torna-se patético e inaudível à medida que gargareja o seu próprio sangue.

A carne rebenta e crepita como um assado num forno quente. Sangue, gordura e água escorrem pelos seus braços e gotejam-lhe pelos dedos.

A visão turva-se de negro. A dor desaparece. A respiração deixa de ser agitada e urgente.

O velho morre. Não sabe que a gordura do seu corpo vai continuar a alimentar as chamas muito depois de o combustível ter sido consumido. Não vê como as chamas queimam e distorcem o que foi gravado no seu peito.

Não obstante, é isso mesmo que acontece.

Capítulo 1

Uma semana depois

Tilly Bradshaw tinha um problema. E ela não gostava de problemas. A sua escassa tolerância à incerteza causava-lhe ansiedade. Olhou em volta à procura de alguém com quem partilhar as suas descobertas, mas o escritório da Serious Crime Analysis Section estava vazio. Olhou para o relógio e viu que era quase meia-noite. Esteve novamente a trabalhar 16 horas seguidas. Enviou uma mensagem à mãe a pedir desculpa por não ter ligado.

Voltou a concentrar a sua atenção no ecrã. Apesar de saber que não era uma falha técnica, aqueles resultados exigiam que confirmasse uma terceira vez. Voltou a executar o programa.

Depois de preparar uma tisana, lançou um olhar à barra de progresso para ver quanto tempo teria de esperar. Quinze minutos. Abriu o computador portátil, ligou os auscultadores e escreveu «online». Segundos depois, estava totalmente imersa em *Dragonlore*, um RPG multijogadores disputado online.

Em pano de fundo, o programa ia processando os dados que ela tinha introduzido. Bradshaw não verificou o computador da SCAS uma vez que fosse. Ela não cometia erros.

Quinze minutos depois, o logótipo da National Crime Agency desapareceu, dando lugar aos mesmos resultados das outras vezes. Ela escreveu «offline» e saiu do jogo.

Havia duas possibilidades. Ou os resultados estavam corretos, ou tinha ocorrido uma coincidência matemática implausível. Quando ela

os viu pela primeira vez, calculou as probabilidades de se tratar de um mero acaso e o resultado foi um número na casa dos muitos milhões. Para o caso de ser questionada a esse respeito, introduziu o problema matemático num programa que ela própria tinha criado e executou-o. O resultado surgiu no ecrã e revelou que estava dentro da margem de erro que ela tinha acautelado. Não sorriu quando percebeu que se tinha antecipado ao seu próprio computador, que executava um programa que tinha sido criado por *ela*.

Bradshaw não sabia ao certo o que fazer a seguir. A sua superiora, a inspetora Stephanie Flynn, costumava ser simpática com ela, mas ainda na semana anterior ambas tinham tido uma conversa sobre os horários em que seria apropriado ligar-lhe para casa. Só podia fazê-lo quando fosse mesmo importante. Mas... tendo em conta que era a inspetora Flynn quem decidia se algo era importante ou não, como é que ela podia saber sem lhe perguntar? Era tudo muito confuso.

Para Bradshaw, seria preferível que tudo se resumisse a um problema matemático. Ela *percebia* de matemática. Não percebia a inspetora Flynn. Mordeu o lábio e tomou uma decisão.

Reviu as suas descobertas e ensaiou o que havia de dizer.

O que descobrira estava relacionado com o mais recente alvo da SCAS — um homem a quem a imprensa apelidava de «Imolador». Fosse quem fosse — e tinham presumido desde logo que se tratava de um homem —, não parecia gostar de homens na casa dos 60 ou 70 anos. Na verdade, a sua aversão era tal que lhes pegava fogo.

Bradshaw tinha estado a analisar os dados da terceira e mais recente vítima. A SCAS fora chamada após o segundo caso. Além de sinalizar o surgimento de assassinos e violadores em série, a função do departamento era providenciar apoio analítico a qualquer força policial que levasse a cabo investigações de homicídio complexas ou sem móbil aparente. O Imolador preenchia todos os requisitos.

Como o fogo destruiu os corpos ao ponto de nem sequer parecerem corpos, a autópsia não foi o único recurso utilizado pelo agente responsável pela investigação, que estava em Cúmbria e se aconselhou junto da SCAS. Após a autópsia, a SCAS requisitou exames adicionais através de uma tomografia computadorizada multicorte, uma técnica de investigação médica muito sofisticada. Recorria a raios x e a um líquido de contraste para formar uma imagem tridimensional do corpo. Destinava-se a ser usada em seres vivos, mas era igualmente eficaz em cadáveres.

A SCAS não dispunha de recursos para ter o seu próprio aparelho de tomografia — nenhuma força policial dispunha —, mas tinha um acordo de utilização de um desses aparelhos sempre que a situação o justificasse. Como o Imolador não deixou vestígios nos locais dos raptos ou dos homicídios, o responsável pela investigação estava disposto a explorar todas as hipóteses.

Bradshaw respirou fundo e ligou para a inspetora Flynn.

O telefone foi atendido após o quinto toque. Do outro lado da linha ouviu-se uma voz entaramelada.

— Estou?

Ela olhou para o relógio, para confirmar que passava da meia-noite, e disse:

— Bom dia, inspetora Flynn. Como está? — Além de terem abordado o tema das chamadas fora de horas, a inspetora Flynn também a instara a ser simpática com os colegas.

— Tilly — resmungou Flynn —, o que queres?

— Quero falar-lhe do caso, inspetora Flynn.

Flynn suspirou.

— Importas-te de me tratar por Stephanie, Tilly? Ou Steph? Ou chefe? Tendo em conta a nossa proximidade de Londres, até aceitaria «patroa».

— Com certeza, inspetora Stephanie Flynn.

— Não... Estou a dizer que não quero... Olha, esquece.

Bradshaw esperou que Flynn terminasse de falar antes de dizer:

— Posso contar-lhe o que descobri?

Flynn resmungou.

— Que horas são?

— Passam 13 minutos da meia-noite.

— Diz lá. O que descobriste de tão importante que não pode esperar até amanhã?

Flynn ouviu o que ela tinha para dizer antes de fazer algumas perguntas e de desligar o telefone. Bradshaw recostou-se na cadeira e sorriu. Tinha feito bem em ligar. Palavras da inspetora Flynn.

*

Flynn chegou meia hora depois. O seu cabelo louro estava num desalinho. Não trazia maquilhagem. Bradshaw também não estava maquilhada, mas por opção própria. Achava que era um disparate.

Bradshaw pressionou algumas teclas e surgiram uns cortes transversais.

— São tudo imagens do tronco — anunciou, antes de explicar o funcionamento da tomografia. — Esta técnica identifica ferimentos e fraturas que possam escapar à autópsia. É particularmente útil em casos de vítimas com queimaduras graves. — Flynn já sabia tudo aquilo, mas deixou-a terminar. Bradshaw revelava as informações ao seu ritmo e não permitia que a apressassem. — Os cortes transversais não nos facultam muitas informações, inspetora Stephanie Flynn, mas repare nisto. — Bradshaw selecionou uma imagem composta, desta feita vista de cima.

— Mas que raio...? — exclamou Flynn, com os olhos postos no ecrã.

— Ferimentos — respondeu Bradshaw. — Uma série deles.

— Então, a autópsia não detetou uma série de cortes aleatórios?

Bradshaw abanou a cabeça.

— Foi o que eu pensei. — Pressionou um botão e ambas olharam para a imagem tridimensional dos ferimentos no peito da vítima. O programa analisou os cortes aparentemente aleatórios. Por fim, todos eles se conjugaram.

Ambas olharam fixamente para a imagem final. Não tinha nada de aleatório.

— O que fazemos agora, inspetora Flynn?

Flynn fez uma pausa antes de responder.

— Ligaste para a tua mãe a explicar porque não estás em casa a uma hora destas?

— Enviei mensagem.

— Então envia outra. Diz-lhe que hoje não vais a casa.

Bradshaw começou a dedilhar no ecrã do telemóvel.

— Qual é a justificação?

— Diz-lhe que vamos arrancar o diretor da cama.

Capítulo 2

Washington Poe tinha desfrutado do seu dia a reparar o muro de pedras soltas, uma das novas aptidões que adquirira desde que regressara a Cúmbria. Era um trabalho árduo, o que só tornava a recompensa de uma empada e uma caneca de cerveja ao final do dia um consolo ainda maior. Carregou as ferramentas e algumas pedras que tinham sobejado para o reboque da moto-quatro, chamou *Edgar*, o seu *springer spaniel*, com um assobio e iniciou a viagem de regresso à sua pequena quinta. Tinha estado a trabalhar no muro exterior, por isso encontrava-se a mais de quilómetro e meio de casa, uma habitação de pedra rústica chamada Herdwick Croft. O caminho de volta demoraria cerca de 15 minutos.

O sol primaveril estava baixo na linha do horizonte e o orvalho crepuscular fazia refulgir as ervas e as urzes. As aves entoavam cantos territoriais e de acasalamento, e no ar sentia-se a fragrância das flores que começavam a despontar. Poe respirou fundo enquanto conduzia.

Podia habituar-se àquela vida.

Planeara tomar um duche rápido e fazer a caminhada até ao hotel, mas, à medida que se aproximava da casa, a ideia de um banho de imersão demorado na companhia de um bom livro tornou-se mais atrativa.

Transpôs a última cumeeira e parou. Estava alguém sentado na sua mesa de exterior.

Abriu a mochila que trazia sempre consigo e retirou uns binóculos. Apontou-os à figura solitária. Não tinha a certeza, mas parecia tratar-se de uma mulher. Aumentou o foco e esboçou um sorriso

escarninho quando reconheceu a figura de longos cabelos louros.

Parecia que o tinham encontrado finalmente.

Voltou a guardar os binóculos na mochila e avançou na direção da sua antiga inspetora.

— Há quanto tempo, Steph — começou Poe. — O que te traz tão para norte?

Edgar, o traidor peludo, começou a andar à volta dela como se fosse uma velha amiga desaparecida.

— Poe — saudou-o. — Gosto da barba.

Ele levou a mão ao queixo e cofiou a barba. Perdera o hábito de se barbear todos os dias.

— Sabes que nunca tive jeito para conversa fiada, Steph.

Flynn anuiu.

— Não é fácil dar com este sítio. — Ela trazia um fato de calça e casaco azul-escuro às riscas e, a julgar pela boa forma física e agilidade, era óbvio que continuava a treinar artes marciais. Irradiava a confiança de alguém que tinha tudo sob controlo. Um par de óculos graduados estava dobrado em cima de uma pasta pousada na mesa. Parecia que tinha estado a trabalhar antes de ele chegar.

— Não há de ter sido assim tão difícil — respondeu ele. Não sorriu. — Em que posso ajudar-te, inspetora Flynn?

— Agora sou inspetora-chefe, mesmo que isso não faça a menor diferença.

Poe ergueu o sobrolho.

— O meu antigo cargo? — Flynn confirmou com um aceno.— Muito me surpreende que o Talbot tenha deixado que aceitasses — rematou Poe.

Talbot estava na direção na altura em que Poe ocupava o cargo de inspetor-chefe da SCAS. Era um homem mesquinho, e teria culpado Flynn pelo que se passara, tanto quanto culpara Poe. Talvez até mais. Poe decidira virar costas; ela não.

— Agora está lá o Edward van Zyl. O Talbot não sobreviveu ao rescaldo.

— É um tipo às direitas, gosto dele — grunhiu Poe. Quando Van Zyl estava no North West Special Branch, tinham trabalhado juntos num caso de contraterrorismo. Os bombistas do 21 de Julho tinham treinado no Lake District, e a polícia de Cúmbria foi essencial na recolha das informações sobre o grupo. Fora Van Zyl a pedir a Poe para se candidatar ao cargo na SCAS. — E o Hanson?

— Continua como diretor-adjunto.

— Pena — respondeu Poe.

Hanson era um homem com contactos na política, e Poe não ficou surpreendido por saber que ele tinha conseguido lavar as mãos do sucedido. Por norma, quando um alto funcionário é obrigado a demitir-se face a um erro crasso de julgamento, o seu subordinado direto assume as suas funções. O facto de Hanson não ter sido promovido indiciava que não tinha conseguido escapar ileso.

Poe ainda se lembrava do sorriso escarninho no rosto de Hanson quando o suspendeu. Desde essa altura, não tinha contacto com ninguém da NCA. Não deixou morada de contacto, cancelou o contrato de telemóvel e, tanto quanto sabia, não constava de nenhuma base de dados de Cúmbria.

Se Flynn se dera ao trabalho de o procurar, isso significava que tinha sido tomada finalmente uma decisão quanto à sua continuidade em funções. Como Hanson permanecia no cargo, Poe duvidava que fosse uma boa notícia. Não fazia diferença; há meses que ele seguira em frente com a sua vida. Se Flynn estava ali para lhe dizer que já não trabalhava para a NCA, ótimo. Mas, se estava ali para lhe dizer que Hanson tinha conseguido finalmente arranjar maneira de o acusar criminalmente, ele teria de arranjar maneira de lidar com isso.

Não fazia sentido descarregar no mensageiro. Tinha sérias dúvidas de que Flynn estivesse ali de bom grado.

— Queres um café? Vou fazer para mim. — Não esperou pela resposta e desapareceu para dentro de casa, fechando a porta atrás de si.

Cinco minutos depois, voltou a sair com uma cafeteira de metal e um jarro de água a ferver. Encheu duas chávenas.

— Ainda bebes simples? — Ela acenou e bebeu um gole. Sorriu e ergueu a chávena em sinal de apreço. — Como é que me encontraste? — O seu rosto estava fechado. A privacidade era uma questão cada vez mais importante na sua vida.

— O Van Zyl sabia que voltarias para Cúmbria e tinha mais ou menos noção de onde vivias. Os operários de uma pedreira disseram-me que estava alguém a viver numa velha cabana de pastor no meio do nada. Viram-te a arranjar a casa. — Olhou em volta como se as provas desse arranjo fossem irrisórias.

Herdwick Croft parecia ter brotado do chão. As paredes eram feitas de pedra não rebocada — demasiado grandes para serem levantadas e assentadas por um só homem — e a casa fundia-se de forma impercetível com a charneca que lhe servia de cenário. Era atarracada e feia, e parecia estar parada no tempo há duzentos anos. Poe adorava-a. Flynn continuou:

— Estou aqui há umas horas à espera...

— O que queres?

Flynn levou a mão à mala e tirou uma pasta almofadada. Não a abriu.

— Presumo que já tenhas ouvido falar do Imolador.

Poe levantou a cabeça de repente. Não estava à espera de que ela dissesse aquilo.

Claro que já tinha ouvido falar do Imolador. Até mesmo em Shap Fells o Imolador era notícia. Tinha queimado homens ainda vivos em alguns dos muitos círculos de pedra de Cúmbria. Três vítimas, até àquela altura, a menos que houvesse mais alguma que ele desconhecesse. Apesar da especulação da imprensa, os factos

estavam bem à vista, bastava saber separá-los do sensacionalismo.

O condado estava a braços com o seu primeiro assassino em série.

Mesmo que a SCAS tivesse sido chamada para ajudar a polícia de Cúmbria, ele estava suspenso: sujeito a um processo interno e a um inquérito da IPCC¹. Apesar de saber que era uma mais-valia para qualquer investigação, Poe tinha noção de que não era insubstituível. A SCAS tinha continuado sem ele.

Afinal de contas, o que estava Flynn ali a fazer?

— O Van Zyl levantou a tua suspensão. Quer que trabalhes neste caso. Vais ser o meu inspetor.

Apesar de a expressão de Poe nada revelar, o seu cérebro trabalhava mais depressa do que um computador. Não fazia sentido. Flynn era a nova inspetora-chefe e a última coisa que haveria de querer era ter o antigo inspetor-chefe a trabalhar como seu subordinado, pondo em causa a autoridade dela só com a sua presença. Ademais, ela conhecia-o há tempo suficiente para saber qual era a sua atitude perante a autoridade. Porque aceitaria ela tal situação?

Estava a obedecer a ordens nesse sentido.

Poe reparou que ela não fez referência ao inquérito da IPCC, o que, supostamente, indicava que isso continuava em curso. Ele levantou-se e recolheu as chávenas.

— Não estou interessado — respondeu.

Ela pareceu surpreendida com a resposta. Ele não percebeu porquê. A NCA tinha lavado as mãos do caso dele.

— Não queres ver o que está dentro desta pasta? — perguntou ela.

— Não me interessa — respondeu.

Ele já não sentia falta da SCAS. Apesar de ter demorado algum tempo a habituar-se ao ritmo mais lento da vida nas montanhas de Cúmbria, não estava disposto a abdicar dela. Se Flynn não estava

ali para o despedir ou para o prender, ele não estava interessado em nada do que ela tivesse para dizer. Apanhar assassinos em série já não fazia parte da sua vida.

— Pois bem — disse ela, levantando-se. Era alta e os seus olhos estavam ao mesmo nível. — Nesse caso, preciso que assines dois documentos.

Retirou uma pasta mais fina de dentro da mala e entregou-lha.

— O que é isto?

— Disse-te que o Van Zyl levantou a suspensão, certo?

Ele acenou e leu o documento.

Ah.

— E tens noção de que, tendo em conta que estás novamente no ativo — prosseguiu ela —, a recusa de voltar ao trabalho é punível com despedimento? Mas, em vez de passarmos por esse processo, disseram-me que posso aceitar a tua demissão. Tomei a liberdade de pedir aos Recursos Humanos para redigirem este documento.

Poe examinou o documento de uma página. Se assinasse no final, deixava de ser agente da polícia. Apesar de já contar com isso há algum tempo, percebeu que a despedida não era tão fácil como imaginara. Se assinasse, colocaria um ponto final nos últimos 18 meses. Podia começar a viver.

Mas não voltaria a andar com um distintivo.

Olhou para *Edgar*. O *spaniel* estava a aproveitar os últimos raios de sol. A maior parte do terreno em seu redor pertencia-lhe. Estaria disposto a abdicar de tudo aquilo?

Poe pegou na caneta e assinou ao fundo da página. Entregou-lhe a folha para que ela visse que ele não tinha escrito apenas «vai à merda». Agora que o *bluff* não tinha resultado, ela parecia menos segura do passo a dar a seguir. Aquilo não estava a correr conforme o planeado. Poe levou as chávenas e a cafeteira para dentro. Um minuto depois, estava de volta. Flynn permanecia imóvel.

— O que foi, Steph?

— O que estás a fazer, Poe? Adoravas ser polícia. O que mudou? Ele ignorou-a. Tomada a decisão, só queria vê-la pelas costas.

— Onde está o outro documento?

— O quê?

— Disseste que tinhas dois documentos para eu assinar. Já assinei a carta de demissão, por isso, a menos que tenhas uma cópia que precise de rubrica, tens outra coisa para eu assinar.

Ela voltou a assumir uma postura profissional. Abriu a pasta e tirou o segundo documento. Era mais volumoso do que o primeiro e tinha o selo oficial da NCA no topo.

Começou a debitar um discurso ensaiado, que outrora o próprio Poe já tinha proferido.

— Washington Poe, por favor, leia este documento e assine no final, de modo a confirmar que tomou conhecimento das informações que nele constam. — Com isto, entregou-lhe o molho de folhas.

Poe olhou de relance para a primeira página.

Era um *Osman Warning*.

Merda...

¹ Independent Police Complaints Commission — órgão público da Inglaterra e do País de Gales responsável pela supervisão do sistema de tratamento de reclamações feitas contra forças policiais. [N. T.]

Capítulo 3

Quando a polícia tem informações de que alguém se encontra em perigo de vida imediato e significativo, tem o dever de avisar a vítima. O *Osman Warning* é o procedimento oficial através do qual se cumpre esse dever. As potenciais vítimas podem acatar as medidas de proteção que são propostas pela polícia ou, caso não as considerem satisfatórias, podem efetuar as suas próprias diligências.

Poe passou os olhos pela primeira página, mas percebeu que estava cheia de tretas oficiosas. Não dizia quem constituía uma ameaça para a sua pessoa.

— O que é isto, Steph?

— Só posso dizer-te se fores um polícia no ativo, Poe. — Com isto, entregou-lhe a carta de demissão que ele acabara de assinar, mas ele não a aceitou. — Poe, olha para mim. — Ela fixou o seu olhar, e ele viu que transparecia apenas sinceridade. — Acredita em mim. Precisas de ver o que está nesta pasta. Se não te agradar, podes sempre enviar a carta de demissão por e-mail ao Hanson. — Voltou a estender-lhe a carta de demissão. Poe abanou a cabeça e rasgou a carta. — Ótimo — disse ela. Passou-lhe algumas fotografias brilhantes de um local de crime. — Reconheces isto?

Poe analisou as fotografias. Eram de um cadáver. Negro, queimado, quase irreconhecível como sendo de um ser humano. Mirrado, como fica tudo aquilo que é composto sobretudo por líquido depois de exposto a um calor intenso. O cadáver parecia ter a mesma textura e peso do carvão que Poe retirava da sua salamandra todos os dias de manhã. Quase sentia o calor residual através da imagem.

— Sabes quem era? — perguntou Flynn.

Poe não respondeu. Folheou o molho de fotografias em busca de um ponto de referência. A última retratava todo o local do crime. Reconheceu o círculo de pedra.

— Isto é Long Meg and Her Daughters. Este... — aventou, apontando para a primeira fotografia — ... deve ser Michael James, o vereador conservador. Foi a terceira vítima.

— É mesmo. Empalado no centro do círculo de pedra, coberto de combustível e incendiado. Sofreu queimaduras em mais de 90 por cento do corpo. O que mais sabes?

— Apenas aquilo que li. Presumo que a polícia tenha ficado surpreendida com o local; não é tão rural como os outros dois.

— Não tão surpreendida como ficou com a facilidade com que ele conseguiu contornar todas as medidas de vigilância que foram implementadas.

Poe acenou. O Imolador tinha escolhido um círculo de pedra diferente em todos os crimes. Foi o que levou a imprensa a inventar o nome. Imolação significa sacrificar através do fogo, e, sem qualquer outro móbil, a imprensa não hesitou em batizá-lo desta forma. Poe contava que a polícia estivesse de olho em todos os círculos. Ou talvez não... Havia muitos círculos de pedra em Cúmbria. Se juntarmos as antas, mamoadas e menires, teriam quase quinhentas formações de pedra para vigiar. Mesmo que usassem medidas de segurança mínimas, precisariam de uma equipa de quase dois mil agentes. Cúmbria mal tinha mil polícias no ativo. Não restava alternativa senão escolher criteriosamente onde colocar os seus recursos limitados.

Ele entregou-lhe as fotografias. Por mais macabro que fosse tudo aquilo, não explicava porque é que Flynn tinha feito aquela longa viagem até ao norte.

— Continuo sem perceber o que tem tudo isto que ver comigo.

Ela ignorou a pergunta.

— A SCAS foi chamada após a descoberta da segunda vítima do Imolador. O agente responsável pela investigação queria um perfil.
— Isso seria expectável, tratando-se da especialidade do departamento. — E nós traçámos um. Não determinámos nada de muito útil, apenas as tretas do costume em relação ao intervalo de idade e etnia, esse tipo de coisas.

Poe sabia que os perfis podiam ser mais-valias, mas apenas quando enquadrados numa investigação com várias vertentes. Não lhe parecia que aquela conversa se devesse a um perfil.

— Já ouviste falar em tomografia computadorizada multicorte?

— Sim — mentiu ele.

— É um procedimento através do qual uma máquina fotografa o corpo em fatias muito finas, e não como um todo. É caro, mas, por vezes, identifica lesões anteriores e posteriores ao óbito que os métodos forenses convencionais não detetam.

Poe sempre se interessara mais por saber o que tais processos faziam, e não como o faziam. Se Flynn dizia que era possível, ele acreditava.

— A autópsia não detetou nada, mas a tomografia encontrou isto — prosseguiu ela. Retirou mais uma série de fotografias que colocou em cima da mesa, à frente dele. Eram imagens computadorizadas do que pareciam ser cortes aleatórios.

— Isto estava na terceira vítima? — perguntou.

Ela acenou com a cabeça.

— No tronco. Tudo o que ele faz tem em vista o máximo impacto.

O Imolador era um sádico. Poe não precisava de um perfil sofisticado para perceber isso. Analisou todas as imagens à medida que Flynn lhas passava. Eram quase 20, mas foi a última que o fez sustar a respiração.

Era a soma de todas as partes. A imagem computadorizada em que todos os cortes aleatórios se juntavam para formar a imagem pretendida. Os lábios de Poe contraíram-se.

— Como? — grunhiu.

Flynn encolheu os ombros.

— Tínhamos esperança de que nos pudesses dizer.

Olharam ambos para a última fotografia.

O Imolador tinha gravado duas palavras no peito da vítima.

«Washington Poe»

Capítulo 4

Poe deixou-se cair pesadamente na cadeira. O seu rosto ficou sem pinga de sangue. Uma veia na têmpora começou a latejar.

Olhou fixamente para a reprodução computadorizada do seu nome. E não era apenas o seu nome — por cima tinha sido gravado o número cinco.

Aquilo não era bom... aquilo não era nada bom.

— Queremos saber porque é que ele sentiu necessidade de gravar o teu nome no peito da vítima.

— Não é algo que tenha feito antes? Não se trata de uma informação que foi sonegada à imprensa?

— Não. Examinámos as duas primeiras vítimas com recurso à tomografia e nada.

— E o número cinco? — Havia apenas uma explicação plausível, e ele sabia que Flynn concordava consigo. Fora o motivo por que ela emitira o *Osman Warning*.

— Partimos do princípio de que estás marcado para ser a quinta vítima.

Ele pegou na última fotografia. Depois das tentativas vãs de gravar um número cinco, o Imolador tinha desistido de desenhar curvas. Todos os riscos eram direitos.

Apesar de estarem a olhar apenas para uma imagem de computador, Poe conseguia perceber que as lesões eram demasiado toscas para terem sido feitas por um bisturi. Ele apostava num x-ato ou algo semelhante. O facto de as letras terem sido detetadas pela tomografia significava duas coisas: tinham sido feitas previamente ao óbito — caso contrário, a autópsia tê-las-ia

detetado — e eram profundas, já que as chamas teriam destruído as lesões mais superficiais. Os últimos minutos da vítima terão sido um verdadeiro inferno.

— Porquê eu? — perguntou Poe. Fez inimigos ao longo da carreira, mas nunca trabalhou num caso que implicasse um indivíduo tão demente.

Flynn encolheu os ombros.

— Como imaginas, não és a primeira pessoa a fazer essa pergunta.

— Não menti quando disse que só sabia o que foi relatado na imprensa.

— Sabemos que, quando eras agente da polícia de Cúmbria, não tiveste nenhum contacto oficial com qualquer das vítimas. Presumo que também não tenhas tido contactos officiosos...

— Que eu saiba, não. — Fez um gesto abarcando a casa e o terreno circundante. — Atualmente, a maior parte do meu tempo é dedicada a esta propriedade.

— Foi isso que presumimos. Não acreditamos que o elo de ligação sejam as vítimas; acreditamos que seja o assassino.

— Julgam que eu conheço o Imolador?

— Julgamos que ele te conhece, ou que sabe da tua existência. Duvidamos que o conheças.

Poe sabia que aquela seria a primeira de muitas conversas e encontros, e que, quisesse ou não, estava envolvido em tudo aquilo. Restava saber em que medida.

— Primeiras impressões? — indagou Flynn.

Ele voltou a analisar os golpes. Excluindo o número cinco mal-amanhado, contou quarenta e dois. Quarenta e dois golpes para escrever «Washington Poe». Quarenta e duas expressões individuais de agonia.

— Além de presumir que a vítima tivesse preferido que eu me chamasse Bob, nada.

— Preciso que voltes ao trabalho — disse ela. Olhou em volta para as montanhas desoladas que ele agora considerava serem o seu lar. — Preciso que voltes a juntar-te à espécie humana.

Ele levantou-se, tendo já afastado qualquer ideia de pedir demissão. Só uma coisa interessava: o Imolador estava a monte, a seleccionar a vítima número quatro. Se alguma vez quisesse voltar a sentir-se tranquilo, tinha de o encontrar antes que chegasse ao número cinco.

— Vamos em que carro? — perguntou.

Capítulo 5

Mal saíram de Cúmbria, o terreno aplanou e a M6 estendeu-se à sua frente como uma passadeira. A primavera revelava ilusões de grandeza estival, e Poe deu por si a ter de ligar o ar condicionado do carro de Flynn. O suor começava a acumular-se-lhe ao fundo das costas, e isto não se devia propriamente ao calor.

Um silêncio inquieto abatera-se sobre eles. Enquanto Poe deixava *Edgar* com o seu vizinho mais próximo, Flynn substituíra o seu fato profissional por um conjunto mais informal de calças de ganga e camisola. Mas, apesar da indumentária descontraída, ela enrolava nervosamente os seus longos cabelos com os dedos enquanto olhava fixamente para a estrada.

— Parabéns pela promoção — disse Poe.

Ela virou a cabeça.

— Não queria o teu cargo. Espero que saibas disso.

— Sei, sim. E, para que conste, acho que serás uma excelente inspetora-chefe.

Não havia o menor indício de rancor na sua voz. Ela baixou a guarda e disse:

— Obrigada. A tua suspensão não foi propriamente a forma co-mo imaginei conseguir a promoção.

— Eles não tinham alternativa.

— Talvez não tivessem alternativa — disse Flynn —, mas qualquer um de nós podia ter cometido o mesmo erro.

— Não interessa — respondeu ele. — Ambos sabemos que há uma linha evolutiva clara desde esse erro até às consequências que ele desencadeou, Steph.

Flynn referia-se ao último caso em que ambos trabalharam. Aquele que viria a ser o último caso dele. Um louco na zona de Thames Valley raptara e assassinara duas mulheres, e Muriel Bristow, uma jovem de 14 anos, estava agora desaparecida. A SCAS esteve envolvida desde o início. Os perfis do agressor e o mapeamento do crime foram traçados, mas fora o perfil geográfico a revelar o principal suspeito: Peyton Williams, o adjunto de um deputado. Tudo batia certo. Já tinha sido condenado por assédio, estivera sempre na zona onde haviam ocorrido os raptos e tinha um historial de relações falhadas.

Poe queria detê-lo para interrogatório, mas Talbot, o seu superior, diretor do Serviço de Informações, recusara. Tinha sido anunciada a realização de eleições legislativas e estavam no período pré-eleitoral conhecido como *purdah*, pelo que deter o adjunto de um deputado de um distrito eleitoral de pendor político indefinido sem provas podia ser considerado manipulação eleitoral. Pelo menos, aos olhos de Talbot.

— Arranje-me provas concretas. — Foram estas as instruções.

Entretanto, Talbot dissera a Poe que informaria o deputado em questão de que estavam a investigar um dos elementos do seu gabinete. Poe pedira-lhe que não o fizesse.

Talbot ignorara o pedido, e o deputado decidira despedir o adjunto. E explicara-lhe porquê.

Poe ficara furioso. Era certo e sabido que, tendo conhecimento de que estava a ser vigiado, Peyton Williams não se aproximaria de Muriel Bristow. Se ela ainda estivesse viva, não continuaria por muito mais tempo. Morreria de desidratação.

Ele não era o tipo de agente que passava as tarefas mais desagradáveis para os outros. Faria ele próprio a deslocação até à casa da família. Antes de partir, imprimira um resumo do caso destinado à família, um ponto de situação da investigação bastante

simplificado. Depois de relatar aos Bristows aquilo que lhe era permitido, entregou-lhes o relatório para que o pudessem analisar com calma.

Mais tarde, nesse dia, o mundo desabou.

Poe tinha cometido um erro. Um erro terrível. Além de imprimir o resumo do caso destinado à família, imprimiu também um relatório atualizado para os seus próprios ficheiros. Este *não* estava rasurado. Incluía todas as suas suspeitas e frustrações.

O relatório errado fora parar ao dossiê errado... Os Bristows ficaram a saber da suspeita que recaía sobre Peyton Williams...

Só mais tarde, depois de Williams ter sido raptado e torturado pelo pai de Muriel Bristow, e muito depois de ele divulgar a localização de Muriel e de ela ter sido devolvida em segurança à família, é que alguém parou para pensar como é que Bristow chegou a saber de Peyton Williams.

O erro foi rapidamente descoberto. E, apesar de Poe ter razão, e apesar de uma jovem inocente ter sido devolvida à família, ele foi suspenso com efeitos imediatos. Poucas semanas depois, Peyton Williams morreu, na sequência dos ferimentos.

Até Flynn aparecer em Herdwick Croft, Poe não voltou a ver ninguém da NCA.

— Desapareceste sem te despedires de ninguém — disse Flynn.

Ele sentiu o peso da culpa. Depois de ser suspenso, Poe ignorou todas as mensagens de texto e de voz que lhe ofereciam ajuda. Um homem fora torturado, e a responsabilidade era sua. Teria de aprender a viver com isso. Decidiu regressar a Cúmbria. Afastar-se dos seus colegas bem-intencionados. Esconder-se do mundo. Ficar sozinho, apenas na companhia dos seus pensamentos mais negros.

Flynn prosseguiu.

— Aqui entre nós, o Van Zyl disse-me que acha que a IPCC está prestes a dar o caso por encerrado. Não conseguem provar de

forma inequívoca que foste tu quem colocou o relatório errado no dossiê da família.

A ideia não servia de consolo a Poe. Talvez começasse a habituar-se à sua existência monástica. Abriu o dossiê do caso e começou a ler tudo o que a SCAS sabia sobre o Imolador.

Capítulo 6

Apesar de se tratar de um triplo homicídio e de a documentação ser abundante, Poe já tinha visto dossiês suficientes para conseguir localizar as partes mais importantes. Concentrou a sua atenção na descrição preliminar que o responsável pela investigação fizera do primeiro local do crime.

Por norma, continha as informações mais úteis, visto que incidia sobre as primeiras impressões. Os relatórios posteriores eram mais cautelosos e ponderados.

O agente responsável era um superintendente-chefe chamado Ian Gamble. Regra geral, um caso desta envergadura ficaria sob a alçada da Force Major Incident Team, mas, como esta estava a meio de outra investigação, Gamble — que era também chefe do departamento de investigação criminal — aut nomeou-se para a função, o que, tendo em conta a atenção mediática que Cúmbria estava a receber, pareceu uma jogada acertada.

Gamble era inspetor quando Poe o conheceu. Um polícia íntegro que conduzia investigações sólidas, se bem que pouco imaginativas. Foi ele quem reparou no cheiro químico que se sobrepunha ao cheiro óbvio a gasolina no primeiro local do crime. As suas suspeitas não eram infundadas. O Imolador usara um combustível artesanal. Não admira que os corpos tenham ficado carbonizados.

— Assustador, não é? — comentou Flynn. — Aparentemente, basta adicionar pedaços de esferovite à gasolina até estes deixarem de se dissolver. Os engenheiros do apoio técnico dizem que o resultado é uma substância gelatinosa branca que arde com tal

intensidade que é capaz de derreter gordura. Quando isso acontece, o próprio corpo alimenta a combustão até consumir por completo a carne e os ossos.

— Meu Deus — sussurrou Poe. Antes de se alistar na polícia, passara três anos no regimento de infantaria escocês, os Black Watch, e treinara com granadas de fósforo branco. Imaginava que o resultado fosse semelhante; assim que ateava, era impossível apagar. A melhor hipótese era que a carne se soltasse dos ossos; caso contrário, continuaria a arder.

A primeira vítima tinha sido morta há quatro meses. Graham Russell começara a sua carreira de jornalista num jornal local de Cúmbria 40 anos antes, mas depressa se mudara para Fleet Street. Foi lá que chegou a editor de um tabloide de tiragem nacional fortemente criticado durante o Inquérito Leveson². Não tinha sido implicado pessoalmente em nada, mas acabaria por regressar a Cúmbria com uma pensão choruda. O Imolador raptara-o na sua propriedade rural. Não havia sinais de luta, mas, algum tempo depois, a vítima foi encontrada no centro do círculo de pedras em Castlerigg, nos arredores de Keswick. Além de completamente incinerado, Russell também fora torturado.

Poe franziu o sobrolho enquanto acompanhava as linhas de investigação preliminares da equipa.

— Vistas curtas? — perguntou a Flynn. Por vezes, os responsáveis mais inexperientes viam coisas onde elas não existiam, e, apesar de Gamble não ser um novato, não liderava uma investigação de homicídio há algum tempo.

— Achamos que sim, apesar de eles negarem, claro — respondeu ela.

Contudo, o superintendente Gamble parecia insistir que o primeiro homicídio tinha sido um crime de vingança relacionado com o Inquérito Leveson.

Só um mês mais tarde, quando o corpo de Joe Lowell foi

descoberto, é que os procedimentos TIE — *Trace, Interview, Eliminate*³ — deixaram de se concentrar em vítimas de escutas. Lowell nunca trabalhara em jornalismo; provinha de uma família de latifundiários de sétima geração com terrenos agrícolas no sul de Cúmbria. Os Lowells eram — e sempre tinham sido — membros distintos e populares da comunidade. Joe Lowell fora raptado de Lowell Hall, a propriedade da família. Apesar de viver com o filho, ninguém denunciou o seu desaparecimento. O corpo foi encontrado no centro do círculo de pedras de Swinside, perto de Broughton-in-Furness, no sul de Cúmbria.

Consequentemente, a investigação tornou-se ainda mais séria. Todas as ideias relacionadas com Leveson foram postas de parte — ao ponto de o dossiê do homicídio ter sido emendado — e o foco passou a incidir sobre aquilo que já se adivinhava: um assassino em série.

Poe folheou o dossiê em busca da secção sobre os círculos de pedra. Como o assassino parecia ter uma ligação a eles, Gamble devia ter reunido o máximo de informação possível.

Cúmbria tinha a maior concentração de círculos de pedra, menires, antas, monólitos e mamoadas do Reino Unido. Eram todos únicos e abrangiam períodos de tempo que se estendiam do neolítico antigo até à Idade do Bronze. Uns eram ovais e outros, redondos; algumas pedras eram granito róseo e outras, ardósia. Um pequeno número tinha um círculo interior de pedras mais pequenas, mas a maioria não tinha. Gamble consultara académicos para informar a equipa sobre o seu propósito mais provável, mas tal servira de pouco. As teorias abarcavam desde cerimónias fúnebres e rotas comerciais a associações aos ciclos lunares e a alinhamentos astronómicos.

A única coisa em que os académicos pareciam estar de acordo era que, em toda a história dos círculos de pedra, estes nunca tinham sido usados para sacrifícios ritualistas.

Mas claro, pensou Poe, a história de amanhã escreve-se hoje...

² Inquérito judicial instaurado em 2011 que incidia sobre a cultura, as práticas e os preceitos éticos da imprensa britânica, no seguimento do escândalo das escutas telefónicas protagonizado pela News International, nomeadamente pelo extinto tabloide britânico *News of the World*. [N. T.]

³ «Localizar, Interrogar, Eliminar.» [N. T.]

Capítulo 7

Poe estava a ler sobre o terceiro homicídio — Michael James, vereador de South Lakes, assassinado duas semanas antes com o nome de Poe gravado no peito — quando se deparou com um documento que o fez rir em voz alta. Tinha sido redigido por um dos agentes que estavam a trabalhar no caso, o único que poderia descrever o cheiro no local do crime como tendo uma «qualidade miasmática».

Era um verdadeiro bobo da corte, mas era também uma das pessoas mais inteligentes que Poe conhecia. O tipo de pessoa que ganhava uma partida de Quatro em Linha em três jogadas. Chamava-se Kylian Reid, e era também o único amigo verdadeiro que Poe tinha em Cúmbria. Haviam-se conhecido na adolescência e nunca mais se separaram. Sentiu-se culpado por ainda não o ter procurado desde que regressara a casa; estava tão embrenhado nos seus próprios problemas que tal nem sequer lhe tinha passado pela cabeça. Contudo, ele e Reid conheciam-se há demasiado tempo e tinham vivido demasiadas coisas juntos para alguma vez poderem vir a desentender-se. Poe pediu o telemóvel a Flynn e acedeu à aplicação do dicionário. Escreveu «miasmático». Significa «emanação morbífica proveniente de substâncias orgânicas em decomposição». Imaginou quantas pessoas já tinham feito o mesmo gesto que ele. Era típico de Reid. Troçar dos superiores, fazendo-os sentirem-se estúpidos. Não admira que nunca tivesse passado de mero agente. Se iam voltar a trabalhar juntos, então eram boas notícias. Poe pegou no dossiê e continuou a ler.

Depois de a segunda vítima ter sido descoberta e de a SCAS ser

chamada a intervir, o nome de Flynn começou a surgir nos relatórios. A segunda vítima também desencadeou um circo mediático para batizar o assassino. No final — como acontecia sempre nestes casos — ganharam os tabloides, com o epíteto «Imolador».

Terminou a primeira leitura e pousou o dossiê no banco de trás do carro. Fechou os olhos e rodou o pescoço. Em breve, voltaria a ler de novo cada um dos documentos. Haveria de ficar gravado na sua memória. A primeira leitura servia apenas para tomar o pulso àquilo que tinha em mãos. Era raro chamarem a SCAS de imediato, por isso, estudar os dossiês como se fossem casos arquivados era uma competência importante. Não estavam apenas a analisar provas; procuravam erros que tivessem sido cometidos pela equipa de investigadores.

Flynn reparou que ele já tinha terminado a leitura do dossiê e perguntou:

— Alguma ideia?

Poe sabia que estava a ser posto à prova. Estava afastado há um ano — ela e Van Zyl precisavam de saber se ele ainda estava à altura.

— Os círculos e as imolações são, provavelmente, um beco sem saída. Terão um significado para o assassino, mas só saberemos qual será depois de ele ser apanhado. Ele tem uma ideia daquilo que quer, mas está disposto a mudar se a realidade não corresponder à fantasia.

— Como assim?

— A primeira vítima foi torturada; as outras não. Seja lá por que motivo for, isso não surtiu o efeito esperado. Por isso, deixou de o fazer.

— O Michael James tinha o teu nome gravado no peito. Eu chamaria a isso tortura.

— Não, ele gravou o meu nome por um motivo que

desconhecemos. A dor que causou foi acessória. A dor de Graham Russell foi intencional. — Flynn instou-o a prosseguir. — Todos os homens são da mesma faixa etária e são todos abastados. Não há indícios de que se conhecessem entre si.

— Achas que são escolhidos de forma aleatória?

Poe achava que não, mas ainda não estava disposto a admiti-lo. Precisava de mais informações.

— Ele quer que pensemos que sim. — Ela acenou sem dizer palavra. — E nenhum deles foi dado como desaparecido?

— Não. Pareciam ter todos motivos plausíveis para se ausentarem de casa. Só depois de serem assassinados é que descobrimos os esforços do Imolador para garantir que não eram dados como desaparecidos.

— Como assim? — Poe sabia que essa informação constava do dossiê, mas por vezes era preferível ter uma interpretação dos factos.

— O carro e o passaporte de Graham Russell tinham sido registados num *ferry*, e a família recebeu e-mails a dizer que ele estava a passar férias em França. Joe Lowell enviou mensagens de texto a partir de Norfolk à família, a dizer que ia ficar em casa de amigos e que iria caçar perdizes-vermelhas até ao final da temporada. Michael James vivia sozinho, por isso o seu desaparecimento não teria sido detetado de imediato, mas o histórico do seu computador dava conta de que planeava uma visita às destilarias de whisky das ilhas escocesas.

— Então, não têm a certeza de quando é que eles foram raptados?

— Nem por isso.

Ele pensou no que isto significava e percebeu que apenas confirmava o que ele já sabia. O Imolador era organizado. Disse isso mesmo a Flynn.

— Como assim? Ele deixa os locais do crime num autêntico caos.

Poe abanou a cabeça. Ela continuava a pô-lo à prova.

— Ele controla o local do crime. Não há espaço para o improvisado. Leva consigo tudo aquilo de que precisa. Não há provas físicas nos locais do rapto ou do homicídio, e, tendo em conta que a transferência de provas é inevitável e que as técnicas de deteção de provas nunca foram melhores, isso é notável. Presumo que, à terceira vítima, os círculos de pedra já estivessem a ser vigiados de alguma forma.

— A maioria estava, sim. O de Long Meg tinha acabado de ser inspecionado.

— Então, ele também está a par da vigilância — disse Poe.

— Mais alguma coisa?

— Passei no teste?

Flynn sorriu.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Há algo em falta no dossiê. Um filtro de controlo, algo que o agente responsável está a sonegar à comunicação social. Do que se trata?

— Como é que adivinhaste?

— O Imolador pode não ser um sádico, mas está a agir com requintes de sadismo. É impossível ele não molestar os corpos.

Flynn apontou para a sua pasta, que estava no banco de trás.

— Está ali outro dossiê.

Ele inclinou-se para trás para o tirar. Na capa estava escrito «Secreto», e alguém acrescentara: «Não pode ser partilhado sem a autorização por escrito do superintendente Gamble.» Poe não o abriu.

— Já ouviste falar na época da mutilação, Poe? — Ele abanou a cabeça. Não estava a par. — Foi um termo cunhado pelo Serviço Nacional de Saúde. Refere-se à época do ano, por norma, as férias de verão, em que as meninas, algumas com apenas dois meses, são levadas para fora do Reino Unido, supostamente para visitar

familiares no estrangeiro. Mas, na verdade, o objetivo é serem sujeitas à mutilação genital feminina. Isto acontece nas férias de verão para que os ferimentos cicatrizem antes de elas voltarem.

Poe tinha alguns conhecimentos sobre mutilação genital feminina, a prática abominável de cortar partes do aparelho genital das meninas para garantir que elas não têm prazer sexual. Acreditava-se que isso as manteria fiéis e castas. A realidade era que as vítimas sofriam dores profundas e vinham a ter problemas de saúde crónicos. Em algumas culturas, as incisões ainda eram suturadas com espinhos.

Poe percebeu porque é que Flynn lhe estava a contar aquilo.

— Ele castra-os?

— Teoricamente, não. Ele corta os testículos e o pénis. De forma limpa e sem anestesia.

— Ele guarda troféus — concluiu Poe. Uma elevada percentagem de assassinos em série guarda para si partes das vítimas.

— Na verdade, não. Abre o ficheiro.

Poe assim fez e quase vomitou o almoço. A primeira fotografia explicava porque é que ninguém tinha ouvido a vítima gritar.

Graham Russell estava engasgado.

A fotografia era um grande plano da boca da vítima: estava cheia com os seus próprios genitais. As fotografias seguintes mostravam o pénis, os testículos e o escroto — ainda interligados — depois de retirados da boca. Escurecidos na extremidade exposta ao fogo, mas surpreendentemente rosados e não danificados na outra extremidade. Poe percorreu o resto das fotografias e descobriu que eram em tudo semelhantes.

E seria ele a quinta vítima? Como se a parada não estivesse já suficientemente elevada... Cruzou as pernas.

— Vamos apanhá-lo antes que ele se aproxime de ti, Poe.

Capítulo 8

Foxley Hall situa-se nas profundezas de Hampshire, no terreno da antiga Academia de Polícia de Bramshill. A academia já fora desativada, mas Foxley Hall continuava a ser a sede da Serious Crime Analysis Section.

Para uma unidade que não gostava de atrair as atenções e trabalhava na sombra, o edifício em si era surpreendentemente excêntrico. Expandia-se mais em largura do que em altura, e tinha telhados inclinados que quase chegavam ao chão, o que fazia parecer que a SCAS estava sediada num antigo restaurante Pizza Hut abandonado.

Flynn passara a noite em casa. Poe dormira num hotel.

Passara mal a noite. Voltara a ter pesadelos. Quando estava no ativo, os mortos nunca deixavam Poe em paz. Interferiam nos seus sonhos e interrompiam o seu descanso. O regresso a Hampshire reabriria feridas antigas. Apesar do que fez, Peyton Williams não merecia morrer. Durante as audiências preliminares, Poe viu fotografias dos ferimentos que o Sr. Bristow infligira a Williams. Dentes arrancados com um alicate, fraturas espirais em todos os dedos, o baço perfurado, que acabaria por lhe causar a morte. Só seis meses depois é que Poe conseguiu ter uma boa noite de sono.

E agora os pesadelos estavam novamente de volta. Talvez nunca mais desaparecessem...

*

Eram oito da manhã e Poe foi acompanhado até ao interior de

Foxley Hall como se fosse um visitante oficial. O ar de tédio da rececionista transformou-se numa expressão de bajulação quando viu a sua chefe. Entregou o correio a Flynn e olhou sem complacência para Poe.

— Quem é você? — perguntou Poe, devolvendo-lhe o olhar. Ele podia estar de calças de ganga e parecer mais um homem das montanhas do que um agente da polícia, mas ela estava prestes a descobrir que a SCAS voltara a ter um inspetor.

A rececionista parecia não ter a menor intenção de responder, a menos que fosse obrigada. Era o problema das zonas com elevada taxa de empregabilidade: já ninguém levava o seu trabalho a sério. Para as pessoas, era apenas uma forma de ganhar uns trocos extra.

— Se fosse a ti, respondia, Diane — disse Flynn, enquanto verificava o correio que tinha acabado de receber. — Este é o inspetor Poe, e podes ter a certeza de que ele não vai aturar esse teu feitio.

Diane limitou-se a esboçar um sorriso e a dizer:

— O diretor-adjunto Hanson está à sua espera no gabinete.

— Não me digas — suspirou ela. — É melhor não lhe apareceres à frente, Poe. Ele ainda te culpa por não ter sido promovido a diretor.

Hanson nunca assumira a responsabilidade pelos seus erros. Não ter sido promovido só podia ser culpa de terceiros ou parte de uma cabala contra si. O facto de ter apoiado Talbot no caso Peyton Williams não fazia a menor diferença.

— Com todo o prazer — respondeu Poe.

Flynn virou-se para Diane.

— Vai buscar um café ao inspetor Poe. Se fizeres isso, será teu amigo para sempre.

Poe e Diane cruzaram olhares. Ambos duvidavam que isso fosse possível, mas Poe não estava com disposição para discutir tão cedo. Flynn foi ao encontro de Hanson e Diane encaminhou Poe

através do espaço aberto do escritório até à zona da copa. Enquanto lhe servia um café de filtro, Poe examinou o escritório que costumava estar sob a sua responsabilidade.

As coisas tinham mudado. Quando era ele o inspetor-chefe, as secretárias estavam distribuídas de acordo com o sítio onde as pessoas queriam sentar-se naquele dia, e, devido às políticas entre escritórios, a disposição do espaço estava em constante mudança. Mesmo sabendo que isso irritava Flynn, ele não interveio. Se ela queria ordem, pois que puxasse dos galões.

Mas, agora que era ela quem ocupava o cargo de inspetora-chefe, tinha decidido recorrer à sua autoridade de gestão. Os analistas, alguns dos quais ele conhecia, mas cuja maioria lhe era estranha, estavam sentados à volta de um núcleo central. Funcionava como o centro de uma roda, com gabinetes e cubículos de especialistas a formar os raios. Não era um amontoado de cubículos, mas quase. Havia um murmúrio constante; conversas telefónicas abafadas, o dedilhar de teclados e o restolhar de papelada. Apesar de ainda ser cedo, ninguém estava a tomar o pequeno-almoço à secretária. Isso era outra coisa que irritava Flynn: as pessoas que chegavam ao trabalho e perdiam meia hora a preparar as papas de aveia.

A SCAS podia estar a funcionar de forma profissional e eficiente, mas, para Poe, tinha tanto encanto como um e-mail de resposta automática. Se fosse obrigado a passar tempo ali, sabia que uma hora depois estaria a dizer «foda-se» com a mesma frequência com que se usa uma vírgula.

Pelo menos o seu mapa gigante do Reino Unido ainda estava no mesmo sítio. Poe aproximou-se dele e passou-o em revista. Dominava a parede. Pinos de cores diferentes, que formavam padrões meteorológicos, indicavam os locais dos vários crimes que estavam sob a sua alçada. Se as cores fossem as mesmas, isso sugeria que havia provas suficientes de que os crimes podiam estar relacionados. Os analistas estavam constantemente de olho na

comunicação social e nos autos policiais das forças territoriais, em busca de padrões e anomalias.

Parte do trabalho da SCAS consistia em dar o alerta — identificar padrões e avisar as forças policiais de que podiam estar a lidar com um violador ou assassino em série. A maior parte das vezes, estavam enganados.

Por vezes, acertavam.

Havia três marcadores vermelhos em Cúmbria; o Imolador estava a ser analisado à lupa.

Gerou-se um burburinho pela sala à medida que as pessoas começaram a perceber quem tinha chegado com a chefe. Poe ouviu o seu nome a ser sussurrado. Decidiu ignorar. Detestava ser o centro das atenções, mas sabia que era uma *cause célèbre*. Não só porque o seu nome tinha sido gravado no peito de um homem que estava estendido numa marquesa na morgue de Carlisle, mas também pela forma como comandava a unidade quando era responsável por ela. E pela forma como abandonara o posto; não se podia esquecer disso.

O silêncio foi interrompido por um grito abafado. Vinha do seu antigo gabinete, que, para todos os efeitos, era agora o gabinete de Flynn. Poe encaminhou-se para lá.

Apesar de a gritaria ser praticamente indistinta, Poe ouviu o seu nome referido ocasionalmente. Abriu a porta e entrou no gabinete.

Hanson estava debruçado sobre a secretária de Flynn. Tinha os nós dos dedos fincados no tampo de madeira.

— Já lhe disse, Flynn, não me interessa o que disse o diretor. Não devia tê-lo readmitido.

Flynn não perdeu a compostura.

— Para todos os efeitos, foi o diretor Van Zyl quem o readmitiu, não eu.

Hanson endireitou-se.

— Você desilude-me, Flynn.

Poe pigarreou.

Hanson virou-se.

— Poe — disse. — Não sabia que tinha vindo com a inspetora Flynn.

— Bom dia, senhor — disse Poe.

Hanson ignorou a mão que ele lhe estendia.

Poe sabia que devia estar preocupado por ser alvo do desprezo do diretor-adjunto, mas percebeu que era mais fácil marimbar-se para isso. Quando não damos importância ao nosso trabalho, os nossos superiores depressa percebem o pouco poder que têm.

— Sorria à vontade, Poe. O Van Zyl cometeu um erro quando o readmitiu. Você vai voltar a fazer asneira e ele vai seguir o caminho do seu antecessor. — Virou-se para Flynn. — E, quando ele for despedido, haverá grandes mudanças por aqui, inspetora Flynn.

Sem voltar a abrir a boca, saiu do gabinete. Como grande apreciador de clichês que era, não resistiu a bater com a porta.

Flynn tinha marcado uma reunião com os Recursos Humanos; quanto mais depressa Poe fosse formalmente readmitido, mais depressa podiam os dois voltar para Cúmbria. Um alto funcionário do departamento de RH estava a caminho do edifício da SCAS. Aguardaram sentados a uma pequena mesa de reuniões.

Poe aproveitou para ver o que Flynn tinha feito com o seu antigo gabinete. Antes de entrar à socapa, reparou na placa de latão polido com o nome de Flynn. Poe usara uma folha A4 com os seus dados escrevinhados a marcador. Azul, se bem se lembrava.

O caos em que ele trabalhava fora substituído por um ambiente calmo e ordenado. Os manuais da polícia de Blackstone estavam alinhados na prateleira. Numa ponta, encontrava-se o seu exemplar sobejamente usado do *Manual do Investigador Sénior*. Poe também tivera um exemplar do livro de bolso — à semelhança de todos os inspetores —, mas pusera-o de lado depois de o ler uma vez. Era

útil, mas desinteressante. Orientava os investigadores de alta patente através de processos de instrução lógicos e minuciosos. O problema é que fazia com que todos abordassem as investigações da mesma forma, e, apesar de ele concordar que tinha de haver normas processuais, o manual não ajudava a encontrar os assassinos de exceção.

Examinou o resto do gabinete. Tudo muito profissional. Nada de pessoal à mostra. Quando ele trabalhava na SCAS, a política de secretária limpa era algo que assistia aos outros. A secretária de Flynn estava previsivelmente arrumada. Um computador e um bloco de notas com uma primeira página nova. Uma caneca com o logótipo da NCA estava cheia de canetas e lápis.

O telefone dela tocou. Ela pressionou o botão do altifalante e atendeu. Do outro lado, Diane disse:

— Está aqui Ashley Barrett, dos Recursos Humanos.

— Obrigada — respondeu Flynn. — Ele que entre.

Barrett entrou sorridente, totalmente equipado, com uma pasta de couro castanha na mão. Era um homem alto e magro. Sentou-se à mesa de reuniões.

— Desculpa a pressa, Ash — disse Flynn —, mas podemos despachar isto? Temos de voltar para Cúmbria.

Ele acenou com a cabeça, lançou um olhar a Poe e retirou uns documentos da pasta. Colocou-os em cima da mesa, diante de si. Pigarreou antes de se lançar num discurso bem ensaiado. Parecia estar a falar em piloto automático.

— Como bem sabe, inspetor Poe, a suspensão é considerada um ato neutral e cabe à organização decidir se continua válida. Ontem, o diretor dos Serviços de Informações Edward van Zyl decidiu que, apesar de o inquérito da IPCC continuar em vigor, o término do inquérito interno significa que a sua suspensão deve ser levantada. — Barrett vasculhou por entre a papelada. Entregando um documento de uma só folha a Poe, prosseguiu: — Isto é uma

confirmação por escrito. Importa-se de assinar no final?

Poe assim fez. Há muito tempo que não tinha de assinar algo com a sua assinatura «profissional» — um rabisco aleatório que nunca utilizaria num cheque. Foi uma sensação estranha, mas reconfortante. Devolveu o documento ao outro lado da mesa.

O telefone fixo tocou e Flynn levantou-se para atender. Enquanto falava em voz baixa, Barrett perguntou a Poe se pretendia algum tipo de apoio, como aconselhamento ou formação no sistema de TI. Poe respondeu que não a tudo, como ambos bem sabiam que faria.

Com mais um item riscado do grande manual de normas de Recursos Humanos, Barrett passou à parte interessante. Retirou da pasta uma sucessão de coisas que Poe considerava serem as suas ferramentas de trabalho. Entregou a Poe um telemóvel de serviço, um *BlackBerry* encriptado. Barrett explicou que estava pré-programado com alguns contactos que podiam ser úteis e que já estava sincronizado com o seu calendário online. Significava que todos aqueles que tinham acesso à sua agenda eletrónica podiam escrever entradas. Poe tomou uma nota mental para desativar esta função assim que descobrisse como o fazer. O *BlackBerry* tinha ligação à Internet; ele podia navegar na Internet, receber e-mails seguros e enviar mensagens de texto. Podia até fazer chamadas.

— O *BlackBerry* tem a aplicação de proteção instalada e ativada — informou Barrett. Poe olhou para ele com um olhar vazio. — Significa que é possível aceder-se à localização através de um website.

— Estão a espiar-me?

— Receio bem que tenha sido uma insistência do diretor-adjunto Hanson.

Poe guardou o *BlackBerry* no bolso. Mais tarde, desativaria também esta função.

Barrett entregou-lhe uma pequena carteira de pele preta com o distintivo e a identificação da NCA de Poe.

Poe abriu-a casualmente, verificou se era a correta e guardou-a no bolso interior. Voltou a sentir-se um homem completo.

Estava na altura de voltar ao trabalho.

Olhou para Flynn. Ela franzia o sobrolho enquanto ouvia a pessoa que estava do outro lado da linha.

— Desde a sua saída, a agente Flynn foi promovida ao cargo de inspetora interina da SCAS — disse Barrett. — O diretor Van Zyl deixou bem claro que deveria continuar assim. As condições do levantamento da sua suspensão implicam que regressará ao trabalho na qualidade de agente. Para todos os efeitos, terá de responder perante a inspetora Flynn.

— Sem problema — respondeu Poe.

Flynn pousou o auscultador e virou-se para Poe. Estava pálida.

— Temos mais um.

Capítulo 9

— Onde?

— Um caminhante deu com o cadáver perto de uma vila chamada Cockermouth. Conheces?

Poe assentiu. Era uma pequena vila mercantil na zona ocidental de Cúmbria. Ficou surpreendido com o facto de o Imolador já ter alterado o seu *modus operandi*.

— Tens a certeza? — Flynn anuiu e depois perguntou porquê. — Que eu saiba, não existem círculos de pedra em Cockermouth.

Ela verificou o seu bloco de notas.

— Cockermouth. Foi o que me disse o agente responsável.

Poe levantou-se.

— Vamos embora. — A situação estava a ficar séria; se tinham acabado de encontrar a quarta vítima, ele seria o próximo.

Barrett disse:

— A ideia é fazer-lhe uma visita guiada de reorientação antes de começar... — começou ele, retraindo-se de imediato diante dos seus olhares — ... mas, tendo em conta as circunstâncias, creio que isso pode esperar.

— É boa ideia — disse Poe. — Quero levar um analista connosco. Alguém que saiba fazer um pouco de tudo. Tenho uma ideia de por onde podemos começar, e haverá muita prospeção de dados a fazer. Quem é o melhor que temos?

Flynn hesitou, e a sua face ruborizou.

— O Jonathan Pierce.

— É o melhor?

— Oficialmente, a Tilly Bradshaw é a melhor. Tem um conjunto de

competências sem igual. Foi ela que encontrou o teu nome no meio de todos aqueles dados médicos.

Poe pareceu-lhe reconhecer o nome.

— Então, qual é o problema?

— Ela é uma das nossas pessoas especiais. Recusa-se a sair do escritório.

Poe sorriu.

— Do que tu precisas, inspetora-chefe Flynn, é de um inspetor...

Capítulo 10

Poe entrou de rompante no espaço aberto e gritou por Tilly Bradshaw. Uma mulher pequena e magra levantou-se. Tinha o aspeto tímido de um rato de biblioteca, de uma mulher talhada para trabalhar atrás de uma secretária. Ela amou e voltou a sentar-se ao ver quem chamava por si. Ele virou-se e dirigiu-se a Barrett.

— Importa-se de ficar aí por alguns instantes, Ash? Posso precisar de ajuda.

Poe tinha adorado ser inspetor. Pensando bem, nunca devia ter assumido o papel de inspetor interino. Acarretava mais responsabilidades de gestão do que aquelas que ele gostava de ter. Tinha jeito para inspetor, e, pelo que dava a entender, a SCAS estava há muito tempo sem um inspetor em condições...

— Menina Bradshaw, venha imediatamente ao meu gabinete.

Bradshaw encaminhou-se de ombros caídos até ao gabinete do inspetor. Como tinha sido até há pouco tempo o gabinete de Flynn, estava assustadoramente arrumado. Poe sentou-se à secretária.

Bradshaw não fechou a porta atrás de si, e ele não se importou. A unidade precisava mesmo de prestar atenção aos novos métodos de trabalho. Ele indicou a cadeira à frente da secretária e ela empoleirou-se na ponta do assento.

Poe analisou a mulher que tinha diante de si; 90 por cento do trabalho de inspetor consistia em gerir pessoas. Ela não usava maquilhagem e, por trás dos seus óculos dourados à Harry Potter, escondia uns olhos míopes de cor cinza. Era pálida como a cal. Estampado na sua t-shirt de cores garridas estava o logótipo da versão de *Ghostbusters* com elenco feminino. As suas calças de

sarja caqui tinham bolsos laterais de grandes dimensões. As chamadas calças largas, pensou ele. Os seus dedos eram compridos e ossudos. As unhas estavam roídas até ao sabugo. Apesar da sua demonstração inicial de rebeldia, ela parecia apreensiva.

— Sabe quem eu sou?

Ela assentiu com a cabeça.

— Chama-se Washington Poe. Tem 38 anos e nasceu em Kendal, Cúmbria. Foi transferido da esquadra de Cúmbria para a SCAS, e crê-se que um erro que cometeu terá causado a tortura e morte de um suspeito. Está a ser investigado pela IPCC. Encontra-se suspenso.

Poe olhou fixamente para ela. O seu radar de insolência não dava sinal; ela estava a falar a sério. Era mesmo assim que se exprimia.

— Errado. Há já — disse, consultando o relógio — cinco minutos que sou o *inspetor* Washington Poe. Doravante, se lhe pedir para fazer uma coisa, só tem de obedecer. Entendido?

— A inspetora-chefe Stephanie Flynn diz que só lhe devo obediência a ela.

— Não me diga.

— Digo, inspetor Washington Poe.

— Pode ser só Poe.

— Digo, Poe.

— Não, quis dizer que pode tratar-me por ins... Ou melhor, trate-me como quiser — disse Poe, percebendo que não tinha energia para despende com discussões sobre formas de tratamento. — E porque é que a inspetora Flynn lhe disse isso?

— Por vezes, as pessoas gostam de gozar comigo. Dizem-me para fazer coisas que não devia fazer — respondeu ela, ajeitando os óculos no nariz e colocando uma madeixa de cabelo castanho rebelde atrás da orelha.

Poe sentiu-se tomado por um assomo de compreensão.

— Muito bem. Mas sou o seu novo inspetor, por isso também me deve obediência a mim — concluiu ele. Ela olhou fixamente para ele. Por fim, Poe disse: — Espere aqui.

Entrou no gabinete de Flynn, que estava a falar com Barrett.

— Foi rápido — comentou ela.

Poe podia jurar que ela estava a tentar conter um sorriso.

— Podes ir ao meu gabinete dizer à menina Bradshaw que também me deve obediência?

— Claro — respondeu ela, acompanhando-o ao gabinete. — Tilly, este é o Washington Poe, o teu novo inspetor.

— Ele prefere que o trate por Poe — respondeu ela.

Flynn olhou para Poe, que encolheu os ombros como quem diz «o que se há de fazer?»

— Seja. A partir de agora, também tens de lhe obedecer, sim? — Bradshaw assentiu. — Mas a mais ninguém, Tilly — acrescentou Flynn, antes de os deixar a sós.

— Agora que está tudo esclarecido, Tilly, quero que vá para casa, faça uma mala e venha ter comigo e com a inspetora Flynn daqui a uma hora — disse Poe. — Vamos estar fora alguns dias.

— Não posso — respondeu ela, de imediato.

Poe suspirou.

— Espere aqui. — Um minuto depois, estava de volta com o contrato de trabalho da NCA. Passou-lho por cima da secretária.— Mostre-me onde é que isso está escrito, porque eu só consigo ver o parágrafo que diz: «Pode haver alturas em que terá de fazer horas extraordinárias longe do seu local de trabalho.» — Bradshaw não olhou para o contrato. Poe prosseguiu: — Não vejo escrito em lado nenhum que a Tilly Bradshaw esteja isenta.

Bradshaw fechou os olhos e disse:

— Na alínea três, parágrafo dois, ponto sete, está estipulado que benefícios discricionários, no meu caso, não trabalhar fora do local de trabalho, podem ser considerados termos contratuais vinculativos

se estabelecidos ao longo de um período de tempo. O termo jurídico é «costumes e práticas».

Voltou a abrir os olhos e olhou para ele.

Poe estava vagamente ciente da norma dos RH que estipulava que, se alguém fizesse uma coisa durante tempo suficiente, isso podia ser considerado inerente à sua função, mesmo que estivesse em contradição direta com o seu contrato de trabalho. Por mais estúpido que parecesse, houve algumas pessoas que foram indemnizadas no tribunal de trabalho à conta dessa norma.

Fitou-a de boca aberta.

— Decorou o manual de trabalho?

Bradshaw franziu o sobrolho.

— Li-o quando assinei contrato.

— E quando foi isso?

— Há 11 meses e 14 dias.

Poe voltou a levantar-se.

— Espere aqui, por favor — disse, e encaminhou-se para o gabinete de Flynn.

— O Jonathan Pierce não se importa de estar fora uns dias — disse ela.

Ele não ia desistir tão facilmente.

— Ela joga com o baralho todo?

— Ela é perfeitamente normal — foi a resposta de Flynn. — Teve uma educação muito resguardada e, por vezes, aproveitam-se dela. É muito literal e tem tendência a acreditar em tudo o que lhe dizem. Na medida do possível, mantenho-a sempre debaixo de olho. Quando aprenderes a lidar com ela, tenho a certeza de que se vai tornar o teu ativo mais precioso.

— Mas não está preparada para trabalhar no terreno?

— Tem um QI próximo dos duzentos, mas não deve saber estrelar um ovo...

— Ash, há algum motivo jurídico que me impeça de a levar? —

perguntou Poe.

— Se ela alegar costumes e práticas, podemos contestar, e ela vai perder. — Poe olhou para ele. Esperou por uma resposta de sim ou não. — Não, não há nada na lei do trabalho que lhe proporcione proteção nesta matéria.

— Então, está resolvido — disse ele. — No ano passado, por esta altura, *eu* não sabia estrear um ovo.

Poe voltou a entrar no seu gabinete e sentou-se. Cruzou os dedos e inclinou-se na direção de Bradshaw. Decidiu tentar algo que Flynn tentara consigo no dia anterior, e esperava que Bradshaw não estivesse disposta a fazer *bluff* com ele.

— Tem duas hipóteses. Ir para casa fazer uma mala a pensar na primavera de Cúmbria ou escrever a sua carta de demissão.

Bradshaw parecia ainda mais nervosa do que anteriormente.

Está a escapar-me alguma coisa, pensou Poe.

— O que se passa, Tilly? Porque não pode sair do escritório?

Por fim, ela levantou-se, com os olhos marejados. Saiu de rompante do gabinete sem olhar para trás.

Poe ficou a observá-la enquanto ela se encaminhava para a secretária. Chegou ao posto de trabalho e deixou-se cair na cadeira. Colocou os auscultadores e começou a escrever. Poe foi atrás dela. Talvez não tivesse noção da importância do que estava em causa.

— Menina Bradshaw, a inspetora Flynn diz-me que é a nossa melhor analista. Preciso de si em Cúmbria. Não me ajuda em nada atrás de uma secretária.

— *Dah* — foi a resposta. — O que acha que estou a fazer?

Um jovem com ar arrogante riu-se com insolência. Poe lançou-lhe um olhar que teria feito mirrar um cardo. Leu que Bradshaw tinha escrito no *Google*: «o que levar para a primavera de Cúmbria?»

— Deve estar a gozar comigo — disse ele.

Ela levantou os olhos. Era óbvio que não estava.

Não havia objetos pessoais no seu local de trabalho. Flynn

arrumara o escritório desde a sua partida, mas todos tinham conseguido personalizar o seu espaço. Canecas que anunciavam o «Melhor Pai do Mundo», fotografias em molduras baratas de cônjuges e filhos, um ou outro calendário mais atrevido. A secretária de Bradshaw estava vazia.

— Acabou de se mudar para esta secretária, Tilly?

Ela estranhou a pergunta.

— Não, estou aqui há quase 12 meses, Poe.

— E onde estão as suas coisas?

— Quais coisas?

— Uma caneca, um boneco de peluche, uma caneta engraçada — respondeu ele. — Por outras palavras, onde estão as suas cenas?

— Oh — disse ela. — Costumava trazer coisas, mas as pessoas roubavam-mas por gozo e nunca mas devolviam.

O coração de Poe parou por uns instantes.

— Ouça, faça a mala para estar fora uns dias: uma muda de roupa, produtos de higiene, esse tipo de coisas. Também preciso que leve tudo aquilo que achar necessário para apanhar um assassino em série — disse. — E não se demore. Houve um quarto homicídio.

— Não está a perceber o sarilho em que me meteu — murmurou ela.

Uma hora depois, Poe percebeu.

Bradshaw tinha-se ausentado para ir fazer a mala — Flynn teve de autorizar um táxi, porque Bradshaw não tinha carro, e, por norma, era a mãe quem a levava e ia buscar ao trabalho — quando Diane, a rececionista, entrou no seu gabinete. Vinha a sorrir, e Poe reconheceu de imediato que isso era um mau sinal.

— Uma chamada para si — disse. — Vou passar para o seu gabinete.

— Inspetor Poe — disse, assim que pegou no auscultador. Foi

uma sensação estranha voltar a ter uma patente a anteceder o nome. — Em que posso ajudar?

— Inspetor Poe, fala a mãe da Matilda.

Fez-se silêncio, que Poe teve de interromper.

— Desculpe, não será engano? Não conheço nenhuma Matilda.

— Julgo que deve conhecê-la como Tilly. Tilly Bradshaw — disse.

— A minha filha ligou-me a dizer que tem de ir a casa fazer uma mala, mas que não encontra a tenda. Quer que eu saia do trabalho para lhe ir comprar uma. Disse-me ainda para comprar enlatados e um abre-latas. Quer que eu lhe leve tudo para o escritório. Deixou-a numa pilha de nervos, Inspetor Poe.

— Uma tenda... enlatados... Sinto muito, Sra. Bradshaw, mas não faço ideia do que ela está a falar. Ela vai ficar hospedada no mesmo hotel que o resto da equipa. Pensei que isso era óbvio.

— Bem, creio que isso faz mais sentido. Mas o que vai ela fazer a Cúmbria? Deve ser um sítio horrendo.

— Ouça, eu sou de lá! — protestou ele.

— Oh, sinto muito. Mas parece mesmo ser um sítio atroz.

Poe estava prestes a responder «porque é mesmo, porra», mas pensou duas vezes. Acabou por dizer:

— É Cúmbria, não é Bagdade, Sra. Bradshaw. Ela vai ajudar-nos a investigar um homicídio.

— Isso não é perigoso?

— Só se o Imolador decidir pegar fogo ao hotel.

— É provável que isso aconteça?

— Não, estava só a brincar — retorquiu Poe. Já percebera a quem é que Bradshaw saía na sua capacidade de interação social. — Ela vai estar em segurança. Vai apenas prestar-nos ajuda enquanto analista; duvido que chegue a sair do hotel. — Isto pareceu tranquilizá-la.

— Nesse caso, tem a minha autorização — disse. — Mas com uma condição.

Poe conteve uma resposta sarcástica. Pensou em Bradshaw, preocupada porque pensava que não teria autorização para ir com eles. Ela não tinha agido assim intencionalmente.

— Diga.

— Quero que ela me ligue todas as noites.

Dadas as circunstâncias, pareceu um pedido razoável.

— Combinado — assentiu.

— Há algumas coisas que tem de saber em relação à Matilda, inspetor Poe.

— Sou todo ouvidos.

— Antes de mais, tem de perceber que é uma jovem admirável e uma filha maravilhosa. Não podia estar mais satisfeita com ela.

— Mas...

— Mas ela sempre teve uma vida muito protegida. Entrou para a universidade quando ainda devia brincar na rua. Recebeu o primeiro diploma de Oxford aos 16 anos. — Poe assobiou. — E depois tirou um mestrado e dois doutoramentos: um em Ciências Informáticas e o outro em Matemática ou coisa parecida. É algo que me ultrapassa. Pensámos que ela nunca mais sairia de Oxford, que saltaria de bolsa de investigação em bolsa de investigação. O dinheiro chovia de todos os lados.

— Então, como é que ela...?

— Então, como é que ela foi parar à National Crime Agency? Sabe tanto como eu, inspetor Poe, mas presumo que tenha algo que ver com a veia mais voluntariosa que herdou do pai. Uma noite, chegou a casa da universidade e disse que se tinha candidatado a um emprego. Não nos disse qual porque sabia que seríamos contra.

— Porquê?

— Já a conheceu, inspetor Poe. A Matilda tem uma mente extraordinária. Uma mente que aparece uma vez numa geração, nas palavras de um dos professores que foi falar connosco quando ela tinha 13 anos. O reverso da medalha é que, como ela nunca

viveu no mundo real, nunca desenvolveu as competências para a vida que para nós são um dado adquirido. Creio que o seu cérebro tem prioridades diferentes. A interação social é algo problemático para ela, e isso já lhe causou problemas no passado.

Tudo se tornava mais claro. Talvez Flynn tivesse razão; talvez Bradshaw não fosse a pessoa certa para desempenhar aquela tarefa. Estava prestes a dizer à Sra. Bradshaw para não se preocupar, que a sua filha estaria em casa à hora do jantar, quando Bradshaw entrou porta adentro. Ainda parecia assustada, mas havia mais qualquer coisa. Irradiava uma excitação nervosa. Agora que sabia que ia com eles, parecia ansiosa por começar. Encaminhou-se para a sua secretária e começou a guardar o equipamento.

— Eu cuido dela, Sra. Bradshaw, dou-lhe a minha palavra de honra — disse Poe, antes de desligar o telefone.

Poe encaminhou-se para junto dela, para a ajudar, quando o jovem que se tinha rido anteriormente decidiu entreter os demais colegas. Não percebeu que Poe estava atrás dele. Levantou-se e disse:

— Vejam só, a atrasadinha vai fazer uma visita de estudo.

Algumas pessoas riram-se. A maioria tinha visto Poe e sabia que ia haver merda.

O entusiasmo nos olhos de Bradshaw esmoreceu. Corou e ficou com o olhar cabisbaixo. Poe olhou para a sua secretária vazia e fez-se luz na sua mente.

Ela estava a ser vítima de *bullying*.

Antes de alguém poder reagir, já ele dera três passos e puxara o engraçadinho da cadeira. Agarrando-o pela parte de trás do casaco, Poe arrastou-o pelo escritório e encostou-o à parede.

— Nome! — gritou Poe. Silêncio. — NOME!

— Jon... Jon... Jonathan — gaguejou o homem, com a cara num esgar de terror.

— Ashey Barrett! Inspetora Flynn! Cheguem aqui, por favor! —

Flynn saiu a correr, seguida pelo diretor de Recursos Humanos.— Por favor, repita o que acabou de dizer para que a inspetora Flynn possa ouvir.

Os olhos de Jonathan giravam como uma *slot machine* enquanto procurava uma saída. As mãos de Poe à volta do seu pescoço tinham a força de um torno mecânico. Sem o largar, Poe virou-se e dirigiu-se à sala.

— Percebo que a maioria de vocês não me conhece. Sou o inspetor Washington Poe e quero que saibam que não tolero *bullying*.

Era verdade. Não tolerava. Ele cresceu com um nome estranho, sem mãe e com um pai excêntrico, três fatores tóxicos que tinham feito dele um alvo perfeito de *bullying* na escola. Não demorou muito a perceber que só conseguiria sobreviver se aqueles que se metessem com ele sofressem as consequências. Os rufias perceberam que Poe ripostava, que não se retraía e que nunca deixaria de lhes fazer frente. Se alguém comesse uma zaragata com Poe, devia estar preparado para a levar até à inconsciência de um dos dois. Não demorou muito até que o deixassem em paz.

— Por isso, olhem bem para o vosso amigo Jonathan — prosseguiu —, porque esta é a última vez que ele pisa este escritório. — Todos olharam para ele boquiabertos. — Alguém acha que estou a ser injusto?

Ninguém pareceu achar. Ou, se achavam, tiveram a inteligência suficiente para não abrir a boca.

— Todos ouviram o que o Jonathan chamou a uma das suas colegas? — Parecia que sim. Poe apontou para uma. — Como se chama?

— Jen.

— O que disse o Jonathan, Jen?

— Ele chamou atrasada à Tilly, senhor.

— Eu tenho um trabalho honesto, Jen. Não me trate por «senhor».

— Poe virou-se para Flynn e Barrett. — Chega?

Flynn virou-se para Barrett e disse:

— Para mim, chega. Ash?

Barrett fez uma pausa.

— Dispensava a agressão do inspetor Poe...

— Ele tinha uma caneta na mão — interrompeu Poe. — Pensei que ia usá-la como arma.

— Nesse caso, para mim, chega — disse Barrett. — Jonathan Pierce, está formalmente suspenso por conduta imprópria grave, intimidação e utilização de linguagem ofensiva. Entregue-me a sua identificação e trataremos de agendar uma audiência disciplinar, após a qual será formalmente dispensado da NCA.

— Mas... mas... mas todos lhe chamam isso — acabou Jonathan por responder.

Poe quase conseguia ouvir a sala a suster a respiração. Jonathan tinha cometido o pecado capital: denunciar os colegas para salvar a própria pele. Poe disse:

— Mais alguém teve uma conduta imprópria grave? — Ninguém se mexeu. Algumas pessoas tinham a culpa estampada no rosto, mas ninguém parecia disposto a sacrificar-se. — Não? Parece que foi só você, Jonathan — concluiu Poe. Inclinou-se para ele e sussurrou:— E, se eu souber que houve alguma represália contra a minha amiga Tilly, vou atrás de si e arranco-lhe os dedos, um por um. Entendido? Acene com a cabeça se percebeu. — Jonathan assim fez. — Ótimo — disse Poe. — Agora, desapareça. — Largou Jonathan, que caiu no chão. Virando-se para Bradshaw, disse: — Não vai precisar de tenda, Tilly. Vai ficar num hotel com a inspetora Flynn. Tem tudo o resto? — A custo, ela anuiu. — Então, estamos à espera de quê? Vamos lá apanhar um assassino em série.

Capítulo 11

Poe partiu do princípio de que os três partilhariam a condução. Tinham parado numa área de serviço em Cheshire, depois de Bradshaw anunciar:

— Preciso de ir à casa de banho.

Mas, quando Poe lhe atirou a chave e anunciou que seria ela a levar o carro ao longo do último troço, ela informou-o de que não tinha carta de condução. Ele pensou durante alguns instantes.

— Nesse caso, porque vieste o caminho todo à frente? Quem não conduz vai atrás.

Ela cruzou os braços.

— Eu vou sempre à frente. Estatisticamente, é sem dúvida o lugar mais seguro.

Flynn interrompeu a discussão ainda antes de ela ter começado, sentando-se no banco de trás.

— Seja como for, eu prefiro ir atrás, Poe — explicou.

Bradshaw continuou a dar-lhes lições de segurança rodoviária enquanto Poe voltava a entrar na M6. Deixou de ouvir ainda antes de pisar o alcatrão da autoestrada.

Nunca tinha conhecido ninguém como ela. Parecia alheia a todas as normas básicas de conduta social. Não havia filtros entre o seu cérebro e a sua boca, e ela não se coibia de dizer aquilo em que estava a pensar. Não tinha a menor noção de comunicação não verbal: ou se recusava a estabelecer contacto visual, ou insistia em olhar fixamente para o seu interlocutor. Se ele a ignorasse quando ela dizia o seu nome, repetia-o até ele responder.

Após algum tempo, instalou-se o silêncio.

Poe olhou pelo espelho retrovisor. Flynn estava a dormir.

— Podes fazer-me um favor, Tilly? — Levou a mão ao bolso do casaco e passou-lhe o seu *BlackBerry*. — Há uma agenda eletrónica e uma espécie de aplicação de localização neste telemóvel. Consegues desativá-los?

— Sim, Poe.

Não fez o menor gesto para pegar no dispositivo.

— *Podes* desativá-los?

Ela hesitou.

— E devo fazê-lo?

— Sim — mentiu ele. Ela acenou com a cabeça e começou a mexer no telemóvel. — Mas, se a inspetora Flynn perguntar, não lhe digas nada.

— Gostas de trabalhar para a SCAS, Tilly? — perguntou ele cinco minutos depois de ela lhe ter devolvido o *BlackBerry*.

— Claro que sim. É maravilhoso — respondeu ela, com o rosto iluminado. — Não há muitos sítios onde possamos utilizar a matemática teórica em aplicações no mundo real.

— Nem mais — disse Poe sem se desmanchar.

Foi a primeira vez que ela sorriu verdadeiramente. Quando o fez, o seu rosto transformou-se.

Depois de falarem do seu trabalho na SCAS, conversaram do tempo que ela passara em Oxford. Era uma conversa unilateral; Poe não fazia ideia do que ela estava a falar. Para ele, a matemática tinha acabado assim que substituíram os números pelas letras na escola. Mas era evidente que Flynn tinha razão. Bradshaw era um ativo. Tinha conhecimentos aprofundados de todas as disciplinas de definição de perfis, mas o seu ponto forte era a capacidade de conceber soluções à medida sempre que necessário. Flynn dissera-lhe que fora o programa dela que combinara os fermentos de modo a formarem o seu nome. Ele agradeceu-lhe. O mais certo

era ter-lhe salvado a vida. Ela corou.

— Porque se chama Washington, Poe? — perguntou ela, minutos depois. Sorriu timidamente quando percebeu o que tinha dito. Voltou a formular a pergunta. — Poe, porque é que o seu nome próprio é Washington?

— Não sei. Outra pergunta — replicou Poe.

— Porque é que ninguém gosta de si? — tornou ela.

Poe olhou para ela. Não estava a ser indelicada. Não parecia perceber o conceito de conversa fiada; se fazia uma pergunta, era porque queria saber a resposta.

— Caramba, não tens papas na língua, pois não?

— Desculpe, Poe — murmurou ela. — A inspetora Stephanie Flynn diz que tenho de melhorar um pouco as minhas capacidades de socialização.

— Não tem importância, Tilly. É inusitadamente sincero da tua parte — disse ele, mantendo os olhos na estrada enquanto ultrapassava um camião. — E eu não sabia que era tão impopular.

— É, sim. Ouvi o diretor-adjunto dos Serviços de Informações Justin Hanson e a inspetora Stephanie Flynn a falarem sobre si.

— O diretor-adjunto Hanson culpa-me por ele próprio não ter sido promovido — disse ele.

— Porquê, Poe?

— Muitas pessoas não queriam que eu investigasse o Peyton Williams, Tilly. Era assistente de um deputado, e tanto o diretor--adjunto Hanson como outras chefias tinham medo de causar escândalos. Se me tivessem dado ouvidos, o Peyton Williams estaria vivo.

— Oh — exclamou ela. — Não morro de amores pelo diretor--adjunto Justin Hanson. Acho que ele é mau.

— Podes crer que é — concordou Poe. — Seja como for, não podes tê-los ouvido hoje de manhã. Nem eu consegui ouvir o que eles estavam a dizer, e estava mais próximo do gabinete da

inspetora Flynn do que tu.

— Não foi hoje de manhã — admitiu ela. — Estava na sala de reuniões B com o diretor-adjunto Justin Hanson, a inspetora Stephanie Flynn e o diretor Edward van Zyl quando lhes mostrei o resultado da tomografia. Passado algum tempo, acho que se esqueceram de que eu estava ali.

Poe não disse nada. Voltou a olhar para o espelho retrovisor. Flynn acordara. Tinha os olhos vermelhos e estava estremunhada. O sono no carro nunca era tão satisfatório como o sono numa cama. Bradshaw virou-se para trás e disse:

— Não gosta do Poe, pois não, inspetora Stephanie Flynn?

— Que conversa é essa, Tilly?! — exclamou ela. Mas parecia preocupada. — Claro que gosto do inspetor Poe.

— Oh — disse ela. — Pensei que quando o diretor Edward van Zyl disse que a Serious Crime Analysis Section precisava do Poe porque ele tinha um «conhecimento enciclopédico dos assassinos em série» e a inspetora disse «mas tem um conhecimento microscópico sobre não ser um cretino» tinha sido porque não gostava dele.

Poe soltou uma gargalhada tão sonora que café quente saiu disparado das suas narinas.

— Tilly! — exclamou Flynn, horrorizada.

— O que foi?

— Não podes repetir as conversas privadas.

— Oh.

— Isso não foi bonito de se dizer. Sobre nenhum de nós — disse Flynn.

O lábio inferior de Bradshaw começou a tremer e Poe interveio.

— Não te rales, Tilly. Gostarem de nós não é tão bom como parece.

Ela sorriu.

— Ainda bem, porque também ninguém gosta de mim.

Ele virou-se para ver se ela estava a brincar. Não estava.

Bradshaw virou-se para olhar pela janela. A conversa tinha chegado ao fim.

Poe olhou para Flynn pelo espelho retrovisor. Estava corada de vergonha. Ele piscou-lhe o olho para que soubesse que não guardava ressentimentos. Começava a gostar de Matilda Bradshaw.

O resto da viagem decorreu sem sobressaltos, e chegaram ao Hotel Shap Wells pouco depois das 19 horas.

Flynn e Bradshaw deram entrada, enquanto Poe recolhia a correspondência. Apesar de aquela não ser a sua morada oficial, não seria justo querer que o carteiro atravessasse a colina agreste até Herdwick Croft, pelo que o hotel permitia que ele recebesse o correio na receção.

Era pouca coisa. Uma das vantagens de viver em reclusão era receber pouca publicidade.

Flynn foi ter com ele à receção.

— Está tudo tratado?

— Sim — murmurou ela. — A Tilly queria um quarto perto da saída de incêndio, por isso tivemos de fazer umas trocas, mas parece ter ficado satisfeita. Disse-lhe para comer qualquer coisa e para se deitar cedo.

— Vamos lá ver a vítima número quatro.

Long Meg and Her Daughters, o local onde ocorrera o terceiro crime, e Castlerigg, o local do primeiro, eram dois dos monumentos pré-históricos visualmente mais impressionantes do país. Eram círculos de pedra conhecidos internacionalmente. Cúmbria tinha ainda inúmeros outros círculos neolíticos, incluindo alguns tão pequenos que só podiam ser identificados do ar.

Poe não conhecia nenhum círculo perto de Cockermouth. Desconfiava que a polícia ou o Imolador tinham visto um círculo onde ele não existia. A maioria das montanhas em Cúmbria tinha

afloramentos rochosos e formações de pedra naturais, e, se se estivesse no meio de uma, não seria muito difícil imaginar que tinham sido estrategicamente ali colocadas por uma civilização da Idade da Pedra há milhares de anos.

Mas Poe estava enganado.

Havia um círculo de pedra perto de Cockermouth.

Poe percorreu as estradas, que se iam tornando cada vez mais pequenas. Virou à direita em Dubwath, uma aldeia nas margens do lago Bassenthwaite, e, cinco minutos depois, o brilho das luzes azuis guiou-os até ao seu destino.

Poe estacionou no final de uma longa fila de carros da polícia. Um agente fardado estava junto a um portão com um bloco de notas na mão. Pediu para ver a identificação de ambos e lançou um olhar estranho a Poe enquanto registava o seu nome.

— Há aqui algum círculo de pedra? — perguntou Poe.

O polícia fardado acenou afirmativamente.

— Elva Plain. Parece que tinha algo que ver com o comércio de machados neolíticos.

Quando se estava de guarda ao perímetro no meio do nada, havia pouco mais que fazer além de pesquisar coisas no *Google* através do telemóvel.

— Este é o perímetro exterior? — quis saber Poe.

— Sim — foi a resposta. — O perímetro interior é aquele ali em cima.

Apontou para um cabeço íngreme e fustigado pelo vento. Poe não via ninguém, mas conseguia ouvir vozes.

Durante a subida, cruzaram-se com outro polícia fardado que estava a descer e que lhes disse que estavam quase a chegar. Continuaram a subir, até que viram.

O círculo ficava num socalco plano na encosta virada a sul de Elva Hill. Estava inundado por luzes artificiais. Quinze pedras cinzentas formavam um círculo com cerca de 40 metros de diâmetro. A mais

alta não ultrapassava um metro de altura a partir do solo; havia outras que mal eram visíveis.

O local fervilhava de atividade.

Agentes da equipa forense, vestidos da cabeça aos pés com fatos de proteção brancos, afadigavam-se num caos ordenado. Alguns estavam ajoelhados no chão a trabalhar, enquanto outros se concentravam dentro e à volta de uma tenda de provas que tinha sido montada no centro do círculo.

O perímetro interior estava disposto de forma a que toda a circunferência do círculo estivesse abrangida pela fita policial azul e branca. Poe e Flynn apresentaram-se a outro polícia com um bloco de notas.

— O chefe deve estar a sair — disse o agente fardado. — Não vos posso deixar entrar sem a autorização dele.

Poe assentiu. Uma boa disciplina no local do crime era sinónimo de um bom agente responsável. Ian Gamble podia não ter os laivos de inspiração que resolviam os casos impossíveis, mas sabia tirar partido dos seus pontos fortes. E porque não? Noventa e nove por cento dos homicídios eram solucionados através de investigações meticolosas e metódicas.

Flynn virou-se para ele.

— Ganhamos alguma coisa em entrar? Vamos receber as fotos quando estiverem prontas.

— Quero dar uma vista de olhos, se não te importares. Quero tomar-lhe o pulso.

Ela anuiu.

Um dos homens vestidos de branco levantou os olhos e viu-os. Interrompeu a conversa que estava a ter e aproximou-se deles. Tirou a máscara assim que passou o perímetro. Era Ian Gamble, o agente responsável pela investigação. Estendeu a mão a Poe e cumprimentou-o.

— É bom voltar a vê-lo, Poe — disse. — Já sabe porque é que o

seu nome estava gravado no peito da vítima anterior? — Poe negou com a cabeça. Sem paleio ou conversa fiada. Direto ao assunto. — Não interessa; mais tarde tratamos disso — prosseguiu Gamble. — Quer espreitar?

— Só para ver quais são as minhas primeiras impressões.

— É justo — disse ele, antes de se virar para um homem que estava junto a uma caixa de equipamento. — Boyle! — gritou. — Traz um fato para o inspetor Poe.

Ao ouvir o nome de Poe, outro homem que trajava um fato forense tirou a máscara.

Era Kylian Reid.

Numa voz suficientemente audível para abarcar toda a colina, Reid disse:

— Mal compreendido por colegas, ignorado pelas chefias, subestimado por todos os outros, senhoras e senhores, apresento-vos o grande Washington Poe. — Poe corou. O seu amigo encaminhou-se para ele, saltou o cordão policial, fazendo Gamble estremecer, e apertou com demasiada força a mão estendida de Poe. — Já percebi como são as coisas — atirou Reid, com um sorriso estampado no rosto. — Agora, só te vejo quando há uma emergência. É isso, Poe? Meu cabrão!

Poe encolheu os ombros.

— Kylian.

Mais tarde haveria tempo para pôr a conversa em dia. Reid virou-se para Flynn e disse:

— De onde conhece este esquisitoide sem amigos?

Poe apresentou-os.

— Inspetora Flynn, este é o meu amigo Kylian Reid. *Era* agente no departamento de crimes graves.

— *Continuo* a ser um agente no departamento de crimes graves — corrigiu. — Presumo que estejam hospedados no Shap Wells? Uma noite destas reservo lá um quarto e podemos tomar um copo.

— Vai ser a melhor noite de sempre — disse Flynn secamente.

Poe decidiu que o reencontro podia esperar.

— O que temos ali dentro? — Dirigiu a pergunta a Gamble. Reid podia ser o único amigo que ele tinha na polícia, mas o responsável pela investigação não deixava de ser Gamble.

— Conhece a regra dos nove? — Poe assentiu. Era a fórmula médica para determinar a dimensão das queimaduras. A cabeça e os braços representavam nove por cento cada, ao passo que as pernas, a parte da frente e de trás do tronco representavam 18 por cento cada. Isso perfazia 99 por cento. O restante um por cento correspondia aos órgãos genitais. Gamble anunciou: — Bem, o nosso rapaz está a melhorar. Apesar de ter sido a mais torturada, a primeira vítima só tinha queimaduras nas pernas e costas. Não havia muita coisa na parte da frente e os braços estavam incólumes. As queimaduras aumentaram na segunda vítima e, à terceira, estava perto dos 99 por cento.

— E esta?

— Venha ver com os seus olhos.

Enquanto Poe vestia o fato que Boyle lhe trouxera, Gamble substituíra aquele que estava a usar, para evitar qualquer contaminação. Flynn nem se deu ao trabalho — tinha visto a terceira vítima no local — e preferiu ficar com Reid. Poe foi admitido no perímetro interior e seguiu Gamble através das tábuas que a equipa forense dispusera para evitar possíveis manipulações de provas.

O cheiro foi a primeira coisa a atingi-lo. A cinco metros da tenda forense, o cheiro tornou-se avassalador.

Poe sabia que havia um mito que dizia que a carne humana queimada cheirava a carne de porco. Mas era mentira. Só apenas a carne humana talvez cheirasse, mas as pessoas que morrem carbonizadas não são processadas da mesma forma que os animais abatidos. Não são sangradas e os seus órgãos internos não são retirados. O sistema digestivo cheio de comida e fezes permanece

dentro do corpo.

Tudo aquilo que arde tem um cheiro putrefacto muito próprio.

O sangue é rico em ferro, e Poe conseguia detetar o ligeiro aroma metálico. Esse era o mais agradável. Os músculos queimam de forma diferente da gordura, os órgãos internos queimam de forma diferente do sangue, e as entranhas a arder têm um cheiro distinto de todos os outros. O cheiro que resultava era denso, doce e enjoativo. Sobrepondo-se a tudo isto, estava o cheiro a gasolina.

O cheiro inundou as narinas e a garganta de Poe. Haveria de sentir aquele cheiro e sabor durante dias. O vômito veio-lhe à boca, mas conseguiu contê-lo.

Gamble abriu-lhe a tenda e ele entrou. O médico-legista ainda estava de volta do corpo.

Estava deitado de lado e retorcido, numa posição anormal. Os globos oculares tinham explodido e secado, e a boca estava aberta, como se a vítima tivesse morrido a gritar. Poe sabia que o calor fazia coisas estranhas aos cadáveres, e que a boca podia igualmente ter-se aberto após a morte. As mãos estavam queimadas até formarem tocos, e, apesar de vir certamente a ser confirmado mais tarde, Poe tinha a certeza de que o «um por cento» da vítima estava desaparecido. O cadáver tinha a cor e a consistência de couro preto não tratado. Parecia ter sido mergulhado em lava e posto a secar numa fornalha. Exceto as plantas dos pés, que estranhamente mantinham o seu tom rosado.

O médico-legista ergueu os olhos e murmurou um cumprimento. Poe perguntou:

— Acha que usaram o mesmo combustível?

— Sem dúvida — disse. Era um homem mais velho e magro. O fato forense entufava como um balão de ar quente. Apontou para a coxa da vítima. — Está a ver aquela fissura? Os cientistas da Universidade da Florida Ocidental investigam este fenómeno há alguns anos e descobriram que a superfície da pele frita e descama

primeiro. A camada dérmica mais grossa demora cinco minutos a encarquilhar e abrir fissuras, e, como a gasolina simples só arde durante cerca de um minuto, devem ter usado ingredientes adicionais no líquido combustível.

Poe não quis saber porque é que os cientistas da Universidade da Florida Ocidental tinham estado a fazer tal pesquisa, e ainda menos qual era o método que utilizavam. Mas a verdade é que aplicavam a pena de morte a muitos reclusos por aquelas bandas...

— E se reparar aqui — continuou o médico-legista, apontando para as coxas, nádegas e cintura — toda a gordura derreteu. A gordura humana é um bom combustível, mas precisa de uma acendalha. Ele estava nu, por isso sabemos que não foram as roupas. Saberei mais quando o levar para a morgue, mas desconfio que, sempre que o fogo começava a esmorecer, o assassino adicionava mais combustível.

— Quanto tempo?

— Até ele morrer?

Poe anuiu.

— Para reduzir o corpo a isto.

— Diria que entre cinco e sete horas. Os músculos mirraram e contraíram, o que motivou a posição estranha em que ele se encontra, e isso demora algum tempo.

— E as plantas dos pés?

— Ele manteve-se de pé durante o processo. Foram protegidas pelo solo.

Virou-se e retomou os trabalhos que tinha em mãos.

— Não é visível — disse Gamble —, mas há um pequeno orifício por baixo do corpo. Ele foi empalado para se manter na vertical. Empalar as vítimas foi uma das adaptações que ele fez desde que começou a matar.

— Deve ter usado uma vara de metal — disse Poe. — Se fosse de madeira, teria colapsado passados 15 minutos. — Gamble nada

disse, e Poe percebeu que ele já tinha chegado a essa conclusão.— Acho que sei porque é que este sofreu queimaduras mais intensas do que os outros — continuou Poe. — Presumo que você ainda não tenha saído daqui hoje.

Gamble confirmou com um aceno.

— Estou aqui desde as 10 horas.

— Então, não sabe que nada disto é visível da estrada. Mal se veem as luzes do local do crime. Só se vê o círculo quando já se está quase em cima dele, e, como esta estrada é usada sobretudo por pessoas que entram e saem do campo de golfe, a maioria dos indivíduos que saem do *club house* segue na direção contrária, para Cockermouth.

— O que significa que ele teve mais tempo — concluiu Gamble.

Poe assentiu.

— E, se tiver esperado até ao fecho do buraco 19, não teria praticamente qualquer hipótese de ser avistado.

— Isso ajuda bastante.

Poe não sabia bem como. Já sabiam que o Imolador era cuidadoso.

— Alguma ideia preliminar? — perguntou Gamble.

— Só uma: nunca hei de aceitar um convite para uma churrascada na Universidade da Florida Ocidental.

Gamble acenou com a cabeça, mas não se riu.

Saíram da tenda e do perímetro interior e juntaram-se a Flynn e Reid. Poe ficou satisfeito por tirar o fato forense.

— Não divulgámos nada à comunicação social sobre a ligação do inspetor Poe ao caso, inspetora Flynn — disse Gamble. — Eu e o meu adjunto chegámos à conclusão de que podemos usar isso como um filtro de controlo adicional para eliminar todos aqueles que nos ligarem a reivindicar a autoria dos crimes. É uma informação restrita, por isso não a incluam em nenhum documento oficial.

— Faz sentido — concordou Flynn, com um aceno. — E acho que

também nos devíamos manter afastados da investigação oficial, senhor. O Poe devia ficar totalmente à margem. Doravante, podemos trabalhar a partir do hotel.

Gamble assentiu com a cabeça. Poe ficou com a impressão de que ele sentiu alívio por ter sido Flynn a sugerir a ideia.

— E o agente Reid parece gostar do inspetor Poe, por isso pode ser o nosso oficial de ligação. Por ora, fica às suas ordens. Ele vai garantir que têm tudo aquilo de que necessitam — disse ele. — Além do apoio analítico, a SCAS pode tratar da vertente do nome? Tentem descobrir qual é o envolvimento do Poe. Trocaremos informações diariamente, mesmo que não haja novidades. O que lhe parece?

— Perfeito — disse ela.

Depois de mais uma ronda de apertos de mão, Poe e Flynn voltaram para o carro. Assim que ficaram a uma distância segura, Flynn virou-se para Poe.

— Que conversa foi aquela?

— A cena do «oficial de ligação»?

— Sim. Isso mesmo. — Ela parecia zangada. — Eles não confiam em mim?

Poe encolheu os ombros.

— Não é em ti que eles não confiam, Steph. É em mim.

Capítulo 12

Shap Wells era um hotel com passado. Quase tão isolado como Herdwick Croft; só se conseguia lá chegar através de um percurso de um quilómetro e meio pela mais estreita das estradas. Durante a Segunda Guerra Mundial, o seu isolamento fora usado em proveito dos Aliados: fora requisitado ao Conde de Lonsdale e transformado no Campo de Prisioneiros de Guerra Número 15. Chegou a albergar até duzentos prisioneiros, sobretudo oficiais alemães, com o líder do campo a ser a dada altura um príncipe alemão da família da Rainha Maria.

A principal ferrovia norte-sul ficava ali perto, e a segurança era apertada, tendo em conta que os comboios facilitavam as fugas de prisioneiros do campo. Duas cercas de arame farpado haviam sido erguidas à volta do hotel, e as torres tinham permitido aos guardas cobrir todos os ângulos com potentes holofotes. As bases em betão das torres dos guardas ainda eram visíveis, se se soubesse onde procurar. Poe sabia; conhecia bem o hotel. Era ali que estacionava sempre o seu carro, tirava partido do wi-fi gratuito quando precisava de aceder à Internet e comia no restaurante pelo menos duas vezes por semana.

Na manhã seguinte, antes de se dirigir para o hotel, Poe deixou *Edgar* aos cuidados de Thomas Hume, o agricultor que lhe vendera a casa e respetivo terreno no ano anterior. Tinham-se tornado amigos e, ocasionalmente, trocavam favores. Poe permitia que Hume pastasse as ovelhas no seu terreno e ajudava-o a reparar os muros de pedra — sobretudo quando Hume precisava mais de músculo do que de capacidade técnica —, e Hume tomava conta de

Edgar quando Poe estava ausente.

Apesar de normalmente percorrer a pé os três quilômetros que separavam a casa do hotel, nessa manhã Poe decidiu levar a moto-quatro. Foi buscar a correspondência à rececionista, uma rapariga neozelandesa que tinha sempre um sorriso para ele, e procurou Flynn e Bradshaw.

Tinham acabado de tomar o pequeno-almoço e Poe serviu-se de um café. Flynn vestia outro fato formal, desta vez preto. Bradshaw usava as mesmas calças largas e os mesmos ténis, mas uma t-shirt diferente, com uma imagem desbotada do Incrível Hulk e a frase «Não me enfureçam». Espantou-lhe que Flynn tivesse permitido. Ou talvez não — a arte da gestão assentava em evitar batalhas inúteis.

Cinco minutos depois, Kylian Reid juntou-se a eles. Flynn franziu o sobrolho, irritada, mas apertou-lhe a mão. Ele contou-lhes as novidades relacionadas com a quarta vítima. Ainda não fora identificada, mas o corpo tinha sido levado para a morgue e estava a ser preparado para a autópsia. Gamble queria saber se a SCAS recorreria à tomografia computadorizada. Flynn confirmou que sim.

Flynn conseguira reservar uma pequena sala de reuniões para se instalar enquanto durasse a sua estada. Poe estava contente por trabalharem à margem da investigação principal. Nunca fora o polícia mais popular de Cúmbria: a sua tendência para fazer frente às chefias significava que, na melhor das hipóteses, era tolerado, e ele sabia que a sua suspensão da NCA havia sido recebida com agrado na sua antiga esquadra. Isso não lhe fazia diferença, mas não queria que um qualquer antagonismo duradouro interferisse com o seu trabalho.

Estavam instalados na sala Garden Room, no piso térreo. Apesar da idade e magnificência do hotel, a sala era moderna e bem equipada. Flynn escolhera um espaço maior do que necessitavam, o que lhes permitiu dividi-lo. Passaram a primeira meia hora a montar o equipamento de Bradshaw e a dispor as mesas, de modo a terem

uma zona de reuniões e espaço suficiente para se movimentarem. Não lhes foi permitido fixar ou colar nada às paredes, por isso Flynn requisitou mais quadros brancos e cavaletes.

As salas de comando são o centro nevrálgico das grandes investigações, e Poe sentiu o frémito familiar da excitação; havia algo de exultante em montar uma nova sala destas. Não tardaria muito a ficar pejada de pistas e interrogações, de factos confirmados e por confirmar.

Seria diferente das investigações anteriores em que Poe tinha estado envolvido. Na sala de comando oficial em Carleton Hall, Gamble teria um exército de agentes: chefes de gabinete, chefes de campo, analistas de documentos, indexadores, oficiais de provas, coordenadores de revistas, oficiais de divulgação e oficiais de preparação de ficheiros.

Em Shap Wells, eram apenas quatro. E isso era libertador.

Assim que Bradshaw ligou os computadores, deitaram mãos à obra.

Flynn deu o pontapé de partida.

— Sugiro que comecemos pelo motivo para o nome do Poe ter sido gravado no peito do Michael James. Alguém se opõe?

Poe deu oportunidade a todos de se pronunciarem. Ninguém o fez. Ele levantou a mão.

— Só uma ideia. — Todos olharam para ele. — Penso que, pelo menos para já, devíamos partir do princípio de que é um chamariz. Não conheço nenhuma das vítimas, e sei que o superintendente Gamble está a vasculhar todos os meus antigos casos para ver se algum dos indivíduos que detive se enquadra no perfil de um assassino em série. O que podemos nós acrescentar?

— Presumo que tenhas uma abordagem alternativa — disse Flynn.

Poe assentiu com a cabeça.

— Há uma pergunta mais importante para a qual ainda não há

resposta.

— Qual? — indagou Reid.

— Porque é que o intervalo de tempo entre a primeira e a segunda vítima foi tão grande, quando o intervalo entre a segunda, terceira e quarta vítimas foi tão curto?

Flynn pareceu ficar ligeiramente aborrecida, e ele percebeu porquê. Segundo a experiência e as estatísticas, os assassinos em série começavam lentamente e depois aceleravam o ritmo. Mas, antes que fosse alvo de condescendência, ele prosseguiu:

— Sei que vais dar-me uma lição sobre assassinos em série e sobre o facto de a necessidade de matar se tornar mais premente após o primeiro crime, mas neste caso o intervalo é cada vez mais diminuto, verdade? — Flynn assentiu. — E nenhuma das vítimas se conhecia, certo?

Desta vez, foi Reid quem respondeu.

— A investigação não encontrou nenhum elo de ligação entre as vítimas. Claro que não posso falar da quarta vítima, que ainda não foi identificada.

— Onde queres chegar, Poe? — perguntou Flynn.

— O que estou a dizer, Steph, é que estás a pensar como alguém que não conhece a região de Cúmbria. Pode ser o terceiro maior condado de Inglaterra, mas é pouco povoado.

— E então?

— Em termos estatísticos, é pouco provável que estes homens não se conhecessem.

Flynn e Reid olharam fixamente para ele. Bradshaw — para quem a palavra «estatística» era um gatilho — começou a escrever no computador.

— Eu sou desta zona — prosseguiu —, assim como o Kylian, e podemos garantir que todos parecem conhecer-se uns aos outros.

— Não é lá grande argumento — disse Flynn.

— Eu sei — concordou Poe. — Mas, se tiveres em conta que

todas as vítimas estavam na mesma faixa etária e grupo socioeconómico, a probabilidade de não se conhecerem é ainda mais reduzida. Não estamos em Knightsbridge. Há partes de Cúmbria que têm um PIB mais reduzido do que a República Checa. Quantos milionários julgas que temos aqui? — O único som audível era o dedilhar de Bradshaw no teclado.

— Mas nós temos a certeza de que eles não se conheciam — insistiu Flynn. — A menos que estejas a dizer que nos escapou alguma coisa.

Poe encolheu os ombros.

— Mais ou menos, mas voltemos ao que eu disse anteriormente. Porque é que há um intervalo tão grande entre as duas primeiras vítimas? — Fez uma pausa. — E se estes homens se conheciam, mas tivessem feito esforços concertados para ocultar esse facto? E se eles sabiam que estavam a ser alvos? Um padrão que apenas eles pudessem ver. Quando o Graham Russell foi assassinado, ninguém deu muita importância. Ele tinha supervisionado as escutas telefónicas de vítimas de homicidas e pedófilos por todo o país — a lista de pessoas que lhe queria mal devia ser interminável. E diga o dossiê o que disser agora, sabemos que foi o rumo que o Gamble seguiu inicialmente. Se eu tiver razão, é muito possível que os outros vissem isso como uma infelicidade para o Russell. Mas, quando a segunda vítima foi assassinada da mesma forma, até mesmo o mais otimista deve ter percebido o que se passava. O Imolador já não tem necessidade de fazer as coisas com calma; na verdade, se está a riscar nomes numa lista, tem todos os motivos para acelerar.

Flynn franziu o sobrolho.

— Mas, se sabiam que estavam a ser perseguidos, porque não recorreram à polícia?

— Não podiam — disse Reid. — Se o Poe tiver razão, podem estar ligados por algo que não querem que se saiba.

— E, tendo em conta as suas fortunas, será certamente algo ilegal — acrescentou Poe.

— Mas não sabemos ao certo quando é que eles foram raptados — disse Flynn. — É possível que tenham sido todos raptados antes de as mortes começarem.

Poe pensou que nenhuma teoria era perfeita.

— 3,6 por cento — disse Bradshaw, erguendo os olhos do computador. Todos olharam para ela. — Com recurso a um programa que acabei de criar, calculei que a probabilidade de os três homens desse grupo social não se conhecerem, num condado com uma população de 73,4 pessoas por quilómetro quadrado, é de 3,6 por cento. Existem algumas variáveis que estimam que esse valor possa situar-se entre 2 e 3,9 por cento, mas os cálculos são fidedignos.

Reid olhou para ela, boquiaberto.

— *Criaste* um programa? — Consultou o relógio. — Em menos de cinco minutos?

Bradshaw assentiu com a cabeça.

— Não foi difícil, agente Reid. Bastou-me adaptar uma ferramenta que já tinha.

Poe levantou-se.

— Está decidido. Não contestamos a Tilly e os seus cálculos.

Bradshaw lançou um olhar tímido e agradecido a Poe.

— Então, mãos à obra — concluiu Flynn.

Doze horas mais tarde, estavam todos de mau humor. Não tinham encontrado o menor indício de que os homens se conhecessem. Não pertenciam aos mesmos clubes de golfe, não faziam parte dos mesmos conselhos das associações de beneficência, e, nas poucas ocasiões em que frequentaram os mesmos restaurantes, foi em alturas diferentes. Bradshaw acedeu aos dados dos seus cartões de fidelidade dos supermercados e descobriu que não faziam compras

nos mesmos sítios.

Reid ligou a Gamble, que prometeu voltar a entrevistar os vizinhos e amigos para ver se lhes tinha escapado alguma coisa, mas a teoria de Poe não parecia confirmar-se.

A juntar ao seu descontentamento, a sala não estava a surtir efeito. Devido às constantes interrupções, não podiam afixar nada confidencial ou explícito nas paredes: chá e café a serem servidos, a diretora de eventos a perguntar se não precisavam de nada e, em três ocasiões diferentes, hóspedes a entrar na divisão a pensar que era a sala de jantar. Um idiota cometeu o mesmo erro duas vezes.

Ao final do dia, tiveram de tirar e guardar tudo, visto que não se tratava de uma sala segura.

Apesar de ser apenas a primeira vez que se sentavam com todo o material à frente, a sensação de desânimo era palpável.

Alguém bateu à porta e a diretora de eventos espreitou do outro lado.

— Sei que disseram que não queriam ser incomodados, mas posso perguntar se vão querer ver a ementa do jantar? A sala de jantar está prestes a fechar.

— Posso fazer uma sugestão? — perguntou Poe, assim que ela se retirou. — Que tal trabalharmos a partir de minha casa amanhã? O andar de baixo é um espaço aberto mais ou menos com as dimensões desta sala. Não tenho restrições quanto a afixar coisas nas paredes e é mais seguro do que este espaço. Além disso, passarei lá a maior parte do tempo.

— Não sei, Poe — disse Flynn. — Não te esqueças de que vais ser a próxima vítima.

— Então, é preferível que não tenha de me deslocar ao hotel diariamente. Se alguém me quiser raptar, vai fazê-lo quando eu estiver sozinho na charneca.

Fez-se silêncio, enquanto Flynn pensava no assunto.

— Tilly? — interpelou ela. — Tens rede lá em cima?

— Se não tiver, posso ligar o telemóvel a tudo o que requeira acesso à Internet.

— Como é que chegaremos lá? — perguntou Flynn a Poe. — Não me importei de enfrentar o caminho daquela vez, mas não vou fazê-lo todos os dias.

— Tu e a Tilly podem usar a minha moto-quatro. Podem levar o que precisarem no reboque.

— Então e eu? — perguntou Reid.

— Tu? Podes ir a pé — disse Poe.

Reid sorriu.

Todos olharam para Flynn, à espera da sua decisão.

— Bem, vale a pena tentar. O dia de hoje foi um desastre.

Capítulo 13

Poe foi buscar *Edgar* e depois levou a moto-quatro para o hotel. A caminhada pelas montanhas até Herdwick Croft era revigorante. A luz que esmorecia conferia um tom escarlate a tudo à sua volta. *Edgar* desatou a correr atrás de uma lebre, mas depressa regressou a saltitar. Poe duvidava que ele soubesse o que fazer se alguma vez se aproximasse de uma.

Preparou uma refeição ligeira: uma sandes de queijo e pickles, um pacote de batatas fritas e uma chávena de chá forte. O dia podia não ter corrido de feição, mas Poe tinha a certeza do que supunha; o Imolador não escolhia as vítimas apenas com base na sua idade e riqueza. Reordenou os pensamentos na sua cabeça. Esperava ter razão. Caso contrário, algures a monte estava um assassino em série organizado, com conhecimentos forenses e técnicos, que gostava de castrar e incendiar pessoas. E ele era o próximo da lista.

Apesar de *Edgar* uivar como um lobo se alguém se aproximava da casa à noite, pela primeira vez desde que se mudara para lá Poe trancou a porta e as janelas. Por estranho que pareça, dormiu bem. Sem pesadelos.

Assim que acordou, percebeu que aquele seria mais um glorioso dia de primavera. Cozeu um ovo, levou *Edgar* a passear e depois ficou à espera da chegada da equipa. Reid viera a pé da berma da estrada, sendo o primeiro a chegar. Flynn e Bradshaw chegaram de moto-quatro pouco depois.

Bradshaw deu um grito de alegria quando viu *Edgar*.

— Não me disse que tinha um cão, Poe! — guinchou.

Nos dez minutos seguintes, o trabalho passou para segundo

plano, visto que Bradshaw e *Edgar* se tornaram logo grandes amigos. O *spaniel*, que sempre gostara de atenção, correu direito a ela e encheu-a de lambidelas e pelos. Bradshaw riu-se descontroladamente e agarrou-se ao pescoço do cão como se receasse que ele fugisse. Poe passou uns biscoitos a Tilly para ela dar a *Edgar* e a amizade entre ambos ficou desde logo consolidada.

— Lembra-te, Tilly, se ele te mostrar o batom, não lhe toques — disse Reid, piscando o olho a Poe.

Bradshaw enterrou a cabeça no pescoço do *spaniel*.

— Não tens batom, pois não, *Edgar*? O agente Reid é um tolinho. Deve estar a referir-se ao teu pénis.

Depois de se rirem do queixo caído de Reid, Flynn pôs ordem na casa.

— Podes brincar com o *Edgar* mais tarde, Tilly. Agora temos de continuar.

Poe abriu todas as janelas e a luz solar da primavera inundava a sala. O rés do chão de Herdwick Croft era retangular, sem grandes nichos ou recantos. Duas janelas dianteiras, nenhuma atrás e uma porta para a rua. Poe explicou que, anos antes, durante os invernos mais rigorosos, o pastor vivia no andar de cima enquanto as ovelhas ficavam abrigadas na sala onde se encontravam. Oferecia-lhes proteção do frio e elas aqueciam a casa. As paredes eram iguais por dentro e por fora: pedra grosseira e exposta. As traves do teto eram antigas, robustas e enegrecidas por um século de fumo. Uma salamandra dominava a sala. Tinha madeira lá dentro, mas ainda não tinha sido acesa. Apesar do dia quente, Poe haveria de a acender mais tarde; era assim que aquecia a água.

Poe pousou uma cafeteira no centro da mesa e deitaram mãos ao trabalho. Como era a sua linha de investigação, Flynn permitiu que ele liderasse a primeira sessão.

— Vamos começar do zero, pessoal. Quero que partamos do princípio de que estes homens se conheciam. Podiam estar a

esconder o facto, mas é isso que nós fazemos enquanto inspetores: investigamos.

Bradshaw levantou a mão.

Poe aguardou, mas ela não disse nada. Ele olhou para ela, confuso, até se lembrar de que, até há coisa de um ano, toda a sua vida tinha sido passada em salas de aula e auditórios.

— Tilly, não precisas de levantar a mão. Diz lá.

— Não sou inspetora, Poe. Sou funcionária da National Crime Agency, mas não tenho o poder de deter ninguém, como o Poe, o agente Reid e a inspetora Stephanie Flynn.

— Pois... Obrigado pelo esclarecimento, Tilly. É bom saber.

Bradshaw acenou com a cabeça.

Nas quatro horas seguintes, mergulharam nas vidas — e mortes — de Graham Russell, Joe Lowell e Michael James. Ao meio-dia, Reid atendeu uma chamada.

— Temos o nome da quarta vítima. Clement Owens, 67 anos, advogado na reforma. Trabalhou no setor privado e representou a banca. Além da fortuna, não existe nenhuma ligação óbvia aos outros. Em breve, teremos mais informações.

Flynn pediu para fazerem uma pausa. Estavam todos a ficar esfomeados e ela tinha trazido sandes. Poe sugeriu comerem lá fora.

Apesar de Poe apreciar a beleza agreste do inverno de Cúmbria, já vivia em Shap há mais de um ano e sentia-se habilitado a dizer que a primavera era a sua estação preferida. Além das omnipresentes ovelhas, o inverno desprovia as colinas de vida. Deixava hectares e hectares de uma paisagem acre e sem cor até onde a vista alcançava. A primavera era como a ressurreição. Os dias eram mais longos, a vegetação adormecida rompia em rebentos verdejantes através da terra aquecida e as urzes floriam. Jardins exóticos de líquenes e musgo irrompiam em vida. Os ventos

inclementes e gélidos transformavam-se em brisas suaves e aromáticas. As aves nidificavam, os animais reproduziam-se e havia uma sensação de renovado otimismo no ar. Era a altura do ano que nos fazia dar valor à beleza e ao ritmo lento da vida na Cúmbria rural.

Enquanto Flynn fazia um telefonema e Bradshaw corria atrás de *Edgar* por Shap Fell, Poe virou-se para Reid e disse:

— É bom voltar a ver-te, Kylian. Quanto tempo passou?

— Cinco anos — grunhiu Reid, com a boca cheia de fiambre e ovo.

— Cinco anos? Impossível. A última vez que nos vimos foi...

— No funeral da minha mãe — disse ele, de forma acusatória.

Poe ficou corado. A mãe de Reid tinha morrido de esclerose lateral amiotrófica, após anos de sofrimento. Ele tinha razão; a última vez que se viram foi no funeral.

— Sinto muito, amigo — disse, mas Reid dispensou as desculpas com um aceno. — Como está o teu pai?

— Sabes como ele é, Poe. Só se reformou porque a minha mãe o obrigou. Ainda faz uns biscates para um estábulo em Lancashire. Nem sei se lhe pagam; fá-lo para se manter ocupado. Quando não está a fazer isso, está a dormir sesta junto à lareira ou a ler livros sobre corridas.

O pai de Reid fora um veterinário muito respeitado, especializado em corridas de cavalos. Quando era miúdo, Poe adorava visitar o consultório de George Reid. Havia sempre animais para brincar.

— Como está o teu pai? — perguntou Reid, com um sorriso.— Continua a ser *beatnik*?

Poe sorriu. Não estava longe da verdade. O seu pai vivia para viajar e raramente voltava ao Reino Unido. A única vez que tinha assentado arraiais fora quando estava a criar Poe. A mãe de Poe, incapaz de suportar uma existência pacata, abandonara-os quando ele era criança. O pai sacrificara temporariamente o seu espírito

nómada para o criar sozinho. Assim que Poe se alistou nos Black Watch, o pai voltou a fazer-se à estrada. Mantinham o contacto através de e-mail, mas não se viam há quase três anos. Tanto quanto Poe sabia, ele estava algures no Brasil. Só não sabia a fazer o quê. Podia estar embrenhado na floresta amazónica ou a candidatar-se a um cargo político; era impossível saber. Adorava-o, mas ele nunca fora um pai na aceção mais «tradicional» do termo.

A mãe de Poe morreu poucas semanas após a sua suspensão, num acidente de viação em que o condutor se pôs em fuga. Ele só soube quando o pai lhe enviou um e-mail, cinco semanas depois de ela ser cremada. Ficou triste com a morte dela, tal como ficava triste sempre que alguém morria, mas não deixou que o sentimento se arrastasse. Há muito que ela tinha tomado a decisão de pôr as suas necessidades à frente das dele.

— Tens alguém? — perguntou Reid.

Poe abanou a cabeça. Não era fácil estabelecer relações. Quando estivera em Hampshire, tinha tido alguns casos, mas nada que durasse mais de algumas semanas. Um psicólogo podia dizer-lhe que isso se devia a um medo entranhado de ser abandonado, mas Poe teria desmentido: não sentia medo de ser abandonado, porque não conhecia outra realidade...

— E tu? — perguntou.

— Nada permanente.

— Somos mesmo dois sacanas românticos. — Poe sorriu.

Flynn regressou do seu telefonema.

— Acabei de falar com o diretor Van Zyl — anunciou. — Quer que fiquemos aqui o tempo que for preciso. Falei-lhe da nossa nova abordagem e ele concorda que vale a pena segui-la.

Sentou-se, serviu-se de café e pegou numa sandes. Tinha um ar cansado. Poe sabia que a investigação estava a afetá-la. Nada daquilo fazia sentido — sobretudo a ligação a ele —, e ela sabia que cabia à SCAS responder a questões, não levantá-las.

O sol estava forte e a vista era arrebatadora, como sempre. Terreno desnivelado, colinas despidas de árvores e pedras rugosas a perder de vista em todas as direções. *Edgar* tentou que Flynn lhe desse as côdeas do pão, mas, ao contrário de Bradshaw, que lhe dera o almoço quase todo, ela parecia imune aos seus olhinhos de cachorro triste. Quando percebeu que não havia mais guloseimas, *Edgar* foi à sua vida. Pouco depois ouviu-se um grasnido. Um maçarico arrancou voo em pânico. *Edgar* reapareceu, satisfeito consigo mesmo.

— Deixa os pássaros em paz, *Edgar*! — gritou Poe, antes que ele encontrasse o ninho no solo. Só lhe faltava que o *spaniel* voltasse para junto de Bradshaw com a boca cheia de crias.

Edgar voltou com relutância para o chalé.

Flynn limpou as migalhas do casaco. Trazia o fato que vestira na primeira vez que ali estivera, o das riscas. Bradshaw vestia as habituais calças largas e t-shirt. Reid estava impecável; sempre foi vaidoso e nunca se vestia de forma informal. Mesmo quando conviviam, Reid usava fato. Poe desconfiava que ele consideraria a sua própria falta de esforço como um fardo e um motivo de vergonha. Poe trazia a mesma roupa do dia anterior, o que lhe lembrava que ainda não tinha aberto a correspondência que estava no bolso.

Tirou o molho de cartas e deu uma vista de olhos. Havia uma carta da companhia de gás a avisar que a data de entrega da bilha nova tinha sido alterada, e uma do fornecedor da bomba do furo a avisar que a garantia tinha expirado. Se quisesse renová-la, teria de pagar seis libras por mês. Poe não queria.

O último envelope era um sobrescrito castanho normal. O seu nome estava escrito à máquina na frente e o carimbo dos correios era local. Enfiou uma faca por baixo da aba e abriu-o. Retirou o conteúdo do interior.

Era um postal. Uma imagem genérica de uma chávena de café. A

espuma por cima tinha sido transformada num desenho por alguém com demasiado tempo livre. Arte de *latte*, pensou que se chamava. Algo que faziam em Londres, não em Cúmbria.

Virou o postal. Deve ter soltado um suspiro, visto que Flynn, Reid e Bradshaw se viraram para ele.

— O que foi, Poe? — perguntou Flynn.

Virou o postal para que todos pudessem ver o que estava escrito no verso.

Um símbolo, duas palavras.

?

Washington Poe

Capítulo 14

— Mas que raio...? — murmurou Flynn. Virou-se e olhou fixamente para Poe. — O que é isso?

Poe não levantou os olhos do postal.

— Não faço a menor ideia — conseguiu dizer.

Era óbvio que ninguém fazia. O único som audível era o de *Edgar* a roer um osso que tinha encontrado. Ninguém quis saber onde.

— E que raio significa esse ponto de interrogação invertido? — acrescentou Flynn.

Colocou o envelope e o postal num saco de provas transparente, e Reid ligou a Gamble para o informar. Gamble enviara alguém para levar aquilo para o laboratório forense, mas nenhum deles tinha grande fé nisso. O Imolador não cometia erros em locais de crime caóticos — dificilmente os cometeria quando não estava com pressa.

Bradshaw passou os dois lados do saco pelo *scanner*, para ficarem com uma cópia digitalizada. Olhou fixamente para o tablet durante quase dez minutos, tocando ocasionalmente no ecrã e afastando os dedos para ampliar uma determinada zona. Começou a franzir a testa e a murmurar por entre dentes.

— O que foi, Tilly? — indagou Flynn.

— Preciso de ir para dentro — respondeu. Levantou-se sem dizer mais nada. Quando chegaram ao pé dela, já tinha o portátil aberto. Estava à procura de algo. Virou-se para Poe e disse: — Tem um lençol branco que possa pendurar na parede, Poe?

Tinha e, felizmente, estava lavado. Reid ajudou-o a pendurá-lo, enquanto Bradshaw montava o projetor que tinha levado consigo.

Quando concluíram a tarefa, Bradshaw estava pronta. Apontou o foco para o lençol pendurado. Acedeu à página de pesquisa do *Google* e escreveu «Ponto de interrogação invertido». Não aconteceu nada e ela pediu desculpa pela lentidão da ligação à Internet.

Surgiu uma imagem. Tratava-se do mesmo símbolo; o ponto de interrogação invertido: ¶

Por baixo estava a definição:

O ponto de interrogação invertido, por vezes apelidado de pontuação sarcástica ou irónica, é um tipo de pontuação pouco comum usado para indicar que uma frase deve ser encarada de forma retórica, irónica ou sarcástica. Pode também ser usado para indicar que existe outra camada de significado numa frase.

— Tilly — disse Flynn —, onde queres chegar com...

— Deixa-a falar, chefe — interrompeu Poe. — Acho que já percebi.

Bradshaw lançou-lhe um olhar de gratidão.

— Obrigada, Poe. Se fizer isto, inspetora Stephanie Flynn — disse, mexendo no projetor até a imagem ficar desfocada —, o que parece o ponto de interrogação invertido?

Poe semicerrou os olhos, apesar de já saber a resposta. Olhou para Flynn para ver se ela também percebia.

— Parece o número cinco — disse ela.

Bradshaw acenou com entusiasmo.

— Partimos do princípio de que o assassino tinha gravado o número cinco no peito do Michael James, mas e se foi apenas apofenia, que significa...

— Sabemos o que significa apofenia, Tilly — interrompeu Flynn.

— ... ver padrões onde eles não existem — concluiu Bradshaw sem lhe dar ouvidos. — E se vimos o número cinco porque estamos

condicionados a procurar números? O meu programa assenta em probabilidades; não teria reconhecido um ponto de interrogação invertido, por isso inseriu aquilo que mais se aproximava.

— O número cinco — disse Poe.

— Sim, Poe — assentiu ela. — O número cinco seria a correspondência mais próxima dos pontos de referência do programa. A letra «S» seria a correspondência seguinte.

— Há alguma hipótese de analisarmos os ferimentos originais? — perguntou Poe.

— Sim. Ainda tenho os dados no meu portátil.

Pressionou alguns botões no portátil e a imagem 3D do seu nome surgiu na parede. Era a imagem mais nítida do seu nome; as letras tinham sido todas retiradas de diferentes *slides*, para garantir que cada uma era a imagem mais visível.

— Podes separar o símbolo? — pediu Poe. Na sua mente, já tinha descartado o número cinco.

Bradshaw dedilhou em mais algumas teclas. Havia 50 imagens do símbolo, cada uma captada a uma profundidade ligeiramente diferente. Dispô-las num diaporama, encabeçadas pela mais superficial. Devido aos danos causados pela pele queimada, as primeiras pareciam o número cinco. Quanto mais ela aprofundava a imagem, mais nítidos se tornavam os cortes. Os últimos não eram nada nítidos, apenas alguns raspões no osso do peito. Ela retrocedeu alguns *slides*.

— Ali — disse Reid. — É aquele.

Bradshaw interrompeu o diaporama.

Todos olharam para o ecrã. Aquilo que pensaram ser a parte de baixo do número cinco era, na verdade, um ferimento mais pequeno e autónomo. O Imolador tinha acrescentado uma facada única por baixo da parte curva do ponto de interrogação invertido para representar a pinta. Provavelmente, teria perfurado e torcido, para acrescentar profundidade e definição. Quando o fogo abriu fissuras

na carne, o ferimento na parte de baixo seguiu o caminho de menor resistência e uniu-se à parte de baixo do ponto de interrogação invertido. As primeiras imagens da tomografia pareciam um número cinco, mas as últimas sem dúvida que não. Não era uma explicação perfeita, mas Poe desconfiava que o Imolador, ao tentar gravar um símbolo elegante e obscuro no peito de uma vítima que se contorcia e gritava, basicamente tinha feito o melhor possível.

E, como ninguém tinha percebido, ele decidiu reforçar com um postal.

Se estivessem certos — e Poe acreditava que sim —, ele não era a quinta vítima. Era uma boa notícia. A má notícia era que o Imolador sabia onde ele vivia.

— Bem, chefe — disse Poe —, quanto a ti não sei, mas, se eu tivesse de apostar, diria que isto não é um número cinco, mas sim um ponto de interrogação convertido.

— *Invertido* — corrigiu Bradshaw.

— Concordo — disse Flynn. — É demasiada coincidência para não ser.

Poe sentiu um frémito de excitação. Bradshaw dissera que um dos usos do ponto de interrogação invertido era denotar que uma frase ou passagem tinha outra camada ou significado. Pegou no saco de provas.

— Achamos todos que isto foi enviado porque ninguém percebeu a mensagem original?

Flynn fez uma pausa.

— Tudo aponta para isso.

— E não havia mesmo nada nas primeiras duas vítimas? — tornou Poe.

— Não — respondeu Reid. — Voltaram a ser examinadas desde então.

— E a SCAS foi chamada após a descoberta da segunda vítima, mas depois da autópsia? — Flynn assentiu. — Então, podemos

dizer que, se ele tinha uma mensagem para a SCAS, faria mais sentido usar o corpo da terceira vítima e não o da primeira.

— Não posso refutar essa lógica — disse Flynn. — O que vamos fazer a seguir?

— Acho que devíamos voltar a examinar o peito do Michael James — concluiu Poe. — Todos os *slides*, não apenas os realçados. Mas desta vez vamos usar o nosso chapéu de pensamento lateral.

A mão de Bradshaw ergueu-se de imediato.

— O nosso chapéu *figurativo* de pensamento lateral — disse Poe sem hesitar. Ela baixou a mão.

Bradshaw selecionou a imagem 3D do nome de Poe, e todos a examinaram.

— É a única que temos, Tilly? — perguntou Reid.

Mais uma vez, ela mostrou uma série de *slides*. O último era uma imagem mais profunda e mostrava fragmentos dos ferimentos usados para compor as letras de Washington Poe. Os ferimentos eram tão profundos que tinham atingido as costelas. A maioria dos outros não tinha a mesma profundidade. Nenhuma das outras imagens parecia conter algo de novo, e ela voltou à primeira.

Durante cinco minutos, ninguém falou, enquanto interiorizavam o que estava a ser projetado na parede de Poe. Tilly abriu o maior número de ecrãs que cabiam no lençol e encheu-os com diferentes imagens.

— Alguém? — perguntou Flynn.

Poe olhava tão fixamente que os seus olhos começavam a desfocar. Tal como o ponto de interrogação invertido, as primeiras imagens eram as que estavam mais distorcidas pelo fogo. As margens dos cortes não eram tão definidas como aquelas que revelavam o interior do corpo.

Bradshaw mostrou mais algumas. As novas imagens eram diferentes das que tinham visto anteriormente. As chamas não tinham conseguido chegar tão fundo e os ferimentos que Bradshaw

estava a apresentar no lençol eram mais profundos. Finos e precisos.

Poe inclinou-se para a frente, semicerrou os olhos a uma das imagens e disse:

— É impressão minha ou estas letras são diferentes?

Bradshaw foi a primeira a responder.

— Tem razão, Poe! A inclinação das letras não é consistente. Nem o espaçamento. — Ela tirou um marcador a laser não se sabe bem de onde e apontou-o ao lençol. — Estudei caligrafia forense e acho que a segunda, terceira e quarta letras de Washington e a primeira letra de Poe foram escritas com a mão esquerda. A diferença no espaçamento também sugere que foram escritas antes das letras gravadas com a mão direita.

— Steph? A investigação é tua. O que te parece? — perguntou Poe.

Ela levantou-se e aproximou-se do ecrã improvisado, percorrendo as quatro letras com a mão. Virou-se e disse:

— Penso que têm razão. Acho que as quatro letras são diferentes e que têm um significado. Infelizmente, isso não nos ajuda em nada.

Capítulo 15

Poe ficou desanimado. Esperou pela explicação de Flynn.

— É um anagrama — disse ela.

Poe nunca tinha tido jeito para quebra-cabeças com palavras; era mais dado ao pensamento lateral do que ao pensamento analítico. Reid era ainda pior do que ele, o que, para alguém com o seu vocabulário, era surpreendente. Quanto a Bradshaw, o mais certo era conseguir solucionar anagramas ao mesmo tempo que solucionava equações avançadas.

Mas até ele podia tentar resolver aquele problema de quatro letras.

Flynn não lhe deu tempo para pensar.

— É Shap — disse ela. — É por isso que as letras são diferentes, para garantir que chegávamos a *este* Washington Poe.

Poe reagiu de imediato; sabia algo que Flynn desconhecia. Ele e Reid trocaram olhares. Ele disse:

— Alguma vez pesquisaste o teu nome no *Google*, Steph?

Ela corou ligeiramente e disse que não.

Claro que já pesquisaste, pensou ele. *Todos já pesquisámos.*

Poe não podia dar menos importância ao que as pessoas pensavam dele, e já tinha pesquisado o seu nome. Quando Peyton Williams morreu, e alguém — quase de certeza o diretor-adjunto Hanson — divulgou o seu nome à imprensa, ele manteve-se afastado da Internet enquanto a imprensa o apelidava de justiceiro. Na verdade, foi uma decisão fácil; na altura, já tinha sido suspenso e estava a viver em Herdwick Croft, onde aceder à Internet para passar o tempo se tinha tornado uma impossibilidade. Mas a

curiosidade tem as suas manhas. Uma noite, estava ele no bar em Shap Wells, quando aproveitou o wi-fi gratuito e escreveu o seu nome no *Google*. Foi a primeira vez que o fez.

Os resultados foram surpreendentes. Os insultos de que era alvo eram bizarros. Peyton Williams tinha raptado e matado duas mulheres, quase matara a terceira e, mesmo assim, aos olhos de algumas pessoas, Poe era o vilão da história. Lembrava-se dos bons velhos tempos em que ter opiniões fortes sobre questões que desconhecíamos por completo era considerado uma coisa negativa. Os factos perderam toda a importância. O populismo e as notícias falsas haviam transformado metade da população em seres acéfalos.

Mas... a outra coisa que tinha descoberto com a pesquisa no *Google* era que partilhava o nome apenas com mais uma pessoa; um político americano da Georgia, falecido em 1876.

Tinha a certeza de que havia mais pessoas com o seu nome, mas duvidava que Gamble tivesse precisado do seu nome e localização para descobrir a que Washington Poe é que o Imolador se referia. Conseguia imaginar os inspetores em Cúmbria — alguns dos quais seus colegas durante anos — a dizer:

— Ah, esse Washington Poe. Agora que vi a referência a Shap, já sei de quem se trata.

Ele explicou que não havia mais nenhum Washington Poe, mas Flynn não pareceu convencida.

— É demasiada coincidência — disse ela. — E o Imolador não saberia necessariamente que só existe um de vocês na Internet.

Poe encolheu os ombros.

— Acho que vale a pena seguir a pista. Se ele escondeu Shap na mensagem só para ter a certeza de que vinham ter comigo, tudo bem, mas não custa nada verificar.

Esperou que ela tomasse a decisão certa. Flynn não o desiludiu: acenou com a cabeça e virou-se para Reid.

— Creio que pode ser a tarefa ideal para o nosso oficial de ligação. Consegue aceder ao sistema de informações de Cúmbria? Veja se aconteceu algo de estranho ultimamente.

— Como por exemplo?

— CAE — interrompeu Poe. — Vais perceber quando vires.

— Cheira A Esturro — disse Reid. — Está bem, vou à prisão de Kendal espreitar o SLEUTH.

SLEUTH era o sistema de informações da polícia de Cúmbria. Qualquer tipo de informação, fosse ela relativa a comportamento criminoso ou não, seria registada ali. Reid disse ainda que entraria em contacto com Gamble para fazer o ponto de situação.

Assim que ele saiu, Poe disse a Bradshaw:

— Enquanto ele está fora, podes ver o que consegues encontrar, Tilly?

— Posso voltar para o hotel, Poe? O sinal de wi-fi é mais forte lá.

— Posso dar-te boleia, a menos... A menos que queiras que te mostre como se conduz a moto-quatro.

Bradshaw olhou para Flynn com os olhos brilhantes.

— Posso, inspetora Stephanie Flynn? Por favor, por favor!

— Será que pode? — perguntou Flynn a Poe.

— Faz sentido — respondeu ele. — Não sabemos quanto tempo vamos ficar aqui e temos de estar todos móveis.

— Vai lá, Tilly — disse Flynn. Olhou para Poe e acrescentou:— Mas não digas à tua mãe.

Durante 20 minutos, Poe ensinou-a a conduzir a moto-quatro. Além dos videojogos, Bradshaw não tinha qualquer experiência de condução, mas aquilo era fácil e ela aprendeu em menos de nada. Ele ensinou-a a ligar e desligar a mota, como desengatar o travão e como engrenar as mudanças. O acelerador estava no punho da direita e o resto, explicou ele, passava por não ficar atolada. Bradshaw riu-se e sorriu durante toda a explicação.

Após cinco minutos de condução supervisionada, ela tinha

conhecimentos suficientes para se fazer à estrada sozinha.

Ficaram a vê-la a ir, como se fosse a filha deles a partir para a universidade.

— Tem cuidado na estrada! — gritou Poe. Só conduziria na estrada quando atravessasse a A6; teoricamente, precisava de uma licença para isso. Ele olhou para Flynn, na esperança de que ela não tivesse percebido.

Bradshaw acenou sem olhar para trás.

Com metade da equipa ausente a cumprir tarefas e sem nada para fazerem até eles voltarem, Flynn e Poe decidiram dar um passeio com *Edgar*. A tarde ia a meio, e parecia que tinham feito alguns progressos. O tempo estava igual ao do dia anterior, mas de alguma forma parecia mais luminoso. É engraçado como o estado de espírito afeta os sentidos.

Flynn fez perguntas sobre Herdwick Croft e como tinha ido Poe parar ali.

— Acho que foi sorte — disse-lhe ele. — Queria comprar algo de imediato, depois de vender o apartamento, mas tinha de ser barato, porque sabia que seria despedido. Estava na fila dos serviços municipais em Kendal, para ver se podia receber um subsídio de habitação, e estava atrás de um agricultor. Ele estava aos berros com a pobre mulher ao balcão. Acalmei-o e levei-o a beber uma cerveja. Ele disse-me que era proprietário de uma grande extensão de terrenos em Shap Fell — a colina onde nos encontramos — e que um manga de alpaca dos serviços tributários da Câmara tinha decidido que, como Herdwick Croft tinha sido uma cabana de pastor, apesar de ter sido há mais de 200 anos, devia pagar contribuição. E que, sem mais nem menos, tinha recebido a conta pelo correio.

Flynn virou-se para olhar para a casa à distância.

— Mas é uma casa pequena. Por que motivo é que ele não pagou a contribuição?

— Pode ser pequena, mas está situada perto de Kendal, o que a

torna valiosa. Nem sequer a podia demolir, porque é património municipal.

— Chegaste-te à frente para a comprar?

— Fechámos negócio nessa tarde. Paguei em dinheiro pela casa e pelo terreno. Oito hectares de charneca agreste e desoladora. Gastei alguns milhares num gerador de confiança, contratei uma empresa para fazer um furo e colocar uma bomba. Outra empresa enterrou a fossa séptica, que parece que é esvaziada de dois em dois anos. Só tenho despesa com o combustível do gerador, com o gás e com o meu carro. Perfaz menos de 200 libras por mês.

— E agora voltaste ao mundo real.

— E agora voltei ao mundo real. O inquérito da IPCC mantém-se, por isso pode ser sol de pouca dura.

Flynn nada disse. Não podia dar-lhe garantias, e ele ficou grato por ela não dourar a pílula.

Há uma semana, teria ficado contente com o despedimento. Seria o encerramento daquele capítulo da sua vida, mas agora, com o distintivo no bolso, já não tinha tanta certeza de estar pronto para deixar de ser polícia. Tinha sido deprimentemente fácil voltar ao «modo polícia». Mas ele tinha a certeza de uma coisa: Herdwick Croft era a sua casa. Nunca sairia dali; gostava demasiado da terra e da solidão. O que quer que o futuro lhe reservasse, o abrigo de pastor isolado continuaria a fazer parte dele.

O telemóvel de Flynn tocou. Ela atendeu e disse:

— Era a Tilly. Não descobriu nada.

Raios.

Se Bradshaw não conseguira encontrar nada, o mais certo era Reid seguir pelo mesmo caminho.

Voltaram para Herdwick Croft e chegaram ao mesmo tempo que Bradshaw. A moto-quatro parou com um chiar de pneus e ela saltou lá de cima com um sorriso rasgado. Estava sem fôlego com o entusiasmo, e a primeira ideia de Poe foi que ela afinal tinha

descoberto algo, mas cedo percebeu que era apenas a exultação da condução. Ela encaminhou-se para *Edgar* e, com toda a manha de uma criança de 5 anos, passou-lhe um pedaço de carne que deve ter pedido na cozinha do hotel. Olhou para Poe com cara de inocente.

Uma hora depois, apareceu Reid. *Vou ter de arranjar outra moto-quatro*, pensou Poe. Reid tinha caminhado quilómetros naquele dia.

— Novidades? — perguntou Flynn.

— Nada de óbvio. Nenhuma morte suspeita durante anos e nada no sistema que seja suficientemente estranho para estar ligado ao Imolador.

Poe pressentiu que vinha aí um «mas».

— Mas — disse Reid —, e digo isto com alguma relutância, quando estava a sair do gabinete, decidi dar uma última vista de olhos.

— E? — perguntou Poe.

— E alguém que vive em Shap lembrou-me que o Homem de Tollund foi encontrado aqui.

Poe ficou perplexo. A sua memória não era perfeita, mas até ele sabia que o corpo mumificado com dois mil anos do Homem de Tollund tinha sido encontrado na Dinamarca, não em Cúmbria. Era um dos factos estranhos que tinha guardado dos seus tempos de escola. Isso e o facto de a *spinning jenny* estar relacionada com a Revolução Industrial.

— Não é o Homem de Tollund, obviamente — esclareceu Reid. — Mas, há 12 meses, um desconhecido foi encontrado enterrado num depósito de sal por aqui. Apesar de o sal ter ressequido o corpo por completo, ele estava perfeitamente preservado. Os agentes que trabalharam no caso deram-lhe esse nome e acabou por pegar. Uma grande confusão do princípio ao fim. O tipo que operava a escavadora retirou-o com a pá e entrou em pânico quando o colega viu uma mão saída. Despejou a carga toda em cima do colega, que morreu de ataque cardíaco.

Poe não conhecia a história, mas também porque haveria de conhecer? Há um ano e meio que vivia praticamente como um eremita.

— Quem era ele?

— Nunca chegou a ser identificado. Não apresentava ferimentos óbvios, e o médico-legista pensou que o mais certo era ter morrido de causas naturais. A teoria mais aceite era que tinha caído quando tentava roubar sal para a entrada de casa — costumava acontecer muito quando a Câmara armazenava sal e cascalho no exterior — e terá tido morte imediata ou morrido congelado. O corpo ficou coberto pela neve e o operário não reparou nele quando estava a carregar o camião.

— Por certo teria entupido a grelha, não?

— Não necessariamente. Foi encontrado no depósito de sal de Hardendale, aquele mamarracho junto à saída 39 da M6.

Poe conhecia-o bem; ficava a poucos quilómetros de Herdwick Croft. Tinha o formato de uma cúpula, e ele partira do princípio de que se tratava de uma espécie de complexo de defesa aérea quando o viu pela primeira vez. Lembrava-se de ter ficado desiludido ao descobrir o seu propósito mais mundano.

— Adiante — prosseguiu Reid —, a Highways England tem um contrato com a Câmara para o manter sempre abastecido. Quando o município decidiu encerrar alguns dos depósitos mais pequenos, a maior parte do sal foi transferida para Hardendale. O mais certo é o Homem de Tollund ter andado a roubar sal de um dos depósitos mais pequenos nos arredores; terá morrido e sido transportado para Hardendale na caixa de um camião da Câmara. Se não fosse pelo inverno rigoroso que tivemos, o mais certo era o sal nunca ter chegado a níveis tão reduzidos que permitissem encontrá-lo.

— E não há dúvidas quanto às causas naturais? — perguntou Flynn.

— Foi o que disse o médico-legista.

— E o homem que morreu no local?

— Ao que parece, sofreu um ataque cardíaco. O idiota que operava a escavadora demitiu-se antes de ser despedido, mas nunca houve suspeitas de crime.

— Porque é que o corpo nunca foi identificado? Alguém deve ter dado pela falta dele.

— Ele não trazia nada consigo e, por causa do sal, o médico-legista não conseguiu determinar há quanto tempo estava morto — explicou Reid. Tirou um bloco de notas do bolso interior. — O auto policial dá conta de que devia ter 40 e poucos anos quando morreu, mas isso pode ter sido há vários anos.

— E o departamento de pessoas desaparecidas não era tão sofisticado na altura — concluiu Poe.

— Exatamente.

Para variar, Bradshaw estava de volta do computador. Apesar de, aparentemente, o Homem de Tollund ser irrelevante, ela tinha levado a peito que a sua adorada Internet lhe tivesse falhado.

Poe ouviu a impressora que ela montara ganhar vida. Bradshaw recolheu as informações e passou uma folha a cada um. Era um artigo do *Westmorland Gazette* intitulado: «Homem Morre após Desconhecido Ser Encontrado no Depósito de Sal de Hardendale». Era um resumo do que a imprensa sabia. Era menos do que Reid lhes contara e mais conjectural.

Todos leram em silêncio.

Poe chegou à parte do relatório do médico-legista. Dizia que, para o desconhecido ter ficado tão ressequido como estava, devia ter estado enterrado em sal pelo menos nos últimos três anos, e as roupas que usava podiam fazer crer que estava ali há mais de 30. O casaco que trazia só tinha ficado disponível a partir de meados da década de 1980.

Mas Poe não acreditava numa altura do óbito tão vaga. Não no contexto do ponto onde estavam e do que se estava a passar. Não

quando se tinha em conta outro fator.

— É ele — disse. — É para ele que o Imolador nos está a apontar. A sua afirmação foi acolhida com silêncio.

— Continua — instou Flynn.

— O casaco que ele estava a usar — explicou Poe. — Não era um casaco caro. Pelo menos, não um que usássemos durante anos a fio. — Flynn acenou com a cabeça. — Isso indica que era mais provável estar morto há 30 anos do que há três. Concordam?

Mais uma vez, Flynn anuiu.

— Talvez. Mas e então?

— Sim, Poe, partilha o que sabes com o resto da turma — disse Reid.

— Eu digo porque é que é importante, chefe — respondeu Poe. — Se o chamado Homem de Tollund fosse vivo hoje, estaria na mesma faixa etária das vítimas do Imolador...

Capítulo 16

— Não sei se me convences, Poe. É uma coincidência — disse Reid, olhando em volta à procura de apoio. — Só pode ser.

— Concordo com o agente Reid — disse Flynn. — Não vejo relevância nisto, Poe. Mesmo que tenhas razão em relação à data, e aí já entramos no reino dos palpites, não te esqueças de que ele morreu de causas naturais.

Poe, que, na melhor das hipóteses, punha sempre em causa as coincidências, não estava disposto a ceder tão facilmente. Estávamos a falar de Shap, com uma população de 1200 habitantes. Nunca acontecia nada em Shap. O ponto de interrogação invertido tinha de ser uma referência ao Homem de Tollund. No mínimo, era uma pista que merecia ser investigada. As pontas soltas e os pormenores por explicar irritavam-no mais do que deviam.

— É justo — concedeu. — Mas, como não temos outra pista, mais vale seguirmos esta durante mais algum tempo para ver onde nos leva. Concordam?

Flynn acenou, mas Poe percebeu que ela ainda não estava completamente convencida.

— Vamos averiguar, mas não quero que descuremos tudo o resto.

— O que precisas de mim? — perguntou Reid, levantando-se e alongando o corpo. — Posso procurar o dossiê; deve estar algures no sistema.

— Leva a moto-quatro até ao teu carro, Kylian — disse Poe.

Depois de Reid ter partido novamente, Bradshaw abriu o portátil, mas não começou a escrever.

— Dá-me licença que procure na base de dados de pessoas desaparecidas, Poe?

— Merda, esqueci-me disso, Tilly — respondeu ele. — Trata disso.

Quando a National Crime Agency foi fundada, em 2013, uma das agências que aglutinou foi o departamento de pessoas desaparecidas — o ponto de contacto de todas as investigações a pessoas desaparecidas e cadáveres não identificados. O Homem de Tollund devia constar da base de dados.

— Quanto tempo, Tilly?

Com 15 cadáveres não identificados a serem registados todos os meses e mais de mil na base de dados a qualquer altura, encontrá-lo podia demorar algum tempo. A cada cadáver era atribuído um número de identificação, e dados básicos que ajudassem à sua identificação eram tornados públicos.

— Encontrei-o, Poe — respondeu Tilly. — Trata-se do caso número 16-004528. Vou imprimir as informações.

Da impressora saiu um documento com duas páginas, que Bradshaw entregou a Poe.

Não continha nenhuma fotografia; muitos dos dossiês não tinham imagens. Um número significativo de suicídios em ferrovias nunca seriam identificados; os corpos ficavam irreconhecíveis, e muitas vezes apareciam depois de estarem demasiado tempo expostos aos elementos. Por vezes, pediam a um desenhador para fazer um esboço de como seria o corpo em vida, mas, no caso do Homem de Tollund, que tinha ficado ressequido, mumificado, petrificado ou fosse qual fosse o termo correto para alguém que ficou armazenado em sal durante anos, ele duvidava que valesse a pena colocar a sua fotografia no website ou tentar adivinhar a sua aparência antes de cada gota de humidade ter sido sugada do seu corpo.

A maioria das coisas que constavam do documento Poe já sabia do artigo de jornal. Regra geral, o website continha dados como a idade aproximada, altura, estatura física e data provável da morte. A

página que tinha nas mãos anotava «desconhecido» junto a cada um desses itens. O cabelo estava assinalado como castanho. Havia referência ao que trazia vestido, mas era tudo genérico. Nada que fizesse alguém gritar: «É o velho Jim! Ele costumava usar uma cartola e uma capa verde!»

Não havia nada sobre bens pessoais.

Bradshaw acedeu à base de dados e às informações que não tinham sido tornadas públicas, mas não serviu de muito. Havia uma fotografia na secção da NCA do website, mas mais parecia um adereço de um filme de terror do que um ser humano. Poe não contava reconhecê-lo.

— A dada altura, vamos precisar de ver o corpo — disse Poe. Flynn olhou para ele. Poe encolheu os ombros. — Podemos não ter alternativa. Se há alguma relação com o caso, o mais certo é não ter sido um acidente. Vamos ter de o passar por uma das tuas máquinas para descobrirmos o que aconteceu.

— A tomografia?

— Essa mesma.

— Sabes quanto custa esse procedimento? — perguntou Flynn. Poe sabia que devia saber. Até há pouco tempo tinha liderado a unidade que os pedia. Negou com a cabeça. — Temos de fazer uma reserva no hospital. E, por lei, não podem prejudicar um paciente vivo a favor de um cadáver. O médico, o radiologista e todos os outros funcionários recebem horas extraordinárias. À noite.

Poe não estava preocupado com os custos. Se fosse necessário, ele próprio financiaria o teste.

— Custa cerca de 20 mil libras... — disse ela.

Ou talvez não...

— E não vou estourar o orçamento de diagnóstico num capricho.

— Isto não é um capricho — murmurou Poe. — Tem de estar relacionado.

Para ser justo com Flynn, até ele pensou que parecia

desesperado.

— Não eras tu que estavas sempre a falar de saber distinguir os factos das opiniões e dos palpites? — disse ela de rompante. — Isto é um palpite, Poe, nada mais. E eu não posso gastar dinheiro com palpites.

Só lhe apeteceu dizer «nunca uses citações minhas contra mim», mas calou-se. Ele sabia que parte da função de inspetor consistia em cercear os devaneios de alguns funcionários, mas a idade que o Homem de Tollund teria agora era demasiado importante para ele ignorar.

— A nós, compete-nos fazer o que está certo, não o que é fácil — afirmou.

— O que disseste? — rosnou ela.

Poe sabia que havia alturas em que recuar era a jogada certa. Também sabia que, por vezes, manter-se calado era ainda melhor.

Ainda trocavam um olhar desafiante quando Reid regressou. Ele percebeu de imediato que o ambiente estava de cortar à faca.

— O que se passa?

— Nada! — vociferou Flynn.

— É apenas um pequeno desentendimento — acrescentou Poe.

Reid não era pessoa para ceder a constrangimentos. Retirou o dossiê da mochila e pousou-o em cima da mesa.

— Não tive tempo de ler.

Flynn não fez tenções de pegar nele.

Poe pegou no dossiê e leu o resumo. Havia fotografias do corpo no local; haveria de as examinar mais tarde. As últimas páginas eram entradas cronológicas das ações implementadas. O superintendente de Kendal tinha dado o caso por encerrado. A última entrada tinha menos de um mês.

— Porra!

Flynn, pondo de lado o amuo, perguntou:

— O que foi?

Poe ignorou-a e dirigiu uma pergunta a Reid.

— Pensei que o protocolo de Cúmbria ditava que os cadáveres não identificados eram guardados durante um ano antes de serem descartados.

— E eram mesmo. Mas isso mudou. São guardados durante dezoito meses se forem cremados; nove meses se forem enterrados.

Poe olhou para Flynn.

— É que nem penses! — explodiu ela.

— É a única forma de termos a certeza — argumentou Poe.

— Termos a certeza de quê, seu idiota? Mesmo que me apetecesse deitar a perder a minha carreira, o médico-legista determinou que ele morreu de causas naturais, e é o gabinete deles que autoriza a porra das exumações! Achas que podemos entrar por ali adentro e dizer-lhes que estavam enganados, porque atualmente o Homem de Tollund seria um velhote se tivesse sobrevivido? Eles lidam com factos, Poe, não com teorias da conspiração dementes.

— Precisamos disso — insistiu Poe.

— Não precisamos de porcaria nenhuma! — vociferou ela.— E não vamos pedir uma exumação, por isso esquece o assunto imediatamente. Não vou manchar a imagem da agência pedindo uma exumação que quase de certeza não vamos conseguir e de que não precisamos. Ponto final.

Poe expressou a sua frustração através do silêncio. Ela tinha razão; a menos que o superintendente Gamble estivesse disposto a relacionar os dois casos e pedisse ele próprio a exumação — e não havia nada na forma como ele dirigia as investigações que sugerisse que ele estaria disposto sequer a considerar essa hipótese —, eles nunca teriam autorização. Era raro alguém pedir uma exumação forense; esperava-se que a polícia e o médico-legista cumprissem o seu dever a contento da primeira vez.

Mas ele sabia que havia uma ligação. O seu nome não tinha

surgido no peito de Michael James por acaso. Alguém estava a passar informações a conta-gotas e ele não estava disposto a abdicar da última remessa. Por ora, daria o braço a torcer, mas, quando chegassem a um beco sem saída, voltaria a tentar a sua sorte. Ela haveria de ver a razão.

Poe voltou a concentrar-se no dossiê e a ler o resumo. Um miúdo, cujo pai tinha arranjado trabalho na Câmara, entrara em pânico quando encontraram o corpo na pá da escavadora e, em vez de a pousar no solo, despejara o conteúdo em cima do colega, um tal Derek Bailiff. Bailiff sofreu um ataque cardíaco induzido pelo stress e morreu no local.

— Nesse caso, peço autorização para falar com a testemunha — disse a Flynn.

— Qual testemunha? — perguntou ela.

— Francis Sharples. O que matou o colega acidentalmente quando encontraram o corpo. Se não posso examinar o cadáver, pelo menos deixa-me falar com alguém que o viu. Pode ter havido algo que parecia irrelevante na altura, mas que não é agora. — Poe tirou partido da sua vantagem. — Vá lá, Steph, parte de ser chefe é saber fazer cedências.

— Está bem — acabou ela por dizer. — Mas eu vou contigo.

Capítulo 17

Para Poe não ter de deixar *Edgar* com o seu vizinho, Bradshaw não se importava de continuar a trabalhar em Herdwick Croft. Prometeu não lhe dar demasiadas guloseimas. Poe deixou-lhe uma mão-cheia, mas escondeu o resto; *Edgar* tinha feito do choradinho uma forma de arte, e Bradshaw já provara ser um verdadeiro anjinho.

Reid enviou a Poe a morada de Sharples por mensagem. Desde o incidente no depósito de sal de Hardendale, ele tinha-se mudado de casa dos pais para um apartamento em Carlisle. Como ganhava a vida, era uma incógnita.

Poe sabia qual era o destino, ao contrário de Flynn, por isso foram no carro dele. Pouco depois, já seguiam na A6. Uns quilómetros mais à frente, chegaram à saída para a M6, mas, em vez de entrar no trânsito que seguia para norte, Poe continuou para o viaduto que passava por cima da autoestrada e parou junto a um portão de ferro forjado. Desligou o carro e disse:

— Este é o depósito de sal de Hardendale. Foi onde encontraram o chamado Homem de Tollund.

Saíram do carro e aproximaram-se do depósito. Ficava a curta distância da autoestrada. Visto de fora, o edifício em forma de cúpula parecia um planetário ou uma sala de concertos moderna. Dezenas de milhares de condutores passavam por ali todos os dias sem saberem do que se tratava. Os portões de metal estavam trancados. Poe duvidava que estivesse aberto durante os meses mais quentes, mas o pequeno desvio tinha um propósito. A viagem tinha demorado menos de dez minutos e enfatizava — pelo menos

na opinião dele— a possível ligação entre ele e o cadáver.

— E ali — disse, apontando para o sítio de onde tinham vindo — é onde eu vivo. Em linha reta, são menos de 13 quilómetros de distância.

Flynn não via as coisas da mesma maneira.

— Isso não significa nada, Poe. Como o agente Reid disse, o mais certo é ele não ter morrido neste depósito.

Poe não replicou.

Quarenta minutos mais tarde, Poe parou à porta do apartamento de Francis Sharples. Ficava numa moradia convertida na zona afluente de Stanwix, pejada de charcutarias *gourmet* e bares sem seguranças à porta.

— A norte do rio — constatou Poe. — Muito fino.

— Ai, sim? — retorquiu Flynn.

— Para Carlisle, sim. A cidade não tem a riqueza das vilas e cidades de Eden Valley ou de National Park, mas a maioria das zonas nem é muito má.

Ela protegeu os olhos e esticou o pescoço para olhar para a casa.

— Como achas que o Sharples ganha a vida?

— Não faço ideia. Tirou o curso de Filosofia. Presumo que viva de subsídios.

Ela sorriu e pressionou o botão do intercomunicador onde estava escrito «Sharples». Poe reparou que «BFil» tinha sido acrescentado a caneta. Uma voz sumida respondeu do outro lado:

— Sim?

Olharam um para o outro. Flynn revirou os olhos. Aproximou-se e, numa voz clara, disse:

— National Crime Agency, Sr. Sharples. Gostaríamos de falar consigo.

Fez-se um silêncio significativo. Acontecia sempre o mesmo quando se apresentavam. Podiam não ter o estatuto do FBI — os

seus homólogos americanos —, mas o nome era suficiente para assustar as pessoas. Por fim, a porta abriu-se.

O apartamento de Sharples ficava no último andar, e ele estava à espera à porta. Era um homem alto e magro. Não pediu para ver a identificação, mas eles mostraram-na na mesma. Ele virou-se sem olhar para eles. Eles entraram atrás dele.

A moradia podia ser georgiana, mas o interior era do século XXI. A sala de estar grande tinha piso em carvalho polido. Havia quadros modernos pendurados nas paredes caiadas. Uma grande secretária com um portátil *Apple* dominava a parede com janela. Numa estante, encontrava-se uma seleção de livros intelectuais: *Guerra e Paz*, de Tolstoi, *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, uma edição em inglês arcaico de *Beowulf*. Nenhuma das lombadas estava vincada, e Poe percebeu de imediato que estavam ali apenas para enfeitar. Ele estendeu-lhes a mão.

— Os meus amigos tratam-me por Frankie.

Desta vez, foi Poe quem revirou os olhos. Garantiu que Sharples via. Depois de inspecionar o resto da sala, Poe disse:

— Posso perguntar o que estava a fazer quando batemos à porta?

— Estava a trabalhar — respondeu ele.

Poe duvidou da afirmação. O portátil estava em modo de suspensão e ele reparou que o leitor de Blu-ray estava ligado. A caixa de um Blu-ray de *Transformers* estava aberta, e havia uma chávena de café em cima da mesa, à frente de um televisor de ecrã gigante. Poe não esperou para ser convidado; sentou-se no sofá de pele castanha.

Sharples tentou lançar-lhe o mau-olhado. Era um homem estranho. Uma barba púbica cobria-lhe o queixo, e o seu bigode podia ser feito de pestanas. A maçã de Adão era tão grande que parecia que ele tinha engolido um triângulo. O seu cabelo ralo estava apanhado atrás, num rabo de cavalo. Usava calções, t-shirt e sandálias de couro. Uma tatuagem preta espreitava no osso por trás

da sua orelha.

Como é que um cretino destes chegou a trabalhar para o departamento rodoviário da Câmara? Nada do que Poe tinha visto batia certo com o facto de ele alguma vez ter tido um trabalho braçal.

Flynn explicou o que estavam ali a fazer e Sharples retesou os músculos. A recordação ainda estava muito presente. Tocou na orelha quando Flynn lhe perguntou se ele sabia alguma coisa que pudesse ajudá-los. Poe olhou com mais atenção e percebeu que ele estava a passar os dedos pela tatuagem. Continuou a tocar-lhe enquanto recordava a sequência de eventos no depósito de sal de Hardendale.

Admitiu ter descarregado o conteúdo da pá da escavadora em vez de a pousar. Derek Bailiff fora seu amigo e mentor. O facto de ter causado a sua morte deixara-o de rastos. E não, não se lembrava de nada que fosse útil sobre o corpo que não tivesse contado à polícia. Não tinha visto grande coisa. De início, vira apenas a mão de fora e, mesmo depois de ter descarregado a carga em cima de Bailiff sem querer, a maior parte do cadáver permanecera soterrada. Não estava presente quando o cadáver foi levado. Demitira-se antes de ser despedido.

Era evidente que já tinha contado a história várias vezes. Não precisou de fazer pausas para se lembrar dos pormenores. Pareceu ensaiado, e Poe não conseguia deixar de sentir que Sharples escondia alguma coisa. Sabia que era frequente as testemunhas fazerem aquilo; tentavam apresentar-se à melhor luz possível, sobretudo um pavão como Sharples.

Precisava de o fazer sair do discurso estudado.

— Que tatuagem é essa, Sr. Sharples? — Poe preferia comer sushi comprado numa bomba de gasolina a chamar Frankie a alguém.

Sharples virou-se para eles poderem ver. Flynn inclinou-se para a

frente.

— Parece ser um círculo.

— É uma ouroboros. Uma serpente a comer a própria cauda. Simboliza o ciclo da vida. Significa...

— Eu sei o que significa — interrompeu Poe.

— Fi-la depois do incidente. É uma recordação privada da fragilidade da vida.

— Gostava de me lembrar de qual é a minha filosofia pessoal — murmurou Poe. Precisava de o afastar daquele umbiguismo à volta do Francis Sharples. Precisava de o espicaçar, de o fazer falar sem pensar. — E é uma recordação privada o tanas! Tem-na atrás da orelha para as pessoas lhe fazerem perguntas sobre ela. Adora falar do que aconteceu. Deve ter sido a coisa mais emocionante que já lhe aconteceu.

— Não!

Não o deixes recuperar a compostura; deixa-lhe os nervos em franja!

— O que faz, Sr. Sharples?

— Já lhe disse que estava a trabalhar.

— Não, o que faz na vida? Qual é a sua profissão?

— Sou escritor. Estou a escrever sobre a crescente relevância da filosofia num mundo cada vez mais pequeno.

— Tem obra publicada?

— Ainda não. Mas tive respostas bastante promissoras às minhas propostas.

— Posso ver?

— Ver o quê?

— As cartas dos editores e agentes.

— É evidente que não percebe nada do mundo editorial, inspetor Poe. Atualmente, é tudo feito verbalmente.

— Sim, só ouço tretas — disse Poe. Antes que Sharples pudesse protestar ou Flynn pudesse intervir, ele prosseguiu: — O que nos

está a esconder?

Sharples empalideceu e olhou para Flynn. Os olhos dela estavam cravados nele.

— N... n... nada — gaguejou.

— Há quanto tempo vive aqui?

— Há cerca de três meses — respondeu.

— E antes disso?

— Vivia em casa.

— Então, o que nos esconde? — insistiu Poe. — Sabe que vamos descobrir.

Sharples manteve-se firme. Poe desconfiou que estava perante uma situação de risco/recompensa, e, sem um bastão para lhe bater ou uma cenoura para o aliciar, ele não tinha motivo para dizer o que quer que fosse. Mas era um cretino com educação superior. Poe percebeu que mais meia hora e ele acabaria por ceder. Infelizmente, Sharples pensou o mesmo. Levantou-se e disse:

— Lamento não ter podido ajudar, mas tenho coisas a tratar.

Poe permaneceu sentado, mas Flynn agradeceu-lhe e ficou à espera do colega.

— Podias ter-lhe dado a volta — disse Poe, enquanto desciam as escadas.

— Possivelmente. Mas a verdade é que ele não é um suspeito. Só porque não gostas de pseudointelectuais, isso não significa que eles estejam a esconder alguma coisa.

Poe não tinha resposta. Ela tinha razão; Sharples tinha-o feito perder as estribeiras.

— Vamos — disse ela. — Por hoje já chega.

Poe podia tê-la convidado para jantar num restaurante indiano em Carlisle, mas só queria ir para casa. Tinha muito em que pensar. Sabia que estavam a estagnar. O Imolador era demasiado inteligente e bem organizado para ser apanhado através do seguimento cego do manual de caça ao assassino. Mas esse

manual e as estratégias de investigação mais previsíveis eram as únicas armas de Gamble e Flynn.

Ele tinha de arranjar maneira de mudar isso.

Capítulo 18

Poe chegou a Herdwick Croft e deu com Bradshaw imersa no computador. *Edgar* estava aninhado aos seus pés, a ressonar como um homem obeso. Ela não tinha descoberto mais nada sobre o Homem de Tollund. Poe tinha a certeza de que ela não se importaria de continuar a trabalhar, mas insistiu em levá-la ao hotel. Teria gostado da companhia, mas precisava de pensar.

Quando regressou ao chalé, assobiou para chamar *Edgar* e levou-o numa longa caminhada — a melhor maneira que conhecia para desanuviar as ideias.

Caminhou vigorosamente até começar a transpirar e depois abrandou até chegar a um ritmo que conseguiria manter durante horas. Pensou que teria mais duas horas de luz solar. Encontrou uma pedra plana num afloramento rochoso e sentou-se. Tirou uma tarte de porco do bolso e partiu-a em dois pedaços iguais. Trincou um pedaço e deu o outro a *Edgar*. Desapareceu enquanto o diabo esfrega um olho.

Estava numa zona que conhecia bem. Era a sua zona do raciocínio, como lhe chamava. Era uma parte da colina onde dois muros de pedra se cruzavam. Dois artesãos diferentes tinham trabalhado naqueles muros, porque a diferença em termos de estilo era gritante, apesar de ambos serem igualmente impressionantes e bonitos.

Olhou fixamente para o muro para o qual estava virado e permitiu que a sua mente se concentrasse nele. Muros de pedra — construídos sem o auxílio de qualquer aglutinante — eram basicamente quebra-cabeças tridimensionais em larga escala. Dois

muros, com pedras mais pequenas a preencher as lacunas no meio. Poe considerou que pareciam as duas vertentes da resolução de homicídios complexos.

De um lado estavam Gamble e Flynn, que construíam metodicamente a sua investigação, pedra a pedra, de forma cuidadosa e ponderada. Do outro lado estavam agentes como ele e Reid — mais intuitivos, a enfiar pedras nas lacunas, a torcê-las até caberem. Tentavam abordagens diferentes. E, apesar de Poe saber que o seu lado do muro ruiria sem o apoio daquele que Flynn e Gamble estavam a construir, também sabia que, sem o seu lado do muro, determinados casos nunca seriam solucionados.

E havia outra semelhança a ter em conta antes de Poe admitir que estava a levar a analogia longe demais, que eram as «pedras transversais»; pedras que atravessavam os dois muros, interligando-os. Era uma pedra transversal que Poe procurava; uma prova que ligasse as duas vertentes da investigação.

Estava convencido de que o cadáver no depósito de sal era uma dessas pedras. Tinha de arranjar maneira de a analisar, ou tinha de ser autorizado a apertar com Sharples.

Caso contrário, a pista de Shap era um beco sem saída. Ficaria sem opções.

A menos que...

A ideia tinha surgido quando voltara de Carlisle com Flynn. Na névoa vermelha de uma testemunha mentirosa e uma chefe estranha, parecera-lhe a solução mais lógica. No ar fresco da noite, parecia tudo menos isso.

Sabia que algumas pessoas pensavam que a sua reputação de seguir as provas até ao fim se devia a uma sensação de superioridade moral. Que ele tinha um apreço por uma versão mais pura da verdade que não estava ao alcance de polícias de menor estatuto. A verdade era mais simples — se ele achava que tinha razão, o elemento autodestrutivo da sua personalidade tornava-se

dominante. Isso fazia com que, amiúde, o diabinho que estava sentado no seu ombro se sobrepusesse ao anjinho. Naquela altura, o anjo não tinha sequer permissão para falar...

A sua cara tornou-se granítica. Se não o fizesse, quem o faria? Por vezes, alguém tinha de se chegar à frente. Desempenhar as tarefas desagradáveis para que mais ninguém tivesse de o fazer.

Levou a mão ao bolso, certificou-se de que o telemóvel tinha rede e marcou um número. Reid atendeu ao terceiro toque.

— Kylian, preciso que me faças um favor, mas não podes dizer nada a ninguém.

Capítulo 19

Poe regressou a Herdwick Croft. Foi buscar outra tarte, voltou a partilhá-la com *Edgar* e sentou-se à espera. Não demorou muito tempo. Meia hora depois, Reid ligou-lhe. Tinha aquilo de que Poe precisava, e este explicou a Reid o porquê do pedido. Tomou nota, agradeceu-lhe e desligou.

Com o *BlackBerry* ligado, percorreu a lista telefónica até encontrar o número de Van Zyl. Imaginou alguns cenários e acabou por decidir contar a verdade.

Van Zyl atendeu ao primeiro toque e Poe explicou-lhe o que queria. O diretor não perdeu tempo com dramatismos amadores — era um homem astuto e ainda um grande polícia. Fez algumas perguntas incisivas a Poe, às quais este respondeu da forma mais sincera possível.

No final, Van Zyl ficou em silêncio. Alguns instantes depois, o diretor pronunciou-se.

— Tem a certeza, Poe?

— Não, senhor.

Van Zyl grunhiu.

— Mas tem tanta certeza quanto possível?

Até que ponto estava certo do que tinha afirmado? Seria apenas um palpite, ou a última tentativa de um homem que estava a ficar sem opções? Passou mentalmente em revista aquilo que sabia.

— Poe... — vociferou Van Zyl.

— Senhor — respondeu ele, por fim. — Estou tão certo quanto posso estar.

— E não há outra maneira?

— Creio que não, senhor.

— Pois bem — suspirou. — Dê-me o que tiver.

— É um formulário de 12 páginas, senhor — disse Poe. — Vou preenchê-lo e depois envio-lho por e-mail.

— Está em casa, certo?

— Estou, sim.

— Quando chegar ao hotel para usar o wi-fi, já terá perdido meia hora — disse Van Zyl. — Presumo que queira despachar isto o mais depressa possível?

Apesar de estar a falar ao telefone, Poe acenou com a cabeça.

— Sim, senhor.

— Então, deixe estar que eu preencho. Seja como for, precisa da minha assinatura, e, se quer despachar isto, vou precisar dessa meia hora para acordar umas quantas pessoas.

— Em que posso ajudar, senhor?

— Sugiro que durma um pouco, Poe. Eu ligo-lhe se precisar de mais informações. Caso contrário, pode contar com uma cópia do fax no hotel.

Só depois de ter desligado é que Poe percebeu que Van Zyl não fez referência a Flynn. Ficou contente com isso. Significava que não teria de mentir. E, apesar de ser complicado, se tudo corresse de feição, podia bem ser que mais ninguém soubesse.

Duas horas depois, Poe ainda não tinha novidades. Decidiu esperar no hotel. Tinha o estômago cheio de uma energia nervosa e não conseguia concentrar-se nas páginas do romance que estava a ler. Dormir estava fora de questão.

Não contava com o fax tão cedo, mas podia ver se Bradshaw ainda estava acordada. Se assim fosse, podia não se importar de encontrar uns podres sobre Sharples. Ainda não estava disposto a largar aquele anormal.

Vestiu o casaco e disse a *Edgar*:

— Queres ir ver a Tilly?

A cauda do *spaniel* começou a abanar. Parecia que sim.

*

Poe disse à rececionista que estava à espera de um fax. Pediu-lhe para ligar para o quarto de Bradshaw. Ela não atendeu. Olhou para o relógio do escritório. Eram 22 horas e ele desconfiou que ela estivesse a dormir com o telefone fora do descanso; só porque ele sofria de insónias, não significava que todos os outros sofressem também.

Estava a ponderar implorar por um café quando Darren, um dos barmen do hotel, se aproximou da receção.

— Onde está o gerente de serviço? — perguntou Darren.

— Está com clientes na Bath House — respondeu a rececionista.

— Porquê?

A Old Bath House correspondia exatamente à descrição: era um balneário. Um edifício autónomo na parte da frente do hotel, usado por hóspedes que procuravam mais privacidade.

Darren parecia agitado.

— O que se passa? — insistiu a rececionista.

— Há problemas no bar.

Poe já não trabalhava na esquadra local, mas não deixava de ser polícia.

— Mostre-me — disse. O seu tom de voz não admitia discussões.

Seguiu o barman até à zona do bar principal. Era antiquado, com sinais de desgaste; parecia um clube operário e atraía uma estranha amálgama de clientela. Quando Poe bebia um copo no hotel, preferia usar o bar mais pequeno que ficava à esquerda da receção. Só recorria ao bar principal quando precisava de usar o wi-fi gratuito.

— Pedi-lhes para a deixarem em paz, senhor — disse Darren —, mas eles mandaram-me à merda.

Poe olhou para o sítio para onde ele estava a apontar. A sua respiração tornou-se mais acelerada. O animal que tinha dentro de si ficou agitado. *E Bradshaw, que estava a começar a sair da casca...*

Ela estava sentada junto à janela, a tentar jogar no portátil. Poe reconheceu os auscultadores que ela usava quando jogava com outros jogadores. Havia três homens à volta dela. Tinham todos crachás com os nomes. Ele detestava participantes de conferências; assim que se afastavam de casa, pareciam pensar que as regras da sociedade deixavam de ser válidas, e era óbvio que aqueles palhaços tinham passado o dia a beber. Poe viu um deles a tirar os auscultadores dos ouvidos de Bradshaw e a sussurrar qualquer coisa.

— Pare com isso! — exclamou ela, arrancando-lhos da mão. Tinha os olhos esbugalhados, enquanto olhava fixamente para o ecrã.

O homem que lhe tirara os auscultadores repetiu a gracinha. Bradshaw voltou a tirar-lhos. Os três homens riram-se.

Outro dos homens levou-lhe uma garrafa de cerveja à boca e tentou incentivá-la a beber. Ela abanou a cabeça e a cerveja entornou para a t-shirt dela. Os homens voltaram a rir.

— Quer que chame a polícia, Sr. Poe?

— Eu trato disto, Darren.

Aproximou-se da cena. Um dos homens deu por ele. Sussurrou algo para os outros e eles viraram-se. Os três pareciam ter sido apanhados a usar as cuecas das mães. Bradshaw parecia pequena e frágil, mas... tinha aço no olhar. Não estava a chorar nem a pedir ajuda. Estava a enfrentá-los.

— O que se passa, rapazes? — perguntou Poe. A sua voz estava calma, mas deixava transparecer as suas intenções. Quando Bradshaw o viu, ele percebeu que nunca esqueceria o seu olhar de alívio.

O homem que estava a tentar tirar os auscultadores de Bradshaw disse:

— Estávamos só a brincar aqui com o ratinho de sacristia. — Tinha um sotaque sulista e a voz entaramelada. Poe ignorou-o.

— Estás bem, Tilly?

Ela assentiu com a cabeça. O seu rosto estava mais pálido do que o habitual, mas não esmoreceu. Ele teve de reconhecer que coragem não lhe faltava. Conhecia polícias que já se teriam ido abaixo.

— Tilly? Como é que este monte de merda sabe como te chamas e aqui ao Karl não disseste o teu nome? — perguntou o homem embriagado. — Até parece que não gostas de mim. Não gosto de pessoas que não gostam de mim.

Meu Deus...

— Porque não vais esperar junto ao bar, Tilly? Já vou ter contigo — disse Poe.

Bradshaw tentou levantar-se, mas o homem que se chamava Karl pôs-lhe a mão sobre o ombro e empurrou-a para baixo.

— Não vais a lado nenhum, minha linda.

O animal que havia dentro de Poe preparou-se para atacar. Estalou os dedos e rodou os ombros... Sabia que podia impedir que a situação fosse mais longe se mostrasse o distintivo da NCA. Também sabia que não o faria; há lições que têm de ser dadas fisicamente.

— Está tudo bem, Tilly — sossegou-a. — Estes homens já estão de saída.

— Não me digas — desafiou Karl. Levantou-se para enfatizar a sua estatura. Sorriu quando viu Poe a tirar-lhe as medidas.

— Porque não te pões a milhas, parceiro? — disse. — Não saio daqui enquanto não descobrir se esta cabra frígida é das que cospem ou das que engolem.

Com isto, levantou uma garrafa vazia pelo gargalo. A ameaça era

óbvia.

Poe virou-se para o encarar, mas estava a falar com os três.

— Pousem as bebidas. Saíam imediatamente daqui e não voltem.

— A sua voz era um rosnar.

O homem que estava relativamente mais sóbrio (Poe vislumbrou um crachá com as palavras «chefe de equipa») disse:

— Vamos embora. — Poe percebeu que ele tinha reconhecido sarilhos, mesmo que os colegas mais embriagados não tivessem.

— Senta-te! — silvou Karl. — Não vamos a lado nenhum. Vou dar uma lição a este macaco nortenho. — Poe sorriu educadamente. — Ouve bem, meu filho da puta, já me comesas a chatear. Desaparece! — Poe permaneceu calado, limitando-se a sorrir. A testa de Karl gotejava de suor. — Esta é a tua última oportunidade — ameaçou. — Sai daqui!

Última oportunidade? O que foi feito da primeira oportunidade?

— Vou contar até cinco — disse Poe. — É o tempo que têm.

— Karl! — chamou um dos amigos. — Vamos embora!

Karl já tinha passado do ponto sem retorno.

— O que acontece quando chegares ao cinco?

— Um — começou Poe.

— Estou borrado de medo — desafiou.

— Eu sei — retorquiu Poe. — Dois.

Homens como Karl raramente têm um plano de contingência. Poe continuou:

— Três... Quatro...

Karl franziu o sobrolho. Poe encurralara-o. Ele ia lutar.

Ótimo.

Poe podia ficar a perder em termos de peso e altura, mas tinha sido polícia de Cúmbria durante quase uma década. Andar à pancada não lhe custava muito, e sabia o que fazer quando alguém o ameaçava com uma garrafa. Com os músculos mais céleres do que o próprio cérebro, Poe agarrou na mão de Karl. Este fez ainda

mais força no aperto.

Grande erro.

Poe não estava a tentar desarmá-lo. Ele *queria* que Karl agarrasse na garrafa. Levantou a mão de Karl e bateu com ela na mesa.

A garrafa partiu. Estilhaços de vidro espalharam-se pela mesa. À exceção de Bradshaw, que tirou o portátil do caminho, ninguém se mexeu. As poucas pessoas que restavam no bar olharam para eles. Voltaram a concentrar-se nas bebidas quando Poe as olhou devolta.

Poe continuou a agarrar na mão de Karl. Este começou a tremer. A sua expressão passou de raiva alimentada pela cerveja para dor agonizante. Empalideceu. Começou a soluçar.

Partir uma garrafa para usar como arma não é como nos filmes. Parti-la contra uma mesa mantendo o gargalo intacto para agarrar com um rebordo pontiagudo para esfaquear alguém não acontece na vida real. Como Karl acabara de descobrir, o vidro é quebradiço e imprevisível. Quando parte, não controlamos até que ponto ele estilhaça. Karl tivera nas mãos uma arma mortífera; agora estava a agarrar um punhado de vidros afiados. O sangue escorria-lhe por entre os dedos.

Poe apertou.

Karl gritou.

Poe sabia que o risco de danos permanentes era real, mas não se importou; não andamos ao soco com pessoas como Karl. E ele tinha de perceber que a retaliação desencadearia uma resposta desproporcionada que mudaria a sua vida.

Poe baixou a mão. Karl caiu de joelhos, como se tivesse sido alvejado. Voltou a gritar. Com a mão livre, Poe tirou e abriu o distintivo.

— Boa noite, meus senhores — disse. — Sou o inspetor Poe e a senhora que estavam a molestar é minha amiga. Ambos trabalhamos para a National Crime Agency. Pois bem, estamos todos de acordo que estão metidos num sarilho dos diabos?

O homem mais sóbrio assentiu. Poe inclinou-se para lhe ler o crachá.

— MWC Computer Engineering? Não conheço.

— Somos uma empresa que...

— Não preciso de mais informações, seu cretino — atalhou Poe.

— Mas, se o Karl quer voltar a usar a mão, precisa de ir já ao hospital. Não é de manhã, quando estiverem sóbrios. — O silêncio foi interrompido pelos soluços de Karl. — Agora, façam o favor de desaparecer deste hotel.

Levando Karl pela mão lesionada, conduziu-os pelo bar até à zona da receção. O homem sóbrio encaminhou-se para as escadas.

— Aonde julga que vai? — perguntou Poe.

— Vou buscar a minha mala.

— Não, meu caro — retorquiu Poe. — Eu disse para desaparecerem, e é agora, não quando vos dá jeito.

— Mas as nossas coisas. Tenho computadores lá em cima...

Ele calou-se sob o olhar de Poe, que interpelou a rececionista.

— Zoe, chamas um táxi para estes senhores? Diz ao taxista que não precisa de vir ao hotel; pode apanhar estes três idiotas na A6. Acho que precisam de apanhar ar. — Virou-se para os três homens. — O táxi vai levar-vos ao hospital. Se fosse a vocês, despachava-me; têm de andar um quilómetro e meio até à saída da autoestrada.

Poe largou a mão de Karl e os homens cambalearam até ao parque de estacionamento.

— Antes de irem, quanto dinheiro têm?

— Está a assaltar-nos? — perguntou o mais sóbrio.

— O sangue do Karl sujou a alcatifa do bar — respondeu Poe.— Não acho justo que seja o hotel a pagar a limpeza. Não concordam?

*

Bradshaw ainda estava no bar. Tremia, mas sorriu quando viu

Poe. Estava a fazer festas a *Edgar*, que tinha ficado quieto durante a refrega. Poe pediu bebidas. O barman não lhe levou dinheiro.

— Estás bem, Tilly? — perguntou. — Lamento que tenhas visto aquilo.

— Porque insiste em salvar-me, Poe? É a segunda vez.

Poe riu-se, mas Bradshaw não. Ela estava a falar a sério.

— Não foi um salvamento — respondeu-lhe. — Seja como for, não suporto rufias.

— Oh — disse ela. Pareceu um pouco desanimada.

— Vá lá, Tilly, podemos não ter começado da melhor forma, mas és minha amiga. Sabes disso, não sabes?

Ela ficou em silêncio, e, por instantes, Poe pensou que tinha dito algo errado. Uma lágrima solitária corria-lhe pelo rosto.

— Tilly...

— Nunca tive amigos — confessou.

Ele não sabia o que dizer, e acabou por se ficar por isto:

— Mas agora tens um.

— Obrigada, Poe.

— Seja como for, é a tua vez de me salvar.

— É para já. — Ela franziu o sobrolho. — Cuspir ou engolir o quê, Poe? O que quis ele dizer?

Poe foi salvo pela rececionista, que entrou na zona do bar com um molho de papéis. Ele ergueu as sobrancelhas e ela acenou. O fax tinha chegado. Ele leu a primeira página. Por algum motivo, estava marcado para as 5h18, mas os trabalhos preparatórios teriam início nas horas seguintes. Ele não precisava de estar presente, mas queria estar.

— Vou ter de me ausentar, Tilly. — Levantou-se, pondo de parte a ideia de lhe pedir para procurar podres sobre Francis Sharples.— Ficas bem?

— Sim, Poe.

Ele fez uma pausa.

— E tenta não te preocupar com aqueles idiotas, Tilly. Se não fosses tu, teria sido outra pessoa qualquer. Vê as coisas desta maneira: és uma agente da NCA. Imagina como teria sido para uma pessoa que não fosse. Encara isto como aquela cena do copo meio cheio.

Bradshaw tirou os óculos e limpou-os com um pano especial que guardava na mala. Depois de voltar a pô-los, prendeu o cabelo atrás da orelha e disse:

— O copo não está meio cheio, Poe. Nem meio vazio.

— Então, está como?

Ela esboçou um sorriso escarninho.

— É duas vezes maior do que precisa de ser.

Bradshaw ia ficar bem.

Capítulo 20

Parkside era um dos dois cemitérios que o município geria na zona de Kendal. Poe já tinha ido a funerais naquele cemitério, por isso não precisava de indicações sobre como chegar lá. Era enorme, prolongando-se pelos dois lados de Parkside Road, e estava dividido por denominação e religião.

Ele tinha de se dirigir à zona K. Era a mais distante da capela e do estacionamento; e porque não haveria de ser? Nunca ninguém a visitava.

Encontrar a sepultura foi mais difícil do que ele pensava. As nuvens — apesar de manterem a temperatura ambiente quente — acentuavam o manto de escuridão que cobria o cemitério. Privava-o dos seus sentidos, e ele recriminou-se por não ter levado uma lanterna. Tinha uma no carro, mas era pouco mais do que um tubo de transporte de pilhas descarregadas. A lanterna do *BlackBerry* mal rompia a escuridão.

Após meia hora de avanços vacilantes, tropeções em raízes de árvores expostas e avanços por entre teias de aranha, Poe chegou por fim à zona K. Algumas zonas ficavam no meio de arvoredo pouco denso, mas a K ficava num dos espaços mais abertos.

Começou a ler as lápides. Era uma zona mais antiga do cemitério e a maioria das sepulturas eram monumentos simples; lápides desgastadas com inscrições esmaecidas. Nomes, datas e mensagens de amor simples. Ocasionalmente, uma patente militar. Algumas estavam limpas; outras, manchadas de verde; uma meia dúzia estava totalmente coberta de musgo. Algumas das mais antigas ficavam juntas, como velhas amigas. Ele estremeceu; como

era possível que um sítio fosse tão cheio e tão vazio ao mesmo tempo?

Por fim, lá encontrou o que procurava. Estava numa das extremidades da zona K, numa área mais pequena em que não tinha reparado, ocultada por um grande mausoléu. Não o vira antes, porque nenhuma das sepulturas tinha lápide.

A área estava ligeiramente coberta por um plátano. Olhou para baixo e viu sete placas de madeira alinhadas em fila. Poe sabia que era aquilo que procurava.

A lógica — e era compreensível que naquela parte da zona K a lógica desempenhasse um papel importante — ditava que ele comesse pelo fim da fila. Sentia o cheiro da terra revolvida recentemente e, quando fez incidir a luz da lanterna na placa à direita, encontrou o que procurava.

A placa dizia simplesmente «Indivíduo do sexo masculino desconhecido». A data do enterro aparecia em letras mais pequenas, juntamente com um número de referência de oito dígitos que batia certo com o que Reid lhe dera; número que constava também do fax que Van Zyl lhe enviara.

Poe deu um passo atrás e olhou para a zona circundante. Não sabia o que procurava e não deu por falta de nada. Era um dos motivos por que quis antecipar-se aos serviços do município; queria analisar a zona antes de ser perturbada e espezinhada. Ver se alguém tinha andado por ali a mexer. Parecia que não; a campa do Homem de Tollund era recente, mas não muito.

Se encontrasse alguma coisa, seria no subsolo.

Sentou-se à espera. Olhou para o relógio. Já não faltava muito.

A funcionária do gabinete de saúde ambiental chamava-se Freya Ackley. Tinha cabelo ruivo e sotaque de Newcastle. Parecia aliviada por constatar que havia alguém à sua espera.

— Inspetor Poe?

Poe mostrou-lhe a identificação.

— Tem coisas a fazer antes de começar o circo?

Ela acenou.

— Por norma, preciso de cinco dias para as minhas diligências. Fui acordada pelo diretor do gabinete de saúde ambiental do município de South Lakeland District há duas horas, que me disse que o Ministério da Justiça tinha uma incumbência que não podia esperar.

Ela não estava a reclamar; estava nervosa. Poe percebeu que era a primeira exumação que ela supervisionava. Ackley tirou um grande dossiê da mochila e abriu na página do resumo.

— Preciso de encontrar a sepultura — anunciou.

— Ali — apontou Poe. — É aquela mais recente da ponta.

Ela tirou um documento da bolsa interior do dossiê. Era igual ao de Poe. Encaminhou-se para a sepultura e apontou a lanterna para a placa de madeira. Confirmou três vezes e chamou Poe.

— Confirmo que esta é de facto a sepultura que consta do pedido de exumação.

— Certo — assentiu Poe.

— E pode confirmar o motivo da exumação?

Poe leu o fax que tinha na mão.

— Para auxiliar uma investigação importante em curso.

— E o motivo da urgência?

Era o mesmo motivo. Poe repetiu. Ela olhou fixamente, mas ele não desenvolveu.

Ackley voltou a concentrar-se no formulário.

— Como se trata de um cadáver incógnito, não há família a quem pedir autorização, e confirmo que esta zona do cemitério não é solo consagrado nem uma sepultura de guerra. Confirmo também que o cadáver pode ser desenterrado sem perturbar outros restos mortais e que a autoridade que controla o cemitério não levanta objeções.

— Estamos prontos para avançar?

— Estamos, inspetor Poe. Os funcionários não demoram. Vamos começar às 05h18. — Poe olhou para ela intrigado, reparando na estranha hora da exumação. — É a hora oficial do nascer do Sol. Se fizermos isto durante o dia, dispensamos a iluminação especializada, o que significa que não preciso que o gabinete de higiene e segurança certifique o gerador, o equipamento de iluminação e os cabos. Reduz a burocracia e o número de pessoas que têm de estar presentes.

Uma funcionária pública que desprezava a burocracia? Poe gostava de Freya Ackley.

Capítulo 21

Às 4h30, chegaram os coveiros. Eram três. Estavam preparados para a tarefa que tinham em mãos. Tiraram as flores das sepulturas adjacentes e montaram biombos de plástico azul para garantir a privacidade. Findos os preparativos, desapareceram, regressando pouco depois com fatos de proteção para todos. Não esperavam mais ninguém; já tinha sido feita uma autópsia forense, por isso Poe não precisava — nem queria — investigadores forenses no local. Estava ali simplesmente para satisfazer a sua curiosidade; se encontrasse algo fora do normal, mandaria parar os trabalhos e chamaria Flynn.

Como o pedido de exumação só contemplava uma análise dos restos mortais no local, dois dos coveiros foram buscar o novo caixão do Homem de Tollund, um ataúde de grandes dimensões designado por «invólucro». Era de madeira, com o interior revestido de alcatrão. Tinha um forro em zinco e uma membrana em plástico estanque. Os restos mortais do Homem de Tollund, o seu caixão e tudo o mais que encontrassem na sepultura seriam colocados nesse «invólucro», selados e novamente enterrados na sepultura original.

Ackley tinha de aprovar o «invólucro» — uma tarefa que teria sido levada a cabo nos habituais cinco dias de diligências. Verificou a nova placa na tampa para se certificar de que correspondia à que estava na sepultura e no pedido de exumação. Pediu a Poe para confirmar. Ele assim fez. Eram idênticos.

Estava tudo a postos. Só tinham de esperar pelo nascer do Sol. Ackley aproveitou para ler as instruções obrigatórias. Na qualidade de técnica do gabinete de saúde ambiental, competia-lhe garantir o

respeito pelo falecido. Mais importante ainda, competia-lhe garantir que a saúde pública ficava salvaguardada durante a exumação. Leu a Poe e aos coveiros as instruções relativas ao risco de infeção dos restos mortais e do solo das sepulturas circundantes. Doença de Creutzfeldt--Jakob, tétano e até mesmo varíola eram doenças transmissíveis que continuavam ativas após o enterro. Ackley estava a ler instruções--padrão e Poe prestava-lhe a mesma atenção que dedicava às hospedeiras a demonstrarem procedimentos de segurança; o Homem de Tollund passara décadas enterrado em sal e já fora examinado e autopsiado — não havia risco. Duvidava que estivesse ali há tempo suficiente para ter dado início ao processo de decomposição.

Poe olhou para o relógio. Já era de manhã: 5h18. Fechou os olhos e tentou acalmar-se. Tentou não pensar no cabeçalho dos jornais no dia seguinte: «Ex-polícia profana túmulo».

Foi nesta altura que alguém se aproximou dele e lhe rosnou ao ouvido:

— Mas que merda vem a ser esta, Poe?!

Poe abriu os olhos de repente. Flynn fixava-o com raiva no olhar. Nunca a vira tão irada.

Começou a falar, mas ela cortou-lhe a palavra.

— Como te atreves?!

— Steph, ouve...

— Nem tentes, Poe — cortou. — Nem tentes, porra!

Poe não tentou.

— Falei com o Van Zyl ontem à noite. Ele autorizou e falou com toda a gente para despachar o processo — disse ele. — Lamento, mas já está feito.

— Passaste por cima de mim? — O seu tom de voz era grave.

Poe encolheu os ombros.

— Não diria tanto.

— Então, o que dirias?

Poe não tinha resposta e não fazia tenção de se esconder atrás de lugares-comuns. Teria ficado furioso se tivesse sido ao contrário, mas o Imolador não tinha gravado o nome dela no peito de uma das suas vítimas. Ele não se podia dar ao luxo de se vergar às cortesias processuais.

— É a mim que ele está a provocar, Steph. Não é a ti, nem ao Gamble. E tu conheces-me, sabes porque é que o Van Zyl me chamou: eu sigo o rasto das provas. Elas trouxeram-me aqui.

— Vai-te lixar, Poe! — rosnou ela. — Isso é um pensamento binário e tu estás acima disso. As coisas não são assim tão simples. Há uma forma certa e uma forma errada de fazer as coisas, e esta é obviamente a forma errada. O que dirá o superintendente Gamble quando descobrir que a NCA exumou um cadáver na sua investigação sem lhe dizer? Certamente que irá aos arames.

— Diz-lhe que a culpa é minha — retorquiu Poe.

— Digo que a culpa... De quem mais haveria de ser?

Estava bem visto. O caso Peyton Williams parecia repetir-se. Poe estava errado, mesmo quando tinha razão. Entregou a Flynn o fax com o pedido de exumação.

— E o Van Zyl não se importou de me excluir da minha própria investigação? — O seu tom de voz parecia ligeiramente mais brando. Provavelmente, já tinha percebido que iriam exumar o cadáver quer ela quisesse quer não. A curiosidade profissional estava a levar a melhor sobre a indignação.

— Sinceramente, Steph, acho que ele não percebeu. Acho que partiu do princípio de que eu estava a agir de acordo com as tuas instruções. — Poe, na verdade, não pensava nada daquilo. Van Zyl era um homem inteligente e pragmático. Se não tinha mencionado Flynn, era porque não queria mencioná-la. Não quis que Poe lhe mentisse. Já devia ter percebido que ele estava a agir por conta própria, e o mais certo era ter ficado contente por Poe não ter cavado ele próprio a sepultura. Mas não queria subverter demasiado

a hierarquia; haveria repercussões. Teria de ficar do lado de Flynn quando o cadáver fosse novamente enterrado. — Presumo que o Van Zyl te tenha ligado.

Ela assentiu com a cabeça.

— Ligou-me de imediato. Disse que o meu pedido de exumação estava na receção. Podes imaginar a minha surpresa.

Poe imaginava. Quase esboçou um sorriso, mas conteve-se. Não era altura para ser conciliatório; Flynn precisava de estar fula com ele mais algum tempo.

Ela acabou por dizer:

— Ouve, Poe, quando isto acabar, podes muito bem voltar a ocupar o cargo de chefia. E, se isso acontecer, ótimo; não me importo nada de voltar a ser a tua subinspetora. Mas, enquanto isso não acontecer, só te peço que me trates com o respeito com que eu sempre te tratei.

Será que ela pensava mesmo que ele tinha passado por cima dela porque não a respeitava? Que lhe custava prestar contas a uma antiga subordinada? Esperava que não, porque nada podia estar mais longe da verdade. Flynn fora uma péssima subinspetora, mas estava a revelar-se uma excelente inspetora-chefe. Tinha potencial para ser melhor chefe que ele alguma vez tivera. Estava irritada e com todaa razão.

Ele disse-lhe isso mesmo e ficou satisfeito quando a viu corar.

— A culpa é toda minha, Steph. Quando o Gamble descobrir, dou o peito às balas e digo-lhe que não tiveste nada que ver com isto.

— Vai-te lixar, Poe! — exclamou ela, suspirando. — Estamos juntos nesta salgalhada.

Ela olhou para o relógio.

— Vá lá, está na hora.

A terra estava fofa e húmida, e os coveiros fizeram parecer que não custava nada. Com as suas pás enormes, cavaram a terra em

movimentos rápidos e ponderados. Poe não sabia quão fundas eram as sepulturas. Pensou na expressão «sete palmos de terra», mas não sabia se era a contar da parte de cima ou de baixo do caixão, ou se era apenas uma frase sem a menor correspondência com os regulamentos dos cemitérios modernos. Após dez minutos a escavar, livraram-se das pás, e um deles entrou no buraco e começou a retirar o que restava da lama com as mãos. Pouco depois, a madeira ficou exposta. As cintas usadas para baixar o caixão estavam molhadas e sujas, mas ainda em bom estado — não tinham sido enterradas há muito tempo —, e ele passou-as para os colegas que se encontravam à superfície. Não valia a pena usar umas novas quando as da cova ainda estavam em condições.

— Vamos levantar o caixão e colocá-lo diretamente no invólucro, inspetor Poe — informou Ackley. — Pode levantar a tampa e examinar o conteúdo a partir dali. Quando terminar, alargamos ligeiramente a sepultura e voltamos a enterrá-lo.

O homem que tinha limpado o caixão e localizado as cintas agarrou na mão do colega e saiu de dentro da cova. Quando o fez, parte da cinta ficou presa à sua perna, o que fez com que ele escorregasse e embatesse na parte lateral do caixão.

A tampa mexeu-se.

Estranho. As tampas dos caixões não eram colocadas como as dos tubos de batatas fritas, pois não? Não deviam ser pregadas ao caixão?

— A tampa... está solta — disse Poe.

Todos espreitaram para dentro da cova.

Um cheiro adocicado e enjoativo a putrefação emanou do caixão. Flynn torceu o nariz, enojada.

— O que é aquilo?

Tirou um lenço do bolso e tapou a boca e o nariz. Havia algo de errado com o cheiro.

— Não sei, mas não é de alguém que esteve enterrado em sal

durante 30 anos — disse Poe. Era demasiado... orgânico. O homem que estava na cova retirou a tampa do caixão. — Pare! — gritou Poe. Baixou-se e agarrou na mão do homem, puxando-o para cima. Virou-se para os três coveiros. — Preciso que pousem as pás e dispam os fatos de proteção. — Com isto, virou-se para a técnica de saúde ambiental. — A Freya também. Isto já não é uma exumação, é um local de crime.

Capítulo 22

O cadáver no caixão não era a carcaça ressequida do indivíduo do sexo masculino desconhecido que eles estavam à espera — era mais uma vítima do Imolador. A julgar pelo cheiro, não era uma vítima recente. Estava tão queimado como o cadáver que Poe vira no círculo em Cockermouth; porém, ao passo que esse tinha um cheiro nojento, mas recente, este tinha um cheiro nojento e putrefacto.

— É a quinta vítima — disse Poe —, ou pelo menos a quinta que encontrámos.

Flynn não conseguia tirar os olhos do cadáver carbonizado que estava na sepultura.

— Presumo que já acredites em mim quando digo que os dois estão relacionados.

— Mas o que se passa aqui, Poe? E onde está afinal o Homem de Tollund?

Poe não fazia ideia.

Mas Flynn tinha acertado em cheio; o facto de a nova vítima estar ali era secundário e de pouco interesse para eles. Isso competia a Gamble e à investigação principal. Poe não tinha dúvidas de que o principal objetivo do Imolador, ao substituir o corpo por outra vítima, tinha pouco que ver com uma travessura; era para impedir que Poe descobrisse a identidade do Homem de Tollund.

Então, porque é que o teria levado até ali?

A menos que... a menos que ele não devesse ter acedido ao caixão tão cedo. Falar diretamente com Van Zyl, em vez de seguir os trâmites burocráticos normais, significava que ele tinha recebido

a autorização de exumação em poucas horas, em vez de em poucas semanas. A sua insubordinação com Flynn pode ter-lhes trazido uma vantagem que eles não deviam ter.

E isso significava que ele tinha uma potencial ponte para a verdade; só precisava de descobrir a melhor forma de a atravessar.

Uma hora depois, a equipa da polícia de Cúmbria chegava ao cemitério. Gamble e Reid foram primeiro, vestidos e equipados a rigor. O médico-legista e a equipa forense iam logo atrás. Não demorou muito até que toda a logística de uma investigação criminal perturbasse a tranquilidade da zona K.

Uma tenda forense depressa cobriu a sepultura. Um perímetro interior tinha sido estabelecido à volta de algumas lápides, e um exterior à volta da zona K.

Quando Gamble percebeu o que tinha acontecido, ficou rubro de fúria. Flynn fez-lhe frente. Mostrou-lhe o pedido de exumação, mas isso não melhorou o seu estado de espírito. Arrancou-lho das mãos e aproximou-se de Poe.

— Mas o que raio é isto?!

Poe olhou para a primeira página. Estava assinada pelo médico-legista do Ministério da Justiça e pelo diretor dos cemitérios do município de South Lakeland District. O motivo da exumação era «exame urgente do conteúdo de um caixão». Continha mais informações, mas no fundo dizia que a NCA acreditava que o caixão continha provas fundamentais para a detenção de um assassino em série. Estava assinado: «Edward van Zyl, diretor dos Serviços de Informações».

— É um pedido de exumação, senhor.

— Eu sei que merda é esta, Poe! — vociferou. — Porque é que o nome da inspetora Flynn não consta do pedido? Porque é que é o seu nome que consta como «requerente»?

Flynn aproximou-se.

— Talvez eu possa explicar, senhor — disse ela. — Como já referi, Ian, o postal que o Poe recebeu ontem fez-nos acreditar que havia provas nesta sepultura que eram essenciais para a investigação. Tentei ligar-lhe, mas não tinha rede. Sabia que queria que despachássemos isto o mais depressa possível, por isso contactei o meu diretor para acelerar o processo. Felizmente, ele dispôs-se a contornar alguns obstáculos e poupar uns dias.

Gamble sabia que ela estava a mentir, mas também sabia que tinha levado a melhor.

— Raios partam esta gente... — Depois de fazer finca-pé durante uns instantes, disse: — Quero um relatório completo introduzido no HOLMES até ao meio-dia, inspetora Flynn. — Depois, virou-se para Poe. — E quero que o afaste da minha investigação!

Quando Gamble se encontrava a uma distância que já não lhe permitia ouvir, Flynn virou-se para ele.

— Lamento, Poe.

— O quê? — exclamou. — Ele não tem autoridade...

— Ordens do diretor. Acabei de falar com o Van Zyl. Passaste por cima de mim e do Gamble. Ele não se pode dar ao luxo de travar uma luta com Cúmbria e, politicamente, não pode insistir que continuem a trabalhar contigo.

O telemóvel de Poe tocou. Era o diretor Van Zyl.

Se Poe pensava que ia ouvir uma descasca sobre hierarquia, estava muito enganado.

— Falei ontem com os Recursos Humanos, inspetor Poe — disse Van Zyl, sem preâmbulo. — Ao que parece, como não contactou ninguém durante o seu período de suspensão, e, mais importante ainda, como ninguém o contactou, acumulou mais de 12 meses de licença. Podemos pagar-lhe esses meses, se quiser, mas, se me pedisse verbalmente para gozar parte dessa licença, agora, eu não colocaria qualquer obstáculo, e creio que a inspetora Flynn também não.

Poe só conseguiu dizer:

— Perdão?

— Quer tirar uns dias de licença? — perguntou Van Zyl. — Caso contrário, terá de regressar hoje mesmo a Hampshire.

— Então... sim...

— Ótimo. Está resolvido. Com efeitos imediatos, vai ficar um mês de licença.

— Porquê, senhor? — perguntou Poe.

Mas ele já desligara.

Poe olhou para o telemóvel que tinha na mão. Flynn aproximou-se, seguida por Gamble.

— Porque é que ele continua aqui? — praguejou Gamble.

— O inspetor Poe foi destacado para outra missão, senhor — disse Flynn. — Mas julgo saber que ele tirou uma licença primeiro. É assim, Poe?

Ele acenou. Gamble grunhiu de satisfação, antes de virar costas. Flynn e o diretor tinham arranjado uma maneira de Gamble salvar a face, mantendo Poe em Cúmbria. Queriam que ele trabalhasse no caso, mas doravante de forma oficiosa.

Tal como ele gostava.

Sabia o que tinha de fazer. Percorreu a lista telefónica no telemóvel e seleccionou a entrada mais recente. Tendo em conta que ainda era muito cedo, a chamada foi prontamente atendida. A voz do outro lado da linha não parecia minimamente estremunhada.

— O que me dizes a fazer trabalho de campo avançado, Tilly?

Capítulo 23

Poe foi deixar *Edgar* e depois apanhou Bradshaw à entrada do hotel. Não se deu ao trabalho de desligar o carro. Bradshaw — uma verdadeira estrela em potência — percebeu que ele tinha trabalhado a noite toda, por isso conseguiu arranjar uns crepes de ovo e um termos de café. Poe comeu os crepes antes de bebericar o café quente, até este arrefecer e ele poder bebê-lo à vontade.

A viagem pela M6 demorou menos de meia hora. Às 8 horas, já estavam em Stanwix. Poe estacionou e aproximaram-se da moradia. Ele apontou para o «BFil» que aparecia depois do nome de Francis Sharples e perguntou:

— Sabes o que isto significa, Tilly?

— Bacharel em Filosofia, Poe.

Poe abanou a cabeça.

— Significa que é um cretino. — Pressionou o botão até ouvir uma voz estremunhada.

— *Iá?*

— Estás a ver? — disse Poe.

Depois de informar Sharples sobre quem estava à porta, e depois de ignorar os protestos sobre a violação dos seus direitos civis, acabaram por entrar.

Tal como anteriormente, Sharples estava à espera deles à porta do apartamento. Ou ele dormia de calções, ou conseguiu vestir-se no tempo que demoraram a subir as escadas. Em vez do sorriso condescendente com que foram brindados da outra vez, percebia-se que agora estava com dificuldade em manter um sorriso nervoso.

Desta vez, Poe não viu motivos para ser simpático. Não sairia dali

enquanto Sharples não lhe contasse tudo.

— A informação que está a ocultar faz agora parte de uma investigação de homicídio.

— Não estou a ocultar...

— Deixe-se de tretas! — vociferou Poe. — Ando nesta vida há 15 anos e nunca vi ninguém mentir tão mal.

— Como se atreve?!

— Como queira. — Poe não percebeu se Sharples estava chocado com a mudança de tom de voz ou com o facto de alguém não acreditar nele. — Pode fingir ficar ofendido à vontade, Frankie. Estou prestes a detê-lo por cumplicidade com um criminoso e por obstrução à justiça. — Antes que Sharples pudesse protestar, acrescentou: — Neste momento, você é a única pessoa relacionada com o caso que sabemos que está a mentir, por isso estou a informá-lo formalmente de que é considerado suspeito em cinco homicídios. No mínimo, será condenado por associação criminosa. — Era mentira, mas Poe esperava saber mais sobre leis do que Sharples. — Vista-se. Vai acompanhar-me.

Sharples tremia por todos os lados. Tinha os olhos marejados de lágrimas. Poe olhou em volta. Na noite anterior, estivera a trabalhar no seu livro. Ou pelo menos queria dar a impressão de que estivera a trabalhar no seu livro. Um molho de folhas alinhava-se ao lado do portátil. Era o seu manuscrito — num local à vista de qualquer pessoa que o visitasse, reparou Poe — e parecia ter umas 70 páginas. Poe alcançou a primeira página:

— «A Crescente Importância da Filosofia num Mundo Cada Vez Mais Pequeno.»

— Belo computador, Sr. Sharples — comentou Bradshaw, olhando para o seu portátil *Apple*. — Este modelo é topo de gama.

Enquanto falavam de computadores, Poe olhou para a decoração cara do apartamento caro na zona cara da cidade. Já da última vez quis perguntar a Sharples como é que um licenciado em Filosofia

sem livros publicados tinha dinheiro para viver ali.

— Como é que pagou isto tudo, Sr. Sharples? — Os seus olhos estavam fixos no chão. — Posso chamar um auditor forense em poucas horas, Sr. Sharples. Vão vasculhar tudo, mesmo tudo. É melhor dizer-me já.

Sharples murmurou qualquer coisa, só que demasiado baixo para Poe ouvir. Mas Bradshaw ouviu.

— Ele disse que tirou algo do cadáver.

Poe acenou.

— O quê?

— Um relógio — confessou ele.

Poe não era um guru da moda, mas até ele sabia que havia relógios muito caros.

— Marca e modelo?

— Um *Breitling* 765 de 1962. A bracelete deve ter-se partido quando deixei cair o cadáver sem querer em cima do Derek. Foi instintivo, guardei-o no bolso. Para o manter em segurança.

— Para o manter em segurança.

— Sim.

— E esqueceu-se de que o tinha, foi?

— Sim. Quando o encontrei, mais tarde, receei que a polícia pensasse que eu o tinha roubado.

— Vá-se lá saber porquê — disse Poe. — Onde é que está? — Não houve resposta. Poe desconfiou que ele o tivesse vendido. Sharples continuou com os olhos postos no chão. — Eu perguntei...

— Já não o tenho!

— Quero o número de série e fotografias — disse Poe, virando-se para Bradshaw. Era isto que fazia quando queria pesquisar algo na Internet. Ela já tinha agarrado no telemóvel. — Valor?

— Um *Breitling* de 1962 custa aproximadamente dez mil libras, Poe — respondeu ela, radiante com a sua primeira incursão no terreno. A dada altura, Poe teria de explicar que não era uma visita

oficial. Ela depois decidiria se queria continuar. Mas não agora. Poe virou-se para Sharples e perguntou:

— A quem o vendeu?

— Quero fazer um acordo.

Poe resfolegou. Até Bradshaw soltou uma gargalhada.

— Vê demasiadas merdas na televisão, Sr. Sharples — disse ele.

— Não estamos na América. Não há cá acordo nenhum. Pode é haver *atenuantes*. É quando o juiz pondera as coisas positivas que possa ter feito, em vez de olhar só para as más. E só terá *atenuantes* se eu conseguir deitar a mão ao relógio. Pois bem, diga-me a quem o vendeu.

— Não lhe sei dizer — sussurrou Sharples. — Vendi-o num site especializado em relógios a um colecionador anónimo dos Estados Unidos.

— Tilly?

— Afaste-se, por favor, Sr. Sharples — disse, enquanto passava por ele e ligava o *Mac*. — Palavra-passe, por favor?

Ele disse-lhe. Enquanto Bradshaw examinava o computador, Poe perguntou:

— Vendeu o relógio por quanto?

— Por dez mil libras é que não foi! — respondeu. Parecia irritado por ter sido enganado. — Deram-me cinco mil dólares, o que perfaz pouco menos de três mil libras.

Olhou com nervosismo para Bradshaw.

— O que está ela a fazer?

— O que a maioria das pessoas não percebe, Sr. Sharples, é que pode apagar coisas do seu computador à vontade, mas tudo é recuperável. A Tilly vai recuperar tudo o que escreveu sobre o *Breitling*. Quanto tempo, Tilly?

— Encontrei, Poe — respondeu ela. — Tem uma impressora, Sr. Sharples?

Ele abriu um armário e pressionou um botão. Acendeu-se uma luz

verde e a impressora fez os ruídos normais que indicavam que estava a postos.

— É *wireless* — disse ele.

Bradshaw revirou os olhos e disse «*Dah!*». Imprimiu umas folhas e entregou-as a Poe sem olhar para elas.

Poe folheou as páginas. Eram a cores e as primeiras eram boas — chegavam certamente para garantir a condenação de Sharples —, mas só quando chegou às duas últimas é que sentiu que lhe tinha saído a sorte grande.

O comprador queria ver o que ia comprar e Sharples não se fez rogado. Seis fotografias a cores, três por página. Foi a quinta que fez Poe sorrir.

Era da parte de trás do relógio.

E ali, perfeitamente visível, estava o número de série exclusivo.

Capítulo 24

Deixaram Sharples para trás, mas disseram-lhe que não saísse dali. Agentes fardados estavam a caminho para o deter. Não deixava de ser verdade, mas não para já e não antes de Poe ter encontrado o dono original do relógio.

Poe disse a Bradshaw que, como ele estava oficialmente de licença, ela devia voltar para Shap, mas ela estava determinada a seguir a pista do *Breitling* até ao fim. Poe cedeu. Decidiram tomar o pequeno--almoço no café do Sainsbury's. Poe escolheu o pequeno-almoço completo e Bradshaw pediu o equivalente vegetariano. Partilharam um bule de chá.

Enquanto trincava o bacon e sentia o sabor salgado da carne a explodir na sua boca, falaram da melhor maneira de encontrar o dono do relógio.

Bradshaw queria que Poe fosse diretamente à *Breitling* — partia do princípio de que haveria uma base de dados central algures —, mas ele tinha dúvidas. Era uma empresa grande, com clientes espalhados pelo mundo, alguns deles muito abastados. A *Breitling* não iria violar a sua política de confidencialidade só porque um idiota da NCA lhe pedia para o fazer. Em vez disso, ele tencionava falar com os negociantes de artigos de luxo e assustá-los até eles contarem tudo o que ele queria. Não eram muitos e, se o Homem de Tollund fosse de Cúmbria, era possível que o relógio tivesse sido comprado na região.

Enquanto molhava um pedaço de pão frito no ovo estrelado, Bradshaw perguntou-lhe porque tinha decidido tirar uma licença logo naquela altura.

— Preciso de algum tempo, Tilly.

— Tem a certeza de que não é por minha causa, Poe?

— O quê? Não, claro que não. Porque dizes isso?

— As pessoas fartam-se de mim.

— Se se fartam, é porque são idiotas — disse-lhe. — Não, o motivo da licença é porque, ontem à noite, o superintendente Gamble me pediu para abandonar a investigação.

— Foi por isso que a inspetora Stephanie Flynn me ligou a dizer que devia ajudá-lo se me pedisse?

— Não sabia que ela tinha feito isso.

— Ela disse para não lhe dizer.

— Mas?

— Os amigos não mentem uns aos outros, Poe.

Ele acenou, pensativo.

— Vá, come a tua serradura. As lojas estão quase a abrir.

Durante a conversa, Bradshaw usou o wi-fi gratuito da loja. Tentou restringir a busca ao procurar por joalharias com nome firmado, aquelas que há mais tempo se mantinham no ativo. Compilou uma lista e depois mudou para um canal noticioso. Eram 9 horas, e estavam a passar as manchetes. O queixo de Bradshaw caiu enquanto ela olhava para o ecrã.

— Não... não... Isso não está nada bem — gritou.

— O que foi? — disse Poe, distraído, enquanto perseguia um feijão fugidio à volta do prato com a faca.

— Veja isto, Poe! — exclamou, virando o tablet para que ambos pudessem ver. Aumentou o volume e pressionou o botão *play*.

No meio de um magote de câmaras e microfones de tamanho desproporcional, trajando um fato limpo como se não tivesse passado três horas num cemitério em Kendal, estava Gamble. O pivô abriu a entrevista dizendo:

— A polícia adiantou que o cadáver encontrado numa sepultura em Kendal, ao início da manhã, pode pertencer a mais uma vítima

do assassino em série conhecido como Imolador. Vamos agora em direto para Cúmbria, onde o superintendente-chefe Ian Gamble vai fazer uma curta declaração.

Gamble estivera à espera da luz verde e começou a falar assim que o pivô terminou.

— Após um trabalho excecional por parte dos agentes da polícia de Cúmbria, a equipa de investigação solicitou um pedido de exumação para uma sepultura no cemitério de Parkside, em Kendal. Tínhamos motivos para crer que um caixão que devia conter o cadáver não identificado encontrado no depósito de sal de Hardendale, no ano passado, foi afinal adulterado recentemente. Como esperado, o ocupante original do caixão tinha desaparecido. No seu lugar, estava o cadáver de um indivíduo do sexo masculino ainda por identificar, que acreditamos ser mais uma vítima do Imolador.

A declaração de Gamble era concisa, bem escrita, não continha uma única mentira, mas era uma treta pegada. A NCA não se atreveria a contradizê-lo; não se arriscariam a expor as suas próprias falhas. Poe tinha-se certificado disso.

— Sacana! — exclamou Poe. — Anda, vamos embora.

Apesar de saber que o relógio podia ter sido comprado em qualquer loja, Poe tencionava começar a procurar em Carlisle, visto que era a zona onde se encontravam. Se tivesse sorte, o relógio fora comprado antes do apogeu das compras online, numa altura em que as pessoas adquiriam artigos de luxo pessoalmente.

Não tinha problemas em descartar as lojas mais baratas e concentrar os seus esforços nas cadeias de retalho de luxo e nos pequenos negócios de família. Havia apenas um punhado de pequenas lojas que vendiam relógios — ainda que, a bem do rigor, fossem verificar também as lojas que não vendiam, não tivessem elas vendido relógios no passado —, mas, mesmo assim, não

tiveram a vida facilitada.

Todas as lojas, exceto uma, permitiram que Bradshaw acesse aos seus arquivos, e aquela que não permitiu o acesso confirmou que nunca tinha vendido relógios *Breitling*, fossem novos ou em segunda mão.

O número de série BR-050608 não constava de nenhuma das bases de dados dos computadores que eles verificaram, e, como poucos tinham digitalizado os seus arquivos, procurar em livros-razão antigos era uma tarefa lenta e laboriosa.

Um joalheiro sorriu ao pousar dez livros-razão em cima da mesa, cada um mais grosso do que as Páginas Amarelas. Poe grunhiu, apesar de Bradshaw não parecer desanimar. Tinha o tipo de mente analítica que rejubilava com tarefas como cruzar os dados de listas.

Não obstante, esse esforço não era garantia de resultados. Assim que terminou o sétimo e último livro-razão de uma loja que podia ter vendido relógios *Breitling* alguns anos antes, Poe pediu uma pausa. Era hora de almoço, e estar parado sem fazer nada abria-lhe o apetite.

Encaminharam-se para o carro e renovaram o cartão do parque antes de seguirem para um café antigo, pouco conhecido, que Poe descobrira recentemente em Carlisle. O Coffee Genius situava-se em Saint Cuthbert's Lane, perto da muralha ocidental medieval. Tinha um balcão alto, máquinas cromadas com aspeto dispendioso e muitos bolos e scones caseiros. Faziam a sua própria torrefação e era um paraíso para os snobes do café. Poe adorava os cheiros: café acabado de fazer, o aroma acre dos *espressos*, a doçura do caramelo e do chocolate quente, um toque de canela... Ficou com água na boca assim que entrou.

Estava pejado com a clientela da hora de almoço, mas eles arranjaram lugar junto à janela. Poe pediu um café de filtro peruano simples e a sandes do dia — carne de porco desfiada e cebola caramelizada. Bradshaw pediu um chocolate quente antes de lhe

perguntar se podia pedir o menu do dia: sopa e sandes.

— Pede o que quiseses, Tilly. Pago eu.

Ela acenou, radiante, e fez o pedido. Como passarinhos a saltitar de ramo em ramo, os seus olhos percorriam tudo, tentando absorver todas as experiências novas. A sua mãe dissera a Poe que ela tivera uma vida muito protegida antes de entrar para a SCAS, mas ele não fazia ideia até que ponto. Enquanto esperavam pela comida e pelas bebidas, Bradshaw perguntou o que tinha ele achado das pesquisas daquela manhã.

— É uma caça aos gambozinhos — respondeu Poe. Começava a duvidar da sua abordagem. Parecia ter sido uma manhã perdida.

— Mas não foi, Poe — disse ela. — Vai demorar tempo. Se a informação estiver algures, eu hei de encontrá-la.

E, com isto, pediu a palavra-passe do wi-fi ao empregado e tirou o tablet. No intervalo de segundos, já estava absorvida com qualquer coisa. Poe sabia que ela não abriria a boca antes de chegar a comida.

O empregado aproximou-se com as bebidas e colocou um pequeno temporizador triplo em cima da mesa. A areia à direita de Poe marcava o tempo necessário para tornar o café mais forte, e ele ficou a ver enquanto a areia se esvaía lentamente. Era terapêutico, e ele sentia o cérebro a descomprimir. Tinha de arranjar uma coisa daquelas. Quando o tempo acabou, ele serviu-se de café.

As sandes chegaram dez minutos depois. Bradshaw fotografou a comida e enviou a imagem para a mãe.

— Ela gosta de saber o que ando a fazer — explicou. Poe, que começava a habituar-se às suas excentricidades, não disse nada. Ela dispôs o guardanapo como mais lhe agradava e deu uma dentada na sandes. — Isto é agradável, não é, Poe? Costumo almoçar sozinha.

Quando terminaram, pediram mais bebidas quentes.

Uma das coisas de que ele gostava no Coffee Genius era o facto

de os funcionários estarem sempre dispostos a trocar dois dedos de conversa. Enquanto Bradshaw trabalhava, Poe e o empregado falaram dos benefícios de comprar os grãos e moê-los em casa.

— O que é que vocês fazem? — perguntou o empregado.

Poe respondeu, mas não entrou em pormenores.

— Hoje, estamos à procura do dono de um relógio antigo.

O empregado sentou-se e, sem mencionar o homicídio, Poe explicou melhor.

— É como procurar uma agulha num palheiro, não é? — comentou o empregado.

— A quem o diz. — O empregado riu-se. — Sem contar com as lojas que já não existem. Não conseguimos encontrá-las online.

O empregado aproximou-se dele.

— Há um casal que costuma vir cá algumas vezes por semana. Ele está reformado, mas tenho a certeza de que trabalhou numa joalheria. E sei disso porque acabei de ficar noivo e ele aconselhou-me um joalheiro que não me levaria o couro e o cabelo.

— Sabe como se chama?

— Charles. A mulher chama-se Jackie, creio. — Olhou por cima do ombro. — A patroa está cá, ela é capaz de saber. Vou perguntar-lhe. — Dois minutos depois, voltou com um pedaço de papel. — Charles Nolan. A patroa diz que costumam vir aos sábados e às quartas. Acha que fazem as compras no Marks and Spencer. Deixe o nome e número de telefone, e eu posso dar-lhe o recado, se quiser.

Poe recusou. Não tinha tempo para esperar. Pediu licença, saiu e foi fazer uma chamada.

Kylian Reid atendeu de imediato.

— Olé, olá! É Burke e Hare! — disse Reid sem preâmbulo.

— Engraçadinho — respondeu Poe. — Não te meti ao barulho, pois não? E vi o Gamble a vangloriar-se hoje de manhã na televisão. Sabe que lhe fiz um favor.

— Como se isso importasse. Ele ainda está furioso.

— Preciso de outro favor — disse Poe.

— Certo... — respondeu Reid. — Não devias estar de licença?

Ele estava desconfiado. Se Gamble soubesse que tinha sido Reid a dar as informações para o pedido de exumação, ele podia bem ser despedido.

— E estou. É uma pista que estou a seguir. Nada que levante suspeitas.

— Tens de ser mais explícito, amigo.

Poe estava relutante em abrir o jogo. Reid era um amigo, mas era também um excelente polícia. Se achasse que a equipa de investigação estava mais bem equipada, não teria pejo em acabar com a brincadeira.

— É melhor não saberes, Kylian.

— Sacana! — disse ele. — O que eu quis dizer é que tens de ser mais explícito do que «Preciso de outro favor». Tenho de saber que favor é esse.

Capítulo 25

No espaço de uma hora, Reid já tinha enviado por e-mail a Poe uma lista de todos os C. Nolan, Charlie Nolan e Charles Nolan que constavam da base de dados da contribuição autárquica em Cúmbria. Havia 14 nomes. Passou a lista a Bradshaw, que lhe perguntou como podia restringi-la. Foi fácil.

Excluindo áreas de serviço nas autoestradas, só havia quatro Marks and Spencer em Cúmbria. Ele disse a Bradshaw para eliminar todos aqueles que vivessem em West Cúmbria ou Eden; usariam as lojas Workington ou Penrith para fazer as compras. Pelo mesmo motivo, pediu-lhe que eliminasse todos os que vivessem abaixo do cruzamento 39 na M6: a loja Kendal servia a metade sul do condado.

Restava a zona de Carlisle, o que reduzia a lista a quatro nomes. Um vivia no centro, e Poe eliminou-o — os joalheiros reformados teriam mais probabilidades de viver numa das mil e uma aldeias pitorescas que pontilhavam a Cúmbria do que no centro de uma cidade suja.

Um vivia em Brampton e os outros dois viviam em aldeias: um, em Warwick Bridge, e o outro, em Cumwhinton. Partindo do princípio de que podia ser qualquer um deles, Poe decidiu começar pelo Nolan mais próximo e depois pelos outros. O C. Nolan de Warwick Bridge seria o primeiro; era uma aldeia simpática às portas de Carlisle. A seguir, avançariam para o outro C. Nolan de Cumwhinton, terminando com o Charles Nolan de Brampton.

Tiveram sorte à primeira — mas, como Poe disse a Bradshaw, para quem restringira a busca a quatro pessoas, seria mesmo uma questão de sorte? O homem que abriu a porta era gentil e bem-educado. Teria 60 e poucos anos. Usava um casaco de malha puído e óculos com lentes fundo de garrafa; mostrava um sorriso rasga-do. Quando confirmaram que eram os Nolans que frequentavam o Coffee Genius duas vezes por semana, a mulher pôs chá a fazer e insistiu para que ficassem e comessem uma fatia de bolo.

— Washington? Aí está um nome diplomático. Imagino-o a ser mencionado em despachos diplomáticos de relevo. É o tipo de nome que trava declarações de guerra. Aposto que há uma história fascinante por trás do seu nome.

Todos têm a mania de que são peritos em onomástica...

— Não sabe, pois não, Poe? — interveio Bradshaw, salvando-o sem se aperceber.

Poe sorriu-lhe e abanou a cabeça.

— Tens razão, Tilly. Não sei.

— Ah — disse Nolan. — E em que posso ajudar?

— Estamos a seguir a proveniência de um relógio — respondeu Poe.

— Então, não é uma questão diplomática de relevo?

— Nada disso. A minha chefe dir-lhe-ia que a diplomacia não é o meu forte — retorquiu Poe, dando uma dentada num bolo excelente. Contou o seu problema a Nolan.

— Presumo que esse relógio tenha sido roubado.

— Mais ou menos — respondeu Poe.

— E a National Crime Agency também investiga roubos? — perguntou, com um brilho nos olhos. Poe não respondeu. — Desculpe. Claro que ajudo no que puder. Tive três joalharias, e gosto de pensar que eram das melhores.

— O que aconteceu?

Ele fletiu a mão.

— Artrite, infelizmente. É a maldição dos joalheiros. Isso e os problemas de visão fizeram com que não conseguisse pegar ou ver nada mais pequeno do que uma moeda. Vendi o negócio. Entretanto, as lojas fecharam todas. Uma delas é agora o Coffee Genius, e é por isso que vamos lá — suspirou. — Ganhei bom dinheiro com a venda, por isso não me posso queixar. Mas fale-me desse relógio que procura.

Bradshaw entregou-lhe a fotografia que mostrava o número de série do *Breitling*.

— Este é o relógio que procuramos — disse Poe. — Quer o modelo e o ano?

— Se tiver, sim — respondeu Nolan. — Mas os números de série dos *Breitlings* são exclusivos em toda a gama. Por outras palavras, não haverá dois modelos distintos com o mesmo número de série. Mas o modelo pode avivar a memória de alguém. — Poe suspirou. Era bom falar com alguém que sabia o que estava a dizer. Nolan prosseguiu: — Vou fazer umas chamadas e ver o que descubro. Ainda tenho contacto com algumas pessoas no ramo, por isso talvez consiga indicar-lhe alguém que possa ajudar.

— Agradeço-lhe imenso — disse Poe. Escreveu o nome e o número de telefone no mesmo papel onde constava o número de série e levantou-se para apertar a mão de Nolan.

— Entrarei em contacto, inspetor Poe — disse Nolan.

A sua mulher levou-os à porta, comentando:

— Isto vai mantê-lo ocupado toda a tarde. Anda perdido desde que se reformou.

— E agora? — perguntou Bradshaw, quando chegaram ao carro.

— Aguardamos — foi a resposta de Poe.

Não tiveram de esperar muito tempo. Nolan ligou passadas duas

horas.

— Acho que tenho algo para si, inspetor Poe — disse.

Nolan começara por ligar às pessoas que tinham tido lojas semelhantes à sua: joalharias e pequenos retalhistas. A maioria não vendia relógios de luxo; era muito dinheiro para empatar em *stock* que podia não vender, e comercializavam sobretudo artigos personalizados. Faziam as joias de raiz e pouco ligavam a tudo o resto.

— Mas até isso é uma arte que está a desaparecer — queixou-se. — Atualmente, é tudo feito por computador e cortado com um laser pré-programado. Resultados impecáveis, e presumo que seja isso o progresso. Na minha opinião, rouba alma ao produto final. — Poe queria acelerá-lo, mas sabia que não devia dizer nada. — Seja como for, um amigo lembrou-se de um negociante de relógios novos e antigos que ia de loja em loja e deixava folhetos e informações para os clientes. Trabalhava para as principais marcas de relógios. A loja intermediava a venda e ficava com uma percentagem. Assim, podiam ser fornecedores oficiais sem comprarem o produto de antemão.

Poe pensou que fazia sentido. Também evitava os assaltos que os relógios de 30 mil libras atraíam.

— O negociante chama-se Alastair Ferguson e está reformado.

— E?

— E acabei de falar com ele. Está a caminho de cá. Mas vem de Edimburgo, por isso ainda demora umas horas. Se o senhor e a menina Bradshaw quiserem passar por cá, podemos beber um chá enquanto esperamos.

— E ele tem mais informações?

— Bem, não tinha registo do número de série, mas julga que conhece o relógio em causa.

— E porquê?

— Porque assim que lhe falei no *Breitling*, ele disse que estava à

espera da chamada há 26 anos...

Capítulo 26

Alastair Ferguson tinha um sotaque escocês carregado. Era um homem baixo e impecavelmente vestido com um fato de três peças, obviamente um ilustre representante de uma geração que ainda acreditava valer a pena arranjar-se condignamente para os compromissos. Aceitou o whisky que Nolan lhe ofereceu e depois preparou-se para lhes contar o que sabia.

Uma loja que já não estava no ativo tinha vendido o relógio que ele desconfiava ser aquele que procuravam. Tinham duas portas abertas, ambas em Keswick. Uma loja vendia bijuteria a turistas; a outra era uma joalheria mais tradicional.

Um cliente pedira ao dono para procurar um *Breitling*, e o orçamento era bastante avultado. Alastair Ferguson viera de Edimburgo para se encontrar com ele com uma mala cheia de relógios, na esperança de garantir uma boa comissão.

— Lembra-se de quem era o cliente? — perguntou Poe.

Ferguson assentiu com a cabeça.

— O Bispo de Carlisle.

Por momentos, ninguém disse nada.

Isto vai tornar-se «político», pensou Poe.

Ferguson prosseguiu:

— Mas não era para ele, e foi tudo feito às claras. Ele pagou com um cheque da igreja e garantiu que recebia uma fatura.

— Sabe para quem era? — perguntou Poe.

Ferguson tirou um recorte de jornal do bolso. Apesar de amarelo, por causa do tempo, estava em bom estado. Entregou-o a Poe. Era um recorte do *News & Star*, um artigo para preencher espaço, uma

só coluna na página oito. Provavelmente, só interessaria aos envolvidos. A data estava no topo da página e remontava a 26 anos antes.

Poe leu-o e depois tirou uma fotografia com o telemóvel. Passou o recorte a Bradshaw. Ela fez qualquer coisa com o tablet e digitalizou-o. Poe olhou para a imagem que ela tinha no ecrã. Era perfeitamente nítida.

Numa cerimónia em Rose Castle, o Bispo de Carlisle ofereceu um relógio ao Reverendo Quentin Carmichael, o deão de Derwentshire, em reconhecimento dos seus extraordinários serviços em prol das obras sociais.

Quentin Carmichael — que era conhecido por realizar cruzeiros de beneficência em Derwentwater, o lago perto de Keswick — tinha 45 anos e uma carreira promissora na Igreja.

Poe olhou para Bradshaw e ponderou se ela teria percebido a importância da idade. Ela estava à espera de que os seus olhares se cruzassem; era óbvio que tinha percebido. Há 26 anos, Quentin Carmichael teria 45 anos. Isso colocava-o na faixa etária das vítimas do Imolador. As suspeitas de Poe tinham sido confirmadas.

Se Carmichael estivesse envolvido, isso significava que Poe tinha razão; o Imolador não escolhia as suas vítimas de forma aleatória. Eram alvos específicos. Se descobrisse porquê, estaria um passo mais próximo de descobrir o culpado.

Poe virou-se para Ferguson e disse:

— Quando falei com o Charles hoje cedo, ele disse que o senhor estava à espera desta chamada.

Ferguson aquiesceu e tirou outro recorte de jornal do bolso. Poe leu-o.

Era outro artigo sobre Carmichael, desta vez menos lisonjeiro.

Quentin Carmichael, o funcionário da Igreja caído em

desgraça, abandona o país, sob suspeita de desvio de fundos.

O artigo estava cheio dos habituais clichês jornalísticos, expressões como «alegadamente» e «segundo fontes oficiais», mas o cerne da acusação era claro: Carmichael abandonara o país porque estava prestes a ser acusado de peculato. Apesar de escassas, havia provas que corroboravam a fuga à justiça: um passaporte e um livro de cheques desaparecido. Não havia mais nada de significativo no artigo, e Poe tomou nota para não se esquecer de procurar o auto policial.

— Então, o senhor estava à espera de uma visita da polícia porque o Sr. Carmichael era suspeito de peculato? — perguntou Poe.

— Não propriamente. — Poe aguardou em silêncio. — Guardei estes recortes porque achei que havia algo de estranho nele. Pede para falar comigo pouco depois de ter recebido o relógio, e, por norma, quando isso acontece, é porque a pessoa quer agradecer-me ou, melhor ainda, porque ficou com o bichinho do colecionador e quer aumentar a sua coleção.

— Mas não era o caso do Carmichael.

— Não, senhor. O Quentin Carmichael só queria saber quanto tinha custado. Ficou furioso quando lhe disse que não podia revelar. Até se disponibilizou a vender-mo por dois terços do que o bispo tinha pago. Como não sou proprietário de relógios, recusei. Disse-lhe que teria todo o gosto em agir como intermediário, mas ele saiu de rompante.

— Então, a parte do peculato fez-lhe sentido?

— Oh, sim. Aquele homem só pensava em dinheiro.

Começava a surgir uma pista de motivação financeira. Agora, tudo o que Poe tinha de fazer era segui-la.

— Dão-me licença por um instante? Levantou-se e encaminhou-se para um canto mais sossegado da grande sala de estar.

A Sra. Nolan entrou com um bule de chá e outro bolo. Se ele não tivesse cuidado, ia engordar uns 20 quilos no decurso da investigação.

Ligou a Reid.

— Burke, o que queres agora?

Poe contou-lhe o que tinham descoberto e ele perguntou como podia ajudar.

— Preciso de saber tudo em relação à acusação de peculato do Carmichael. Foi há 25, 26 anos — sussurrou Poe para o telemóvel. Não queria que Nolan e Ferguson soubessem que ele não tinha autoridade para solicitar as informações através dos canais oficiais.

— A Igreja? Não estás já metido em sarilhos suficientes?

— Por favor, Kylian.

— Vai ser difícil fazer isso de forma discreta, Poe. Sabes que todos os nossos sistemas deixam rasto.

— Então, conta ao Gamble. Seja como for, ia agora contar à inspetora Flynn.

— Ai, sim?

— Claro — mentiu Poe.

— Nesse caso, já te ligo — disse Reid antes de desligar.

Poe voltou para o seu lugar e terminou a chávena de chá. Fez mais umas perguntas a Ferguson, mas era óbvio que já tinha tudo o que o antigo vendedor de relógios sabia. Depois de agradecer à Sra. Nolan a hospitalidade, despediram-se e saíram.

Poe ligou a Flynn durante o curto percurso até ao carro e ficou aliviado quando a chamada foi parar ao voicemail. Deixou-lhe um breve resumo dos acontecimentos e depois desligou o telemóvel. Teria de fazer aquilo à bruta, e não queria interrupções.

Ainda não tinham saído de Warwick Bridge quando o telemóvel de Bradshaw tocou. Ela atendeu em voz baixa e depois franziu o sobrolho.

— É para si, Poe — disse ela.

Poe encostou na paragem do autocarro e pegou no telemóvel.

— Poe.

— Poe, fala o superintendente Gamble. O que julga que está a fazer? Devia estar de licença.

Por vezes, a melhor coisa a fazer é negar tudo. Esta era uma dessas alturas.

— Não sei do que está a falar, senhor.

Gamble resfolegou.

— O agente Reid diz-me que você julga ter descoberto a identidade do Homem de Tollund.

— Quentin Carmichael, senhor. Desapareceu há cerca de 25 anos.

— E acha que isso está relacionado com o Imolador?

— Sim, senhor.

— Como?

Poe não fazia ideia, e disse-lhe isso mesmo.

Gamble pareceu irritado por ele não saber mais nada.

— Como descobriu o nome?

— Enviei um e-mail com um relatório completo à inspetora Flynn, senhor. Creio que é melhor que saiba por ela.

Gamble não percebeu, ou fez-se de desentendido por ter levado para trás.

— Que fique bem claro que não quero que se aproxime de nenhum membro da Igreja. Estamos entendidos, Poe? A minha equipa vai seguir os trâmites legais e solicitar os interrogatórios que forem considerados relevantes. — Poe não disse nada. — Está a ouvir, Poe? Não se aproxime da Igreja!

— Lamento, senhor, estou a perdê-lo. — Desligou a chamada e entregou o telemóvel a Bradshaw, que começou a pressionar uns botões. — Não há problema nenhum com o telemóvel, Tilly. Só precisava de terminar a chamada. Por vezes, é mais fácil dizer estas coisas.

— Oh — respondeu ela. — O que disse ele, Poe?

— Nada.

— Então, o que vamos fazer agora?

Poe franziu o sobrolho. Sempre pensou que se alguém preferisse que ele parasse de fazer o que estava a fazer era porque estava no caminho certo, mas... não queria arrastar Bradshaw consigo. Por mais excêntrica que ela fosse, tinha uma importante carreira pela frente. Disse-lhe que daria os próximos passos sozinho.

Ela recusou.

Ele olhou fixamente para ela, tentando perceber se ela queria mesmo ajudar ou se estava a segui-lo cegamente, motivada por uma qualquer noção enviesada de lealdade. A única coisa que via era determinação. Suspirou e pensou: *Porque não?* Estava de licença; porque não haveria de levar a sua nova amiga a ver as vistas de Lake District? E se por acaso fossem parar a Keswick, perto da residência do Bispo de Carlisle, paciência...

Capítulo 27

Entre 1230 e 2009, a residência oficial do Bispo de Carlisle tinha sido em Rose Castle, perto da aldeia de Dalston. Parte considerável, extensa e culturalmente significativa do património nacional, o castelo há muito que era considerado uma das joias do portefólio de propriedades da Igreja. No entanto, o último bispo decidira sair, acreditando não ser apropriado viver em tamanha opulência quando outros, incluindo os seus próprios vigários, viviam na pobreza.

O caso fizera manchetes, por isso Poe estava a par do assunto sem ter necessidade de pesquisar. Uma busca rápida de Bradshaw na Internet permitiu descobrir a nova morada do bispo. Tinha-se mudado para a Bishop's House, em Keswick. Poe não conhecia, mas reconheceu a rua.

Apesar de não dormir desde o dia anterior, estava a ganhar ímpeto, e nenhum inspetor digno desse nome dormia quando um caso estava ao rubro. Vinte minutos após o início da viagem, o telemóvel de Bradshaw tocou. Desta vez, era Flynn a avisá-los para não se meterem com a Igreja.

— Diz-lhe que estou a conduzir e não tenho *kit* mãos-livres — replicou Poe, quando Flynn pediu para falar com ele. — Eu ligo-lhe quando tiver rede, mas estamos a entrar no National Park para comer gelados, e nas montanhas não há grande cobertura.

Poe ouvia Flynn a praguejar do outro lado. Bem, não havia nada a fazer. Seja como for, ela não devia estar a ligar-lhe; ele encontrava-se de licença. Mas isso trazia-lhe um problema: o envolvimento cada vez maior de Bradshaw. Ele podia ser imprudente — não

queria saber das inevitáveis consequências —, mas quando os canzarrões andam à bulha são os pequenos que se magoam. No entanto, não havia transporte público onde ele pudesse metê-la, e não lhe apetecia fazer o desvio de duas horas até Shap. Arranjou um meio-termo: levá-la-ia até Keswick, mas ia deixá-la num dos bares mais simpáticos até terminar de dar cabo do que restava da sua carreira.

Contou-lhe o seu plano.

Ela disse que não, cruzou os braços e recusou-se a dar-lhe ouvidos até ele desistir da ideia. Ele tentou explicar-lhe as possíveis consequências, mas ela fez finca-pé.

Pois bem, como queiras.

Bradshaw não era a pessoa mais desenrascada deste mundo, mas era adulta e podia tomar decisões desastrosas, tal como todas as outras pessoas. E, por mais estranho que pareça, trabalhavam bem juntos. *É o que costuma acontecer com os inadaptados*, pensou Poe.

O telemóvel dela tocou.

— É outra vez a inspetora Stephanie Flynn — disse ela, olhando para o ecrã.

— Atende. É melhor não arranjares problemas.

Ela pressionou o botão para tirar o som e voltou a guardá-lo no bolso.

— Não tenho rede.

Poe estremeceu. *O que tinha ele criado...?*

O bispo pode ter passado de cavalo para burro quando saiu de Rose Castle, mas a verdade é que não vivia propriamente como um indigente. A Bishop's House ficava em Ambleside Road, no centro de Keswick. Era um imponente edifício típico do Lake District, com três frentes, cinzento-escuro. Ficava ao fundo de um grande jardim com quatro mil metros quadrados, que ainda precisava de

alguns anos para assentar. Poe não via nenhuma entrada ou sítio óbvio para estacionar, por isso tentou a sorte no estacionamento público de Keswick.

Acabou por encontrar um lugar recentemente deixado vago em Blencathra Street. Colocou o dístico de estacionamento no tabliê junto a um papel onde se lia «assunto policial». Se o funcionário do estacionamento fosse novo, talvez se safasse.

Poe e Bradshaw encaminharam-se para Ambleside Road e percorreram o grande carreiro de gravilha até Bishop's House. Havia uma campainha e um batente preto de grandes dimensões. Poe usou a campainha.

Não tinha ligado de antemão, por isso desconhecia se alguém estaria em casa. Não sabia muito sobre a hierarquia da Igreja, mas sabia que bispo era um cargo importante. Imaginava que passassem muito tempo fora em trabalho.

Se alguém batesse à porta de Poe e ele não abrisse em dez segundos, é porque estava fora ou morto, mas nesta casa estava disposto a esperar três minutos antes de desistir. Um minuto volvido, decidiu que podia ter mais sorte com o batente descomunal. Levantou-o e bateu com ele na placa de metal.

Poe e Bradshaw olharam um para o outro em choque; o barulho teria acordado um morto. Segundos depois, a porta grande abriu-se.

Um homem anafado olhou para eles, semicerrando os olhos à luz baixa da tarde. Estaria na casa dos 60 e usava um casaco de malha puído. Óculos de leitura pendiam de um fio de cabedal à volta do seu pescoço. Sorriu-lhes, curioso. Bradshaw tinha encontrado uma fotografia recente do bispo no caminho e Poe sabia que estavam perante o Reverendo Nicholas Oldwater.

— Deve ser o inspetor Poe. Avisaram-me da sua possível visita.
— Ele franziu o sobrolho. — Mas disseram-me que viria sozinho.

Antes que Poe pudesse impedi-la, Bradshaw avançou e fez uma vénia.

— Matilda Bradshaw, Sua Santidade.

Poe estremeceu, mas Oldwater riu-se e disse:

— Trate-me por Nicholas, Matilda. É melhor entrarem. Seja o que for, despertaram a minha curiosidade; nunca tive tanto contacto com a polícia. O chefe da polícia já me ligou duas vezes, e uma pessoa chamada Stephanie Finn, da NCA, ligou-me há menos de 15 minutos.

— Foi a inspetora Stephanie *Flynn*, Nicholas. É a nossa superiora na SCAS, a Serious Crime Analysis Section — esclareceu Bradshaw. — Integramos a National Crime Agency, verdade, Poe?

Poe anuiu.

— Verdade, Tilly.

— Bem, parecem estar todos determinados a que não conversemos — disse Oldwater. — De que assunto se trata?

Seguiram-no ao longo de duas salas e por um corredor comprido antes de chegarem ao escritório. Estava a trabalhar quando eles o interromperam. Um candeeiro de secretária estava aceso e havia vários livros abertos.

Ele sentou-se atrás da secretária e apontou para as cadeiras espalhadas pela divisão.

— A Sra. Oldwater está em Londres e a governanta já se foi embora. Posso servir-vos um café.

Por norma, Poe teria declinado, mas queria manter o ambiente informal.

— Aceito um café, se não for incómodo. Tilly?

— Tem chá de frutos, Nicholas?

— Creio que a Sra. Oldwater bebe chá de alcaçuz ocasionalmente. Serve?

Bradshaw abanou a cabeça.

— Não, obrigada, Nicholas, o alcaçuz dá-me diarreia.

Valha-me Deus...

O bispo sorriu.

— Faz muito bem, minha jovem. Claro que, com a minha idade, não sofro desses males.

— Tem razão, Nicholas. A obstipação é um problema comum junto dos mais velhos. — Poe olhou para ela, estarrecido. — O que foi? — perguntou Bradshaw, quando reparou na sua expressão.— É verdade. Trinta por cento dos idosos evacuam menos de três vezes por semana.

Poe enterrou a cabeça nas mãos. Virou-se para o bispo e disse:

— Por vezes, é difícil fazer com que a Tilly não diga o que lhe vai na cabeça, Nicholas.

Felizmente, Oldwater achou tudo aquilo hilariante e deu uma forte gargalhada, dizendo:

— Excelente. Quer antes uma água quente?

— Sim, por favor, Nicholas — disse Tilly.

Ele saiu para ir buscar as bebidas. Poe conseguia ouvi-lo a rir sozinho no corredor. Virou-se para Bradshaw, mostrou-lhe o polegar e acenou com a cabeça em aprovação.

— Boa — disse.

— O que foi, Poe?

— Não interessa.

O bispo regressou cinco minutos depois. Trazia uma bandeja cheia: café, água quente e um prato com bolachas. Poe pegou numa. Ah... bolachas Rich Tea, ideais para aqueles momentos em que queremos uma bolacha, mas não sabemos se queremos doce ou salgada. Pousou-a no pires e concentrou-se no café excelente.

Poe olhou em volta. Havia livros e manuscritos de aspeto raro por todo o lado. Entornar uma chávena de café naquela sala podia causar danos irreparáveis; um pensamento aterrador para Poe, que tinha uma chávena de café na mão. Oldwater viu para onde ele estava a olhar.

— Em breve, vou falar na Câmara dos Lordes sobre o papel da Igreja na crise dos refugiados. Tenho estado a estudar alguns

precedentes. Quero ver se incuto alguma vergonha no Governo, para ver se consigo que eles façam o que é impopular, mas correto, em vez do que é popular, mas errado.

— Serei o mais breve possível, Nicholas — disse Poe. — Estamos aqui para falar sobre Quentin Carmichael.

— O que descobriram?

Não proferiu estas palavras na defensiva, e Poe sabia que deixá-lo de pé atrás não seria a melhor estratégia. Se fizesse bem a coisa, o bispo podia ser um aliado. Poe fazia tenção de restringir o débito de informação, mas por vezes era melhor seguir os instintos...

— Vou contar-lhe uma história sobre um relógio desaparecido, Nicholas. Se possível, gostava que me ouvisse até ao fim.

Oldwater sorriu.

— Parece que o meu serão não vai ser tão aborrecido como pensei.

Quando Poe terminou — com Bradshaw a dar o seu contributo técnico sempre que necessário —, Oldwater inclinou-se para a frente e juntou os dedos das mãos. Fez algumas perguntas incisivas e Poe ficou com a impressão de que ele tinha percebido tudo e que parte daquilo que lhe tinham contado esclarecera algumas questões há muito pendentes.

— Sabe que foi o antecessor do meu antecessor quem ofereceu o relógio a Carmichael? Algumas das associações de solidariedade com quem ele tinha colaborado contribuíram para a compra do relógio. A Igreja evidentemente não gastaria essa quantia numa bugiganga. — Poe assentiu. — E sabe que tanto os inquéritos da polícia como da Igreja não encontraram provas de que ele tivesse desviado dinheiro.

A teoria de Poe era que a Igreja encobria tudo tão bem que a polícia não tinha conseguido encontrar nada. Se os católicos

conseguiam encobrir casos de pedofilia, os anglicanos conseguiam certamente encobrir uns quantos roubos.

— Ah — concluiu Oldwater. — Julga que estamos a proteger a nossa reputação?

— Confesso que isso me passou pela cabeça.

Oldwater tirou uma pasta fina de um armário de arquivo. Abriu-a e mostrou-a a Poe.

— Os bens da Igreja, inspetor Poe. — Era uma folha de cálculo brilhante. O número que se encontrava ao fundo era impressionante. Estava na casa dos milhares de milhões, não dos milhões. Ele não fazia ideia de que a Igreja fosse tão rica. — Quer saber porque lhe mostrei isto?

Poe estava prestes a dizer que tinha sido para demonstrar o poder da sua organização, mas a resposta morreu-lhe nos lábios. Oldwater não parecia zangado. Talvez não fosse isso.

— Não é para lhe mostrar quão poderosos somos, se é isso que está a pensar.

Mas que raio, será que ele lia pensamentos...?

— Nunca tal me passou pela cabeça.

— Não, é para lhe mostrar como somos bons. Temos alguns dos melhores contabilistas do país. Não pagamos muito aos nossos sacerdotes e, ocasionalmente, um ou dois sentem a tentação de se desviar do caminho. O que quero dizer é o seguinte: nós descobrimos sempre. E, quando lhe digo que o inquérito foi um inquérito e não um encobrimento, pode acreditar em mim. A Igreja protege os seus investimentos de forma muito ciosa.

Poe voltou a olhar para a folha de cálculo. Era verdade, pensou. Os ricos pareciam saber onde estava cada centavo do seu dinheiro.

— Pois bem, conte-me o que sabe. Diga-me porque é que a imprensa acreditava que ele tinha desviado fundos da Igreja.

Oldwater parecia estar a tentar fazer sentido das coisas na sua cabeça.

— É mesmo um agente da polícia, inspetor Poe?

— Sou, sim. Porquê?

— Porque parece que não leu os seus próprios ficheiros.

— Somos a National Crime Agency, Nicholas. Nem sempre nos damos bem com os outros. De momento, estamos a ter alguns... problemas de comunicação.

Oldwater acenou com a cabeça. Poe desconfiava que o astuto bispo sabia que se passava muito mais do que ele lhe dissera, mas, não obstante, pareceu disposto a ajudar.

— Inspetor Poe, quando o Sr. Carmichael desapareceu, tinha meio milhão de libras na sua conta bancária, e não era dinheiro que tivesse desviado da Igreja. Até hoje, ninguém conhece a sua proveniência.

Poe inclinou-se para a frente.

— Conte-me tudo — instou.

Capítulo 28

— Quentin Carmichael era um membro respeitável da Igreja — disse Oldwater. — Era ambicioso, mas isso nem sempre é um defeito.

Tinha ido buscar um grande envelope pardo a outra sala, provavelmente uma folha de funcionário. Leu-o para reavivar a memória e depois fez um resumo.

— Era deão? — perguntou Poe.

Oldwater assentiu.

— Era deão de Derwentshire. Abarca a maior parte de Allerdale. É uma parte muito abastada do condado.

— E as obras de solidariedade pelas quais recebeu o relógio?

— Tudo legítimo e confirmado. O inquérito determinou que nunca nenhum dos fundos angariados passaram por uma conta bancária à qual tivesse acesso. Ele abraçava uma causa social e atuava como figura de proa, mas deixava os pormenores para terceiros.

Poe fez uma pausa.

— Há alguma hipótese de ele ter aceitado luvas das obras sociais? Uma negociata do género «deem-me algum dinheiro e eu angario dez vezes mais essa quantia»?

— O inquérito policial colocou essa hipótese. Todas as obras eram legítimas e tinham contas perfeitamente transparentes. Não foi por aí.

— As contas podem ser adulteradas — aventou Poe.

— É verdade. Mas foram passadas a pente fino por agentes muito competentes. Está a dizer-me que mais de 20 obras sociais conseguiram enganar uma equipa de contabilistas forenses?

— Não me parece plausível.

— Mas, como era uma figura importante e o dinheiro tinha sido descoberto pouco depois do seu desaparecimento, a imprensa somou dois mais dois e o resultado foi um clichê.

— O que foi feito do dinheiro? — perguntou Poe. Se o móbil não tinha sido o dinheiro, seguir-lhe o rasto podia levá-lo ao assassino, ou pelo menos à ligação de Carmichael com as outras vítimas.

— Ouviu o que eu disse que os seus filhos afirmaram? — perguntou Oldwater.

— Que ele tinha descoberto uma vocação para ser missionário em África?

— Isso mesmo.

— Acreditou nisso? — quis saber Poe.

— Não acreditei na altura, e não acredito agora — respondeu Oldwater.

— Não disseram que ele morreu de malária ou algo parecido?

— Dengue. Mas nunca houve provas.

— Mas os seus bens foram libertados pelo tribunal.

— É verdade. — Oldwater suspirou. — Tem de ver as coisas pela perspetiva dos filhos. O pai tinha desaparecido e havia muito dinheiro no banco. Um inquérito policial não conseguiu provar a sua proveniência ilícita, e, por direito, havia lugar à aplicação da lei de sucessão *ab intestato*. A mulher dele já tinha falecido, por isso o dinheiro ficaria para os filhos assim que ele fosse declarado morto.

— Então, simularam a morte?

— É difícil dizer. Os registos dão conta de que os filhos passaram um mau bocado na escola quando a imprensa começou a atacar o pai. Talvez não surpreenda que tenham inventado uma história para explicar o seu desaparecimento. Não sei se estariam a pensar tanto no dinheiro que estava cativo.

— Acredita que esconderam o passaporte e o livro de cheques dele?

— É possível. E, se mentiram, não tinham alternativa senão manter a história até às últimas consequências.

Seria invulgar que três crianças insistissem numa mentira sob interrogatório policial. O mais certo era um ter inventado a história, tendo depois mentido aos outros dois.

— Li todos os depoimentos deles — prosseguiu Oldwater —, e tiveram o cuidado de evitar dizer que ele tinha fugido do país. Ao invés, disseram que achavam que ele tinha saído do país.

— E dizer a nossa opinião à polícia não constitui um crime — concluiu Poe. — E a parte do dengue? Presumo que isso pudesse ter sido comprovado.

— Muitos missionários cristãos vão para África, e um grande número não volta. Guerra, crime e doença são os três grandes culpados — explicou Oldwater. — Mas, se os filhos inventaram a história, foram muito inteligentes.

— Como assim?

— Sabe o que é o dengue, inspetor Poe? — Ele negou com a cabeça. — Só precisa de saber duas coisas. É uma forma horrível de morrer e é extremamente contagioso. Naquela altura, em África, quem morria dessa doença era imediatamente cremado.

— Portanto...

— Portanto, só precisavam de uma certidão de óbito de um homem caucasiano não identificado, mais ou menos da mesma idade, para poderem alegar que ele devia ser declarado morto. Em África, sobretudo em cenários de guerra, as certidões de óbito são praticamente inexistentes. — Poe manteve-se em silêncio. — E não se esqueça de que, por essa altura, ele já tinha desaparecido há vários anos. Interpuseram recurso junto dos tribunais, reuniram algumas provas circunstanciais e, em 2007, obtiveram a certidão de óbito. A herança ficou à sua disposição.

— E então esbanjaram-na?

— Oh, não, nada disso.

— Então, o que lhe fizeram?

Oldwater parecia estar a chegar a uma decisão.

— Não me parece que seja homem para largar facilmente o osso, inspetor Poe.

— É uma das minhas virtudes, Nicholas — admitiu Poe.

— Ótimo — disse Oldwater.

— Então, porquê?

— É a sua semana de sorte. — Sorriu. — Consegue arranjar um fato?

Capítulo 29

Quando Poe deixou Bradshaw em Shap Wells, Cúmbria começava a mostrar a sua raça. O tempo tinha mudado e um vento de leste ameaçava transformar-se num vendaval. *Edgar* rosnou aos céus plúmbeos, mas bastou uma longa caminhada para o deixar de cauda a abanar.

Quando o vento começou a penetrar no casaco fino de Poe, ele decidiu que era melhor dar meia-volta; não havia mau tempo, apenas más escolhas de vestuário. Quando o fez, o telemóvel deu sinal de mensagem recebida. Era de Flynn: «Vou a caminho de tua casa, Poe. Precisamos de falar.»

As intenções de Flynn eram óbvias, e Poe ponderou se teria tempo para cavar um fosso à volta de Herdwick Croft para se proteger dela. A luz já estava acesa quando ele chegou. Apesar de a casa ser sua, ele bateu à porta antes de entrar.

Flynn estava furiosa.

— Onde te meteste?

Poe passou por ela e abriu a válvula de uma botija de gás. Depois de acender o fogão e pôr água a ferver, virou-se para ela e disse:

— O que disseste? Espero que não estejas a insinuar que podes dizer-me o que posso ou não fazer quando estou de licença.

Ela não se retraiu, como ele sabia que ela não faria.

— Deixa-te de merdas, Poe! Foste falar com uma testemunha sem autorização.

— Qual delas? — perguntou Poe, sem conseguir calar-se a tempo.

Felizmente, Flynn pareceu pensar que ele estava a gozar com ela.

— Sabes muito bem a quem me refiro. Francis Sharples ligou para a esquadra de Carlisle a perguntar quando tencionavam ir prendê-lo.

Merda... tinha-se esquecido de Sharples. Conteve um sorriso.

— Não tem piada, Poe! Fizeram figura de idiotas.

— Porque são idiotas.

— Não, Poe, não são. Têm um trabalho impossível, e a imprensa põe em causa tudo o que fazem. O Gamble não pode ter alguém a falar com as testemunhas só porque sim.

— Mas o Van Zyl...

— O Van Zyl queria-te aqui para ajudares a definir a estratégia, Poe. Para teres a abordagem que mais ninguém tem — disse ela. — Não quer que ajas por conta própria. Esteve mais de uma hora ao telefone com o chefe da polícia de Cúmbria.

— Desculpa — disse ele. — Tens razão; não há justificação possível, devia ter dito a alguém.

Isso pareceu acalmá-la.

— Conta-me o que descobriste. A tua mensagem sobre o relógio foi um pouco vaga.

Poe falou-lhe do seu dia, apesar de se ter esquecido de referir a subsequente visita ao bispo; ela não podia fazer vista grossa à desobediência a uma ordem direta. Não depois de ele ter passado por cima dela ao pedir a exumação do cadáver. Bradshaw podia contar-lhe mais tarde — ele não lhe pedira para guardar segredo —, mas Poe esperava que não o fizesse. Fosse como fosse, ele estava de licença e a Bishop's House era uma atração turística. Apesar da sua fúria latente, Flynn parecia ter ficado impressionada.

A cafeteira deu sinal e eles fizeram uma pausa. Enquanto o café arrefecia, ele aproveitou para trancar todas as portadas e garantir que estava tudo bem seguro no exterior. Não estava preocupado com Herdwick Croft; tinha resistido durante séculos — os construtores do passado pareciam saber fazer as coisas como deve

ser —,e todas as suas alterações tinham sido feitas no exterior ou estavam enterradas. Ele olhou para cima e viu uma das inevitáveis ovelhas Herdwick. Estava a roer estoicamente as ervas mais rijas e parecia não dar grande importância ao vendaval. E porque daria? Era uma raça muito resistente, conhecida por sobreviver em nevões durante semanas a comer a própria lá; aquela aragem não a incomodaria.

Edgar apareceu para ver o que ele estava a fazer, mas depressa voltou para dentro, quando as suas orelhas quase voaram para longe. Poe prendeu o último objeto, uma botija de gás sobresselente, e deu os trabalhos por concluídos. Voltou para dentro de casa e fechou a porta.

Flynn estava a bebericar a bebida quente e a olhar para o quadro na parede. Nada havia sido acrescentado desde a última vez que ali estivera.

— Está fresquinho lá fora — disse ele, enquanto despia o casaco. Ela bebeu o café e colocou a chávena no pequeno lava-louça.

— E então, qual é a próxima jogada?

— Queres mesmo saber?

— Não, mas diz-me na mesma.

— Eu e a Tilly vamos a um evento de solidariedade com o Bispo de Carlisle.

Flynn escondeu a cabeça entre as mãos e resmungou.

Capítulo 30

Depois de levar Flynn a Shap Wells, Poe experimentou o seu antigo fato de trabalho. Estava um pouco puído, brilhante de gordura e ficava-lhe muito grande. Não sabia quanto peso perdera desde que voltara para Cúmbria, mas o fato que outrora lhe ficava tão apertado que até lhe deixava marcas na pele agora ficava-lhe a nadar. Parecia um anúncio de antes e depois de um medicamento para emagrecer milagroso, sem dúvida devido ao trabalho físico de manutenção que fizera ao longo do último ano em Herdwick Croft.

Era óbvio que precisava de um fato novo. Felizmente, o evento de solidariedade era só na noite seguinte. Tinha um dia inteiro para ir às compras. Ligou a Bradshaw, para se certificar de que ela tinha um vestido. Ela disse-lhe que não.

— Deve haver alguma coisa em Kendal — disse Poe. — Apanhote às dez?

— Sim, por favor, Poe. Podemos almoçar fora outra vez?

— Claro...

— Ótimo.

— Falaste com a inspetora Flynn? — perguntou Poe.

— Ainda não. Vamos lanchar mais tarde.

— Não te esqueças: se ela te perguntar alguma coisa, não mintas.

— Não me esqueço — prometeu.

*

Apesar do mau tempo, que a dada altura na noite Poe atualizou de «ameno» para «fresco», ele dormiu profundamente a noite toda.

Quando acordou, era como se a tempestade tivesse existido apenas na sua imaginação.

Abriu as portadas e deixou entrar ar. O Sol já tinha nascido e o céu estava de um azul ténue. O ar estava tão quente como pão acabado de cozer.

Vestiu uma roupa velha e foi verificar os estragos no exterior. Acenou com a cabeça, satisfeito. A casa tinha sobrevivido incólume. A ovelha da noite anterior ainda lá estava. Nem se deu ao trabalho de levantar a cabeça das ervas.

Pegou no ficheiro que estava a compilar e releu as notas que tomara na noite anterior, para ver se alguma coisa sobressaía à luz do novo dia. Nada. Certificou-se de que tomava um pequeno-almoço em condições. Habitualmente, ele e *Edgar* teriam caminhado até Shap Wells e comido qualquer coisa ali, mas ele não queria cruzar-se com Flynn. Tinham feito as pazes na noite anterior e ele não queria voltar atrás.

Decidiu regalar-se com uma boa morcela, dois ovos de pato e torradas com manteiga.

Uma hora depois, estava à porta de Shap Wells à espera de Bradshaw.

Separaram-se para fazerem as compras e combinaram voltar a encontrar-se para almoçar. Poe comprou um fato na primeira loja em que entrou. Tinha pensado comprar algo de propósito para a gala, mas a sua nova obsessão com a frugalidade convenceu-o a comprar um fato barato que pudesse ir à máquina.

Com uma hora para preencher até se encontrar com Bradshaw, Poe dirigiu-se até à esquadra de Kendal para ver Reid.

Reid não estava, e o agente de serviço deixou bem claro que Poe não era bem-vindo para pôr a conversa em dia com os seus antigos colegas.

— Desaparece, Poe!

Não deixava grande margem para ambiguidades. Ao invés, ele

decidiu ir dar uma volta pela cidade; estava um dia agradável e, afinal de contas, encontrava-se de férias.

Ao almoço, Bradshaw mostrou-lhe o que tinha comprado. O vestido estava cheio de vermelhos, dourados e verdes. Quando viu mais de perto, percebeu que era um mosaico de capas de livros de BD. Era a cara dela.

— Muito bonito, Tilly. Muito colorido — disse-lhe. Levou a mão ao saco e atirou-lhe uma t-shirt. — Toma, comprei-te um presente.

Ela abriu e riu-se, encantada, quando viu as letras «Nerd Power». Pouco depois, os risos desapareceram e Poe achou que tinha feito asneira.

— Desculpa — disse, numa voz sumida. — Pensei que ias gostar.

— Adoro, Poe! — exclamou ela, convicta. Dobrou-a e guardou-a cuidadosamente no fundo do seu saco. O vestido com super-heróis ficou por cima. Poe via o Homem-Aranha a olhar para ele.

A noite seria divertida...

Capítulo 31

Poe nunca tinha estado no Theatre by the Lake. Era uma construção contemporânea e, apesar de dar ares de edifício institucional local, graças à pedra do Lake District usada na sua construção, o auditório conseguira manter algum encanto. O cenário compensava o edifício desinspirado. Ficava às portas de Keswick, junto à margem do Derwentwater, à sombra das Western Fells. Poe sempre pensou que as colinas que rodeavam Keswick, Grasmere e Ambleside eram demasiado perfeitas, quase como se alguém as tivesse inserido na paisagem com *Photoshop*. Ele preferia as colinas agrestes mais para oeste e para sul. Os turistas que se viam nas colinas à volta de Shap ou estavam perdidos ou eram verdadeiros aficionados.

Mas não deixava de ser um cenário belíssimo.

Todos os figurões de Cúmbria — ou pelo menos os que se tinham em tal consideração — acorreram ao auditório em massa. Metade dos homens usava smoking, a outra metade optou por fatos modernos. Azuis, verdes, até roxos. Um homem usava um fez.

Esta malta com a mania que é artista..., pensou Poe, *todos diferentes, mas todos iguais.*

Apesar do estilo eclético da multidão, ele e Bradshaw sobressaíam como se estivessem sob as luzes da ribalta. Poe sabia que não estava vestido para a ocasião. O seu fato parecia barato porque era barato. Até o homem que verificava os convites trazia um fato mais elegante.

Vão todos dar uma curva. Ele estava ali na pegada de um assassino em série, não para fazer amigos.

Bradshaw estava a sair-se um pouco melhor. O seu vestido de BD tinha a vantagem de lhe conferir alguma excentricidade. E, como se tinha esmerado no penteado — o cabelo pousava-lhe suavemente sobre os ombros em vez de estar apanhado atrás num rabo de cavalo — e tinha trocado os omnipresentes óculos à Harry Potter por lentes de contacto, atraía olhares de admiração por parte de alguns homens. Algo que lhe passava totalmente ao lado.

Os olhos de Poe concentraram-se numa figura ao longe.

— Atenção — disse a Bradshaw —, o bispo acabou de chegar.

Quando Nicholas Oldwater disse que era a semana de sorte de Poe, estava a referir-se a um jantar de gala para angariar fundos para crianças carenciadas do antigo condado de Westmorland. A gala fora organizada pelos filhos de Quentin Carmichael.

Foi assim que respondeu à pergunta de Poe sobre o que tinham eles feito com o dinheiro: criaram a Fundação Carmichael.

— Em 2007, cada um dos filhos ficou com cem mil libras, e o resto foi alocado à fundação sem fins lucrativos — disse-lhe o bispo.

— Foi generoso da parte deles — concluiu Poe.

— Nem por isso. Em 2007, qualquer quantia acima de 300 mil libras era sujeita a um imposto sucessório de 40 por cento. Ficando cada um com cem mil libras e colocando o resto nos cofres da fundação, evitaram qualquer tipo de tributação.

— E presumo que todos eles façam parte do conselho de administração. O mais certo é serem todos diretores.

— Todos eles com um belíssimo salário — rematou Oldwater.— Presumo que não os possamos levar a mal. O pai deixou-lhes uma pesada herança; estavam apenas a proteger os seus interesses da melhor maneira possível. E a fundação tem feito muito bem.

O Reverendo Bispo de Carlisle estava a desfrutar de uma noite de folga, tendo em conta que não trajava os paramentos clericais. Vestia um fato antiquado, mas mesmo assim parecia 20 anos mais

elegante do que Poe.

Oldwater piscou-lhes o olho quando os viu, e, se ficou desiludido com a sua indumentária, não o demonstrou. Aproximou-se deles e disse:

— Típico de um antigo *Black Watch*, sempre pontual.

Interessante. Tinha andado a investigá-lo. E mesmo assim apareceu. Poe imaginou se teria um aliado.

Tirando um convite com o rebordo dourado do bolso interior, Oldwater disse:

— Vamos?

O evento comemorava os primeiros dez anos da fundação. Poe não sabia o que sentiriam as crianças carentes de Westmorland se tivessem visto o banquete de canapés e champanhe à disposição de todos, mas sem dúvida que aquilo o deixava um pouco constrangido.

— Uma obscenidade, não? — perguntou Oldwater. Poe assentiu. — Não é tão mau como parece. Estas pessoas — disse, apontando com os braços —, não abrem os cordões à bolsa se não forem apaparicadas. É um velho truque da beneficência. Fazê-los pensar que a organização tem tanto dinheiro que só os donativos significativos serão dignos de nota. Quanto mais gastarem em *vol-au-vents* e caviar, maior será o retorno do investimento.

Se era assim que funcionava, era assim que funcionava. A beneficência nunca ocupara espaço na vida de Poe. Contribuía regularmente para a Royal British Legion e entregava sempre as roupas usadas na loja Oxfam local, mas nunca estivera num evento daqueles. Oldwater disse-lhe:

— Tenho de ir cumprimentar umas pessoas e depois vou discursar. Porque não nos encontramos no bar para tomar um whisky mais tarde? Posso apresentar-lhe qualquer pessoa que queira conhecer. Entretanto, sugiro que desfrute da hospitalidade dos Carmichael.

Capítulo 32

A experiência de Poe no buffet foi um desalento. Os Carmichael serviram comida que ele não compreendia e de que não gostava; na opinião dele, comer ostras era pouco melhor do que comer ranho salgado, e as lagostas mais não eram do que camarões gigantes. Com opções vegetarianas igualmente pretensiosas, ele e Bradshaw tinham optado por tirar proveito do bar aberto. Poe bebeu uma caneca de *Cumberland Ale* e Bradshaw bebeu uma água com gás.

De bebidas na mão, vaguearam pelo espaço. A maioria das divisões parecia estar aberta. Havia um púlpito montado no palco do auditório. À esquerda e à direita, ao longo das paredes, mesas tapadas por toalhas. Pessoas que aceitavam donativos estavam sentadas nas mesas à esquerda, e o corrupio parecia constante. As mesas à direita continham expositores que exaltavam as virtudes de Quentin Carmichael e da fundação criada em sua homenagem.

Poe encaminhou-se para as mesas da esquerda e pegou num envelope de donativos. Havia uma secção onde devia inserir o seu código postal; os benfeitores usufruiriam de uma isenção fiscal se o fizessem, no âmbito de algo chamado Gift Aid Programme. Ele não escreveu nada. Não tinha código postal nem queria ter. Pôs uma nota de 20 libras no envelope e selou-o. Deixou o nome em branco. Um homem de smoking reparou no seu donativo e olhou-o de alto a baixo.

— Há azar? — perguntou Poe. Olhou-o fixamente até o homem corar e recuar.

Cretino.

Sentiu que havia mais alguém a olhar para ele do outro lado da

sala. Estava prestes a aplicar o mesmo remédio quando reconheceu a pessoa em questão.

— Merda — murmurou.

— O que foi, Poe? — perguntou Bradshaw.

— É o chefe da polícia de Cúmbria.

— Oh — disse ela. — E então?

— Ele odeia-me.

— Ena, quem diria!

Uau... Quem era esta miúda espevitada? Bradshaw tinha acabado de gozar com ele pela primeira vez. Poe sorriu para mostrar que não se importava.

— É um sacana rancoroso. Queria que eu ficasse em Cúmbria e tentou bloquear a minha ida para a NCA. — Fez uma pausa. — Caraças, ele vem aí.

O chefe da polícia caminhava como um homem que precisa urgentemente de um remédio para a obstipação. Trajava a sua farda de gala — incluindo as medalhas que Poe estava certo de ele não ter merecido — e trazia o chapéu debaixo do braço. Tinha o cabelo ralo e penteado de uma forma que podia ser considerada criminosa, nariz de alcoólico e um queixo espetado que mais parecia a bota de um bobo da corte. Chamava-se Leonard Tapping e tinha todo o encanto de um guarda fronteiriço da Alemanha de Leste.

— Poe — disse ele.

— Leonard — respondeu Poe.

As suas narinas pareciam deitar fumo.

— Para si é *chefe da polícia*.

Poe podia ter dito que ele já não era seu chefe, mas preferiu evitar o confronto. Achou que esta sua nova maturidade se devia à boa influência de Bradshaw.

— Mas que raio está você a fazer numa gala destas? — perguntou Tapping. Antes que Poe tivesse oportunidade de responder, acrescentou: — Pensei que os Carmichael eram

exigentes.

— É óbvio que não — respondeu Poe. Deu um gole na cerveja e disse: — Eu e a Tilly estamos aqui como convidados.

Bradshaw estendeu-lhe a mão, mas Tapping ignorou-a.

— Que idiota é que o convidou, Poe? Gostava de lhe dar uma palavrinha.

— Esteja à vontade, senhor — disse Poe. Virou-se para Bradshaw: — Tilly, podes ir ver se o Bispo de Carlisle está livre?

Tapping ficou pálido como a cal. Ela assentiu.

— Devo dizer-lhe do que se trata, Poe?

— Claro que sim. Diz-lhe que o chefe da polícia de Cúmbria quer dar-lhe uma palavrinha.

Tapping ficou ainda mais pálido. Olhou para Bradshaw e depois para Poe.

— Você não se atreveria! — sibilou. — E avisaram-no para não se aproximar do bispo!

— Era essa a mensagem do superintendente Gamble? Eu estava sem rede, senhor. — Bradshaw começou a caminhar na direção do bispo. — O Bispo de Carlisle é conselheiro do arcebispo, não é verdade? O que diria ele se soubesse que lhe chamou idiota? — Tapping cingiu o maxilar. — E o arcebispo não integra o conselho consultivo de nomeação do vice-comissário da Polícia Metropolitana, um cargo que está vago?

As ambições de Tapping eram sobejamente conhecidas e não contemplavam a permanência em Cúmbria.

— Pare! — gritou ele. As pessoas olharam para eles e Bradshaw olhou para Poe à espera de instruções. Ele nada disse. — Por favor — implorou Tapping.

— Tilly — chamou Poe.

— Sim, Poe?

— Depois de lhe pedires que venha até cá, podes trazer-me mais uma cerveja quando passares pelo bar?

— Claro que sim, Poe. — Ela virou-se e caminhou na direção do bispo, que estava momentaneamente sozinho.

Em silêncio, eles viram-na aproximar-se de Nicholas Oldwater. Ela tocou-lhe ao de leve no braço e ele virou-se. Inclinou-se para ouvir o que ela tinha para dizer e ambos olharam para Poe e Tapping. Poe acenou. Tapping não. Bradshaw e Oldwater começaram a caminhar na sua direção. Foi um processo demorado. Todos queriam falar com o bispo.

— Vá à merda, Poe! — murmurou Tapping por entre dentes.— Faça-me esse favor, sim?

— Presumo que tenha 30 segundos — disse Poe.

— Para quê? — Já não tentava esconder o pânico.

— Para me convencer — respondeu Poe.

— Para o convencer de quê? — Tapping não desviava os olhos do bispo, que se aproximava.

— A não dizer ao bispo que insultou os seus convidados e lhe chamou idiota.

— Como? — retorquiu, rispidamente.

— Quero voltar ao caso do Imolador.

Mais dois segundos. O bispo aproximou-se.

— Está bem!

— Esta noite — disse Poe. — Quero receber uma chamada da minha inspetora a dizer que a polícia de Cúmbria pensou melhor.O mesmo acesso de antes.

Tapping rangeu os dentes.

— Está bem.

— Se fosse a si, sorria, Leonard. O bispo é muito influente, sabe...

— Aquilo foi divertido — disse Poe a Bradshaw. O bispo tinha acabado de se ausentar para ir rever o discurso e Tapping estava a fazer o telefonema combinado. — Anda, vamos ver se descobrimos alguma coisa sobre os Carmichaels. Quero falar com os três até ao

final da noite.

Mas isso não seria tarefa fácil. Além do Bispo de Carlisle, os Carmichaels eram as estrelas da festa. Assim que um lambe-botas acabava de falar com eles, logo dois tomavam o seu lugar. Enquanto esperavam por uma oportunidade, vaguearam pelo lado direito do auditório, o lado que tinha os expositores.

Percorreram a fila de expositores, a começar na extremidade mais distante do palco. A exposição fora alinhada cronologicamente, e Poe percebeu que tinha começado na ponta errada. O primeiro artigo que leu foi o convite para aquele evento. Nos expositores seguintes, viu os Carmichaels ao lado de dignitários e celebridades de somenos importância, com cheques gigantes e *flûtes* de champanhe nas mãos.

Poe estava quase a terminar a década mais recente quando sentiu um ligeiro puxão no cotovelo. Era o bispo.

— Inspetor Poe, posso apresentar-lhe Jane Carmichael?

Era uma mulher alta com cerca de 40 anos. O cabelo louro estava apanhado, no estilo colmeia, e o seu vestido simples devia custar mais do que Herdwick Croft.

Carmichael sorriu educadamente e estendeu a mão, não na posição longitudinal comum, mas com a palma para baixo, como se pertencesse à realeza. Poe resistiu ao ímpeto de fazer uma vénia. Apertou suavemente os seus dedos. Ela ignorou Bradshaw, que seguiu caminho, sem se dar conta do desdém a que tinha sido votada.

— Encantada — disse Carmichael. — O que o traz ao meu evento, inspetor Poe?

Poe não respondeu. Estava de olho em Bradshaw.

Carmichael tossiu. Obviamente não gostava de ser ignorada, mas era um fardo com o qual teria de aprender a viver. Bradshaw estava de olhos postos em algo num expositor e ficou de rosto pálido. Virou-se e olhou para ele.

Tinha visto alguma coisa.

— O que se passa, Washington? — perguntou Oldwater.

— Deem-me licença — respondeu ele, encaminhando-se para junto de Bradshaw.

O bispo seguiu-o.

— O que foi, Tilly? — perguntou Poe assim que chegou junto dela.

O telemóvel dele tocou. Ele olhou para o ecrã. Era Flynn. O chefe da polícia tinha cumprido a sua parte do acordo. Ele tirou o som ao *BlackBerry*.

Bradshaw não conseguia desviar o olhar da fotografia que estava no expositor. Retratava um barco, um dos vapores que percorriam os lagos mais turísticos. Poe inclinou-se e observou a imagem. Franziu o sobrolho. Não percebia o que tanto perturbava Bradshaw.

O bispo também se inclinou para ver.

— O que vês na fotografia, Tilly? — perguntou Poe. — Diz-me o que vês.

— Repare, Poe. — Ela apontou, mas não para a fotografia. Ela queria que ele visse o convite que estava por baixo. Era para outra gala de beneficência, uma viagem de barco no Ullswater. Era anterior à fundação e fora um dos últimos eventos organizados por Quentin Carmichael.

Poe inclinou-se e leu. Era a versão de um convite dos dias de hoje se tivesse sido impresso — Poe olhou para a data — 26 anos antes. Tratava-se de um leilão de beneficência a favor de um lar de acolhimento local, e o evento chamava-se «Sente-se com Sorte?». Era o tipo de coisa que se organizava por todo o país. Uma festarola onde as empresas doavam artigos que os ricos licitavam. Havia os habituais jantares para dois em restaurantes finos, escapadinhas de fim de semana, coisas assim. Nada que entusiasmasse Poe sobremaneira.

O cartão dizia «Apenas por convite».

— O que foi, minha querida? — perguntou Oldwater.

E então, como se as nuvens se tivessem dissipado e o céu tivesse clareado, Poe percebeu finalmente ao que Bradshaw se referia.

Era ao título: «Sente-se com Sorte?» Ele lera da primeira vez sem reparar.

— Raios me partam! — sussurrou Poe. Tinha contado com conversas pomposas e pretensiosismo na gala; mas foi encontrar algo totalmente diferente.

— O que se passa, Washington? O que foi que viu? — perguntou Nicholas Oldwater.

— Tudo, Nicholas — respondeu Poe calmamente. — Vi tudo.

Porque «Sente-se com Sorte?» não terminava com um ponto de interrogação comum, mas sim com um ponto de interrogação invertido.

Capítulo 33

Poe partira do princípio de que a descoberta da vítima no caixão de Quentin Carmichael seria a sua ponte para a verdade. Estava enganado. Apesar dos obstáculos que enfrentara, na opinião de Poe, o Imolador tinha-lhe apontado o caminho para o cemitério de Kendal. Provavelmente, não imaginou que Poe chegasse lá tão depressa, mas previu que o fizesse.

Até àquela noite, Poe estava convencido de que tudo o que haviam descoberto fora orquestrado, mas não queria saber se o Imolador era inteligente; a descoberta que Bradshaw fizera do ponto de interrogação invertido no convite de há 26 anos não fazia parte do seu plano. E, nesse caso, pela primeira vez na investigação, o Imolador não estava a dar as cartas. Poe ainda não sabia se o Imolador cometera um erro, mas, se não tivesse cometido, andava lá perto.

Todos os documentos em todos os expositores passaram a ser provas, e ele pediu ao chefe da polícia que usasse a sua autoridade para declarar aquele local um local de crime. Enquanto Tapping andava às aranhas, Jane Carmichael chamou o irmão Duncan e desatou aos gritos, a dizer que Poe estava a tentar estragar a sua gala.

Duncan Carmichael era um homem corpulento com uma cara redonda.

— Sabe quem eu sou? — perguntou ele.

Poe eriçou-se. Sabia que não devia fazê-lo, mas virou-se para Bradshaw e disse:

— Tilly, podes chamar os técnicos de saúde mental? Temos aqui

uma pessoa que não sabe quem é.

— Com certeza, Poe.

Pelo canto do olho, viu-a tirar o tablet e ligá-lo.

— Tilly.

— Sim, Poe?

— Guarda o tablet.

— Está bem, Poe.

Os três filhos de Carmichael — naquela altura, Patricia já se juntara a eles — manifestaram-se contra a intrusão de Poe no seu grande evento. Ele não arredou pé.

— Homessa! O senhor não passa de um biltre! — exclamou sem rodeios Duncan.

Poe tinha sérias dúvidas de que aquele fosse o pior insulto de que seria alvo naquela noite. Tentou ligar a Flynn. Apontou para o telefone e disse:

— Chiu.

— Oh, céus, estou farta deste homenzinho insolente! — queixou-se Patricia Carmichael. — Vou pedir ao Nicholas que acabe com esta farsa.

— Estou aqui a convite dele — respondeu Poe, sem conseguir falar com Flynn.

Isto não os impediu de avançar na direção do bispo. Oldwater fez os possíveis para os acalmar, mas era evidente que estava do lado de Poe. Parecia confiar no seu bom senso.

No final, o chefe da polícia seguiu o mesmo caminho. Podia ser um carreirista isolado, mas não era estúpido. Quando Poe lhe disse que a identidade do Imolador podia estar escondida entre os expositores, e que ser visto na companhia dos Carmichaels podia não ser politicamente vantajoso durante muito mais tempo, fez o que lhe competia e pediu reforços. Quando os Carmichaels continuaram a protestar, ameaçou detê-los.

Aproximou-se de Poe e sussurrou:

— Espero bem que tenha razão, Poe.

Através dos expositores de vidro, Bradshaw começou a fotografar os artigos. Isso permitia-lhes ter os seus próprios ficheiros e não ficarem dependentes de Gamble. Não fazia diferença; Poe sabia que tudo se resumiria àquele obscuro sinal de pontuação.

§

Era inócuo e, no contexto de um leilão de beneficência, completamente apropriado. Mas... o último ponto de interrogação invertido que encontraram tinha-os levado a lugares obscuros. Poe sabia que não seria diferente desta vez.

Não sabia se seria fácil descobrir informações sobre um evento de beneficência que acontecera há 26 anos, mas, se essas informações estivessem online, Bradshaw haveria de as encontrar. Duvidava que os Carmichaels fossem uma grande ajuda; potencialmente, tinham muito a perder. Fosse como fosse, eram crianças na altura.

Uma voz roufenha fê-lo virar-se. O superintendente Gamble tinha chegado ao local. Reid estava com ele. Flynn chegaria em breve. Gamble ignorou Poe e aproximou-se do chefe da polícia. Poe não ouviu o que disseram, mas, a julgar pelos gestos exuberantes, Gamble não teve sucesso nos seus intentos. Avançou de rompante até junto de Poe.

— Não sei como conseguiu, Poe, mas o chefe disse que devia voltar a ter acesso total. — Os seus lábios estavam comprimidos.

Durante uns segundos, os dois homens fixaram-se mutuamente. Mas Poe sabia que Gamble não lhe tinha grande raiva. Estava zangado, mas em grande medida não era com ele; os seus agentes deviam estar mais em cima do assunto. Poe não quis agravar a situação, por isso decidiu fazer uma proposta de paz.

— Senhor, no que me diz respeito, a investigação é sua — disse.

— Estou disposto a ajudar como puder, mas peço-lhe que use a SCAS para aquilo que a unidade foi pensada: para disponibilizar apoio e aconselhamento analítico.

— Pois bem — respondeu Gamble. Fez um gesto para que Reid se aproximasse. — Agente Reid, vai voltar a ser o elemento de ligação à SCAS, mas desta vez faça as coisas como deve ser.

— Senhor — respondeu Reid de forma impassível. Que Poe tivesse exumado um cadáver e entrado à socapa numa gala não fora culpa sua, mas era suficientemente inteligente para não levantar ondas.

Bradshaw interrompeu.

— Está tudo digitalizado, Poe.

Ele assentiu.

— Então, vamos embora.

— Para onde? — perguntou Reid.

— Para o *pub* — respondeu Poe. — Preciso de uma bebida.

O Oddfellows Arms em Keswick ainda servia comida — mas comida a sério, neste caso —, e eles sentaram-se numa mesa sossegada na esplanada que dava para um dos parques de estacionamento da cidade. Poe pediu uns gigantescos *Yorkshire puddings* com guisado de borrego para si e para Reid, e uma lasanha de vegetais para Bradshaw.

— O que precisamos de saber a seguir? — perguntou Poe.

— Nem sei o que sabemos agora, amigo — disse Reid.

— Tens razão — retorquiu Poe.

Durante a meia hora seguinte, ele e Bradshaw recapitularam a sequência de eventos recentes. Quando terminaram, a comida já tinha chegado e, para evitar que cuspissem perdigotos de molho para cima um do outro, Poe pediu um intervalo para comerem.

Depois de voltarem a encher os copos, Bradshaw, que não largara o tablet desde que se sentaram, disse:

— Há 26 anos, havia duas empresas que organizavam cruzeiros no Ullswater. Uma delas fechou portas há alguns anos. O pai morreu, e, antes que perguntem, foi de causas naturais. Os filhos não quiseram continuar o negócio, por isso fecharam portas. A outra continua em atividade, desde há 150 anos.

— Pois bem, se partirmos do princípio de que o cruzeiro é importante, temos de verificar as duas empresas — anunciou Poe.

— Eu trato disso — disse Reid. — Posso aceder ao departamento de licenciamento do município de Eden District e dar uma vista de olhos. Se for preciso seguir alguma pista, ponho dois agentes em campo.

Poe acenou. Tinha contado que Reid se oferecesse para essa tarefa. Seria mais fácil para um agente de Cúmbria.

— Achas que aconteceu alguma coisa no cruzeiro? Talvez um acidente? — perguntou Reid. — Os ricos nunca são muito espertos quando fazem uma estupidez. A primeira coisa que lhes ocorre é sempre encobrir o caso.

Poe abanou a cabeça.

— Não, se aconteceu realmente alguma coisa, o sinal de pontuação no convite significa que foi planeado. Pelo menos uma pessoa sabia de antemão.

— O Quentin Carmichael? — aventou Reid.

— Provavelmente. Mas não é certo.

— Algum palpite? — insistiu Reid.

— A maioria dos homicídios tem por base dinheiro ou sexo, e, para já, não vejo necessidade de ir mais longe. O Quentin Carmichael morreu com quase meio milhão de libras no banco, um dinheiro que nunca foi verificado.

— E então...?

— Então, acho que temos de falar com alguém do tal lar de acolhimento, para ver se sempre receberam alguma coisa do leilão.

Capítulo 34

Na manhã seguinte, às 8 horas, Bradshaw, Reid e Flynn foram ter com Poe a Herdwick Croft. Flynn partiria para Hampshire ainda nessa manhã; havia uma tempestade política a formar-se sobre Quentin Carmichael. Sem surpresa, os filhos estavam a fazer um pé de vento e a tentar impedir que a investigação manchasse o nome do seu pai. Tinham contactos em Westminster — e também aí havia gente interessada em preservar o bom nome dos Carmichaels, não fosse o seu próprio nome vir a ser submetido ao mesmo crivo — e um secretário de Estado tinha convocado o diretor da NCA. Ele queria Flynn ao seu lado. Ela queria levar Bradshaw consigo para a SCAS, mas Bradshaw recusou.

— Não podemos justificar a despesa de um quarto de hotel, Tilly — argumentara Flynn. — Podes ajudar na mesma medida na SCAS.

— Posso ficar com o Poe e o *Edgar*, não posso, Poe? — contra-argumentara ela.

Poe foi poupado a ter de explicar a Bradshaw o porquê de talvez não ser boa ideia que uma jovem ingénua ficasse com um homem rabugento de meia-idade, pois Flynn revirou os olhos e cedeu.

— Está bem. Mais umas noites. — Entretanto, pediu-lhes que avançassem e tentassem não perturbar todas as pessoas que encontrassem pelo caminho.

Poe esboçou um sorriso escarninho e disse que não podia prometer nada.

Bradshaw passou metade da noite na Internet e encontrou um ponto de partida. O lar de acolhimento que estava indicado como beneficiário no convite chamava-se Seven Pines, e já não existia. Apesar de pertencer a uma obra social religiosa de Cúmbria, à semelhança de todos os lares de acolhimento, estava sob a alçada das autoridades locais.

O facto de já não existir levantou suspeitas a Poe, mas, quando ele falou com a assistente social dos serviços de apoio à criança em Carlisle, ela disse:

— Cúmbria já quase não tem lares, inspetor Poe. A maioria das nossas crianças é colocada junto de famílias de acolhimento. É mais económico e mais benéfico para elas. Se uma criança de Cúmbria não conseguir ser colocada e precisar de um lar, o habitual é sair do condado. Mas isso custa uma fortuna.

— Certo — disse Poe. Estava a aprender umas coisas. — Mas, se eu quisesse falar com alguém sobre Seven Pines e um evento de beneficência que foi organizado para angariar fundos, quem seria a pessoa indicada?

— Isso foi antes do meu tempo — disse ela. Mas não era uma pessoa difícil e prometeu falar com alguém que estava ali há mais tempo. Ficou com o número de telefone dele e disse que entraria em contacto.

Enquanto esperavam, Poe colocou uma cafeteira de café forte em cima da mesa e todos beberam uma chávena, até Bradshaw. Reid levava *donuts* e um pacote de café moído para repor o que tinham gasto nos últimos dias. Poe cheirou o café e suspirou. Era um bom lote. Guatemalteco e moído artesanalmente na loja de que Poe era cliente. Agradeceu-lhe, apesar de não ser necessário; nunca na vida ficara sem café. Tinha reservas das reservas. Mas não deixava de ser um gesto simpático. Colocou-o na parte da frente da sua reserva. Seria o próximo a ser usado.

Além do café e dos *donuts*, Reid levou uma cópia do ficheiro de Quentin Carmichael e eles passaram meia hora a familiarizar-se com o conteúdo. Não havia nada que saltasse à vista, e Poe ficou satisfeito por saber que a investigação original não tinha deixado passar nada de muito óbvio. Ninguém tinha seguido o rasto do dinheiro, mas não havia indícios de ilegalidade. Bradshaw digitalizou tudo para o tablet, de modo a não precisarem de andar com o ficheiro em papel atrás.

O telemóvel de Reid tocou. Ele olhou para o ecrã, levou o dedo aos lábios e sussurrou

— É o Gamble. — Depois atendeu. — Agente Reid.

Poe estava a tentar escutar a conversa quando o seu próprio telemóvel tocou. O número começava por 01228: o indicativo de Carlisle. Pressionou o botão verde para atender.

— Inspetor Poe?

— É o próprio.

— Chamo-me Audrey Jackson e sou a diretora-adjunta da Looked After Children. Presumo que tenha falado com uma das minhas assistentes sociais há pouco. Queria saber informações sobre o lar de acolhimento Seven Pines? — Poe confirmou. — Importa-se de me dizer qual é o assunto?

— Foi mencionado numa investigação de homicídio.

— Compreendo — disse ela. Era óbvio que não contava ouvir aquilo. — Presumo que não pertença à polícia de Cúmbria. — Depois de Poe explicar que pertencia à National Crime Agency, mas que estava destacado para investigar um homicídio em Cúmbria, ela disse: — Tem como se deslocar? Porque, se conseguir estar no centro cívico de Carlisle ao meio-dia, podemos encontrar-nos. Por essa altura, já terei os ficheiros do lar de acolhimento.

— Isso inclui os registos financeiros? — perguntou ele. Se sim, podia haver um rasto de papelada a seguir.

— Não os vi. Mas vou ligar ao departamento financeiro assim que

desligar o telefone, de modo a garantir que temos os registros financeiros desde...?

— Há 26 anos — respondeu Poe.

Quando terminou a conversa com Audrey Jackson, Reid também já terminara o seu telefonema.

— Era o chefe — informou. — O cadáver encontrado no caixão de Carmichael foi identificado como pertencendo a Sebastian Doyle, de 68 anos. Todos pensavam que tinha ido para o estrangeiro para viver com a família em Oz, daí não ter sido dado como desaparecido.

— Enquadra-se no perfil? — perguntou Poe.

— É tudo o que sei. O Gamble disse que me manteria atualizado ao longo do dia.

Poe não respondeu. Mais uma vítima, mais um idoso. Naquela altura, todos os indícios apontavam para o cruzeiro de beneficência de Quentin Carmichael. Ele levantou-se.

— Vamos. Se quisermos chegar a tempo à reunião do meio-dia, não nos podemos atrasar.

Capítulo 35

Por mais obras de beneficência que albergasse, o centro cívico de Carlisle continuava a ser o edifício mais desprovido de alma de Cúmbria. Poe acreditava que um ambiente desinspirado originava um pensamento desinspirado, e não havia nada mais desinspirado do que uma torre de 12 andares na qual trabalhavam os líderes de Cúmbria. No condado que inspirara William Wordsworth e Beatrix Potter, Poe considerava chocante que tivesse sido concedida uma licença de construção ao mamarracho que dominava o centro histórico da cidade. Os planos iminentes de o demolir e recomeçar noutro sítio só pecavam por tardios.

Foram encaminhados para a sala de reuniões C, uma sala sem personalidade que não continha nada que pudesse ser motivo de ofensa: apenas uma mesa oblonga, cadeiras de plástico e uns cartazes emoldurados em acrílico, a promover a declaração de princípios do município. A luz do teto era fraca e tremeluzente. Tinham à disposição chá, café e bolachas. Reid abriu um pacote de três bolachas de chocolate e cada um comeu uma.

Audrey Jackson chegou pontualmente ao meio-dia, acompanhada por um homem de óculos. Poe apresentou-se e todos os outros fizeram o mesmo. Quando Jackson se sentou, ele reparou que ela ficou na outra ponta da mesa. O homem sentou-se ao seu lado.

A outra coisa em que ele reparou foi que nenhum dos dois trazia quaisquer papéis.

O homem que estava com Jackson foi o primeiro a falar.

— Chamo-me Neil Evans e pertenço ao departamento jurídico do município, inspetor Poe. Peço que me diga qual é a relação do lar

de acolhimento Seven Pines com a investigação de homicídio.

— Já disse à Sra. Jackson quando falámos ao telefone — respondeu Poe.

— E agora terá de me dizer a mim — retorquiu ele. — Mesmo não sendo um dos nossos lares de acolhimento, o conselho municipal de Cúmbria tem o dever de cuidar do bem-estar de todas as crianças de Seven Pines, e, apesar de agora terem todas mais de 21 anos, continuam a ter direito a determinados serviços; um dos quais é a confidencialidade.

— Trata-se de uma investigação de homicídio — contrapôs Poe.

— Pode muito bem ser — interrompeu Jackson —, mas há sempre um estigma relacionado com as crianças que ficam à nossa guarda, inspetor Poe. Já aconteceu anteriormente. Em vez de procurar provas concretas, a polícia limita-se a reunir todas as crianças e vê qual delas mais se enquadra no perfil do suspeito. — Poe não respondeu. O mais certo era ser verdade. — Por isso, se veio aqui simplesmente à procura de um culpado, o Sr. Evans vai garantir que não somos obrigados a dar os nomes das nossas crianças.

Poe resumiu o que sabiam e como tinham ido parar ao centro cívico com a diretora-adjunta da Looked After Children. Terminou a dizer o seguinte:

— Não tenho o menor interesse nas crianças que estiveram em Seven Pines, Sra. Jackson. De momento, só estou interessado no cruzeiro, e a única pessoa que temos a certeza de ter participado está morta. Quentin Carmichael, já ouviu falar dele?

A julgar pelos olhares que os seus interlocutores trocaram, Poe percebeu que sim. Nenhum dos dois tentou negar.

— Lamento, inspetor Poe — disse Evans —, mas ainda não passou o limiar da razoabilidade. Não posso expor o município ao risco de aceder aos nossos arquivos. Agradeço a sua franqueza, e fica registado que nunca pediu para ver qualquer informação relativa

aos ocupantes do lar de acolhimento, mas, se quiser aceder aos arquivos, terá de pedir um mandado de busca.

Normalmente, Poe estaria a esmurrar as paredes, mas Evans tinha razão, por isso disse:

— Acha que vale a pena pedir um mandado?

Evans olhou fixamente para ele e acenou quase impercetivelmente com a cabeça. Poe virou-se para Reid.

— Quanto tempo demoram a pedi-lo?

— Já os viste em ação. O Gamble é um bom superintendente, mas é rigoroso. Não vai acelerar uma tomada de decisão.

Era o que Poe pensava. Não tinha tempo nem paciência para esperar pelas diligências de Gamble. Saiu da sala e ligou a Flynn, que atendeu de imediato. Parecia estar a conduzir.

Poe falou-lhe do bloqueio burocrático com que se tinham deparado e disse que achava que havia algo nos arquivos que valia a pena ver.

— Steph, preciso de um mandado de busca e não posso esperar pelo Gamble. Podes pedir ao Van Zyl para autorizar? Se for enviado por fax para o centro cívico de Carlisle, peço ao agente Reid para o levar de imediato ao juiz. O tribunal fica aqui em frente, por isso demora dois minutos a aprovar.

— Eles não divulgam mesmo os arquivos sem o mandado?

— Não. Têm medo das repercussões legais.

— Que repercussões?

— Isso gostava eu de saber — respondeu Poe.

— Deixa comigo — disse ela.

Poe regressou para a pequena sala de reuniões e explicou o que se passava. Evans aceitou esperar.

— O juiz vai estar mais recetivo a um polícia de Cúmbria, Kylian. Não te importas de ir até lá abaixo esperar que chegue?

— Queres que diga ao Gamble?

Poe negou com a cabeça. Queria ser o primeiro a ver o que

estava nos ficheiros.

— Avisamo-lo se encontrarmos alguma coisa.

— Ele vai ficar furioso — disse Reid — ... outra vez.

— Sim — concordou Poe. Mas não quis saber.

E, aparentemente, Reid também não. Saiu para esperar junto ao fax, na receção. Poe sabia que, em cinco minutos, já teria dado a volta às rececionistas. Andariam à bulha para lhe trazer bebidas e bolos. Quando o fax chegasse, já saberia tudo sobre elas: as fraquezas dos maridos, os sonhos dos filhos e onde tencionavam tomar um copo de vinho depois do expediente se ele quisesse juntar-se a elas...

Poe fez umas perguntas gerais sobre o lar de acolhimento.

— Se era gerido por uma obra social, por que motivo é que têm os arquivos?

— É de lei — explicou Evans, sentindo que estava em terreno mais seguro. — Oficialmente, não adquirimos camas a lares de acolhimento de gestão privada; estabelecemos parcerias com eles. Isso significa que todos os fundos têm de ser aprovados pela diretoria.

— É uma forma de garantir que o município é responsabilizado pelas crianças — acrescentou Jackson. — Não podemos simplesmente comprar um serviço e esquecer as crianças. Continuamos muito envolvidos no processo.

Tudo aquilo fazia sentido.

— Quem era o responsável há 26 anos? — indagou Poe.

Jackson olhou para Evans, que assentiu.

— Nomeámos uma mulher chamada Hilary Swift. Naquela altura, a diretora de um lar de acolhimento tinha de ter qualificações ao nível da assistência social.

— Ainda trabalha convosco?

— Está reformada.

Poe esperava mais: um louvor pelos seus atributos ou uma

condenação pelas suas falhas. Era raro mencionar-se uma antiga colega e deixar a coisa por aí. Eles estavam a esconder qualquer coisa.

Mas Jackson não tinha chegado a um cargo de chefia através de coscuvilhice. Cruzou os braços e recusou-se a aprofundar a questão. Evans ajudou-a.

— Os funcionários e ex-funcionários têm direito ao mesmo tipo de proteção, inspetor Poe.

A porta abriu-se e Reid entrou. Entregou um documento a Poe, que o examinou. Era um mandado de apreensão de todos os ficheiros relativos ao lar de acolhimento Seven Pines até 30 anos antes. Entregou-o a Evans, que tirou os óculos, substituindo-os por óculos de leitura. Examinou o mandado e depois disse:

— Está tudo em ordem. Está tudo no meu gabinete, porque depreendi que chegássemos a este ponto. Preciso de ajuda para trazer tudo para aqui...

— Kylian? — disse Poe.

— É para já. — Reid levantou-se. — Faça favor, Sr. Evans.

Antes de sair da sala, Evans virou-se e dirigiu-se a Jackson.

— Audrey, não vejo entraves a que fale com o inspetor Poe.

Poe olhou para Jackson. Ela descruzou os braços.

— Tenho uma bela história para lhe contar, inspetor Poe — disse ela.

Capítulo 36

— Hilary Swift demitiu-se. E não foi uma demissão «após anos de dedicação ao serviço». Foi mais do género «se não pedires a demissão, és despedida» — disse Audrey Jackson. — E tudo começou nesse evento de beneficência.

O coração de Poe começou a bater mais depressa. Inclinou-se para a frente.

— O do cruzeiro no Ullswater?

Bradshaw percorreu as imagens no tablet até encontrar a mais nítida do convite que tinham encontrado na gala. Passou-lhes o tablet.

Jackson mal olhou para ele.

— Foi esse.

— Tem a certeza?

— Sim, pois fui uma das assistentes sociais responsáveis pelo inquérito após o incidente.

Poe olhou para ela, confuso.

— Porque ficou uma assistente social responsável por um inquérito? Se havia suspeitas de apropriação indevida de fundos, não teria sido preferível chamar uma equipa de técnicos financeiros ou jurídicos do município?

Ela franziu o sobrolho.

— Não percebo nada da parte financeira, inspetor Poe — respondeu ela. — Não vi o ficheiro, mas o Sr. Evans diz-me que nunca houve suspeitas de desvio de fundos. Ao que sei, Seven Pines beneficiou com o evento. — Poe franziu a testa. A sua teoria fora por água abaixo. Mas fecha-se uma porta... — Não, o inquérito

incidiu sobre o ocorrido *após* o evento.

— Explique melhor — pediu Poe.

— O que não sabe, porque não consta do convite, é que o evento não só era para Seven Pines, como foi organizado por Seven Pines — disse Jackson. — Bradshaw percorreu as fotografias da exposição. Olhou para Poe e abanou a cabeça. Jackson prosseguiu: — O que quero dizer com isto é que Hilary Swift esteve muito envolvida na organização. Como era um evento sem serviços externos (eles contrataram o barco e trataram de tudo sozinhos), quatro dos rapazes do lar de acolhimento estiveram lá a servir de empregados para reduzir os custos. Ofereciam bebidas e canapés aos convidados, esse tipo de coisas.

— Cheira-me a trabalho infantil — disse Poe.

— Não propriamente. O lar de acolhimento fazia isso algumas vezes por ano, e até era um esquema a favor das crianças.

— Porque diz isso, Audrey? — perguntou Bradshaw.

— Porque sabiam que, quanto mais amorosos e frágeis parecessem, mais gorjetas recebiam. Os miúdos eram espertos e sabiam comover as pessoas. Quando falei com a Hilary Swift depois disso, ela disse que achava que cada um tinha amealhado mais de 500 libras.

— Em gorjetas? — exclamou Poe. Há 26 anos, era uma fortuna para uma criança.

— Em gorjetas — confirmou Jackson. — Se pensarmos bem, não é uma ideia absurda. Se os convidados estavam lá para apoiar o lar de acolhimento, porque não oferecer dinheiro diretamente aos rapazes?

— Vejo alguns motivos — disse Poe. — Quantos anos tinham?

— Dez e doze — respondeu ela.

— Aí está. — Virou-se para Bradshaw. — Quanto valiam 500 libras há 26 anos, Tilly?

Ela pesquisou e disse:

— Segundo o simulador de inflação do Banco de Inglaterra, quase duas mil libras, Poe.

Poe virou-se para Jackson.

— Quantas crianças, sobretudo as mais carenciadas, sabem lidar com duas mil libras?

— É difícil responder quando usa os meus argumentos.

— O que aconteceu?

— O que lhe parece?

Droga, álcool. Nada de positivo. Poe ponderou em tudo aquilo. Podia ter começado por pensar que o dinheiro era o móbil, mas não descartava as outras hipóteses; as linhas de investigação raramente avançavam em linha reta. Se os indícios o afastassem do caminho pré-traçado, pois bem.

— Vou precisar de falar com eles, Sra. Jackson — disse. — Para ver se podem esclarecer o que aconteceu naquela noite. Presumo que os nomes constem dos arquivos.

— Vai ser mais difícil do que imagina, inspetor.

— Porquê?

— Porque, inspetor Poe, no dia seguinte, todos compraram bilhetes de comboio para Londres e, à exceção de uns postais para a Hilary, nunca mais ninguém soube deles.

Capítulo 37

Poe estava a refletir em tudo o que tinha ouvido quando Reid e Evans regressaram com um monte de pastas. Reid viu a expressão de Poe.

— O que se passa? — perguntou.

Poe não abriu a boca. Não estava disposto a aventar novas teorias à frente de estranhos. Ignorando a pergunta, dirigiu-se a Jackson:

— O que aconteceu? Presumo que tenha sido esse o motivo da investigação.

— Em parte. Alguns dos homens que estavam no barco disseram que os rapazes tinham estado a beber. Que davam goles de tudo o que iam buscar ao bar. Creio que fosse um jogo, para ver quem ficava mais embriagado.

Poe nunca fora nenhum santinho; sabia que manter crianças longe de álcool à borla era uma luta que ninguém ganhava.

— E depreendo que isso fosse proibido.

— Proibidíssimo — garantiu Jackson. — É a principal diferença entre estar à guarda do Estado ou de uma família. O Estado não tem complacência. Se a idade legal para consumir álcool é 18 anos, ninguém tem autoridade para permitir, facilitar ou fechar os olhos à situação.

Era justo. O Estado não podia ter cuidadores a fazerem o que bem entendessem. Se fechassem os olhos ao álcool, podiam perfeitamente fechar os olhos à canábis ou à maioridade.

— E a Hilary Swift não os travou?

— Não estava presente. Mas devia ter estado. Os nossos

regulamentos são claros: nada de atividades não supervisionadas.

— Então...?

— Então, porque é que não estava lá? Garanto-lhe que a resposta a essa pergunta fez parte da nossa investigação, inspetor Poe. Disse que a filha tinha ficado com febre de repente e, como metade dos rapazes ia participar no cruzeiro naquela noite, havia menos funcionários no lar de acolhimento para colmatarem a sua ausência. Numa das inúmeras conversas que tivemos, ela disse que os homens que estavam no barco eram os pilares da comunidade e que os rapazes nunca tinham estado em perigo.

— Cheira-me a treta — disse Reid.

— A nós também cheirou, agente Reid — retorquiu Jackson. — Isso e o consumo de álcool acabou por encostar Hilary Swift à parede. As crianças fogem dos lares e das instituições, e conseguem mesmo fugir às autoridades até serem maiores de idade, mas temos processos para minimizar o mais possível o risco de isso acontecer.

— Fez a denúncia? — perguntou Poe.

— Eu não, claro, mas sim, foi feita uma denúncia — respondeu ela. — Houve um inquérito policial, mas para nós, naquela altura, não era propriamente a síndrome da menina branca desaparecida. Se o filho de uma família da classe média desaparecesse, toda a gente entrava em pânico, mas, com uma das nossas crianças, limitavam-se a dizer: «Estavam à espera de quê? Eles são mesmo assim.»

Poe sabia que ela tinha razão. Apesar de a polícia ter redobrado esforços para encontrar crianças desaparecidas, ele estremecia só de pensar em quantas não teriam escapado por entre as malhas. Estremeceu ainda mais ao pensar nos predadores à espreita de crianças como os rapazes de Seven Pines. Para bem deles, esperava que estivessem vivos e com saúde. Lera recentemente que uma criança obrigada a prostituir-se aos 16 anos daria a ganhar

ao proxeneta mais de 200 mil libras antes de se tornar demasiado velha para atrair clientes. E, com o sexo oral a custar tão pouco como 20 libras em Londres, tinham um número assustador de tarados para servir antes de a sua juventude ter definhado o suficiente para serem descartados.

— Lembro-me de ler algo sobre esses rapazes — acrescentou Reid. — Os responsáveis pelo inquérito levaram o caso muito a sério. Eles compraram bilhetes para o primeiro comboio a sair de Carlisle no dia a seguir ao cruzeiro. Cúmbria contactou a Polícia Metropolitana para estar atenta a eles.

— E nós contactámos os 34 municípios da área metropolitana de Londres — acrescentou Jackson. — Dissemos-lhes que tínhamos quatro rapazes desaparecidos e que, se eles aparecessem a pedir ajuda, devíamos ser contactados de imediato. Alguns meses depois de fugirem, a Hilary recebeu um postal deles. Diziam que estavam a viver em Londres. Não significou o fim das buscas, mas aliviou alguma da urgência.

— Só isso? — perguntou Bradshaw. — Não pode ser só isso, pois não, Poe?

— As crianças à guarda do Estado nem sempre tomam as melhores decisões, Tilly — explicou Poe. — Por vezes, colocam-se em perigo. Há limites para o que as pessoas como a Sra. Jackson podem fazer.

Jackson assentiu.

— Pensámos que voltariam a aparecer por aqui, mas isso nunca aconteceu. Conseguiram vingar na vida, ou então...

— Ou então não — concluiu Poe por ela.

Bradshaw olhava fixamente para ele. Tinha os olhos rasos de água. Estava perturbada e Poe não conseguia dar-lhe as garantias que ela queria. Instintivamente, a sociedade sentia que devia soar um alarme sempre que desaparecia uma criança, mas o problema era que não havia nenhum alarme e, mesmo que houvesse,

algumas destas crianças fugiam de situações muito piores. Arrastá-las de volta nem sempre seria a melhor solução. Não pela primeira vez na vida, Poe pensou como conseguiam os assistentes sociais preservar a sua sanidade. Devia ser uma das profissões mais ingratas de todas, pior ainda do que ser polícia. Não havia dias bons; era tudo uma gradação de mau a pior. Tão depressa eram diabolizados por separarem as crianças das famílias como crucificados por não o fazerem.

Merda para isso...

Jackson também não quis responder a Bradshaw. Disse apenas:

— O nosso inquérito determinou que a Hilary Swift tinha violado vários dos protocolos implementados para evitar que crianças como eles fugissem. Permitiu que eles consumissem álcool (e era impossível que não estivessem embriagados quando embarcaram no comboio para Londres) e deu-lhes acesso a elevadas quantias de dinheiro.

— E? — perguntou Poe.

— E, por fim, não era a melhor pessoa para gerir um lar de acolhimento. Estava demasiado interessada na vertente social de tudo aquilo. E, sim, claro que a pessoa responsável tinha de ter visibilidade. O lar dependia tanto de donativos como dos fundos públicos, mas o inquérito concluiu que ela era obcecada por isso. E, se alguns homens ricos e influentes achavam piada a embebedar umas quantas crianças, então, mesmo que ela tivesse estado presente, a sensação geral era de que não os teria impedido.

Poe precisava de seguir em frente. O facto de as crianças terem fugido para Londres podia ser importante ou não, mas examinar os ficheiros que estavam em cima da mesa sem dúvida que era. Virou-se para Evans.

— Presumo que saiba o que contêm estes ficheiros.

— Examino tudo o que sai. Com ou sem mandado.

— Então, diga-me onde devo concentrar as minhas atenções —

pediu Poe.

Evans tinha uma pasta fina por cima, que deslizou na direção de Poe.

— Fiz cópias de alguns dos documentos que talvez seja melhor ver primeiro. — Consultou o relógio. — O tribunal ainda está aberto. Quando vir a primeira folha, talvez queira ir pedir outro mandado.

Poe abriu a pasta e tirou uma folha A4. Era um extrato bancário de Seven Pines com 26 anos. Nele constavam as despesas que todos temos nos nossos extratos mensais: alimentação, licença de televisão, serviços. As quantias estavam todas do lado direito da página. À esquerda, estava outro conjunto de valores. Em menor número, mas de maior importância. Era a secção dos créditos. Naquele mês, havia três fontes diferentes. Um subsídio, que parecia ser uma contribuição fixa da obra social que geria Seven Pines, e um pagamento das autoridades locais, que provavelmente diferia todos os meses consoante o número de camas em uso.

Poe olhou para a terceira fonte. Era um pagamento em cheque.

Consultou a página com a identificação das contas bancárias que Evans forneceu. O cheque era de Quentin Carmichael. Constava como um donativo resultante do evento «Sente-se com Sorte?». O montante era de nove mil libras.

O número da conta de Carmichael também constava do extrato.

Mas que raio...?

A sua respiração tornou-se mais acelerada.

— O que se passa, Poe? — perguntou Bradshaw. Estava cada vez mais hábil a ler as suas expressões faciais.

Ele fez deslizar a página para o outro lado da mesa. Ela ficou a olhar sem perceber de imediato.

— Ainda tens fotos da investigação ao dinheiro encontrado nas contas bancárias do Carmichael, não tens, Tilly? — Ela confirmou.— Cruza os dados com o número da conta de onde veio o cheque.

Não precisou que ela o fizesse. Sempre tivera a capacidade de

guardar pormenores importantes na sua memória.

Bradshaw ligou o tablet e começou a procurar. Não foi tão rápida como de costume. Por fim, levantou os olhos do ecrã com uma expressão confusa.

— Não encontro — disse ela.

— Exatamente — retorquiu Poe. — O Quentin Carmichael fez este pagamento de uma conta bancária que ninguém conhecia.

Capítulo 38

Gestor de conta não era um cargo na banca que dissesse muito a Poe, mas, assim que o gerente do banco recebeu a confirmação da sede acerca da validade do mandado, passou os três para uma menina Jefferson. Poe desconfiou que não era por estar desinteressado — era óbvio que não estava —, mas sim por não se conseguir orientar no seu próprio sistema.

A menina Jefferson, que pediu que a tratassem por Rhona, encontrou a conta desconhecida no computador. Franziu o sobrolho.

— Isto é estranho. — Imprimiu algumas folhas, agrafou-as e entregou-lhes uma cópia. — Como veem, o Sr. Carmichael abriu a conta em maio desse ano e encerrou-a um mês depois. — Mostrou-lhes na sua cópia onde estava a ler a informação.

Poe examinou o documento. Pelo que lhe era dado a entender, tinha havido grandes movimentações antes do cruzeiro, com seis depósitos separados de 25 mil libras, seguidos por mais três depósitos no dia a seguir ao cruzeiro: um de 100 mil libras, um de 250 mil libras e outro de 300 mil libras. No total, os depósitos perfaziam 800 mil libras certas.

— Existe alguma folha de levantamentos? — perguntou Poe.

— Página dois — respondeu Rhona.

Ele virou a página e continuou a ler. Tinha havido dois levantamentos: um cheque de nove mil libras à ordem do lar de acolhimento Seven Pines, e um levantamento em dinheiro de 791 mil libras feito por Quentin Carmichael. Com o saldo a zeros, a conta tinha sido encerrada.

Mas que raio andara ele a tramar?

— Vejo que os depósitos para esta conta foram feitos por cheque ou transferência bancária, Rhona — constatou Poe. — É possível fornecer-me uma lista?

Ela não parecia ter a certeza.

— Tenho de verificar se o seu mandado abrange isso.

— Faça isso — disse Poe.

Sendo uma funcionária diligente, bloqueou o computador antes de sair da sala. Poe sorriu. Até parecia que tinha adivinhado que ele espreitaria para o ecrã mal ela virasse costas.

Mas não fazia diferença. O gerente confirmara com a sede e, se alguém tivesse feito um depósito para a conta que constava do mandado, o nome do titular podia ser partilhado com a polícia. Mas, se Poe quisesse vasculhar a conta dessa pessoa, precisaria de outro mandado.

Rhona imprimiu mais um documento.

Este continha uma lista de nomes.

O frio súbito que se sentiu na sala tornou-se palpável. Poe olhou para os primeiros cinco nomes. Mentalmente, acrescentou um local à frente de cada um:

Graham Russell — círculo de pedra de Castlerigg, Keswick

Joe Lowell — círculo de pedra de Swinside, Broughton-in-Furness

Michael James — Long Meg and Her Daughters, Penrith

Clement Owens — Elva Plain, Cockermouth

Sebastian Doyle — o cadáver encontrado no caixão de Quentin Carmichael

Cinco homens.

Cinco vítimas.

Poe já tinha o elo de ligação.

Todos eles tinham depositado 25 mil libras na conta de Carmichael

antes do cruzeiro, e três tinham feito depósitos mais substanciais depois do evento. Sebastian Doyle, o homem que Poe encontrara no caixão de Quentin Carmichael, fizera o depósito mais avultado — 300 mil libras — e Michael James tinha feito o mais pequeno, umas meras 100 mil libras. Clement Owens estava no meio, com 250 mil libras.

O sexto homem que constava da lista chamava-se Montague Price. Tal como Joe Lowell e Graham Russell, fizera um depósito de 25 mil libras antes do cruzeiro, mas não depois.

Tinha de pedir a Flynn que verificasse na base de dados HOLMES 2, que estava sob a gestão das autoridades de Cúmbria, mas Poe tinha a certeza de que Price ainda não surgira na investigação. Verdade seja dita que, até serem carbonizados, isso também não tinha acontecido com nenhum dos outros.

Poe e Bradshaw olharam um para o outro num silêncio perplexo. Reid continuava a examinar a lista. Desde o início que Poe se recusara a acreditar que os homens eram selecionados de forma aleatória, mas nunca imaginara que encontraria provas tão irrefutáveis.

O que ele tinha nas mãos era uma lista de morte.

Reid olhava fixamente para o documento com uma expressão fechada.

— Inacreditável — disse. — Encontrei.

Bradshaw estava simultaneamente entusiasmada e receosa. Por vezes, quando os grandes casos eram deslindados, o sentimento era avassalador.

— O que acha que isto significa, Poe? — perguntou.

Ele voltou a ler a lista. Seis homens entraram no barco naquela noite. Cinco deles estavam agora mortos.

— Só pode significar uma de duas coisas, Tilly — respondeu ele. — Ou o Montague Price é a próxima vítima ou...

— Ou?

— Ou é ele o Imolador.

Capítulo 39

Poe não se importava de passar o testemunho a Gamble. Procurar um assassino depois de ele ter sido identificado era um trabalho de força bruta, não de minúcia; requeria uma caça ao homem, não um homem à caça. Ligara de imediato a Gamble para lhe dizer que tinham encontrado o elo de ligação entre as vítimas. A seu favor, ele não gritou em demasia.

Flynn estava de volta a Cúmbria e fez questão de ser informada de tudo. Encontraram-se no bar de Shap Wells e ela parecia satisfeita com o que tinham alcançado na sua ausência. A SCAS ficara bem vista em todo o processo. Disse-lhe que mais tarde o informaria de como tinha corrido a reunião com o diretor e com o ministro.

Bradshaw esmiuçou os pormenores financeiros enquanto Flynn tomava notas. Seria ela a redigir o relatório oficial da SCAS. Integraria uma possível acusação decorrente, por isso tinha de ser meti-culosa. Reid apareceu no bar a meio, mas esperou até que a troca de informações estivesse concluída.

— O que descobriu, inspetor? — perguntou Flynn, esclarecendo que estava de novo no comando. Era assim que devia ser. O inspetor-chefe organizava as jogadas e o subinspetor executava.

— Ele desapareceu — anunciou Reid.

— O Montague Price? — perguntou Poe.

— Sim. Participei na rusga. A casa estava vazia, mas parece que ele saiu à pressa.

— E? — Havia sempre mais qualquer coisa com Reid. Era um artista natural.

Ele esboçou um sorriso.

— E... é ele. A equipa forense encontrou vestígios de sangue em algumas das suas roupas. O ADN está a ser examinado. Encontrámos uma garrafa vazia que julgamos que continha algum do combustível que ele usou, e também encontrámos um frasco com um líquido desconhecido. Parece ser uma substância médica. Seguiu para o laboratório.

Estendeu a mão e apertou a de Flynn.

— É meu dever oficial agradecer-lhe, inspetora. Obviamente que o superintendente Gamble está muito ocupado, mas não quis deixar de lho dizer. Sabe que nada disto seria possível sem a SCAS. — Virou-se para Poe. — Até a ti, Poe. Ele pediu para te dizer que continua a achar que és um idiota, mas...

— Um idiota. Foi isso que ele me chamou, um idiota?

— Estou a parafrasear. As suas palavras exatas foram «um escroto cretino», mas há senhoras presentes.

Bradshaw riu-se. Até Flynn sorriu.

Já tinha passado por aquilo; a descompressão após a resolução de um caso. Era uma felicidade natural. Tudo tinha piada. Price ainda não tinha sido encontrado, mas haveria de ser. Gamble usaria todos os meios à sua disposição. Haveria de aparecer nos noticiários da noite, depois de fazer circular a fotografia de Montague Price pela comunicação social. Era o que Poe faria. Apertar o cerco. Fazer Price acreditar que havia olhos e ouvidos por toda a parte. Que não tinha onde se esconder. Podia ser inteligente para um lunático psicótico, mas Montague Price nem imaginava que estava prestes a tornar-se o homem mais famoso do país.

Poe aproximou-se do bar. Todos eles mereciam beber um copo. Enquanto esperava que o barman o atendesse, virou-se para olhar para os seus amigos. Estavam a rir e a dizer piadas. A desfrutar de um trabalho bem feito.

Então, porque é que ele não sentia o mesmo?

Ele sabia o que era. Como uma ervilha debaixo do colchão, o dinheiro de Carmichael fazia-lhe confusão.

A quantia levantada da sua conta bancária secreta quando a encerrou e o valor que foi encontrado na sua conta oficial não batiam certo. Os seis homens no cruzeiro tinham entregado 800 mil libras a Carmichael. Só 500 mil libras tinham sido descobertas. Sem contar com as 9 mil libras doadas a Seven Pines, quase 300 mil libras continuavam desaparecidas.

E ainda não sabia porque é que o seu nome tinha sido gravado no peito de uma vítima.

Poe não gostava de pontas soltas. Eram desarrumadas. Por vezes, desfaziam-se.

Enquanto os outros festejavam, Poe cismava e matutava.

Capítulo 40

Poe e Reid ficaram acordados até tarde. Flynn saiu mais cedo para começar a redigir o relatório da SCAS. Bradshaw ficou até à 1 hora, mas acabou por se retirar, dizendo que tinha assuntos a tratar.

Reid franziu o sobrolho assim que ela saiu.

— Que assuntos é que ela tem a tratar a estas horas da noite?

— Jogos de computador, diria eu — respondeu Poe.

Reid decidiu passar ali a noite. Reservou um quarto e ficaram a beber whisky e a fumar charutos até às tantas. Falaram da abordagem de Gamble à busca de Montague Price. Todos tinham assistido ao noticiário das 22 horas, onde Gamble fizera aquele que Poe acreditava ser o primeiro de muitos apelos à população. Apesar de ter agradecido em privado à SCAS, deve ter-se esquecido de o fazer em público. A fazer fé no que ele dizia, foi graças à sua liderança determinada e inabalável, juntamente com o extraordinário talento dos seus inspetores, que tinham conseguido deslindar o caso.

Assim como assim, Poe tivera os olhos postos na glória.

Uma longa noite e uma barriga cheia de whisky não proporcionaram um acordar revigorado. *Edgar* despertou-o às 8 horas. A sua expressão dizia «urinar, pequeno-almoço e passeio, por favor».

Levantou-se a resmungar e abriu a porta da rua. O clarão de luz solar que antecipara não se concretizou. Em vez disso, fiapos grossos de nevoeiro avançaram pela casa adentro. Calçou uns ténis velhos e encaminhou-se para o exterior, para ver como estava o

tempo. O nevoeiro de Shap era lendário, e podia envolver as colinas num manto pesado a qualquer altura do ano. Hoje, estava particularmente agreste; era como olhar pela janela de um 747 à medida que este atravessa as nuvens. *Edgar* desatou a correr e desapareceu na imensidão de branco. A visibilidade estava reduzida a um punhado de metros à frente do nariz; como uma borracha gigante, o nevoeiro erradicara tudo à sua frente. Poe não conseguia vislumbrar Shap Wells. Mal via a própria mão. Não tencionava sair de casa enquanto o tempo não abrisse; era demasiado perigoso. Fritou umas fatias de bacon e torrou um pouco de pão. O cheiro haveria de trazer *Edgar* de volta.

O telemóvel tocou. Era Flynn.

— Bom dia, chefe.

— Já o têm.

Poe sentiu um nó no estômago, e não tinha nada que ver com a ressaca.

— O Price?

— Sim.

— Onde?

— Não o apanharam. Ele entrou pelo seu pé na esquadra de Carlisle, acompanhado pelo advogado, há cerca de 45 minutos.

Apanhado de surpresa pelo cenário pouco provável de o Imolador se entregar de livre vontade, Poe só conseguiu dizer:

— Caramba!

— Nem mais — disse Flynn.

— O que diz ele?

— Por enquanto, nada. Ainda está trancado numa sala com o advogado. O Gamble pergunta se queres estar presente quando ele começar a falar.

Poe não queria, e felizmente tinha a desculpa perfeita; todos os habitantes de Cúmbria conheciam o nevoeiro de Shap. Gamble iria compreender.

— Está um pouco denso esta manhã — concordou Flynn, depois de ele ter recusado educadamente. — Eu vou lá representar os nossos interesses. Acho que consigo ver a estrada.

— Entendido, chefe. Vais dando notícias?

— Claro.

Depois de tomar o pequeno-almoço, ele sentou-se no exterior com uma chávena de café enquanto *Edgar* fazia exercício. Por volta das 10 horas, o sol começou a penetrar o nevoeiro e Poe achou que seria seguro ir até ao hotel para ver se Reid já tinha acordado.

Estava a meio caminho quando o telemóvel tocou. Era o indicativo 020, de Londres. Atendeu, e o diretor dos serviços de informação, Edward van Zyl, deu-lhe os bons-dias.

— Com quem está a falar, Poe? — perguntou Van Zyl.

Poe parou e olhou para o ecrã, confuso, antes de responder.

— Pois... consigo, senhor. O diretor dos serviços de informação Van Zyl.

— Deve estar enganado, Poe. A última vez que falámos foi pouco antes de ir de licença — respondeu Van Zyl.

— Certo...

— Já sabe que o Price está detido?

— Sim, senhor.

— O que acha de tudo isto?

Poe recompôs-se antes de responder.

— A discrepância nos valores monetários preocupa-me, senhor. Desapareceram quase 300 mil libras.

Fez-se uma pausa antes de Van Zyl voltar a falar.

— Acha que o Price é o assassino, Poe?

Poe manteve o silêncio durante alguns instantes.

— É possível, senhor.

— Só possível?

— Pode haver provas físicas, mas não encontrei o móbil. Pode ter

sido por causa do dinheiro, mas, nesse caso, porquê esperar até agora? Creio que vamos ter de aguardar pelo interrogatório, senhor.

— Hmm... Sem dúvida que é uma opção, Poe. Falou com a inspetora Flynn sobre a nossa visita ao gabinete do ministro?

— Ainda não, senhor.

— Então, não fale. Aquela lista que obtive no banco gerou confusão por estas bandas. Há pessoas influentes que estão com os nervos em franja com o que mais possa descobrir. Querem pôr fim a isto de forma rápida e discreta, Poe.

Poe não percebeu se estava a ser ameaçado ou incentivado.

Van Zyl prosseguiu:

— Quentin Carmichael organizou mais do que uma festa, e alguns dos homens que compareceram ocupam agora cargos no Governo. Não querem ser arrastados para isto. Alguns altos funcionários examinaram o processo e decidiram que, agora que Montague Price está sob custódia, devemos concentrar-nos em garantir que ele é condenado. Estão a pressionar o Ministério Público para fazer isso mesmo, e quem se interpuser no seu caminho será arrasado. A linha de inquérito oficial será que Quentin Carmichael foi uma das primeiras vítimas de Price.

— É isso que eles dizem, senhor?

— Sim, Poe. Apesar das nossas dúvidas, Montague Price é o homem que eles querem. Um ponto final muito conveniente. —O diretor não disse mais nada durante instantes. Por fim, interrompeu o silêncio: — Mas não é essa a nossa forma de proceder, pois não, Poe?

— Não, senhor.

— E, agora que o caso está encerrado e que a SCAS já não está envolvida, presumo que queira retomar a sua licença.

— Sim, senhor. Obrigado.

— Está a agradecer-me porquê, Poe? Não se esqueça de que não falamos há séculos...

Bradshaw já estava a pé, de auscultadores nos ouvidos, os olhos colados ao tablet. Acenou-lhe assim que o viu. Não havia sinais de Reid. Um bagageiro informou Poe do número do quarto dele e ele foi lá bater.

— Desapareça.

Poe voltou a bater.

A porta abriu-se e Reid espreitou por uma fresta com os olhos raiados de sangue. Poe esperava que ele se sentisse melhor do que aparentava.

— Vamos — disse-lhe Poe —, pago-te o pequeno-almoço.

— Não me vou levantar. — O seu hálito tresandava a ressacade whisky.

— O Montague Price está sob custódia. Entregou-se hoje de manhã.

Reid esbugalhou os olhos vermelhos.

— Dá-me dez minutos.

— Dou-te 15 — retorquiu Poe. — E lava os dentes.

Vinte minutos mais tarde, e já depois do duche tomado, Reid foi ter com eles ao restaurante. Bradshaw continuava agarrada ao tablet. Poe não sabia se ela estava a lutar contra o crime ou contra os goblins; dispensava o mesmo nível de concentração aos dois. Poe serviu bebidas quentes a todos e atirou uma caixa de paracetamol a Reid.

Reid tirou dois comprimidos e engoliu-os a seco enquanto esperava que o café arrefecesse. Ficou algum tempo de olhos fixos no vazio. Manteve-se silencioso. Demasiado silencioso para um inspetor cujo principal suspeito tinha sido detido. Virou-se para Poe e disse:

— Isto parece-te bem?

Reid era um bom polícia, com instintos ainda melhores. Estando

ambos nervosos em relação a Price, alguém devia pensar nos passos a seguir, se as coisas não corressem como Gamble esperava. Van Zyl dissera-lhe para ficar de licença. Ele ponderou se não seria prematuro. Gamble podia muito bem autorizar uma investigação complementar. Teria de ser feita de qualquer maneira, e Poe queria seguir em frente.

— Na minha opinião, há duas possibilidades — disse Reid. — Ou o Price está a ser tramado pelo verdadeiro assassino, ou...

— Ou é o verdadeiro assassino e julga que consegue escapar impune — concluiu Poe. — E, se julga que consegue escapar, temos de partir do princípio de que consegue mesmo. Seja como for, creio que isto não vai ficar por aqui.

— O que vamos fazer então?

— Algo que devíamos ter feito ontem — respondeu Poe. — Vamos fazer uma visita à Hilary Swift.

Reid pareceu preocupado.

— Não sei, Poe. Não podemos interrogar uma pessoa que pode vir a ser uma testemunha-chave da acusação. É melhor esperarmos até o Price ser interrogado.

Poe olhou fixamente para ele. Reid suspirou.

— Eu ligo ao Gamble. Ao fim e ao cabo, é ele o responsável pela investigação.

Claro que ele tinha razão. A decisão cabia ao superintendente, não a ele.

— Eu ligo-lhe — propôs Poe.

— Força. Mas ele vai mandar-te dar uma curva.

Poe aproximou-se da janela para ter mais rede e ligou a Gamble. Ele devia estar com o telemóvel na mão, visto que atendeu de imediato a chamada.

— Senhor, sei que a SCAS já não está envolvida neste caso, mas eu e o agente Reid achamos pertinente ir falar com a Hilary Swift.

— Porquê, por amor de Deus?

— Informações complementares. Para atarmos algumas pontas soltas, esse tipo de coisa. Ela pode não ter estado lá naquela noite, mas devia saber que o Price estaria presente.

— Esperem até falarmos com o Price, Poe. Ele está lá dentro com o advogado a tentar chegar a um acordo.

— Um acordo?

— Sim, dá para acreditar? — retorquiu ele. — Seja como for, pode sempre tentar. Vamos ouvir o que tem para dizer, e depois o Ministério Público vai mandá-lo para a prisão até ao fim dos seus dias.

— Esperemos que sim, senhor — disse Poe.

— Não está convencido, pois não?

— É como o senhor diz, temos de ouvir o que ele tem para dizer.

— Apesar das desavenças, Poe, sei que não o teríamos apanhado sem a sua ajuda — disse Gamble.

Poe não precisava que lhe lambessem as botas; precisava de autorização para continuar a investigar. Mas tinha de entrar no jogo.

— É simpático da sua parte dizer isso, mas só contribuí com uma perspetiva nova. O senhor haveria de chegar lá sem a minha ajuda.

— Vá lá falar com ela então. Mas leve o Reid e não lhe dê voz de prisão. Faça apenas perguntas de contextualização. Se houver alguma coisa que possamos usar contra o Price, quero ser informado imediatamente.

Poe agradeceu-lhe e voltou para junto de Reid e Bradshaw.

— Podemos avançar — informou.

Reid olhou para ele.

— Ele disse que sim? Não levas a mal que confirme?

— Levo a mal se confirmares, mas força.

Reid deu-lhe um ligeiro encontrão.

— Eu confio em ti, Poe. — Consultou o relógio. — É melhor bebermos mais um café antes de seguirmos caminho. Nenhum de nós está ainda em condições de conduzir.

Capítulo 41

Reid foi a conduzir. Disse que não queria ir no lugar do passageiro com aquela má-disposição. Poe não o contrariou.

Apesar de o lar de acolhimento ter sido vendido anos antes, uma rápida espreitadela nos cadernos eleitorais informou-os de que Hilary Swift ainda vivia em Seven Pines. Poe ficou espantado por darem com a morada. O GPS indicava que tinham chegado quando ainda estavam a quase cinco quilómetros de distância — uma das benesses de viver em Cúmbria —, mas Reid ligou para a esquadra de Ambleside a pedir direções.

Seven Pines ficava situado entre Ambleside e Grasmere, e era um edifício magnífico. Uma moradia cheia de personalidade e do tamanho de um pequeno hotel. A madeira do exterior estava pintada de amarelo — por qualquer razão desconhecida, as casas tradicionais do Lake District pareciam ter todas traves de madeira pintadas de cores garridas. Ficava escondida ao fundo de um pequeno caminho e tinha vista para Rydal Water.

As antenas de Poe começaram a vibrar. Olhou para Reid e viu a mesma inquietação. Ambos sabiam o preço do imobiliário naquela zona. Estava ao nível de Londres.

Antes de saírem do carro, Poe enviou uma mensagem a Bradshaw. Aguardaram que ela respondesse e, quando o fez, Poe resfolegou de satisfação.

Já sabia como começar a entrevista.

Tinham ligado a avisar da visita, por isso Hilary Swift estava à espera deles, apesar de não lhe terem dito o motivo para lá irem. Poe e Reid percorreram o carreiro de seixos alisado na perfeição e

bateram à porta. Esta abriu-se de imediato. Mostraram os distintivos, que ela analisou cuidadosamente.

Hilary Swift tinha o tipo de pronúncia que irritava. Uma pronúncia afetada de classe alta que aperfeiçoara ao longo dos anos. Poe desconfiava que sabia mais sobre ela do que ela queria que ele soubesse. Tinha nascido e crescido em Maryport, mas tinha reescrito a sua história, para o caso de alguém duvidar, alegando ser originária da mais afluenta Cockermouth. Poe apoiava todos aqueles que procuravam aperfeiçoar-se — era assim que a raça humana evoluía —, mas não era com arrogância que se chegava lá.

Usava uma saia pelos joelhos e casaco a condizer, e o seu penteado imitava na perfeição o de Margaret Thatcher. Poe sabia que ela teria uns 60 anos, mas numa iluminação mais favorável passava bem por 50.

Convidando-os a entrar com um sorriso que não lhe chegava aos olhos, ela encaminhou-os para a sala de estar. Era obviamente a sala que mais impressionava. A vista da janela de sacada era arrebatadora. Por entre uma galeria de árvores, os olhos eram conduzidos até vistas distantes do lago. Mas o interior não estava em consonância com o exterior. O exterior era regido pelas normas do National Park, mas o interior provava que não há dinheiro que compre o bom gosto. Parecia que alguém tinha misturado purpurinas num frasco de antiácido para o estômago e pulverizado por toda a parte. E, além da paleta cromática pavorosa, Swift não acreditava em linhas simples ou na abordagem minimalista no que toca à decoração; Poe nunca tinha visto uma divisão com tanta mobília. Inúmeras mesas estavam pejudadas de candeeiros, taças e relógios. As paredes estavam atafalhadas de estantes e prateleiras. Estavam adornadas com bugigangas de ar caro. A sua filosofia parecia ser: se brilha, tem de ser dela.

Poe teve medo de se sentar, não fosse derrubar algo.

O salário de uma assistente social não chegava para comprar tudo

aquilo.

— Infelizmente, não vos posso dispensar muito tempo — avisou.

— Os meus netos voltaram comigo da Austrália e a minha filha chega dentro de duas semanas. Vamos ter férias em família. Eles estão lá em cima, a brincar sossegados por ora, mas não sei se vai durar. Vou buscar chá.

— Eu ajudo-a, Sra. Swift — disse Reid.

Poe sabia que Reid tinha ido com ela para ele poder dar uma vista de olhos. Aproximou-se da janela e contou os pinheiros. Eram cinco. Ainda estava à procura dos outros dois quando Reid e Swift regressaram com um tabuleiro composto. Ela viu para onde ele estava a olhar.

— Infelizmente, foi a tempestade *Henry* — disse ela. — Perdemos dois em fevereiro de 2016.

Há muito que acreditava que, se quiséssemos que as pessoas levassem as tempestades a sério, precisávamos de lhes dar nomes como *Arranca-Telhados* ou *Sacana*, em vez de *Henry* ou *Desmond*. Não admira que as pessoas fossem sempre apanhadas de surpresa.

— Pode dizer-me como veio aqui parar, Sra. Swift? — perguntou Poe.

— Importa-se que reformule a pergunta, inspetor Poe? — Sorriu.

— Porque acho que o que o senhor quer saber é como é que tenho dinheiro para viver aqui. Correto?

— Correto.

— Quando a obra social encerrou o lar, tive direito de preferência na compra da casa.

— Estava mais interessado em...

— Em saber onde arranjei o dinheiro?

— Sim — respondeu Poe. A mensagem de Bradshaw confirmara que não havia empréstimos pendentes. Seven Pines pertencia a Swift.

Um assomo de mau génio iluminou os seus olhos.

— O meu falecido marido sabia quando e como investir o nosso dinheiro, inspetor Poe.

Apesar de Poe ter lido algumas coisas sobre o marido — trabalhara para uma empresa de contabilidade em Penrith —, aquela era uma resposta vaga. Os contabilistas eram bem pagos, mas assim tanto também não. Decidiu não insistir no assunto por ora. Um barulho no andar de cima foi seguido pelo som de uma criança a chorar. Swift levantou-se da cadeira e encaminhou-se para a porta. Levantou a voz.

— Annabel! Jeremy! A avó está a conversar. Importam-se de fazer pouco barulho?

— Desculpe, avó — respondeu uma criança.

Poe reparou que, quando Swift levantou a voz, a pronúncia afetada resvalou, fazendo sobressair a jovem de Maryport.

— Sabe porque estamos aqui, Sra. Swift? — perguntou, assim que ela voltou a sentar-se.

— Se me perguntasse, diria que um dos antigos residentes do lar se portou mal e querem saber informações sobre ele. Normalmente, é esse o caso. Reformei-me há muito tempo, mas mantenho o contacto com algumas das crianças de quem cuidei.

— Lembra-se de um homem chamado Quentin Carmichael? — perguntou Poe.

Os seus olhos estreitaram-se.

— Então, é por isso que estão aqui. Por causa do que aconteceu no Ullswater. Mas porquê agora? Isso aconteceu há mais de 25 anos.

— Houve desenvolvimentos — respondeu ele.

— Sobre os rapazes que fugiram ou sobre o cruzeiro?

Poe não respondeu. Por vezes, era melhor deixar as testemunhas levarem-nos até onde julgavam que queríamos ir.

O rosto de Swift fechou-se enquanto ela olhava fixamente para

longe.

— Aqueles malditos rapazes! — Poe aguardou para ver se ela aprofundava a questão. — Nos anos que passei aqui, inspetor Poe, cuidei de mais de cem crianças, e não me estou a vangloriar quando digo que tive um grande impacto nas suas vidas. As crianças valorizavam o lar que eu lhes proporcionava, os limites que eu traçava e o empurrão que eu lhes dava e de que as suas vidas precisavam.

— Parece que a senhora era um pilar da comunidade — comentou ele.

— Mas aqueles quatro rapazes... Algumas crianças não querem ser ajudadas. Dei-lhes uma oportunidade maravilhosa com pessoas maravilhosas. Se tivessem feito o que eu lhes pedi, tinham conseguido excelentes estágios assim que concluíssem os estudos. Aqueles homens tinham ótimos contactos e queriam ajudar como pudessem. Só pedi que se comportassem. E acha que eles me deram ouvidos? Não. Assim que perceberam que não tinham supervisão, embebedaram-se. Como vulgares vagabundos. Não pensaram no lar nem na minha reputação.

— Parece que foram um pouco ingratos — disse Poe.

— Não acha? Fique sabendo que lhes dei uma valente descasca quando voltaram. Quase acordava a casa toda.

— Ai, sim? — Poe já tinha feito entrevistas suficientes para saber quando alguém estava a mentir. A fúria de Swift parecia forçada.

— Sim — confirmou ela.

— E eles fugiram?

— Fugiram. Levaram as coisas, e o dinheiro das gorjetas, e apanharam boleia para a estação de Carlisle.

— Porquê Carlisle? — perguntou Poe. — A de Penrith é mais próxima.

Swift disse que não sabia. Tinha sido o que a polícia lhe dissera.

Ele olhou para Reid para ver se ele tinha perguntas. Além de

ajudar com o chá, não lhe perguntara nada. Por incrível que pareça, ele estava a começar a adormecer. Afinal de contas, o que tinha ele bebido na noite anterior?

No entanto, Poe também começava a cabecear. A sala estava quente e a noite tinha sido longa. Mas... adormecer à frente de uma testemunha era uma novidade. O telemóvel estava no silêncio, mas vibrou no seu bolso. Pediu licença a Swift para atender, mas pressionou a tecla antes de ela ter oportunidade de responder. Era Flynn.

— O que se passa? — perguntou.

— Onde estás?

Poe olhou para Swift, que sorria. Começava a sentir as pálpebras pesadas. Se não tivesse cuidado, depressa se juntaria a Reid.

— Estou em casa da Sra. Swift. Eu e o agente Reid chegámos há 40 minutos. Porquê?

— Poe, presta atenção. Vou dizer-te uma coisa, mas não podes reagir. Compreendes?

Poe disse que sim. Reparou que arrastava a voz e que a língua estava mais grossa do que o habitual. Olhou para Reid, que já dormia um sono profundo. Estava a babar-se.

Mas que raio...?

— O Montague Price acabou de fazer o depoimento. Nega ser o Imolador — disse Flynn.

— É, sim — retorquiu Poe, com os pensamentos emaranhados.

— Estás a arrastar a voz, Poe. Estás bêbedo? — gritou Flynn. Poe não respondeu. Ele estivera bêbedo, mas achava que já não estava. Flynn não esperou que ele se recompusesse. — Não interessa, não tenho tempo para isto agora. Presta atenção. O Price admitiu que esteve no barco, mas não eram escapadinhas de fins de semana que estavam a ser leiloadas.

— O que era? — Poe mal percebia o que ela estava a dizer.

— Eram as crianças, Poe — respondeu ela. — Eram as crianças

que eram vendidas!

Essa parte ele percebeu. *Oh, merda...*

Ele olhou para Swift, que olhava para ele com um ar estranho.

— E, Poe, a Hilary Swift estava no barco.

Merda, merda, merda.

Tudo aquilo foi organizado por ela e pelo Carmichael.

Poe tentou concentrar-se na mulher que tinha à sua frente. A sua visão estava a ficar turva e ele percebeu que isso nada tinha que ver com a ressaca ou a fadiga.

Era algo diferente.

— Não temos ninguém aí. Tu e o agente Reid terão de a deter. Podes fazer isso, Poe?

Poe reconheceu a fase inicial da anestesia. Tentou combatê-la, mas em vão; estava prestes a sucumbir àquilo que acabara de tomar.

— Steph — disse, numa voz arrastada —, ela drogou-nos, porra.

Tentou levantar-se, mas aterrou no sofá. Deixou cair o telemóvel. Estava vagamente consciente de ouvir os gritos de Flynn através do microfone do *BlackBerry*.

— Poe! Poe! Estás bem?

Por fim, a voz tornou-se mais sumida e ele revirou os olhos para trás. Dez segundos depois, tudo à sua volta desapareceu.

Capítulo 42

Poe acordou aos poucos. Fez algumas tentativas para ficar consciente até conseguir finalmente. Não sabia quanto tempo tinha estado desmaiado; podiam ter passado dias ou minutos. Abriu os olhos e tentou focar as pessoas à sua volta.

— Meu Deus, o que aconteceu? — ouviu Reid dizer. — A minha boca mais parece o escroto de um camelo.

A garganta de Poe também estava demasiado seca. A sua cabeça latejava.

Tentou encaixar as peças do quebra-cabeças. Após algum tempo, fragmentos de memória começaram a ganhar forma e o seu cérebro conseguiu formular pensamentos. Hilary Swift tinha-os drogado aos dois e, a julgar pela pavorosa paleta cromática em tons de rosa, ainda estavam em casa dela. Se fosse esse o caso, não podiam ter ficado muito tempo inconscientes. Estavam mais de 20 pessoas na sala, algumas com a bata verde dos paramédicos. Poe olhou para baixo quando sentiu algo a apertar-lhe o braço. Estavam a medir-lhe a tensão. Uma idiota tentou enfiar algo no seu ouvido, mas ele afastou-a com um sacão.

— Poe, não sejas parvo e deixa-a medir-te a temperatura. — Era a voz de Flynn.

— Steph? — A sua voz saiu roufenha.

— Tu e o agente Reid foram drogados.

Poe esboçou um esgar trocista.

— Já tinha percebido. — Formulou outro pensamento. — Onde está a Swift?

— Desapareceu, Poe. A equipa do superintendente Gamble está

a passar revista à casa, mas parece que ela saiu à pressa. Alguém a terá vindo buscar, pois o carro dela continua lá fora.

— E os netos?

— Que netos?

— Havia crianças na casa.

— Tens a certeza? — perguntou ela, com urgência na voz.

— Eu ouvi-as.

Flynn dirigiu-se a Reid.

— Agente Reid, o inspetor Poe diz que havia crianças cá em casa.

— Duas, creio eu — confirmou Reid.

Ela gritou por Gamble, que ocorreu exibindo uma expressão de irritação.

— Os inspetores Reid e Poe dizem que havia crianças cá em casa quando chegaram, senhor. Acho que ela fugiu com elas.

— Não me faltava mais nada — rosnou Gamble.

Dirigiu-se a um dos inspetores que estavam com ele.

— Contactem os serviços fronteiriços. Digam-lhes que ela pode estar a viajar com crianças. — Virou-se para Reid. — Idade? Género? Descrição? Algo que possa ajudar?

— Não vimos as crianças, chefe — informou Reid. — Estavam lá em cima. Creio que ela disse que se chamavam Annabel e Geoffrey.

— Jeremy — corrigiu Poe.

— Annabel e Jeremy — confirmou Reid. — O que chamou «avó» à Swift parecia jovem.

— Merda! — gritou Gamble.

Poe compreendia a sua raiva. Se os serviços fronteiriços tinham sido alertados para procurarem uma mulher que viajava sozinha, não teriam prestado muita atenção a uma mulher com crianças. E, se Swift chegou à fronteira, Poe duvidava que voltassem a vê-la.

— Vou contactar a filha da Swift e pedir para enviarem fotografias por e-mail, chefe — disse Reid.

Parecia que Gamble estava prestes a contestá-lo, para dizer a

Reid que não ia fazer nada. Em vez disso, disse:

— Pelo menos, podes explicar-lhe a tua própria asneira e dizer como permitiste que os filhos dela fossem raptados nas tuas barbas.

Reid corou e acenou.

Era injusto, e Poe não sabia ao certo qual era o significado do súbito desaparecimento de Swift, mas o facto de ela ter drogas à mão significava certamente que estava envolvida. Já tinha ouvido um dos inspetores de Gamble dizer que estavam agora à procura da *Imoladora*. Começava a formar-se um consenso.

Enquadrava-se nos factos que já conheciam. Respondia a todas as questões de Gamble.

Aquilo era tudo muito bonito, pensou, mas não respondia às suas questões. A principal continuava sem resposta.

Porquê?

Não queria saber o que pensavam os outros. O problema que tinha com a ideia de Swift ser a assassina era o mesmo que tinha com Price. Porquê esperar tantos anos? Mas, com todas as provas a apontar na sua direção, o mais certo era Swift ser a assassina e ter uma explicação razoável para ter esperado tantos anos para matar os seus cúmplices. Mas Poe não queria morrer sem saber; não conseguiria dormir enquanto não soubesse quais eram os seus motivos e em que medida estava ele envolvido.

Citando uma das frases preferidas de Bradshaw, *ele precisava de mais dados*.

E só havia um sítio por onde começar.

A confissão de Montague Price.

Tentou levantar-se, mas as suas pernas estavam bambas e deram de si.

— Calma — disse a paramédica. — Não vai sair daqui enquanto não for visto por um médico. Está a precisar de soro fisiológico.

— E podes considerar isso uma ordem, inspetor Poe — disse Flynn, do outro lado da sala.

Por uma vez, ele não tencionava desobedecer.

Capítulo 43

A sala de comando estava à pinha. Todas as cadeiras de plástico estavam ocupadas pelos rabos peludos dos agentes da polícia. Os tetos altos tinham luzes tremeluzentes e eram compostos por painéis em branco sujo. Alguns eram mais novos do que os outros, o que lhes conferia uma cor irritantemente diferente. Tal como todas as salas de comando da polícia, tresandava a fritos, café e frustração. Poe achava tudo aquilo consolador. Deixou-se ficar ao fundo da sala a ouvir Gamble a informar os agentes que compunham a equipa que procurava Hilary Swift. Tinham passado dois dias desde que ela drogara Poe e Reid, pondo-se de seguida em fuga. Era o primeiro dia de Poe de volta ao trabalho. Até ver, não havia o menor indício do seu paradeiro. Ou tinha conseguido fugir do país, ou ainda não tinha sequer tentado.

Além das buscas por Swift, Gamble estava também a tentar localizar os rapazes que Price alegava terem sido vendidos na noite do leilão. A sua teoria era a de que, se os bilhetes de comboio foram um esquema para fazer a polícia pensar que tinham fugido para Londres, então tinham de estar noutro sítio qualquer. Gamble estava convencido de que, se encontrassem apenas um dos rapazes, o resto das peças do quebra-cabeças encaixaria na perfeição. Tinha equipas de investigadores destacadas para essa missão.

Poe desejava-lhes sorte, mas não estava convencido. Uma das consequências inesperadas da Operação Yewtree — o badalado inquérito nacional aos históricos abusos sexuais a crianças — era que os relatos de abusos estavam agora num nível sem precedentes. Cada vez mais as vítimas saíam das sombras. As

suas alegações estavam a ser levadas a sério.

Mas seria possível que, em 26 anos, estes rapazes não tivessem dito nada? Mesmo com toda a publicidade de que as vítimas do Imolador tinham sido alvo recentemente? Um deles já podia ter vindo a público. Nem que fosse para saber a que tipo de compensação tinha direito.

Na opinião de Poe, a explicação para o silêncio dos rapazes era mais simples. E muito mais sinistra.

Eles estavam mortos.

Era uma ideia que guardava para si mesmo.

Durante a noite que Poe passou no hospital, Bradshaw pô-lo a par do que se passara na sua ausência. Swift tinha usado uma droga chamada propofol para os deixar, a ele e a Reid, inconscientes.

Os testes realizados às provas encontradas em casa de Montague Price já tinham sido concluídos. Propofol era o líquido desconhecido que estava no frasco.

Era um dos anestésicos mais comuns. Atuava rapidamente, podia ser administrado por via oral e não ficava muito tempo no corpo. Era uma substância altamente regulamentada, e Gamble tinha destacado quatro inspetores para tentar descobrir a origem.

Podiam ainda não saber onde ela tinha arranjado o propofol, mas a sua utilização providenciou a resposta para uma das questões em aberto: como é que cinco homens haviam sido raptados sem sinais de luta? O mais certo era terem sido drogados e levados quando estavam semiconscientes. A teoria de Gamble era que estavam todos de conluio, ou Swift tinha tentado tramar Price. Aparentemente, a resposta ao «como» deixava para segundo plano a resposta ao «porquê».

Todas as vítimas tinham o estômago vazio, o que reforçava a teoria de que o propofol fora usado para facilitar o rapto. Para que o método não fosse descoberto, Gamble acreditava que Swift

mantivera as vítimas cativas até já não terem o propofol no organismo — pelo menos dois dias, segundo a opinião dos médicos que consultaram. Tinham começado as buscas pelo local de detenção improvisado dela.

Enquanto discorria, Poe cruzou olhares com Bradshaw e fez-lhe sinal para se juntar a ele no fundo da sala.

— O que achas de sairmos daqui? — perguntou-lhe. — Vamos voltar para Shap Wells e fazer algum trabalho policial?

— Pensei que nunca mais perguntava, Poe.

Poe sabia que Flynn estivera presente durante o interrogatório a Montague Price e que já tinha enviado uma cópia do vídeo a Bradshaw.

— Acha que a Hilary Swift é a Imoladora, Poe? Ficaria muito espantada se fosse.

— Porque dizes isso, Tilly?

— Estatísticas: 85 por cento dos assassinos em série são do sexo masculino.

— Mesmo assim, restam 15 por cento — replicou Poe.

— E menos de 2 por cento das assassinas usaram o fogo como arma.

— Continua.

— Continuo o quê?

— Sei que já fizeste os cálculos. Quais são as probabilidades de uma assassina em série usar o fogo como arma?

— É uma improbabilidade estatística, Poe.

Ele suspirou. A ausência de móbil e agora os cálculos de Bradshaw. Pensasse Gamble o que pensasse, o instinto de Poe dizia-lhe que, apesar de estar envolvida, Swift não era a assassina.

— Anda, vamos ver a confissão do Price.

O vídeo era tão nítido como as imagens de uma televisão 4K. A sala de interrogatório que Gamble tinha usado era pequena e

quadrada. Todas as linhas eram direitas e todos os cantos angulosos. As paredes eram beges e despidas. Os únicos objetos na sala eram cadeiras, uma mesa e algum equipamento de gravação. Era uma sala séria com um propósito sério.

Montague Price era um homem magro, com cerca de 70 anos. Poe conseguia distinguir manchas da idade nas suas mãos. Estava imaculado num fato de *tweed*, que incluía um colete e um alfinete de gravata; o perfeito cavalheiro rural que todos acreditavam que era.

Tinha sido uma figura importante na comunidade de caça e tiro. Representara a Grã-Bretanha em competições de tiro aos pratos, o que fazia dele um membro da realeza em Cúmbria.

Estava visivelmente abalado. Poe desconfiava que o motivo subjacente fosse de natureza médica, e não o medo daquilo que o esperava. Bartholomew Ward, o seu advogado, tinha-se deslocado desde Londres, e constava que Price lhe pagava três mil libras por dia.

Gamble, na qualidade de superintendente-chefe, tinha uma patente demasiado elevada para participar num interrogatório, mas Price e o seu advogado tinham concordado de antemão em aceitar a sua presença no espírito da cooperação. Flynn estava na sala em representação da NCA, e um inspetor que Poe não conhecia também estava presente.

Feitas as apresentações e verificado o equipamento de gravação, Bartholomew Ward foi o primeiro a falar.

— Meus senhores — disse, sem deferência ao facto de Flynn estar presente —, vou ler-vos uma declaração redigida pelo meu constituinte. Quero que fique registado que o mesmo se entregou de livre vontade à vossa custódia.

Gamble resfolegou.

— A cara dele estava em tudo o que era meio de comunicação social.

— Ainda assim.

— Registado — disse Gamble.

— E confirmado? — perguntou Ward.

Gamble fez uma pausa.

— Confirmado. O seu constituinte compareceu de livre vontade em Durranshill.

Sem tirar os olhos do ecrã, Bradshaw perguntou a Poe:

— Durranshill?

— É a mais recente esquadra de polícia de Carlisle. Mudaram-se para lá há uns anos, depois de as inundações de 2005 terem destruído a antiga esquadra. Custou oito milhões de libras, e parece a parte de trás de uma bancada de estádio de futebol.

Voltaram a concentrar as atenções na entrevista.

— E também quero que fique registado que o meu constituinte não foi acusado de nada.

— Confirmo, o seu constituinte não foi acusado de nada... ainda.

Com essas duas pequenas vitórias alcançadas, Ward disse:

— O meu constituinte está profundamente consternado com o pequeno papel que desempenhou nos terríveis acontecimentos daquela noite, há 26 anos. Reconhece que devia ter apresentado queixa às autoridades mais cedo do que fez, mas, para que conste, ele nunca esteve envolvido no planeamento ou execução do sucedido. — Feita esta ressalva atenuante, Ward entregou um documento a Gamble.

Durante os cinco minutos seguintes, ninguém abriu a boca. Ocasionalmente, Gamble levantava os olhos do papel, incrédulo. Price e Ward permaneceram impassíveis.

Gamble pousou o documento e disse:

— Creio que seria benéfico se eu fizesse um resumo, para que conste da gravação e para conhecimento dos meus colegas.

Ward assentiu.

— O seu constituinte foi um de seis homens convidados para um leilão de beneficência no Ullswater. Sabia que algo de ilegal se

passava, visto que o convite estava codificado. — Gamble levantou os olhos e, apesar de já saber, perguntou: — Codificado de que forma?

Price falou pela primeira vez, e a sua voz era tão roufenha como a de Poe, dois dias antes.

— O convite continha um sinal de pontuação arcaico no título. Chama-se ponto de interrogação invertido e significa...

— Eu sei o que significa: que há uma mensagem subentendida na frase precedente.

Price e Ward olharam um para o outro, e este último disse:

— Posso perguntar como é que sabe? Caiu em desuso nos nossos dias.

— Não, não pode — disse Gamble, e prosseguiu: — O seu constituinte acreditava que o cruzeiro era uma fachada para uma festa de adultos. Acompanhantes de luxo e cocaína à discrição. Percebi bem?

— Sim — respondeu Ward.

— E, por isso, estava disposto a pagar 25 mil libras adiantadas?

— Sim, e assim fez.

— Pagou 25 mil libras por prostitutas e coca? É puxadote, não acha?

— O meu constituinte não estava a par do preço de mercado de tais serviços. A ingenuidade não é crime.

Gamble fez um trabalho admirável a manter a calma. Só de assistir ao interrogatório através de um pequeno ecrã, Poe já sentia os dentes a ranger. O objetivo do depoimento de Price era limitar a sua exposição às partes mais negativas. Confessaria o que podia ser provado e negaria tudo o que não pudesse ser corroborado.

— Mas, assim que subiu a bordo, percebeu que não se tratava de cocaína e prostitutas, mas sim de um leilão de crianças?

— Correto.

— Os quatro rapazes que a Hilary Swift levou para servirem de

empregados?

Price tentou reprimir um sorriso. Poe percebia que, mesmo depois de tanto tempo, ele ainda estava a gozar o prato.

— Éramos seis, mas apenas três rapazes estavam disponíveis. O Carmichael guardou um para si. Queria que licitássemos uns contra os outros para aumentar o preço — explicou.

Ward pousou uma mão no seu ombro:

— Deixe-me ser eu a falar. Os rapazes, tal como o meu constituinte, não sabiam que eram a atração principal, e, quando o Sr. Price percebeu o que se estava a passar, o barco já tinha zarpado há muito. Não teve alternativa senão deixar-se ficar.

— Porquê?

— Receou pela vida — disse Ward. — Um medo que terão de concordar que fazia sentido, tendo em conta as circunstâncias em que nos encontramos atualmente.

Gamble não mordeu o isco. Continuou a resumir a declaração.

— Os rapazes foram embriagados antes de o leilão começar e, um a um, a Hilary Swift fê-los desfilar diante de todos. Depois de andarem para a frente e para trás e de os homens terem tido oportunidade de inspecionar a mercadoria, a licitação...

— Espere aí — interveio Flynn. — Está a dizer que a Hilary Swift estava *a bordo*?

— Sem dúvida que estava. Foi tudo organizado por ela e pelo Carmichael — confirmou Ward. — Há algum problema?

Gamble e Flynn aproximaram-se e sussurraram qualquer coisa. Flynn saiu da sala. Supostamente, terá sido quando ligou a Poe a pedir-lhe que detivesse Hilary Swift.

A ausência de Flynn não impediu Ward de continuar a falar.

— Obviamente, o meu constituinte ficou indignado e recusou-se a participar em tudo aquilo.

— Obviamente — repetiu Gamble, impassível. — E depois da licitação o barco voltou para terra e os homens desapareceram com

o que tinham comprado?

Ward abanou a cabeça.

— Não. Primeiro, Quentin Carmichael mostrou um vídeo que tinha gravado do leilão e disse que era a apólice de seguros de todos.

— E depois...?

— E depois, nada. O meu constituinte não voltou a ver nenhum dos homens. Cortou todo o tipo de contacto com eles.

— E o que acha ele que foi feito dos rapazes?

— Ele não sabe. Quer que fique registado que espera que não lhes tenha acontecido nada de mal.

O inspetor que estava na sala e que, até então, tinha mantido o silêncio, levantou-se de rompante da cadeira e gritou:

— Filho da puta mentiroso! — Tentou esmurrar Price, mas Gamble agarrou-o por trás e gritou a pedir ajuda.

Dois polícias fardados entraram na sala e arrastaram o inspetor, que ainda se debatia com eles.

Ward abriu os braços, como se o seu argumento tivesse sido reforçado.

— É por isto que ele ainda não se tinha apresentado.

— Espere até ele ir bater com os costados na prisão — murmurou Gamble. — Vão adorar apanhá-lo lá dentro.

— Ah — disse Ward —, então presumo que tenhamos um problema. Se quiser que o meu constituinte testemunhe contra os verdadeiros culpados, Hilary Swift e Quentin Carmichael, ele vai precisar de garantias em como não será acusado de nada além de ajudar um criminoso.

— Vá-se lixar! — exclamou Gamble. — Nem pense que ele vai escapar impune. Já sabia a maior parte daquilo que consta do depoimento. Ah, a propósito, o Quentin Carmichael está morto há cerca de um quarto de século, por isso metade das suas moedas de troca já desapareceram.

Aquilo era uma novidade para eles. Começaram prontamente a

sussurrar entre si. Price gesticulava para Ward. Pela primeira vez, pareceu estar preocupado.

Naquele momento, a porta abriu-se e Flynn entrou na sala a correr. Baixou-se e falou ao ouvido de Gamble.

— O interrogatório está suspenso — disse Gamble. Ward e Price olharam os dois para ele. — Estão sem sorte; a Hilary Swift desapareceu. Parece que a música parou e o senhor ficou sem cadeira, Sr. Price.

Capítulo 44

Flynn foi encontrá-los na sala Garden Room, em Shap Wells. Reid era mais útil a Gamble nesta altura e foi destacado para a investigação principal.

— Atroz, não é? — perguntou Flynn.

— Isso é um eufemismo — respondeu Poe. — Onde está o Price?

— Continua numa cela na prisão de Carlisle. O Gamble vai-se encontrar em breve com o Ministério Público, para ver de que o podem acusar.

— Prisão preventiva?

— O suficiente para o manter sob custódia, certamente. A acusação formal seguir-se-á assim que a investigação ficar concluída.

— As provas encontradas em casa dele?

— Parece que a Swift quis tramá-lo. As provas podem ser verdadeiras, mas ele tem um álibi a toda a prova em relação aos dois homicídios mais recentes. Pode provar que estava escondido em Londres. O Gamble julga, e eu concordo, que a Swift estava a tentar ganhar tempo. Provavelmente, não contava que o Price se entregasse tão cedo.

Poe ignorou o pressuposto de culpa de Swift. Ela estava envolvida; mas não significava que tudo se centrava nela.

— Se o Price estava escondido, ao deixar provas em casa dele, o verdadeiro Imolador podia estar a tentar fazê-lo aparecer.

Flynn franziu o sobrolho.

— Achas que ele é uma potencial vítima?

— E porque não? — retorquiu ele. — Todas as pessoas que

estavam no barco parecem ter sido. Por que motivo haveria ele de ser diferente? Se quem está por detrás disto tivesse conseguido raptá-lo e fazê-lo desaparecer discretamente, será que nós teríamos continuado as buscas?

— Provavelmente, não — admitiu ela. — E disseste «Imolador» em vez de Swift. Presumo que ainda não estejas convencido de que ela é a culpada.

— Sem dúvida que ela está a trabalhar com o Imolador; o uso do propofol não pode ser ignorado. Até pode ter sido ela quem colocou as provas em casa do Price. Mas, se anda por aí a carbonizar pessoas, isso já é outra questão. A Tilly tem uns cálculos que devias ver.

— Vejo depois. O que mais tens?

— Bem... até agora, o único móbil que nos ocorreu foi o financeiro — disse Poe. — E isso nunca fez grande sentido. Castração e incineração? Por questões de dinheiro? Não creio.

— Então porquê?

— Ainda não sei — disse. Sabia, mas não quis dizer em voz alta. Não diante de Bradshaw...

Flynn juntou os dedos e fechou os olhos. Abriu-os passado um minuto e inclinou-se para a frente.

— Pois bem, vamos fazer aquilo para que nos pagam. O Gamble que procure a Swift; nós somos a Serious Crime Analysis Section, o que significa que fazemos uma coisa que os outros não fazem.

Bradshaw acenou com a cabeça. E Poe acabou por fazer o mesmo, dizendo:

— Começemos pelo transporte. Temos cinco raptos e cinco homicídios, e, como não havia vestígios de propofol nas vítimas, sabemos que elas tiveram de ficar detidas algures antes de serem mortas. São deslocações adicionais que desconhecíamos.

— Então, o assassino teve de conduzir até ao local do rapto, de lá para o local da detenção e daí para o local do homicídio — resumiu

Bradshaw. — São muitos dados, Poe.

— Pensei que gostavas de dados.

Ela sorriu e disse:

— Adoro dados! — Pressionou algumas teclas, e, pouco depois, a impressora estava a trabalhar. — Quantos mais tiver, mais posso fazer. Vou aceder à base de dados da Automatic Number Plate Recognition e deitar mãos à obra.

Poe levou Flynn para longe de Bradshaw e, certificando-se de que ela não ouvia, contou-lhe o que não quisera dizer antes.

— Acho que temos de partir do princípio de que os rapazes estão mortos.

Flynn acenou em concordância. O seu rosto estava fechado.

— Já tinha pensado nisso. Tens alguma teoria?

— Tenho. Acho que 25 mil compravam o direito a abusar deles.

— E os três que pagaram as quantias de seis dígitos?

— Por esse valor, creio que podiam matá-los.

— Foi o que eu também pensei — disse Flynn, após uma longa pausa.

Nenhum dos dois reparou que a impressora tinha parado de trabalhar. Bradshaw ouvira tudo.

— Oh, não! — exclamou, soluçando. As lágrimas escorriam-lhe pela cara e, pouco depois, desatou num pranto.

Flynn sentou-se ao lado dela e colocou-lhe os braços sobre os ombros.

Durante mais de um ano, Bradshaw trabalhara em alguns dos piores casos do país, mas, até àquele momento, fora sempre à distância. Mesmo quando analisara a gravação do nome de Poe no peito de Michael James, tinha sido em imagens digitalizadas, e não no cadáver. Ali, no terreno, tinha tanto em jogo como ele. Ou talvez mais — ela era simpática, ao contrário de Poe.

Bradshaw demorou mais de uma hora a recompor-se, até

conseguir voltar ao trabalho. Poe sentiu-se culpado. Se não tivesse insistido que ela os acompanhasse a Cúmbria — e sabia que tinha sido por uma questão de teimosia na altura —, ela podia ter sido poupada a tudo aquilo.

— Tu e a Tilly parecem estar a dar-se bem — disse Flynn em voz baixa. — Apesar do que aconteceu, tirá-la do gabinete foi muito benéfico para ela.

Poe olhou para a sua nova amiga. Tinha ajeitado os óculos e estava agora com a língua de fora, em sinal de determinação. Ainda exibia as marcas das lágrimas no rosto. Uma mecha de cabelo ondulava ao sabor do ar condicionado. Ela espetou o lábio inferior para fora e soprou o cabelo da vista. Um sentimento de calor protetor invadiu Poe. Tinham uma diferença de poucos anos de idade, mas, em termos de experiências de vida, correspondiam a décadas. A ingenuidade e inocência dela contrastavam em grande medida com a natureza mais sombria dele, mas a verdade é que eram semelhantes em muitos aspetos; eram os dois obsessivos e ambos irritavam muita gente.

Pensar em Bradshaw fez-lhe lembrar uma coisa. Tinha sido ela a interpretar os dados da tomografia que revelara o seu nome no peito de Michael James. E a ligação dele ao caso ainda não estava esclarecida. Hilary Swift estava envolvida de alguma forma, mas Poe tinha a certeza de que ela não o reconheceria, nem ao seu nome. Se ela fosse cúmplice do Imolador, então não estava a par de todos os pormenores do plano. Gamble ainda tinha um inspetor a investigar o passado de Poe, na esperança de que surgisse um nome. Até ver, nada.

E Poe duvidava que a resposta estivesse no seu passado. Até ao caso Peyton Williams, ele fora uma figura pouco controversa. Mandou umas figuras pouco recomendáveis para a prisão, mas nenhuma delas tinha sido libertada nos últimos 12 meses. Contudo... o nome de Poe fora gravado no peito da terceira vítima.

Isto era um facto incontestável.

O que significava que havia algo que lhes estava a escapar.

Poe olhou para Bradshaw. A impressora ainda estava a expelir documentos, mas ela já tinha começado a fixar os primeiros à parede. A base de dados da Automatic Number Plate Recognition, ou ANPR, era o maior repositório do género no mundo. Haveria muitos dados para pesquisar.

— Quanto tempo achas que vais demorar a dar sentido a este caos, Tilly? — perguntou Poe, abrindo os braços para abarcar as várias pilhas de documentos.

Bradshaw interrompeu o que estava a fazer. Poe quase conseguia ouvir os cálculos mentais na sua cabeça; ela não gostava de dar palpites.

— Quatro horas e 30 minutos, Poe — disse. — Penso que, por essa altura, já terei algo que possamos analisar.

Poe virou-se para Flynn:

— Creio que temos de pensar num móbil diferente, chefe.

— Sou toda ouvidos — disse-lhe ela.

— Desconfiamos que os homens que depositaram os valores de seis dígitos estavam a pagar para matar as vítimas, certo? — Flynn assentiu. — Nesse caso, antes de morrerem, os rapazes sofreram horrores. — Novo assentimento. — Então... e se alguém descobriu? — perguntou Poe.

— E estão à procura de uma espécie de justiça natural?

— Enquadrar-se-ia na violência dos crimes.

— Será que um dos rapazes sobreviveu? — perguntou Flynn.

Poe abanou a cabeça.

— Se algum deles tivesse sobrevivido, os seis homens teriam sido mais cautelosos do que foram. Não, eles não conhecem a pessoa que lhes está a fazer isto. Além disso, porquê esperar 26 anos?

— Então, quem? Já identificámos todas as pessoas.

— Será que sim? — retorquiu Poe. — Sei que eles estavam

entregues ao lar, mas aqueles rapazes devem ter tido família. E se a responsabilidade paternal de alguém despertou recentemente?

Ela não pareceu convencida.

— Ouve, temos cinco horas para ocupar. Mais vale fazermos alguma coisa.

— O que tens em mente?

— Acho que temos de voltar ao início.

— Como é que o Carmichael foi parar ao depósito de sal? Isso agora é irrelevante, não?

— Não, mais ao início ainda — disse ele. — O mandado de Seven Pines foi emitido em nosso nome, não em nome da polícia de Cúmbria, e continua válido. Vamos voltar aos serviços de apoio à criança e examinar as vidas daqueles rapazes. Quero saber porque foram parar a Seven Pines.

Capítulo 45

— Do que precisam? — perguntou Audrey Jackson.

Flynn e Poe estavam de volta ao centro cívico de Carlisle. Depois de convencer Flynn de que deviam tirar partido do seu mandado, ela tinha sido resoluta. Parecia estar farta de ser a assistente de Gamble.

— Dos antecedentes dos rapazes — respondeu Flynn.

— E das suas famílias — acrescentou Poe. — E dos funcionários e do resto das crianças que estiveram em Seven Pines na mesma altura.

— É uma lista muito grande. Parte da função do lar consistia em alojamento temporário. Algumas camas tinham um elevado índice de rotatividade.

Nenhum dos dois reagiu. Flynn cruzou os braços.

— Vou ver o que consigo descobrir — disse Jackson.

Regressou pouco depois com as pastas dos rapazes. Poe desconfiava que Jackson as teria consultado recentemente. Colocou-as em cima da mesa. Eram desoladoramente finas.

Havia quatro pastas. Uma para cada um dos rapazes. Quatro crianças que tiveram uma sorte madrasta. Entregues ao cuidado do Estado porque os seus pais não podiam, não queriam ou não deviam cuidar deles. Seven Pines deveria ter sido o seu porto de abrigo. Um local onde pudessem sarar as feridas, aprender a amar e a serem amados. Um local onde pudessem voltar a confiar nos adultos.

Em vez disso, foram vendidos para agradar a homens ricos e aborrecidos.

Poe estava ainda mais determinado. Não queria saber se tinha de olhar para papelada nos dez anos seguintes; se a resposta estivesse naquelas pastas, ele encontrá-la-ia.

Abriu-as e colocou os dados pessoais lado a lado.

Michael Hilton

Mathew Malone

Andrew Smith

Scott Johnston

Quatro vidas que se extinguíram. Bebeu um gole do café que Jackson lhes trouxera e começou a ler. Flynn começou pelas outras crianças.

Uma hora depois, o seu desespero tornara-se mais profundo. Todas as fichas eram terrivelmente diferentes e deprimentemente semelhantes.

Michael Hilton: maltratado de tal forma que, aos 9 anos, pesava menos do que uma criança de 5 anos. Quando a assistente social conseguiu finalmente retirá-lo da casa da família, já havia comido moscas para sobreviver. Ambos os pais foram condenados a um ano de prisão. Poe esperava que os tivessem obrigado a comer insetos lá dentro. Michael tinha percorrido os meandros do sistema, mas problemas comportamentais derivados do terrível começo de vida a que fora sujeito faziam com que não conseguisse assentar. Seven Pines foi a sua última oportunidade, e ele parecia tê-la agarrado com as duas mãos.

Andrew Smith: um aluno exemplar na escola até as suas notas começarem a baixar. Quando uma noite lhe pediram para ficar até mais tarde para falar sobre os motivos, ele ficou apavorado. Disse ao professor que tinha de ir trabalhar. Intrigados, chamaram a polícia, que encontrou heroína na sua mochila. O pai estivera a usá-lo como correio de droga. Os dois pais fugiram para Espanha, onde aparentemente ainda viviam. Enviavam-lhe todos os anos um

postal de aniversário, através dos serviços de apoio à criança, juntamente com algum dinheiro. Uma vez que Andrew não tinha deixado morada, os últimos postais ainda estavam dentro da pasta.

Scott Johnston tinha, provavelmente, o motivo mais comum para ser afastado da família. A mãe era vítima de violência doméstica, mas recusava-se a deixar o companheiro. Isso não surpreendia Poe. Era mais comum do que as pessoas julgavam. Independentemente das consequências, algumas mulheres não conseguiam deixar os companheiros que as maltratavam. Quando os serviços de apoio à criança determinaram que o lar não era seguro para o jovem Scott e que ela tinha de decidir entre os dois — o companheiro ou o filho —, ela escolheu o primeiro. A assistente social tentara localizar o seu pai verdadeiro, mas sem sucesso. Scott entrou no sistema e nunca mais de lá saiu. Poe tomou nota da existência do pai biológico. Haveria de pedir a Reid que tentasse encontrá-lo. Até ver, era a única pessoa que tinha o menor indício de móbil.

E, por fim, Mathew Malone. Talvez o caso mais triste de todos, porque provinha de uma família feliz e equilibrada de Brighton. A sua mãe morrera era ele ainda muito jovem e, a comprovar a fragilidade da união familiar, o pai envolvera-se com uma heroinómana do Zaire. No espaço de um mês, fugiram das dívidas de droga que ela tinha em Brighton e mudaram-se para Cúmbria. Um mês depois, a mulher acusava Mathew de feitiçaria. O pai — que, naquela altura, já tinha ele próprio um vício de 80 libras por dia — não estava ciente disso ou não dava importância. A mulher estava obcecada com a ideia de expulsar os demónios do corpo do rapaz, e acreditava que a melhor forma de o fazer era expulsá-los através da dor. Mathew foi preso a uma cadeira enquanto ela apagava cigarros acesos nos seus braços e tronco. Mathew, e bem, não admitiu que aquilo se prolongasse. Assim que conseguiu fugir, correu para a esquadra de Workington. O pai foi condenado a quatro anos de prisão por

permitir que aquilo tivesse acontecido. Cumpriu dois anos e, segundo a ficha, morreu de *overdose* no dia em que foi libertado — uma história comum de toxicodependentes que subestimam a potência da heroína da «rua» quando comparada com a heroína da «prisão». A mulher foi condenada a nove anos por ofensas corporais agravadas, mas morreu durante o primeiro ano que passou na prisão —o resultado do mesmo tipo de merdas. Mas, desta feita, em vez de um rapaz de 8 anos, ela acusou de feitiçaria a sua colega de cela, uma tresloucada de Glasgow que pesava 95 quilos. A escocesa, que matara o marido e fora condenada a prisão perpétua, esmagou a cabeça da acusadora contra a borda da sanita da cela até o seu crânio ter a consistência de uma banana madura.

Poe grunhiu de satisfação.

Reviu os apontamentos que vários assistentes sociais, juízes do tribunal de menores e guardiões *ad litem* tinham anotado ao longo dos anos. Os rapazes nunca tiveram a menor hipótese.

Além do pai de Scott Johnston, havia poucos indícios de que algum membro das famílias dos rapazes andasse por aí à procura de vingança. Estavam mortos, presos, ou não queriam saber.

Havia uma fotografia dos quatro rapazes juntos. Parecia ter sido tirada com uma máquina instantânea. Tinha um rebordo branco ao fundo, a parte em que segurávamos enquanto abanávamos a imagem à espera de que secasse. A fotografia tinha fraca qualidade e teria sido tirada durante uma ida à praia, já em Seven Pines. Os rapazes sorriam ao sol. Estava um tempo bom para andar em tronco nu. Smith tinha uma bola de futebol nas mãos. Pareciam estar felizes. Apesar da qualidade da fotografia antiga, Poe conseguia ver as cicatrizes de queimadura nos braços e no peito de Malone. Pousou a fotografia com cuidado. Tinha os olhos húmidos e limpou-os antes que as lágrimas ganhassem forma.

— Porque é que nenhum deles foi entregue a uma família de acolhimento? — perguntou. — Sei que o Hilton tinha problemas

comportamentais, mas os outros três pareciam estar a adaptar-se bem a Seven Pines. Seria porque não queriam estar separados?

Jackson abanou a cabeça.

— Além do Michael, que, como referiu, tinha graves problemas psicológicos ainda não resolvidos, todos eles chegaram até nós numa fase mais tardia, e naquela altura era quase impossível colocar rapazes em famílias de acolhimento. Acabaram por formar uma amizade porque nunca foram adotados — explicou ela. — Tornou-se uma medalha de honra entre eles, um lema do género «ninguém gosta de nós e não queremos saber».

Era uma resposta deprimente, e Poe voltou a concentrar-se nas fichas. Quando terminou de lhes dar uma vista de olhos, pousou-as. Precisava de apanhar ar antes de as examinar ao pormenor. Flynn, que tinha estado a ler histórias de terror semelhantes com crianças diferentes, acompanhou-o. Jackson juntou-se a eles pouco depois. Acendeu um cigarro e inalou profundamente o fumo para os pulmões.

— Como é que aguenta estas merdas todos os dias? — perguntou Poe.

Ela encolheu os ombros.

— Se não for eu a aguentar, quem o fará por mim?

Era uma resposta possível. Não convidava a mais conversas.

Jackson acendeu outro cigarro com aquele que tinha acabado de fumar. Cinco minutos depois, regressaram para dentro. Poe voltou a abrir as pastas, determinado a encontrar alguma coisa.

O telemóvel de Flynn tocou. Ela mostrou o ecrã a Poe. Era Gamble.

— Senhor? — A sua expressão tornou-se mais sombria à medida que ia ouvindo. — Merda — murmurou por fim. — E não há qualquer dúvida?

Voltou a franzir a testa antes de desligar.

Poe ergueu as sobrancelhas.

— A filha da Hilary Swift acabou de aterrar. Confirmou que a mãe estava na Austrália quando o Clement Owens foi morto em Cockermouth.

Poe sentiu a pulsação a acelerar.

— Então, estamos à procura de outra pessoa...

Capítulo 46

Gamble convocou uma reunião de emergência para o final do dia e, como nenhuma das fichas das crianças de Seven Pines revelou novas pistas para seguir, eles regressaram a Shap Wells. Jackson tinha feito cópias de todos os documentos e Poe decidiu levá-los para casa e lê-los novamente mais tarde. Por vezes, o seu cérebro precisava de um ambiente mais calmo.

Bradshaw não parara na sua ausência. Estava rodeada por montes de papéis. Tinha precisado do sinal mais forte do wi-fi do hotel, por isso a Garden Room, apesar de todos os seus defeitos, voltara a assumir as funções de sala de comando improvisada. Estava tão caótica como a mente de Poe. Bradshaw levantou os olhos com ansiedade.

— Inspetora Stephanie Flynn, acho que estourei o orçamento em impressões a cores.

— Não te preocupes com isso, Tilly, sou eu que trato da alocação dos fundos... — Com isto, olhou para os montes de papéis. — Mas... exatamente quantas folhas imprimiste?

— Oitocentas e quatro — respondeu ela.

Flynn pareceu preocupada. Bradshaw enterrou-se ainda mais.

— Os funcionários do hotel tiveram de ir comprar mais tinteiros... duas vezes.

— Até sai barato, se encontrarmos alguma pista, chefe — disse Poe. — Agora que sabemos que há outro interveniente, a ANPR pode ser a nossa melhor hipótese.

Ao contrário da polícia de Cúmbria, a National Crime Agency tinha acesso direto à base de dados da Automatic Number

PlateRecognition. A ANPR é o sistema de segurança pública que faz a leitura, a verificação e o registo de todos os veículos que passam por qualquer uma das oito mil câmaras de videovigilância fixas e móveis que existem no Reino Unido. Com mais de 45 milhões de veículos a circular pelo país, as câmaras da ANPR registam cerca de 26 milhões de imagens por dia, e como o National ANPR Data Centre, ou NADC, armazena todas as imagens durante dois anos, existem em permanência mais de 17 mil milhões de imagens nos arquivos. Poe sabia que Gamble solicitara câmaras móveis da ANPR nas estradas de acesso a alguns dos círculos de pedras mais proeminentes, mas sem sucesso.

— O que tens para nós, Tilly? — perguntou Poe.

Bradshaw, que ainda não percebera se estava metida em sarilhos ou não, pigarreou nervosamente e disse:

— Depois de descarregar os dados das câmaras da ANPR que queria, introduzi-os num programa em que tenho estado a trabalhar há alguns meses nos meus tempos livres. Na minha opinião, é um problema sistemático caótico, por isso adaptei o modelo Kuramoto para avaliar a ordem de sincronização.

Ela olhou para eles como se tivesse dito algo que eles pudessem compreender.

— Troca lá isso por miúdos, Tilly — disse Poe, divertido.

— Ah, pois... Basicamente, Poe, nas circunstâncias certas, o caos evolui espontaneamente para um sistema de sincronia.

Flynn e Poe continuaram a olhar para ela com uma expressão vazia.

— Eu redefini os parâmetros — suspirou Bradshaw.

Nenhum dos dois reagiu.

— Devem estar a gozar comigo — exclamou ela, abanando a cabeça. — Credo, vocês ainda são daqueles que apontam para os aviões no céu?!

— Hã? — disse Poe.

— Corri um programa e consegui uma lista de matrículas.

— Ah, uma lista. Porque não disseste logo?

Bradshaw mostrou-lhe a língua antes de puxar um monte de papéis para si.

— Concentrei-me nas deslocações que o Imolador teria de fazer. Local do rapto para local de detenção; local de detenção para local do crime. — Poe acenou. Isto ele conseguia compreender. — Sabemos quando e onde é que quatro das vítimas foram mortas, e eu estabeleci uma correlação entre essa informação e as câmaras mais próximas das casas das vítimas.

Fazia sentido. Ela estava a tentar encontrar veículos que tinham passado pelas câmaras mais próximas dos locais dos crimes e também pelas câmaras mais próximas dos locais dos raptos.

— Mas nós temos cinco vítimas — recordou Flynn.

— Pois temos, inspetora Stephanie Flynn, mas, para efeitos analíticos, o homem que estava no caixão do Quentin Carmichael é um caso isolado. Não sabemos quando foi colocado no caixão e não sabemos onde e quando foi morto. — Fez uma pausa, para eles não ficarem para trás. Poe reparou que, quando falava de dados, Bradshaw punha de lado todos os constrangimentos. — Claro que não estamos em Londres, por isso as câmaras da ANPR só cobrem a M6, as estradas principais e algumas das grandes estradas secundárias, mas calculei que, em todos os raptos, o assassino passaria por algumas destas câmaras pelo menos uma vez: as câmaras da M6 e aquelas que cobrem as estradas que se cruzam com a M6.

Poe concordou. Tal como um grande rio, a M6 dividia o condado ao meio. Era impossível que o Imolador não tivesse atravessado a autoestrada pelo menos uma vez. O mais certo era ter passado por cima, por baixo e até circulado nela várias vezes.

Bradshaw continuou:

— Mas a lista da ANPR era demasiado longa. Chegava aos seis

dígitos.

— As pessoas usam mais o carro nas zonas rurais — explicou Poe. — A ANPR cobre todas as estradas regionais, por isso espanta-me que o número não seja ainda maior.

— Depois de inserir os números no meu programa, a lista tornou-se mais viável. Dividi-a em três. A primeira lista contém os veículos mais prováveis. No total, são 804 — disse. — É a lista que está a cores.

Além de registarem todos os dados relevantes, tais como matrícula, onde e quando foram captados, as câmaras da ANPR também tiram duas fotografias: uma da matrícula e outra do veículo. Quando Bradshaw disse que alguns dos dados estavam «a cores», quis dizer que tinha descarregado essas fotografias. E depois, para satisfazer os seus colegas mais «analógicos», ainda imprimiu as fotografias.

Os custos eram de somenos importância; Bradshaw tinha dois doutoramentos, integrava o Instituto de Matemática da Universidade de Oxford e tinha um QI superior ao de todas as pessoas que Poe conhecia. Se dizia que o assassino estava naquele monte de papéis, ele acreditava nela.

Sentou-se e começou a ler. Flynn fez o mesmo.

Bradshaw sorriu.

A ANPR era uma ferramenta de investigação fantástica para quem sabia o que procurar, mas o seu ponto fraco era ser praticamente inútil para quem estava a lançar uma rede de pesca. Apanhava tudo e mais alguma coisa, e Poe sabia que era por isso que Gamble não lhe dera grande atenção. Sabia que, a dada altura, ele devia ter incumbido alguns inspetores de reverem os dados da ANPR, mas teria sido mais para riscar itens de uma lista e não tanto como estratégia de investigação a sério. Não tinha como reduzir aquela lista de seis dígitos que Bradshaw compilara. Mas os investigadores de Gamble não eram génios da Matemática, ao contrário de

Bradshaw.

Não deixava de ser uma quantidade absurda de dados para rever, mas Poe não perdeu o foco. A sua confiança em Bradshaw era absoluta; a resposta estava ali algures. Depois de ler uma página, Bradshaw pegava nela e afixava-a à parede num padrão que só ela conhecia. Era uma boa ideia. Olhar para a montagem proporcionava uma perspetiva diferente de analisar as páginas individualmente. Claro que, a dada altura, teriam de lidar com a fúria do gerente do hotel, quando visse o que eles tinham feito à sua parede recém-decorada, mas isso era um problema para outro dia. Ou para Flynn. Durante uma pausa para esticar as pernas, Poe aproximou-se do quadro que o hotel fornecera, e que eles nunca tinham usado — Bradshaw franziu o sobrolho a uma ferramenta tecnologicamente tão retrógrada —, e pegou num marcador que estava na calha. Aproximou-se da parede e começou a riscar a vermelho os veículos que tinha a certeza de poder descartar.

Dos 804 veículos, mais de 30 eram autocarros cheios de passageiros. Riscou-os com uma cruz a vermelho, visto que seria pouco provável que o Imolador tivesse levado um grupo de apoiantes para as suas fogueiras. Excluiu todas as motos; podiam chegar a todos os sítios, mas não podiam ser usadas para transportar vítimas, recipientes com combustível e estacas. Havia quatro monovolumes, e, apesar de as fotografias serem pequenas, Poe conseguia ver que pertenciam a obras sociais que transportavam adultos com necessidades especiais. Riscou-os com uma cruz a vermelho.

Havia mais uns quantos que descartou de imediato. Os veículos da polícia eram óbvios. Era possível que o Imolador fosse um polícia, mas os carros-patrulha nunca eram usados por uma só pessoa; eram usados em turnos de oito ou dez horas e seguiam de imediato para a estrada no turno seguinte. Descartou as ambulâncias pelo mesmo motivo.

Seguiram-se as carrinhas de transporte de reclusos. Há anos que o lema do condado era: «Cúmbria: Um Lugar Seguro Para Viver, Trabalhar e Visitar», e, à exceção do Imolador, correspondia às expetativas. Mas não deixava de haver um núcleo de bandidos e vigaristas, e, apesar de o número de tribunais ter diminuído, o mesmo não acontecera ao número de idiotas. As carrinhas da GU Security eram uma presença constante nas estradas de Cúmbria, visto que serviam os tribunais do condado e a sua única prisão. Mas também eram veículos de turnos. Poe descartou-os igualmente com uma cruz vermelha.

Descartou também os camiões. Apesar de serem ideais para transportar corpos e equipamento, as estradas serpenteantes de acesso a alguns dos locais dos crimes permitiam eliminá-los.

Mas o número de fotografias sem cruces vermelhas continuava a ser desproporcional. Poe ergueu-se repetidas vezes nas pontas dos pés para alongar os músculos das pernas enquanto pensava em formas de reduzir ainda mais as hipóteses.

Encaminhou-se para a parede e, movido por um impulso, descartou com cruces vermelhas todos os carros que lhe pareceram demasiado pequenos para transportar de forma confortável um condutor, um corpo e uma lata de gasolina. No final, atirou o marcador ao chão, frustrado.

— Desculpem — disse, mais por causa de Bradshaw do que de Flynn.

— Estás bem? — perguntou Flynn. Ele assentiu. — Pois bem, continua. Acho que estamos no bom caminho.

Ele voltou para junto do quadro e pegou num marcador verde. Selecionou veículos aos quais queria dar prioridade. Todos os furgões foram assinalados a verde. Todos os jipes, carrinhas ou monovolumes foram assinalados a verde. Havia até uma carrinha funerária. Essa foi assinalada duas vezes.

Por fim, todos os veículos tinham uma cruz vermelha ou um sinal a verde. Alguns, após discussão, mudaram de cor, mas uma hora depois chegaram a um consenso.

Poe balançava para trás e para a frente sobre os calcanhares enquanto examinava a parede.

Tinha a certeza de que a resposta estava ali. Só precisava de uma centelha de inspiração para a encontrar.

Capítulo 47

Ficaram a olhar para a parede até já ser noite. Como Poe não queria tirar as fotografias da ANPR que estavam afixadas, e como nenhum deles queria comer por turnos, ele foi até Kendal buscar comida ao British Raj Indian and Tandoori. Tinha acabado de encomendar *butter chicken* para Flynn, *balti* de vegetais para Bradshaw e *madras* de borrego para si quando o telemóvel deu sinal de mensagem recebida. Era de Reid, a dizer que tinha estado em Herdwick Croft. Queria saber por onde ele andava. Poe respondeu, dizendo-lhe que estavam no hotel e que Reid fosse ter com eles. Pediu mais um *madras* de borrego.

O hotel teve a gentileza de providenciar pratos e talheres, e começaram a comer assim que Reid chegou. Anunciou que estava faminto e devorou a sua refeição, recusando-se a falar antes de terminar.

Reid aproximou-se da parede. Apesar da hora tardia e do calor que se sentira durante o dia, estava impecavelmente vestido, como sempre. Poe, que tinha tirado o casaco e arregaçado as mangas há horas, cheirou discretamente os seus próprios sovacos. Não tardaria a precisar de um duche.

— Já sabem que a Hilary Swift foi ilibada?

— Mas está envolvida — disse Poe.

— Sem dúvida — confirmou Reid. — Achas que trabalhava para alguém? Ou que alguém trabalhava para ela?

Poe encolheu os ombros.

— Ela não me reconheceu. Se trabalhava com o Imolador, então é a aprendiz dele.

Reid não tinha resposta. Não havia resposta. Swift estava envolvida; só não sabiam como. Até ela ser apanhada, esta situação não se alteraria.

— O que descobriste junto da assistente social? — perguntou Reid, pronto para seguir em frente. — Presumo que penses que os rapazes estão mortos?

— É isso que pensas? — retorquiu Poe.

— É difícil não pensar isso. Presumo que tenhas voltado aos serviços de apoio à criança para analisar as famílias.

— Sim, mas até ver não há ninguém que salte à vista. Nunca tinha visto trastes assim. Não quiseram saber dos miúdos quando estavam vivos, e não me parece que seja agora que tenham um despertar de consciência.

— Então, voltámos à estaca zero. Alguém que ainda não mostrou o jogo todo? — Sentou-se. — Por falar na Hilary Swift, o Gamble pediu para vos dizer que não há provas de que ela tenha saído do país. Ninguém com o nome dela ou que corresponda à descrição passou pelos postos de controlo dos serviços fronteiriços. O Gamble está convencido, e eu concordo, que ela está escondida algures. — Poe resfolegou. Reid levantou-se. — Bem, parece que têm uma missão a cumprir, por isso vou deixar-vos em paz. Apareço amanhã se houver novidades.

— Aparece de qualquer forma, Kylian — disse Poe. — Podemos contar-te o que descobrimos.

Ele acenou com a cabeça e saiu.

Bradshaw aproximou-se do quadro e Poe acompanhou-a.

— E se usássemos uma terceira cor, Poe? Veículos que excluímos e que queremos reconsiderar?

Poe pegou num marcador azul e disse:

— Vamos a isso.

Trabalharam a noite toda, revezando-se a dormir no sofá que um

dos funcionários trouxera.

Às nove da manhã, já tinham usado mais quatro cores. De tanto olharem para as fotografias, parecia que estavam a sangrar dos olhos.

— Assim não vamos lá — disse Poe, com rispidez. Virou-se para Bradshaw. — Tilly, podes dar uso a esse teu cérebro gigante? Encontra alguma coisa que eu consiga reconhecer, porque, de momento, não vejo porra nenhuma.

Bradshaw encolheu-se. Ele pediu desculpa. Obviamente que a culpa não era dela.

— Não tem importância, Poe — disse Bradshaw. — Vá tomar o pequeno-almoço com a inspetora Stephanie Flynn. Vou experimentar um velho truque académico: se não conseguires ver o padrão, muda de perspetiva.

Ela não explicou o que queria dizer com aquilo nem esperou por autorização; aproximou-se da parede e começou a tirar as fotografias. Poe já a tinha visto assim, e sabia que não valia a pena falar com ela; ela não daria ouvidos.

— Anda, chefe. Pago-te uma sandes de bacon.

Quando regressaram, as fotografias estavam novamente afixadas na parede em quatro blocos diferentes. Havia uma mistura de cruces vermelhas e sinais verdes.

Poe olhou para Bradshaw, intrigado. A impressora estava a dar sinal de vida, enquanto arrefecia. Bradshaw tinha imprimido mais fotografias.

— Acrescentámos mais veículos, Tilly? — perguntou Poe. Isso seria um passo atrás.

— Não, Poe. Reordenei os veículos pelos dias em que as vítimas foram assassinadas. Cada bloco corresponde a um dia diferente. Só tinha uma foto por veículo, por isso tive de imprimir outra cópia se surgisse em mais do que um dia.

Era óbvio que tinha feito mais uma mosca no orçamento da SCAS, porque alguns dos veículos apareciam nos quatro dias. Bradshaw tinha colocado as datas e os nomes das vítimas ao lado de cada um dos blocos. Poe passou os olhos pela forma como a informação estava agora exposta.

— Enquanto examina, Poe, vou comer um ovo cozido — disse Bradshaw, e consultou o relógio. — Raios! O pequeno-almoço deixou de ser servido às dez. Falhei por pouco.

— Só às quartas e domingos, Tilly. Eles têm de preparar a sala para os assados do almoço nesses dias. Hoje, está aberta até às 11. Vai lá comer o teu ovo... — O resto da frase morreu nos seus lábios.

— O que foi, Poe? — perguntou Bradshaw.

Ele ignorou-a e aproximou-se do bloco da segunda vítima. Joe Lowell fora imolado no centro do círculo de pedra junto a Swinside, perto de Broughton-in-Furness. Falar com Bradshaw sobre os horários do hotel despertara algo nos recantos da sua memória. Estava quase a perceber o quê. Mas só quase. Poe olhou fixamente para os veículos até ficarem gravados na sua retina. Durante 20 minutos, olhou sem ver nada à sua frente.

Analisou os blocos de veículos por cinco vezes. E, à sexta, viu a fotografia que mudou tudo.

Ali estava. Nítido como água. A anomalia. O veículo que não devia estar ali. Poe sentiu os cabelos da nuca eriçados.

Não podia ser assim tão simples.

— Poe? — chamou Flynn.

Por instantes, ele não se atreveu a abrir a boca e, quando o fez, ignorou a pergunta dela. Em vez disso, virou-se para Bradshaw:

— Tilly, podes aceder ao site do HMCTS e ver que tribunais de Cúmbria estavam em sessão no dia em que o Joe Lowell foi assassinado? Vê também o tribunal de Preston Crown.

Ela olhou para Poe e Flynn, sem saber o que fazer.

— Faz o que ele disse, Tilly — pediu Flynn.

Esperaram enquanto Bradshaw acedia ao site do Her Majesty's Courts and Tribunal Service. A informação que Poe queria estava disponível ao público, e ele podia tê-la consultado sozinho, mas Bradshaw era mais rápida. Flynn conhecia-o há tempo suficiente para saber que não lhe arrancaria nada enquanto ele não estivesse disposto a falar, por isso nem tentou. Cinco minutos depois, Tilly disse:

— Não havia tribunais em sessão no dia em que o Joe Lowell foi assassinado, Poe. Foi num domingo.

Poe acenou. Tinha razão. Fincou o dedo num veículo no bloco de Joe Lowell, antes de se virar para Bradshaw e Flynn.

— Nesse caso, que raio faz aqui esta carrinha de transporte de reclusos?

Capítulo 48

Como a maioria dos polícias, Poe tinha opiniões vincadas sobre o serviço de transporte de reclusos e sobre a vergonhosa medida tomada em 2004, quando o transporte saiu da alçada dos serviços prisionais e passou para as mãos de gigantes multinacionais. Há algum tempo que essas empresas, com a sua sede insaciável de lucro, estavam de olho no milhão e meio de reclusos que eram transportados todos os anos. O facto de ter sido um governo trabalhista a tomar esta medida não o surpreendia; eram tão suscetíveis como os outros às falsas promessas do setor privado: inovação e eficiência.

Inovações que incluíam enfiar prisioneiros em celas que não tinham mais de seis metros quadrados e eficiências que incluíam recusar fazer paragens para irem à casa de banho, resultando no facto de os reclusos — alguns dos quais em prisão preventiva, sem terem sido condenados fosse do que fosse — terem de urinar e defecar nas suas celas. Legalmente, os animais que eram transportados para abate tinham direito a melhores condições. Quando o Ministério do Interior percebeu o que se passava, já era tarde demais — já havia luvas pagas, cargos de chefia prometidos e contratos assinados —, por isso fizeram o que todos os governos fazem; mentiram e manipularam as estatísticas. Poe sabia que contar a verdade não rendia votos.

Para maior desfeita das pessoas, e como exemplo da lei das consequências imprevistas, ninguém no Ministério do Interior tinha pensado no que aconteceria quando a primeira tranche de contratos caducasse e novos fornecedores tomassem o seu lugar. Numa

extraordinária falta de visão, ninguém pensara em regular o que acontecia aos veículos que eram propriedade do concessionário original quando deixassem de ser necessários.

Frotas inteiras foram disponibilizadas no mercado e, apesar de um artigo do *Daily Mail* salientar o seu potencial para abusos, o Governo nada podia fazer para o impedir. Enquanto o ministro em funções atribuíra as culpas aos funcionários públicos e estes atribuíam as culpas ao ministro, o resultado foi que, por alguns milhares de libras, qualquer pessoa podia adquirir um veículo que, à exceção do nome, era em tudo uma prisão móvel.

A carrinha de transporte de reclusos que Bradshaw tinha afixado no bloco de domingo era um dos modelos mais pequenos. Continha quatro celas. Poe sabia que as maiores podiam transportar o triplo dos reclusos. O modelo mais pequeno tinha a flexibilidade necessária para chegar a todos os locais onde o Imolador estivera.

Nenhuma das fotografias mostrava o condutor. O para-brisas parecia ter sido tratado com uma espécie de substância que o tornara fumado, o que não surpreendia Poe.

Havia trabalho imediato a fazer. Flynn ligou a Gamble para lhe dizer o que tinham descoberto e Bradshaw consultou o PNC. Descobriu que a matrícula ainda estava em nome da GU Security. A chamada para os seus escritórios resultou numa enorme disponibilidade para cooperar; a imagem é tudo para as empresas privadas que participam em concursos públicos.

Sim, era uma das suas carrinhas com quatro celas.

Não, nunca tinha estado em Cúmbria, e não, nunca tinha integrado o contrato de transporte de reclusos na região noroeste. O veículo número 236, como lhe chamavam, era usado num contrato com os serviços fronteiriços no sudeste do país.

E sim, podiam prová-lo. Todos os seus veículos estavam equipados com sistemas de localização via satélite, para que a central soubesse sempre onde estavam.

Poe terminou a chamada depois de a GU prometer enviar todos os dados por e-mail.

— O que significa isso, Poe? — perguntou Bradshaw.

— Significa que a matrícula foi clonada para garantir que não seria identificada como falsa ou como pertencente a outro tipo de veículo.

— Céus! Foi muito esperto.

Sem dúvida.

— E como a GU tem o contrato para a região noroeste, passam os dias e até as noites nas nossas estradas. Estamos tão habituados a ver as carrinhas que elas até se fundem com a paisagem.

O Imolador tinha atuado à vista de todos.

Flynn tinha saído para uma reunião de emergência com Gamble. Esperava que daí surgisse uma estratégia coerente sobre como encontrar a carrinha da GU.

Mas, caso isso não acontecesse...

Poe olhou para Bradshaw. Tinha começado a arrumar as coisas. Parecia desanimada. O entusiasmo da descoberta esmorecera assim que a informação foi partilhada com Gamble. A mudança nela era extraordinária. Há uma semana, os dados eram apenas um quebra-cabeças que tinha de ser resolvido, e, assim que o fazia, era transmitido a Flynn e esquecido. Poe sabia que até então ela nunca tinha tido de pensar nos custos humanos por detrás dos dados que decifrava, a não ser em termos abstratos. Agora que o fazia, Poe sabia que ela seria uma analista ainda melhor. Por vezes, o raciocínio desapegado não chegava; por vezes, precisávamos de estar envolvidos no jogo. O envolvimento pessoal obrigava-nos a ir mais além.

— Achas que já estamos despachados, Tilly? — perguntou Poe, com um sorriso. — Prepara-te, porque temos muito trabalho pela frente.

Bradshaw bateu palmas. Abriu o portátil, ajeitou os óculos e aguardou instruções.

Poe sentou-se ao seu lado e disse:

— O superintendente Gamble vai começar a pesquisar as vendas desses veículos, Tilly. Vai precisar de um mandado. — Ela esperou que ele mostrasse onde queria chegar. — Mas, se o Imolador for tão inteligente como pensamos que é, a compra da carrinha vai estar oculta. Não terá sido paga com cartão de crédito. E, seja como for, a GU não teria vendido as carrinhas diretamente ao público: tê-lo-á feito a uma dessas empresas que compram carros por atacado. A carrinha que queremos pode ter sido comprada num leilão ou através da subsidiária de uma subsidiária de uma... Bem, tu percebes.

— Não sei se percebo, Poe.

— Estou a dizer que precisamos de arranjar um atalho, Tilly. O Gamble que trate de procurar a carrinha seguindo os trâmites legais. Há de lá chegar, mas, enquanto isso, quero que arranjes outra maneira de caçar este sacana...

Capítulo 49

Bradshaw sorriu timidamente.

— Poe, o que lhe disse há uns dias?

Podia ter sido qualquer coisa. Os temas das suas conversas mais recentes tinham abarcado uma série de assuntos; desde o funcionamento dos intestinos dos idosos ao porquê de ele se chamar Washington.

— Não sei — disse ele, antes de aventar um palpite. — Algo relacionado com o facto de a indústria dos videojogos ser agora maior do que a indústria da música?

— Sobre os pontos de dados — atalhou ela.

Ele lembrava-se de algo sobre os pontos de dados. Fora uma daquelas conversas em que Bradshaw não percebia as suas pistas não verbais e tinha discorrido à saciedade sobre alguns pormenores técnicos acerca da teoria do caos. Ele achava que era mais fácil deixá-la terminar do que tentar travá-la. A sua mente não demorara muito a entrar em modo de suspensão.

— É possível que eu me tenha esquecido dos pormenores mais relevantes — admitiu.

— Eu disse que, com pontos de dados suficientes, consigo encontrar um padrão em tudo.

— E então?

Ele ficou com a impressão de que a sua estupidez em relação às estatísticas continuava a ser uma fonte inesgotável de frustração para ela. Apesar de, em parte, ele sentir falta da sua indelicadeza involuntária, o facto de agora ela guardar os seus comentários para si própria era uma prova do quanto tinha mudado.

— Então — disse ela, apontando para a parede coberta de fotografias —, quando descarreguei estas fotografias todas, concentrei-me apenas nos dias dos homicídios.

Fez-se luz na mente de Poe.

Claro!

Agora que sabiam qual era o veículo, podiam aceder a todos os registos que a ANPR tinha dele. Saberiam todas as vezes que a carrinha do Imolador tinha passado à frente de uma câmara. Os registos da ANPR eram guardados durante dois anos e, apesar de terem dois registos diferentes — ainda havia uma carrinha da GU com matrícula verdadeira a operar no sudoeste —, devia ser relativamente simples separar os dois.

Bradshaw já tinha acedido à base de dados da ANPR. No espaço de minutos, a impressora começou a debitar página após página de informação. Ela disse:

— É um bom exemplo do efeito borboleta de Edward Lorenz, não é, Poe?

— Hmm — murmurou Poe, com a cabeça nas casas de leilões e outras plataformas de venda de frotas de veículos.

— O efeito borboleta.

— Não estou a perceber, Tilly.

— Disse que é um bom exemplo desse efeito. Um evento pequeno e aparentemente insignificante pode dar azo ao que temos aqui.

— Explica lá isso.

— Bem, tudo isto — ela abriu os braços para abarcar tudo o que estava na mesa, computadores e paredes — e tudo o que nós descobrimos proveio de uma coisa pequena. — Ela abanou a cabeça como se isso a surpreendesse. — A única coisa que sustenta tudo o resto.

Era muitas vezes assim que os casos mais difíceis eram deslindados. As pequenas provas davam azo a provas maiores e

por aí adiante.

— Sim, é verdade que tivemos sorte com o cadáver no depósito de sal — admitiu.

— Acha? Cá para mim, vai ainda mais para trás. Acho que remonta a um comentário fortuito.

O tabuleiro da impressora estava a transbordar. Poe foi até lá esvaziá-lo. Enquanto apanhava as folhas que tinham caído ao chão, perguntou:

— Que comentário fortuito, Tilly?

— Quando alguém da esquadra de Kendal lembrou ao Kylian Reid o cadáver no depósito de sal. Ele tinha-se esquecido do Homem de Tollund e o Poe não sabia da sua existência. Não tinha sido registado no sistema como crime, por isso eu não o teria encontrado. Já viu, tudo começou com um comentário fortuito.

Ela tinha razão. Mais ou menos. Poe estava inclinado a pensar que tudo começara quando um psicopata gravou o seu nome no peito de alguém, mas basicamente ela tinha razão. Se Reid não tivesse voltado de Kendal com o Homem de Tollund, não estariam onde estavam agora.

Bradshaw confundiu o seu silêncio com discordância e começou a reforçar os seus argumentos. Poe já não estava a ouvir. Tinha pegado na primeira folha da impressora e olhava fixamente para ela. Bradshaw tinha procurado por ordem cronológica inversa, por isso os registos mais recentes estavam primeiro.

Não contava ver nada que reconhecesse — essa era a área de Bradshaw, não a sua —, mas deparou com dois resultados a meio da página que o fizeram estacar. Um sentimento de temor tomou conta dele. O seu estômago embrulhou-se. A sua boca ficou seca.

Os resultados que estava a ver eram de uma das câmaras da A591. Estavam ali para ajudar a identificar os gangues que forneciam estupefacientes ao centro do Lake District. A menos que conhecesse muito bem a zona, qualquer pessoa que se deslocasse

a Ambleside ou Windermere — viesse de Keswick ou de Kendal — teria de passar por uma das câmaras da A591.

E Ambleside e Windermere não eram os únicos locais acessíveis pela A591.

Havia outras aldeias.

Uma das quais era Grasmere.

Onde ficava situado Seven Pines.

As datas coincidiam.

As horas coincidiam.

Se os apontamentos de Poe estavam corretos — e ele sabia que estavam —, a carrinha de transporte de reclusos tinha passado pela câmara da ANPR cerca de dez minutos antes dele e Reid. Afinal de contas, Hilary Swift não era cúmplice do Imolador. Era a sua sexta vítima.

Ele tinha-a raptado.

E tinha levado os netos dela consigo.

Capítulo 50

– O Imolador também levou as crianças! — gritou Poe ao telemóvel.

Flynn falava em alta-voz, e o sinal estava fraco. Como ela ia a caminho para falar com Gamble, dar-lhe a informação diretamente era a forma mais rápida de a fazer chegar às pessoas certas.

Flynn recebeu a mensagem e, apesar da má receção, Poe ouviu o carro a acelerar quando ela pôs prego a fundo.

Na hipótese remota de Flynn ter um acidente, Poe decidiu não arriscar. Ligou para Reid, mas a chamada foi diretamente para o atendedor. Ele deixou mensagem e desligou. A informação tinha sido transmitida. Enviou um e-mail a Flynn com o documento que comprovava que o veículo do Imolador tinha estado na zona de Grasmere no dia em que Swift e os netos desapareceram.

Tentou acalmar a cabeça, que estava a mil. As coisas começavam a fazer mais sentido. Swift ser raptada era mais lógico do que estar envolvida nos homicídios. E, bem vistas as coisas — incluindo a nova teoria de Poe de que o caso tinha motivações de vingança e não de dinheiro —, tudo encaixava. Fosse o Imolador quem fosse, estava a atacar sistematicamente todos aqueles que estiveram presentes no cruzeiro de beneficência naquela noite. Só Montague Price escapara ao seu destino, e isso porque tinha tido a clareza de espírito de fugir assim que reparou no padrão das mortes.

Mas a logística de raptar Swift nas barbas de dois polícias experientes fazia-lhe confusão. Como é que o Imolador tinha administrado a droga? Estaria dentro da casa na mesma altura que eles? Esgueirara-se lá para dentro enquanto falavam com Swift e

pusera propofol no leite? Um plano que assentasse em saber quando é que dois polícias estariam a beber chá parecia demasiado aleatório para o Imolador; até então, nunca deixara nada ao acaso. Era típico daquele caso: cada avanço levantava novas questões.

Bradshaw ainda estava de volta dos dados da ANPR relativos à carrinha, à procura de padrões que pudessem ajudá-los. Por contraste com o método mais musculado de escrever de Poe, os seus dedos moviam-se tão depressa no teclado que mal se viam. A impressora ainda não tivera descanso, e, na meia hora que se seguiu, Poe foi pouco mais do que um assistente. Carregou a impressora de papel e substituiu os tinteiros vazios. Os funcionários já deviam estar fartos da impressora de Bradshaw. Ela tinha voltado a esgotar o fornecimento da sala de reuniões do hotel, mas Poe convenceu-os a desviar tinteiros de outras máquinas do edifício.

Por fim, Bradshaw parou.

— Vou precisar de uma hora para olhar para isto tudo. Podetrazer-me um mapa de Cúmbria, Poe? Quanto maior, melhor.

Poe ia dizer que pediria a alguém para fazer isso, mas percebeu que ela devia querê-lo fora do caminho enquanto trabalhava. Mais parecia um animal enjaulado enquanto esperava.

— É para já — respondeu.

Uma hora depois, estava de volta. Arranjar um mapa da região não fora um problema; as lojas estavam cheias deles. O problema é que os mapas que as lojas vendiam eram para turistas. Estavam concebidos para caminhadas nas colinas, não para conduzir.

Ele quase desistiu. Sabia que a esquadra de Kendal tinha um mapa que cobria toda a parede; ele e Bradshaw podiam levar os dados até lá e começar a usá-lo. Estava a pensar nessa hipótese — tanto nas vantagens como nas desvantagens — quando olhou para a montra da loja perto de si. Era uma loja de solidariedade da Age Concern e ele viu um cesto de mapas na janela. Encontrou aquilo que procurava: um mapa da Ordnance Survey. Abriu-o e viu que a

escala se adequava às suas necessidades. Deu 20 libras à mulher e disse-lhe para ficar com o troco.

O mapa estava preso à parede e Bradshaw já o tinha marcado por inteiro. Se havia ali um padrão, Poe não conseguia descortiná-lo. Pinos vermelhos e azuis tinham sido amontoados no mapa. Reconheceu alguns dos grupos maiores e mais densos como sendo as principais vias do condado: a M6, a A66 e a A595. Alguns dos grupos mais pequenos identificavam locais de rapto das vítimas. À exceção de Long Meg and Her Daughters, os outros círculos de pedra que tinham sido utilizados pelo Imolador para assassinar as suas vítimas não tinham grande cobertura da ANPR — eram zonas demasiado rurais.

Bradshaw franziu o sobrolho, como se algo não batesse certo no mapa.

— O que se passa, Tilly?

Por fim, ela disse:

— Isto não faz sentido, Poe.

— Então?

— Não se enquadra no meu modelo.

— Explica-te, por favor, e faz um desenho.

Bradshaw costumava sorrir. Mas não desta vez.

— Bem, sabe que este tipo de perfil visa ajudar a compreender o comportamento espacial do criminoso, certo?

Poe não fazia ideia do que ela estava a falar. Nem sequer tinha a certeza do que queria dizer «espacial».

— Troca lá isso por miúdos, Tilly.

— Os criminosos têm uma aversão natural a cometer crimes perto de casa — disse ela. — É a chamada zona de tampão. — Ele ter-lhe-ia chamado não cagar à porta de casa, mas percebia onde ela queria chegar. Até os piores heroinómanos tinham tendência a mudar-se para uma rua mais acima antes de começarem com os tremores. — Bem, por oposição, também têm uma zona de conforto,

onde se sentem em segurança. Por norma, é uma zona que conhecem bem. É a chamada teoria do fator distância; quanto mais uma pessoa se afasta do seu espaço de atividade regular, menos probabilidades tem de causar danos.

Aquilo também fazia sentido. Poe estava convencido de que o Imolador conhecia as zonas onde atuava; era a única explicação para ter evitado tantas câmaras fixas nas estradas.

— Mas agora sabemos que ele não escolheu as vítimas ao acaso. Ele tinha uma lista de alvos a abater. Não podia controlar o sítio onde viviam — disse ele.

— Eu contemplei isso no meu modelo.

Claro que sim.

— Então, qual é o problema?

— São os locais dos crimes. É isso que não faz sentido. Existem três variáveis envolvidas em cada um dos crimes: onde ele rapta a vítima, onde prende a vítima e onde mata a vítima. — Poe achou que sabia onde ela queria chegar, mas deixou-a terminar. — Como diz, os pontos de rapto estão fora do seu controlo, e, se partirmos do princípio de que ele detém as vítimas num sítio fixo, então a única parte aleatória é o local do crime.

— E não existe nenhum padrão?

Ela abanou a cabeça.

— Devia haver, nem que fosse só a deslocação até lá, mas não consigo detetá-lo, o que significa que ele não existe. — Não se estava a vangloriar, apenas a constatar um facto.

— Talvez o padrão seja a ausência de padrão.

Bradshaw endireitou-se e levantou-se da cadeira.

— Sou mesmo tolinha, Poe! Disse que havia 63 círculos de pedra em Cúmbria. Ele usou 4. Onde estão os outros 59?

— Espalhados por toda a parte — respondeu ele. — Assim de repente, não consigo...

Os seus dedos deslizavam por cima do teclado a uma velocidade

estonteante. Vinte segundos depois, um documento com todos os círculos de pedra do condado estava a sair da impressora. Nos 30 minutos seguintes, assinalaram a sua localização no mapa com pinos amarelos. Ele afastou-se.

Bradshaw juntou-se a ele.

— Eu disse-lhe, Poe. Os dados nunca mentem: há sempre um padrão.

Sem olharem um para o outro, chocaram os punhos em silêncio.

Ele não precisou que ela lhe explicasse nada. O padrão do Imolador só podia ser visto no contexto dos círculos de pedra que não tinha utilizado.

Tinha assassinado as vítimas nos chamados «três grandes»: Long Meg, Swinside e Castlerigg. Eram locais de importância histórica e conhecidos internacionalmente. Enormes e impressionantes. Incinerar um corpo no centro de qualquer um deles era impactante. Mas... também tinha escolhido Elva Plain, em Cockermouth. Porquê? Havia círculos mais impressionantes que ainda não tinha usado. Elva Plain nem sequer parecia um círculo de pedra. A maioria das pessoas desconhecia a sua existência.

Porque não tinha escolhido um círculo da massa amarela mais significativa no mapa? Porque não tinha escolhido um da zona conhecida como Shap Stone Avenue? Havia inúmeros círculos por onde escolher — alguns dos quais próximos do sítio onde se encontravam. Alguns deles eram isolados, mas bem conhecidos. Até tinha fácil acesso à M6. Basicamente, tudo aquilo de que o Imolador necessitava.

Pensou na zona tampão de Bradshaw. Seria possível que o Imolador não tivesse cometido crimes na zona de Shap porque vivia ali perto? Teriam estado a olhar para fora quando deviam estar a olhar para dentro?

Sentiu gotas de suor a escorrerem-lhe pela nuca. A sala estava a ficar outra vez quente. Ele tirou o casaco, colocou-o nas costas da

cadeira e arregaçou as mangas. Sentia que estava perto. As respostas estavam todas ali; precisava de ver tudo com outros olhos. Balançou a cadeira para trás e para a frente, a tentar pensar em algo novo. Isso fez com que o casaco caísse da cadeira. Ele inclinou-se para o apanhar. E estacou.

Susteve a respiração. A intuição dizia-lhe que as respostas estariam no passado. Que Price e depois Swift serem considerados suspeitos era apenas uma distração. Nunca acreditara que qualquer um deles pudesse ser o Imolador.

Os seus olhos passaram do casaco no chão para uma das fotografias na parede. Os quatro rapazes — em tronco nu e felizes ao sol, a inchar peitos que ainda não tinham. Ele levantou-se e voltou a colocar o casaco nas costas da cadeira. Olhou para ele, húmido de suor e ali pendurado como uma meia num varão de chuveiro.

A sua mente evocou uma sucessão de imagens. Memória atrás de memória, ele procurou aquela que refutaria a sua crescente suspeita. Não a encontrava. Piscou os olhos e a imagem desapareceu.

O seu casaco.

A fotografia.

Havia um elo de ligação.

A sua mente divagou para algo que Bradshaw dissera. Não tinha prestado atenção, mas ficou a marinar, porque saltitava agora à sua frente.

O efeito borboleta, chamara-lhe. Dissera que alguém lembrara a Reid que o Homem de Tollund tinha sido encontrado a menos de oito quilómetros dali e que isso tinha sido o catalisador, a borboleta a bater as asas no Brasil e a causar um furacão no Texas. Sem o Homem de Tollund, não teriam encontrado o caixão violado e, provavelmente, não teriam encontrado o *Breitling*. Quentin Carmichael continuaria a ser dado como morto em África e o

propósito nefasto do cruzeiro de beneficência teria permanecido oculto.

Mas e se...?

Por vezes, a mente de Poe ficava sossegada a processar dados ao seu ritmo, mas noutras vezes conseguia fazer saltos intuitivos gigantescos. Uma suspeita terrível e parcialmente formada cresceu no seu estômago e começou a corroê-lo...

Os seus neurónios estavam ao rubro, cada vez mais velozes, à medida que ele estabelecia ligações. Todas as peças do quebra-cabeças começaram a encaixar. A confusão foi substituída pela compreensão. Poe já deslindara a maior parte — ou talvez até tudo.

Ninguém conseguira perceber como é que o Imolador fora capaz de permanecer um fantasma durante tanto tempo. Claro que, atualmente, qualquer um podia aprender os métodos usados pela polícia; o Freedom of Information Act fez com que a maioria dos manuais policiais estivesse disponível ao público. Era possível que um homem inteligente e cauteloso dominasse os procedimentos forenses. Mas como tinha ele escapado à vigilância que Gamble montara? As câmaras móveis, a vigilância humana nos círculos de pedra, as patrulhas. Só havia uma resposta. O Imolador tinha acesso às informações em tempo real.

À medida que Poe tentava confirmar a sua teoria, pensou em tudo o que tinham descoberto ao longo das últimas duas semanas. Olhou para o casaco e corrigiu-se. Voltou ainda mais atrás. À noite do cruzeiro de beneficência e a um plano que tinha demorado quase 36 anos a concretizar.

Pela lógica, só podia ser uma pessoa. O pensamento causou-lhe um arrepio na espinha.

— Tens o documento com as informações sobre o propofol, Tilly?

Ela encontrou-o e entregou-lho. Poe virou a primeira página e procurou a secção de outras utilizações. Percorreu a lista com o dedo e parou quando encontrou o que procurava.

Merda...

Levantou os olhos. Bradshaw estava a olhar para ele.

— Preciso que me vejas uma coisa, Tilly.

— O quê, Poe? — Ao ouvir a resposta, ela franziu o sobrolho.—
Tem a certeza? — perguntou, a medo.

Ele percebeu que não conseguia falar. Acenou com a cabeça.

Enquanto Bradshaw pesquisava a informação que ele lhe passara, Poe começou a andar de um lado para o outro na sala. Era a pior coisa que ele alguma vez esperara. Rezou para estar enganado, mas sabia que não estava.

O resultado surgiu no ecrã de Bradshaw e ela virou-se para ele e acenou. Tinha lágrimas nos olhos.

Não era a única.

Poe já sabia quem era o Imolador.

Capítulo 51

Poe olhou para o número no seu telemóvel. Não haveria volta a dar se fizesse a chamada. Não poderia voltar atrás depois de o toque soar. O seu dedo pairou sobre o botão verde. Por fim, pressionou-o. Fechou os olhos enquanto esperava que a chamada fosse atendida. Talvez ela não atendesse. Estaria ocupada a procurar as crianças raptadas e a tentar identificar o proprietário da carrinha de transporte de reclusos. Ele tinha de lhe contar antes de falar com mais alguém. Precisava de a convencer.

Após oito toques — e Poe contou-os com um peso cada vez maior no coração — Flynn atendeu o telemóvel.

— Poe — sussurrou —, não posso falar. O superintendente Gamble está numa sessão de esclarecimentos.

— Tens de o chamar, Steph.

— Vais ter de esperar. Eu tenho...

A voz de Poe era inflexível.

— Tens de chamar o superintendente Gamble e tem de ser agora mesmo.

— Preciso de mais informações — respondeu ela, após uma breve pausa.

Poe contou-lhe.

Houve uma demora de três ou quatro minutos, enquanto Flynn avançava pela sala. Apesar de parecer que ela mantinha o telemóvel encostado ao corpo, Poe conseguia ouvi-la a pedir licença para passar até chegar à frente da sala.

Era minúscula, mas, quando ela chegou, Poe conseguiu ouvir os

dois lados da conversa.

— É o inspetor Poe, senhor. Diz que precisa de falar connosco.

— Ai, sim? — respondeu Gamble. — Bem, vai ter de esperar. Quando terminar por aqui, o chefe da polícia quer que o acompanhe ao gabinete do comissário da polícia. Vamos os dois ouvir das boas.

— Tem de atender, senhor. Acredite em mim.

Poe ouviu Gamble a suspirar.

— Ouça, sei que ele foi uma pequena ajuda nesta investigação, mas agora temos crianças desaparecidas. Não tenho tempo a perder com mais uma das suas teorias. — Flynn não respondeu. — Pois bem — disse ele. — Vamos para o meu gabinete.

Um minuto depois, Flynn colocou o telemóvel em alta-voz.

— Desembuche, Poe — disse Gamble, rispidamente.

— Já sei quem é o Imolador. Temos de agir imediatamente.

— Não me diga — disse Gamble, cético.

Poe ignorou a rispidez. Gamble estava sob uma enorme pressão.

— Tudo se resume ao casaco, senhor — respondeu Poe. — A um casaco e ao bater das asas de uma borboleta.

— Mas que conversa é essa, homem? — disparou Gamble.

— É o Kylian Reid, senhor. O Imolador é o Kylian Reid.

Capítulo 52

Tinha sido Bradshaw a apontar-lhe o caminho que ele seguira. A insistir naquela estúpida borboleta que causava furacões. Dissera que o cadáver no depósito de sal não tinha sido a espoleta deste caso. A espoleta — o primeiro bater de asas da borboleta — foi que alguém tinha mencionado o Homem de Tollund. Sem esse comentário fortuito na esquadra de Kendal, eles nunca teriam chegado a lado nenhum.

E se não tivesse sido fortuito, mas sim intencional? Além de terem entrado à socapa na gala de beneficência, o Imolador tivera sempre o controlo. Até à data, tinha sido o titereiro.

Mas porque os teria deixado fazer qualquer tipo de progresso?

A resposta só podia ser porque queria Poe envolvido e não queria que ele ficasse para trás. Assim que ele pensou nas coisas dessa forma, como um farol no nevoeiro, a sua ligação ao caso tornou-se evidente.

O Imolador não estava a tentar fugir à justiça — ele estava a fazer justiça.

Queria contar a sua história, mas só depois de os intervenientes terem sido castigados. E com a investigação inicialmente a desembocar em becos sem saída e a seguir teorias clichê, o Imolador tinha programado o envolvimento do único homem que podia ver para além do nevoeiro. Poe, com o seu estúpido lema de «seguir as provas até onde elas levarem», passou a integrar a sua narrativa.

Desde o início, Poe tinha estado preocupado com o móbil e, num caso como aquele, quem encontrava o móbil encontrava tudo: a

identidade do assassino, o que acontecera naquele cruzeiro de beneficência, a forma como as vítimas eram selecionadas, tudo. Poe até conseguia aventar uma hipótese para o Imolador matar daquela forma.

Tudo aquilo tinha uma lógica retorcida. Da perspectiva do Imolador, tinha mesmo.

Era um círculo de assassinos de crianças que chegava à elite social de Cúmbria. Um latifundiário, um advogado, um barão da comunicação social, um vereador e um membro do clero. O Imolador estava a matar as pessoas envolvidas, mas isso era apenas metade da história: ele também queria expô-los.

Mas não confiava na sua força policial para o fazer. Sabia que o chefe da polícia tinha ambições que iam para além de Cúmbria. Para começar, concentrar-se-ia nos motivos por detrás da castração e da incineração. Concentrar-se-ia nas mortes e em mais nada. A sua história podia nunca ser contada.

Era aí que entrava Poe. O Imolador precisava da sua determinação obcecada para ver para além das parangonas e chegar à verdadeira história.

Reid tinha-se integrado na sua investigação desde o início, acompanhando os seus avanços, encaminhando-os na direção certa caso precisassem de ajuda. Tinha sido Reid a enviar o postal. Tinha sido Reid a falar-lhes da ligação ao depósito de sal; Poe duvidava que alguém o tivesse lembrado; o mais certo era nem ter estado na esquadra de Kendal. Voltou a Herdwick Croft com uma resposta com a qual sabia que Poe estaria obcecado.

E, como vivia em Kendal, enquadrava-se nos modelos de zona tampão e do fator distância.

Poe até sabia como ele conseguira raptar Hilary Swift.

Tudo aquilo eram suspeitas, em última análise circunstanciais.

Onde estava o móbil? Porque estava ele a fazer aquelas coisas

monstruosas? Porque teria Reid, um polícia condecorado com mais de 15 anos de serviço exemplar, decidido de repente tornar-se um assassino em série?

A resposta é que não tinha sido de repente. A decisão fora tomada há muito tempo.

Foi o casaco que deu a Poe a pista que faltava. Estivesse tempo quente ou frio, Reid nunca tirava o casaco. Durante anos, gozara com a falta de elegância no vestir de Poe. Estivessem no trabalho ou numa noite de copos, Reid vestia-se sempre bem. Em todos os anos de convivência, Poe nunca o vira sem camisa, casaco ou camisola. Certamente nunca o tinha visto de t-shirt, mesmo quando eram adolescentes.

Na fotografia dos rapazes, um dos seus inícios de vida aterrorizantes deixara marcas visíveis. Mathew Malone tinha queimaduras de cigarros por todo o tronco e braços. Cicatrizes horríveis que nunca desapareceriam.

Os braços de Kylian Reid estavam sempre tapados.

Kylian Reid era Mathew Malone.

E Mathew Malone estava a matar os homens que tinham assassinado os seus amigos.

Capítulo 53

— Você só pode estar doido, Poe! — exclamou Gamble. — Doido varrido!

Poe tinha acabado de explicar. Gamble não acreditava. Até Flynn estava reticente.

— Parece-me um pouco rebuscado, Poe — concluiu ela.

Ele precisava que acreditassem nele, e aquela reação — apesar de não ser inesperada — não estava a ajudar.

— Tilly — disse ele, calmamente —, podes contar à inspetora Flynn e ao superintendente Gamble o que descobriste, por favor?

— Posso, Poe — disse ela. Aproximando-se do telemóvel, Bradshaw começou: — O inspetor Poe pediu-me para verificar todos os veículos registados em nome do Scafell Veterinary Group.

— Mas que raio é isso? — Poe reparou que Gamble não praguejava com Bradshaw. À exceção dos bêbedos em Shap Wells, todos pareciam medir as palavras quando falavam com ela.

— É um consultório de veterinária e costumava ter muitos veículos. Sobretudo veículos de tração às quatro rodas e *Land Rover*. Desde que a empresa cessou a atividade, não compraram nada.

— Tilly, importas-te de ir direto ao... — interveio Flynn.

Mostrando uma resiliência que não tinha há uma semana, Bradshaw interrompeu a frase da chefe.

— Até há dez meses, quando dois veículos foram adquiridos num leilão automóvel em Derbyshire.

Fez-se silêncio. Todos sabiam que a GU Security tinha a sede britânica em Derbyshire.

— Estás a dizer o que julgo que estás a dizer? — perguntou Flynn.

Gamble parecia ter perdido o pio.

— Foi fácil verificar — disse Poe. — Por causa das leis de branqueamento de capitais, todas as empresas de leilões automóveis estão registadas junto da HMRC como fornecedores autorizados. Isso significa que não podem fazer transações em dinheiro acima de dez mil libras, daí...

— Daí as carrinhas terem de ser compradas através de transferência bancária — interveio Gamble. — Eu sei como funciona a merda da lei de branqueamento de capitais, Poe! Só não consigo perceber o que tem isso que ver com um dos meus melhores agentes.

— A GU foi muito útil, senhor — disse Poe, como se Gamble não o tivesse interrompido. — Entre os veículos vendidos em leilão estavam quatro carrinhas de transporte de reclusos e alguns dos maiores camiões, com dez celas. A leiloeira confirmou que o Scafell Veterinary Group comprou um de cada. Reencaminhei-lhe o seu e-mail.

— Mas...

— Senhor, o Scafell Veterinary Group é propriedade do pai do Kylian Reid.

Foram precisos mais dez minutos para Gamble aceitar o facto de um dos seus homens poder ser um assassino em série. Agarrou-se à única coisa que achou que Poe não conseguiria explicar.

— Não faz sentido, Poe. O Reid foi drogado na mesma altura que você.

— É verdade, senhor — concordou Poe.

— E então?

— O que sabe sobre o propofol, senhor?

— É um anestésico — disse Gamble.

— É verdade, senhor. Mas, graças à Tilly, agora sei muito mais sobre ele. Tem uma enorme variedade de outras utilizações. Tem sido usado como parte do *cocktail* de injeções letais aplicado a reclusos americanos no corredor da morte, e é usado para efeitos recreativos por alguns dos consumidores de drogas mais entendidos. Chega mesmo a ser...

— Vá direto ao assunto, Poe!

— Medicina veterinária, senhor! — gritou Bradshaw. — Os veterinários também o usam como anestésico.

— Está a dizer...

— O Scafell Veterinary Group comprou algumas doses no ano passado, senhor — concluiu Poe por ele. — O propofol é um fármaco altamente regulamentado e as farmacêuticas mantêm registos extremamente rigorosos. Também lhe enviei esse e-mail.

Nova pausa.

— Mas isso não explica como é que ele conseguiu drogar-se e raptar a Hilary Swift em simultâneo, Poe.

— Porque não o fez, senhor — disse Poe.

— Não estou a...

— O Imolador não é uma pessoa, senhor, são duas — interrompeu Poe. — O Reid drogou-se para evitar suspeitas, e o pai dele raptou a Hilary Swift e os netos.

Flynn assumiu o controlo.

— Muito bem, Poe. Senhor, acho que já ouvimos o suficiente. Pelo menos, temos de deter o agente Reid até esclarecermos este assunto — disse ela.

— E sugiro que alguém confirme que o Montague Price está onde devia estar. — disse Poe.

Isso captou a atenção de Gamble. Uma coisa era não ver o inimigo dentro de portas, outra era que um recluso sob custódia fosse raptado.

— É ridículo, inspetora Flynn — exclamou Gamble, antecipando o

que aí vinha. O mundo estava prestes a desabar sobre a sua cabeça.

— Steph — disse Poe —, se o superintendente Gamble não puder fazê-lo, fazes tu? O Price é o único que resta do barco. O Kylian vai querer apanhá-lo.

— Deixa isso comigo.

Dez minutos depois, Poe recebeu uma mensagem de Flynn: «O Reid não está na sede de Cúmbria. Ninguém o viu. O Gamble entrou em parafuso. Alguma ideia?»

Poe respondeu dizendo que não tinha nenhuma ideia, mas que pediria a Bradshaw para tratar disso. Duvidava que Reid tivesse deixado um rasto da sua localização, mas tinha de fazer alguma coisa. Depois de garantir que Bradshaw sabia o que procurar, tencionava ir até Kendal revistar o apartamento de Reid, antes que fosse declarado local de crime e interditado. Não seria o local de detenção de Reid, mas podia conter alguma pista.

Assim que enviou a mensagem, o telemóvel tocou. Era Flynn.

— O que descobriste, Steph?

Parecia que ela estava a correr.

— Poe, o Reid foi buscar o Montague Price à esquadra de Carlisle há duas horas! — *Merda!* — Escoltou-o pessoalmente até uma...

— Carrinha de quatro celas da GU Security — concluiu Poe por ela.

— Exatamente. O Gamble vai ficar na sede a coordenar as buscas por ele, mas está de cabeça perdida. Vou voltar para baixo. Parece que só tu e a Tilly é que sabem o que estão a fazer.

— Vamos continuar a tentar encontrar a morada que têm usado. Não estarão em casa do Reid ou do pai. Muita confusão. O apartamento do Reid fica no centro de Kendal, e, apesar de o pai ter uma pequena quinta, remodelou e vendeu os dois celeiros, por isso agora tem vizinhos.

— Achas que o Scafell Group tem uma propriedade que desconhecemos? — indagou ela.

Apesar de estar a ter aquela conversa ao telemóvel, Poe abanou a cabeça.

— A Tilly está a verificar, mas a empresa ficou sem nada. O George Reid parece ter liquidado os bens. O único bem são as carrinhas.

— Algum palpite?

— Estou sem ideias, Steph — respondeu Poe. — Mas é óbvio que eles planeiam isto há vários anos; não vamos encontrá-los através de uma conta da luz.

— Não, acho que... — Ele ficou sem saber o que ela pensava, visto que, naquele momento, o outro telemóvel de Flynn tocou.— Espera um pouco, Poe. É o meu telemóvel pessoal.

Poe só ouvia um lado da conversa. Não parecia coisa boa.

— Merda! Merda! Merda! — gritou Flynn. — Certo, eu digo-lhe para ir já para lá.

Flynn tentou parecer calma.

— Poe, precisamos que vás verificar uma coisa por nós. Aparentemente, um passageiro de um comboio diz ter visto alguém a arder num campo.

— Onde? — Ele pensou que podia saber.

— A uma curta distância do sítio onde te encontras. Enviei as coordenadas à Tilly. Vai lá ver e vamos rezar para que sejam uns miúdos a antecipar os festejos de Guy Fawkes.

Ele olhou para o mapa que Bradshaw tinha colocado no ecrã. Era o que ele temia.

— Merda! — exclamou.

— O que foi, Poe? — perguntou Flynn.

— Estas coordenadas assinalam a interseção da West Coast Mainline com o círculo de pedra de Kemp Howe. O comboio passa mesmo pelo meio. Se alguém viu alguma coisa a arder no círculo de

pedra, não devia estar a mais de uns dez metros do fogo. É difícil confundir um corpo a arder com um caixote do lixo a essa distância.

— Oh, merda — murmurou ela.

Capítulo 54

Quando ainda usava farda, Poe era frequentemente o primeiro agente a acudir ao local. Os polícias de giro eram muitas vezes os primeiros a ver mortes inexplicáveis, mortes naturais e suicídios. Quando os parentes em pânico descobriam um cadáver ou os vizinhos sentiam um cheiro suspeito e orgânico, a sua primeira reação era sempre ligar para o 999. Poe sabia como proteger um local de crime.

Mais tarde na sua carreira, quando já se encontrava no departamento de investigação criminal e estava de serviço, tinha sempre consigo um *kit* de emergência: uma pequena mochila com coisas como fita delimitadora de local de crime, uma lanterna e pilhas, um carregador de telemóvel, fatos forenses e roupa quente. O seu carro estava sempre atestado de combustível, e havia comida pré-cozinhada no frigorífico.

Desta vez, a única coisa que tinha era uma analista novata na sua primeira incursão no terreno.

Bradshaw recusara-se a ficar no hotel.

— Vou consigo — dissera ela, e o tempo era demasiado valioso para desperdiçar com uma discussão que perderia certamente.

No caminho, ligou a Flynn para confirmar que o passageiro seguia no comboio de Carlisle com direção a norte. Poe grunhiu de satisfação. Significava que estavam do lado certo dos carris e que não havia necessidade de fazer um grande desvio.

Dez minutos depois, estavam junto ao campo estreito que albergava os vestígios do círculo de pedra de Kemp Howe. Poe parou o carro, mas não desligou o motor enquanto procurava

indícios de Reid ou do seu pai. Não tinha quaisquer expectativas; o rapto de Price tinha sido um bônus, uma oportunidade inesperada para obter a lista completa de vítimas enquanto a sessão de esclarecimentos de Gamble desviava as atenções de toda a gente. O homicídio de Price teria de ser despachado à pressa; não haveria tempo para encenações ou rituais elaborados. E não importava se Reid era vigiado ou não. Já todos sabiam quem era.

O homicídio de Price não era o desenlace, e Reid não teria ficado por ali à espera. Mas Poe verificou na mesma. Havia uma parte de Reid que Poe não conhecia, e não valia a pena correr riscos desnecessários. Saiu do carro, subiu para cima do capô e fez o reconhecimento da zona mais próxima de si. Parecia que o caminho estava livre.

Dirigiu a sua atenção para o círculo de pedra de Kemp Howe. Devia ser o mais estranho de Cúmbria. Contra o pano de fundo de uma charneca antiga, integrava Shap Stone Row, um conjunto rochoso que se estendia por quase dois quilómetros e meio ao longo da A6 e da West Coast Mainline. Teria cerca de 25 metros de largura se os vitorianos não o tivessem dividido ao meio quando construíram a ferrovia. Mais de metade do círculo tinha sido soterrado pelo aterro. As restantes seis pedras de granito rosa eram de grandes dimensões, sendo visíveis tanto da estrada como da ferrovia.

E, por entre as pedras, havia algo a fumegar.

Poe desceu do capô, entrou no carro e avançou para o meio da estrada, para garantir que ninguém passava. Ligou os quatro piscas, virou-se para Bradshaw e disse:

— Até indicação em contrário da minha parte, vais ser a agente do perímetro exterior. Significa que ninguém entra neste campo sem a minha autorização. Entendido?

Ela acenou com a cabeça.

— Pode confiar em mim, Poe.

— Eu sei que sim, Tilly. Vai chegar ajuda em breve. Pede ao primeiro carro-patrulha para estacionar 20 metros ali para cima — disse, apontando para a estrada —, de modo a bloquearmos a estrada por completo. Se alguém te chatear, grita, que eu venho ter contigo.

Bradshaw afastou-se do carro e foi colocar-se no acesso livre, virada para a estrada. Tinha um ar resoluto. Ele tinha pena do idiota que tentasse discutir com ela.

Poe parou por instantes, para se certificar de que tinha feito tudo o que precisava de fazer. Rápida avaliação de risco: feito. Proteger o local do crime: feito. Distribuir recursos em consonância: feito.

Estava na altura de ir ver se se tratava de uma ovelha a arder — os miúdos costumavam fazer isso em Cúmbria — ou de um pedófilo a arder. Se alguém tivesse perguntado a Poe o que preferia, ele teria de lançar uma moeda ao ar.

Para Reid, a pressa ter-se-ia tornado mais importante do que a subtileza. Poe desconfiava que ele teria conduzido até ao campo e avançado diretamente para o círculo. Poe caminhou ao longo do muro. Não tinha forma de registar o caminho que ele percorrera, e esta era uma forma tão boa como qualquer outra de garantir que provas essenciais não eram danificadas mais tarde. Doravante, todos aqueles que se aproximassem do local do crime seguiriam por aquele caminho.

Ainda estava a 50 metros quando a possibilidade de se tratar de uma partida com uma fogueira comemorativa com seis meses de antecedência se dissipou.

Era um corpo.

Poe aproximou-se com cuidado. Era óbvio que os ferimentos da vítima eram incompatíveis com a sobrevivência. Os seus restos mortais calcinados estavam negros e fumegantes. O calor estava a começar a fazer estalar a pele. Partes da carne irradiavam um vermelho vivo. O cheiro era acre. Poe mordeu a língua para não

vomitare. Tinha de se recompor. Havia gente que dependia dele.

O braço do corpo mexeu-se e, por um momento aterrador, Poe pensou que a vítima pudesse estar viva. Estava prestes a correr para lá e dar início... bem, nem ele sabia ao quê, quando percebeu que era o calor que fazia os músculos contrair. Quando arrefecesse, o corpo ficaria tão retorcido como um saca-rolhas.

Apesar de ter de ser formalmente identificado através de ADN e registos dentários, Poe tinha a certeza de que aquele era Price. Não estava tão carbonizado como o cadáver de Elva Plain, e conseguia ver características que reconheceu do vídeo do interrogatório. Parecia que Reid tinha tido demasiada pressa para o empalar em condições. Só devia ter tido tempo para o regar com combustível e para lhe deitar fogo.

Quando Poe se aproximou do corpo, reconsiderou — Reid também deixara a sua assinatura. Price tinha as calças pelos tornozelos. Havia sido castrado por Reid. E, a julgar pela quantidade de sangue nas ervas, Price estava vivo e solto quando lhe removeram os genitais. Poe vasculhou a zona, mas não encontrou a carne amputada. Desconfiou que estaria no mesmo sítio onde tinham encontrado a dos outros: na sua boca.

Olhou na direção de Bradshaw — não queria que ela visse aquilo — e ficou aliviado por perceber que ela ainda estava virada para a estrada. O telemóvel tocou e ele atendeu, incapaz de desviar os olhos do espetáculo grotesco que tinha diante dos seus olhos.

— Poe — disse.

— Fala Ian Gamble. Já chegou ao local?

— Sim, senhor.

— E?

— Más notícias, senhor. Creio que se trata do Montague Price. Receio bem que ele esteja morto.

— Santa Mãe de Deus! — sussurrou Gamble. — O que fui eu fazer...?

Poe compreendeu. Gamble tinha Price sob custódia e agora ele estava morto. Morto por um dos seus subordinados. Haveria um inquérito depois disto, e o mais certo era Gamble ser despedido. Sem dúvida que não voltaria a ser responsável por uma investigação. Poe tinha alguma pena do homem. Ninguém estaria preparado para lidar com um caso daqueles. Um assassino em série que fazia parte da equipa de investigação? Poe nunca ouvira tal coisa. Reid estava a par de todas as linhas de investigação. Ajudara a delinear a estratégia. Assumira a liderança em alguns aspetos. Sabia onde Gamble tinha colocado as câmaras ANPR móveis. Sabia que círculos estavam a ser vigiados. Sabia o que a polícia e a NCA estavam a fazer. Estava a par de tudo.

Como podiam fazer frente a isso?

Mas Gamble também cometera erros. Devia ter reforçado a segurança de Montague Price quando identificaram o método de rapto do Imolador; há muito que a associação de guardas prisionais identificara a possibilidade de antigas carrinhas de transporte serem usadas em fugas de reclusos. Podia ser improvável, mas Gamble devia ter pensado nisso.

E, sim, devia ter dado mais ouvidos a Poe, em vez de lhe cortar sempre as vazas. A retrospectiva era uma coisa maravilhosa.

— O que devo fazer, senhor? — perguntou Poe. — De momento, estou a proteger o local do crime e a Tilly está a vigiar o perímetro exterior. Precisamos de reforços profissionais.

— Os agentes fardados estão a chegar, Poe. Pode garantir que protegem o local? Também destaquei uma inspetora da unidade de segurança pública. Assim que chegar, entregue-lhe a supervisão do local. Ela trata de tudo até à nossa chegada.

— Com certeza, senhor.

— Poe?

— Senhor?

— Sinto muito.

— Porquê?

— Por tudo.

Poe não respondeu de imediato.

— Não se preocupe, senhor. Lembre-se de que é um caso inédito. Nunca nenhum agente responsável por uma investigação lidou com um assassino sentado na sua sessão de esclarecimentos.

— Obrigado, Poe. — E desligou a chamada.

Ele olhou para Bradshaw, que lhe acenava. Conseguia ver o azul das sirenes.

Chegara a cavalaria.

Capítulo 55

Pouco tempo depois, Poe e Bradshaw tornaram-se supérfluos. A máquina bem oleada que é a investigação de homicídio assumiu as rédeas e eles foram considerados, e bem, pelos primeiros investigadores a chegar ao local pessoas não autorizadas: pessoas que não precisavam de estar no perímetro do crime. Poe não levou isso a peito; se o chefe da polícia tivesse aparecido, também lhe teriam dito para desaparecer.

Foram chegando cada vez mais polícias e pessoal de apoio. Todos eles vestiram fatos forenses brancos, e o campo pareceu estar a ser sujeito a uma infestação de cogumelos móveis.

Poe e Bradshaw ofereceram-se para ajudar, mas, trajados à civil e sem ninguém que se responsabilizasse por eles, disseram-lhes que estava tudo tratado.

Um velho inspetor mal-encarado com quem Poe se tinha desentendido por uma minudência alguns anos antes chegou ao local. Disse-lhe num tom firme que estava dispensado. Retiraram-se para o carro de Poe para evitarem atrapalhar a equipa.

Apesar de serem mais úteis em Shap Wells a tentar descobrir o paradeiro de Reid, Poe sabia que era melhor esperar por Flynn. A dada altura, teria de falar com os investigadores. Com Reid identificado como o Imolador, o facto de o nome de Poe ter sido gravado no peito de Michael James e a sua subsequente ligação ao caso tornou-se evidente. Haveriam de querer saber tudo o que ele sabia. Ele tinha informações que seriam necessárias quando comesçassem a procurar bodes expiatórios. Alguém arcaria com as culpas daquilo tudo.

Pondo as ramificações políticas de lado, Poe passou em revista os acontecimentos. Não pensava que Reid mataria os netos de Hilary Swift; estava a agir de forma psicótica, mas, até ver, tinha sido frio e calculista. Tudo aconteceu por um motivo. Poe acreditava que o rapto das crianças tinha sido tático: uma vantagem no caso de ser localizado antes de terminar a missão.

Também acreditava que Reid estava próximo. Levara Price da esquadra de Carlisle para Shap, ignorando todos os círculos de permeio. Poe achava que Reid tinha incendiado Montague Price e regressado diretamente ao sítio onde estava escondido. Seria ali perto.

Infelizmente, estar no código postal certo não ajudava muito. Shap Fells era enorme e remoto. Podiam estar em qualquer sítio.

— Poe?

Bradshaw olhava fixamente para ele. Mordia o lábio inferior, um sinal que ele agora reconhecia indicar que ela estava preocupada com alguma coisa.

— O que foi, Tilly?

— Se o Reid é o Mathew Malone, qual é o grau de parentesco com o George Reid?

Boa pergunta.

Onde é que George Reid se enquadrava em tudo aquilo? Como é que Mathew Malone se tornara Kylian Reid? Não eram as únicas questões em aberto. Como é que Reid sobrevivera a Quentin Carmichael e aos seus comparsas? Quando é que ele e George Reid decidiram fazer alguma coisa? Teria sido antes ou depois de Reid entrar para a polícia? Teria Reid entrado para a polícia para fazer justiça com as próprias mãos?

Havia muitas informações em falta.

O que não faltava era a dor que Reid devia ter sentido durante todos aqueles anos em que foram amigos. Poe não compreendia como é que ele conseguira ocultar tudo aquilo. Voltaria a ser seu

amigo? Será que tinham sido mesmo amigos?

Será que Poe tinha sido apenas uma engrenagem no seu plano?

Um aviso de receção de mensagem de texto arrancou-os a estas considerações. Ele olhou para o ecrã, na expectativa de ver o nome de Flynn. Era um número desconhecido, diferente do que Gamble usara. Poe abriu a mensagem. Ficou boquiaberto de espanto.

«Vem sozinho se quiseres que as duas crianças vivam. Se apareceres com o Gamble, elas morrem queimadas. Quando o sistema de navegação disser que chegaste, não chegaste. Segue durante mais 900 metros e depois vira à esquerda. Cem metros mais à frente tens uma placa a dizer BlackHollow Farm. É, literalmente, o fim do caminho. Estaciona o carro e caminha em direção à casa. Kylian.»

Terminava com um código postal. O sangue começou a latejar-lhe nas têmporas. Era agora: o princípio do fim. Reid chamara-o e Poe sabia que iria ter com ele.

Lá bem no fundo, sempre soubera que acabaria por enfrentar o Imolador sozinho. Respondeu com uma só palavra — OK — e enviou a mensagem. Guardou o telemóvel no bolso e pensou no que fazer a seguir. Não tinha muito tempo; Flynn chegaria em breve e seria impossível escapulir-se nessa altura. Se estava decidido a ir, teria de ser agora. Bradshaw olhou para ele de forma estranha. Inclinou a cabeça numa pergunta silenciosa.

— Preciso de ir tratar de um assunto rápido, Tilly. Fica aqui e assegura que a inspetora Flynn tem tudo aquilo de que necessita.

— Aonde vai, Poe? Quem é que enviou a mensagem?

— Confias em mim, Tilly?

Ela olhou fixamente para ele, os seus olhos míopes brilhando de intensidade atrás dos óculos. Assentiu com a cabeça.

— Confio, Poe.

— Tenho de ir fazer uma coisa e não te posso dizer o quê.

— É meu amigo, deixe-me ajudar — disse ela, com tamanha lisura que ele quase cedeu.

— Desta vez, não, Tilly. Isto é algo que tenho de fazer sozinho.

Capítulo 56

A morada que Reid lhe dera ficava do outro lado da M6, mas o sistema de navegação encaminhou-o para um viaduto próximo. Poe não conhecia muito para além da aldeia de Shap; se precisasse de ir para norte, apanhava a M6 e não a A6, mas deu por si a seguir para as colinas.

Cúmbria era um daqueles condados em que podíamos estar numa via com uma só faixa de rodagem a poucas centenas de metros de uma autoestrada, e a estrada transformava-se rapidamente num caminho rural. Poe duvidava que avistasse outros veículos. As pessoas que usavam esta estrada viviam nas colinas. O caminho não ia dar a lado nenhum, e parecia-lhe que acabaria no meio do nada. As ovelhas pastavam livremente, sem as restrições das cercas. Poe tinha passado por cima de três mata-burros junto à M6, mas nenhum nos últimos quilómetros. Pouco depois, já estava a uma altitude suficiente para ficar sobranceiro à autoestrada lá em baixo. Estava em Langdale Fell. O ar começava a tornar-se mais denso, com outro nevoeiro sinistro. Dentro em breve, a visibilidade estaria reduzida a zero. O GPS anunciava que ainda faltava percorrer oito quilómetros. Ele ultrapassou Langdale e começou a descer por uma estrada mais pequena do outro lado da colina. Apesar de o sistema de navegação estar a funcionar, parou para verificar o mapa físico. Queria perceber onde estava. Estava em Ravenstonedale Common, a zona mais remota de Cúmbria. Nunca ali estivera na vida.

A estrada e o nevoeiro não permitiam circular a velocidades superiores a 50 quilómetros por hora. Ele seguiu as instruções do

GPS e, quando este o informou de que tinha chegado ao seu destino, ele não viu o menor indício de estar num planeta habitado. Já nem via ovelhas.

Poe parou para verificar as instruções de Reid.

Ao longe, picos escarpados erguiam-se por cima do nevoeiro como lápides. Mas o seu recorte estava a tornar-se mais difuso; o nevoeiro caíria sobre ele em breve e ele ficaria encurralado. Ravenstonedale Common era composto por escarpas, encostas de pedra e formações graníticas intransigentes. Isso explicava a ausência das ovelhas; não tinham ali nada para comer. O vento uivava encosta abaixo, e Poe ouvia água a gotejar.

E nada mais.

Tudo aquilo era sinistro. A charneca e as colinas que, normalmente, lhe proporcionavam alguma clareza de espírito impossível em Hampshire pareciam agora fechadas e opressivas. O nevoeiro estava suficientemente baixo para adquirir características oníricas. Efetivamente, ele estava isolado.

Engatou a mudança e seguiu as instruções de Reid. Virou à esquerda e, após umas centenas de metros, viu o letreiro a indicar Black Hollow Farm, exatamente onde Reid dissera que estaria. Enormes pedregulhos no caminho e valas profundas de cada um dos lados impediam o acesso de veículos à quinta. A terra tinha sido revolvida e estava húmida no sítio para onde as pedras tinham sido arrastadas — os obstáculos improvisados haviam sido construídos recentemente. Perguntou-se porque ter-se-ia Reid dado àquele trabalho. Poe não tencionara levar o carro até à porta da quinta. Dali em diante, prosseguiria com toda a cautela.

Black Hollow Farm ficava no final da estrada. O caminho parava onde Poe tinha estacionado. Desligou o motor e contemplou a paisagem à sua volta.

A casa da quinta era soturna e imponente. Poe achava que levava uma existência isolada, mas percebeu que, por comparação com os

homens e as mulheres que trabalhavam naquelas colinas, ele não passava de um menino da cidade. Aquilo era lavoura levada ao extremo.

Black Hollow Farm era um nome apropriado. Um ambiente de obscuridade cobria a quinta como um véu: medo, desespero, raiva. Estava situada numa bacia funda, que Poe desconfiava ter sido uma pedreira, e condenada a uma sombra permanente. Era o tipo de quinta do Lake District que nunca lucraria com o negócio proveitoso das pousadas: um edifício raso e volumoso, construído para suportar invernos rigorosos, com poucas preocupações estéticas. Estava rente ao solo como uma lapa numa rocha, e parecia ter 200 anos.

Um redil em pedra, que proporcionava abrigo às ovelhas nas piores condições atmosféricas, estava anexado à lateral da casa principal. Poe tinha um na sua propriedade. Por norma, eram estruturas circulares ou ovais, com paredes com cerca de um metro e uma única entrada estreita. O redil de Black Hollow Farm era ligeiramente diferente. A entrada fora alargada e estava coberto por uma enorme rede de camuflagem militar.

No interior, estava o camião de dez celas que ninguém conseguira localizar.

Três outros veículos estavam estacionados ao lado da casa: a carrinha de quatro celas que Poe tinha passado horas a estudar, o *Volvo* antigo de Reid e um *Mercedes* maltratado, que seria o veículo de George Reid.

Poe assimilou tudo aquilo sem sair do carro. Tirou o telemóvel do bolso. Por incrível que pareça, ainda tinha rede. Agora que chegara, a insensatez do que estava a fazer abateu-se sobre ele. Ninguém sabia onde estava e, mesmo que soubessem, encontrava-se a uns bons 40 minutos de distância de tudo e de todos.

Então, porque estava ali? A jogada mais inteligente seria ligar a

Gamble e entregar o caso a um negociador de reféns ou a uma equipa de intervenção armada. Tudo o resto era uma tolice. Mas... Reid era seu amigo. Um amigo com segredos, mas um amigo.

Não sabia o que fazer.

Voltou a soar o alerta de mensagem recebida. Era o mesmo número, e uma mensagem com quatro palavras: «Não corres perigo, Poe.»

Mesmo assim, ele não se mexeu. Sair do carro e percorrer o caminho de seixos até à casa era o fim da sua carreira. Acontecesse o que acontecesse, as pessoas diriam que ele devia ter esperado.

Pensou no rapaz que estava na fotografia. Um rapaz coberto de cicatrizes. Um rapaz que sobrevivera contra todas as probabilidades. O seu amigo. E Reid — apesar da pessoa que se tornou — tinha sido seu amigo. Ninguém conseguiria fingir uma amizade durante tanto tempo. E Poe devia-lhe a oportunidade de contar a sua história.

Mais uma mensagem: «Está tudo bem, Washington.»

Cerrou os maxilares.

Washington Poe conteve o refluxo gástrico, saiu do carro e seguiu em direção ao inferno.

Capítulo 57

O que restava do Sol encoberto pelo nevoeiro estava por de-trás da casa. A fachada projetava longas sombras na entrada. Reinava um silêncio sepulcral. Apesar de o ar estar a arrefecer, Poe transpirava; o suor escorria e acumulava-se ao fundo das costas.

Quando estava cerca de 70 metros da casa, parou. À sua frente, a menos de 40 metros, havia objetos retangulares. As sombras não permitiam descortinar o que eram. Deviam ter sido colocados no seu caminho de forma deliberada, como adereços. Ele aproximou-se deles.

Caixões.

Três.

Oh, não... Não pode ser.

A sua expressão contorceu-se num esgar tenso. Estavam em cima de cobertores limpos. Poe passou os dedos pelo pinho quente do primeiro caixão. Os embutidos em latão polido refulgiam.

Ligou a lanterna do telemóvel e fez incidir a luz sobre as placas de latão. Sentiu imediatamente que o seu coração estava prestes a explodir.

Três nomes que ficariam para sempre gravados na sua alma.

Michael Hilton.

Andrew Smith.

Scott Johnston.

Os três rapazes já não estavam desaparecidos.

Poe tirou algumas fotografias e depois olhou para a casa desoladora e silenciosa.

Era ali que o quarto rapaz esperava por ele.

Poe caminhou na direção de Black Hollow Farm. A porta da rua era em carvalho, densa e pesada. Estava assente em gigantescas dobradiças forjadas, construídas numa época em que as coisas só se faziam uma vez. As janelas tinham portadas feitas com a mesma madeira pesada. O pátio natural era composto por seixos já muito calcados.

Parecia mais um reduto fortificado do que uma casa.

À medida que se aproximou, um odor químico familiar invadiu-lhe as narinas.

Gasolina...

Poe sentiu um nó no estômago e um ardor no fundo da garganta. A julgar pela intensidade do cheiro, a casa estava armadilhada como uma bomba incendiária. Era altura de desatar a correr, mas não antes de encontrar as duas crianças. Ele olhou para o camião de transporte de reclusos com dez celas. As rodas tinham sido tiradas. Se a casa ardesse, o camião ardia também.

Estariam as crianças ali dentro? Encaminhou-se para lá.

Uma das portadas de madeira da quinta abriu-se.

Reid surgiu na janela do primeiro andar.

— É este o nosso duelo ao meio-dia, Kylian? — atirou Poe. — Ou devo chamar-te Mathew?

Continuou a caminhar na direção do camião. Tinha de encontrar os netos de Swift antes que acontecesse mais qualquer coisa.

— Presumo que não posso pedir-te para parar — disse Reid.

Poe entrou no redil e subiu os degraus de metal até à prisão móvel. Tentou abrir a porta, mas estava trancada. Um cadeado preto com números prateados impedia a saída dos ocupantes do camião. Reid gritou.

— O código é um, dois, três, quatro. Espero aqui por ti até estares despachado. Não te demores.

Poe introduziu o código e ouviu um clique eletrónico. Abriu a porta.

Foi assolado por um odor putrefacto como nunca tinha sentido. Inundou-lhe as narinas e sobrepôs-se inclusivamente ao cheiro a gasolina. Fezes, urina e vômito competiam com o cheiro acre a suor e a corpos rançosos. Era o odor da desolação e da morte. O piso do corredor central estava molhado com um líquido castanho.

O cheiro piorou quando ele entrou no corredor das celas. Havia celas de ambos os lados, e Poe espreitou pelo visor de vidro denso sem distinguir nada além dos despojos de estadas longas e desagradáveis.

Estavam todas vazias.

Capítulo 58

Poe saiu do camião e respirou fundo. Caminhou até à entrada e tentou abrir a porta da rua. Estava trancada. Tentou arrombá-la, mas só conseguiu magoar o ombro.

— As crianças. Onde estão elas? — gritou Poe.

— Sabes que são descendentes do mal?

Oh, meu Deus... O que fizeste?

— Onde estão elas, Kylian?

— Estão ótimas, Poe. Estão no Whinfell Forest Center Parcs com um amigo. Fui lá hoje de manhã e estão a divertir-se à grande. Acham que foi tudo combinado pela mãe.

Whinfell Forest ficava a cinco quilómetros de Carleton Hall, a sede da polícia de Cúmbria. A menos que Reid estivesse a mentir, tinham estado sempre debaixo do nariz de todos. Enquanto procuravam nos aeroportos e terminais de *ferry*, deviam ter procurado nas piscinas.

— Vou enviar uma mensagem à Flynn. — Reid acenou com a cabeça. Enquanto escrevia, ocorreu-lhe um pensamento. — Fizemos circular as fotografias deles. E se fossem reconhecidos?

— Sabes como eles são?

— Claro.

— Como?

— Vi as fotografias... — Poe interrompeu a frase. — Trocaste as fotografias. Disseste ao Gamble que ias pedir fotografias à mãe e trocaste-as quando elas chegaram.

— De momento, os meus colegas procuram dois miúdos americanos cujas fotografias tirei do *Facebook*.

— Então...

— Então, porque decidi raptá-los? Porque não os deixei em Seven Pines? — Poe anuiu. — Precisava de te trazer até aqui. Pensei que virias na mesma, quer eu pedisse quer não, mas as crianças eram uma garantia. — Poe tinha sido novamente manipulado. — Deves ter perguntas — disse Reid.

— O que faço aqui, Kylian?

— O que é que já sabes? — perguntou Reid.

— Sei que quatro crianças deviam ter morrido depois daquele leilão de beneficência, mas que só três morreram. Sei que o quarto rapaz conseguiu fugir e que tem levado a cabo a sua vingança — prosseguiu Poe. — Devo continuar a tratar-te por Kylian ou queres voltar a ser tratado por Mathew?

Reid acenou. As lágrimas tinham começado a escorrer-lhe pelo rosto.

— O Mathew Malone morreu naquela noite. Agora, sou o Kylian Reid.

— Está bem, Kylian — disse Poe. — Onde está a Hilary Swift?

Reid desapareceu no interior da casa. Poe ouviu algo a ser arrastado. Hilary Swift assomou à janela. A sua cabeça estava ensanguentada e ferida, mas ela estava viva. Surgiu amordaçada com fita adesiva e parecia aterrorizada. Reid arrancou a fita e disse:

— Cumprimenta o Poe, Hilary.

— Socorro! Tem de me ajudar! — guinchou ela.

— Ajudar-te? — retorquiu Reid antes de a esmurrar na cara.— O Poe não está aqui para te ajudar, Hilary.

Poe sabia que Hilary Swift ia morrer. Não havia nada que ele pudesse fazer para a salvar. Ela fez um pacto com o diabo há 26 anos,e este era o preço que tinha de pagar. Mas passou-lhe uma ideia pela cabeça.

— Onde está o corpo do Quentin Carmichael? — perguntou.

Reid indicou com a cabeça aquilo que Poe pensara ser uma saca

de juta. Encaminhou-se para lá e abriu-a com a ajuda dos seus sapatos cheios de merda.

No interior estava o cadáver enrugado de um homem que tinha estado enterrado em sal durante quase três décadas. A exposição a alguma humidade ao longo do último ano significava que estava finalmente a entrar em decomposição. Seria um longo e moroso processo. Reid livrara-se dele como de um colchão com manchas de urina. Não tinha os dedos das mãos e dos pés. Parecia que as raposas e as ratazanas já se haviam começado a ocupar dele.

Poe aproximou-se da janela de Reid. Swift já não estava visível.

— Tens a certeza de que estás pronto para ouvir isto, Poe? — Poe não estava, mas acenou em concordância mesmo assim. — Não tens de ouvir — prosseguiu Reid. — Todas as provas que recolhi ao longo dos anos, as confissões que gravei, está tudo numa caixa segura naquela carrinha com quatro celas.

— Conta-me o que aconteceu, Kylian — disse Poe.

Capítulo 59

— Li os teus apontamentos sobre Seven Pines, Poe — disse Reid. — Sei que a Audrey Jackson vos contou, a ti e à inspetora Flynn, que nós os quatro éramos o grupo de miúdos mais unidos que ela alguma vez tinha tido ao seu cuidado. — Poe fez um gesto, instando-o a continuar. — Nós adorávamos a Hilary Swift. Todos nós. Parecia ser meiga e dedicada. Se os meus amigos fossem meus irmãos, ela era sem dúvida a minha mãe. Quando nos perguntou se queríamos ganhar algum dinheiro, não pensámos duas vezes. Porque não o faríamos? Disse-nos que, se nos portássemos bem, levar-nos-ia a Londres para o gastarmos. Até nos fez escrever alguns postais para poupar tempo quando estivéssemos lá.

Isso explicava a origem dos postais. Era por isso que a busca pelos rapazes tinha sido levada a cabo no sul e não no norte, onde devia ter sido feita. Os postais tinham sido colocados a conta-gotas nos correios, provavelmente sempre que um dos homens ia até Londres em negócios. A caligrafia e as impressões digitais batiam certo. Como é que alguém podia ter adivinhado que era outra coisa além do que parecia ser?

Reid retomou a história.

— Conseguiste descobrir a verdade sobre aquela noite, Poe, um pouco mais cedo do que o previsto, diga-se, e o Montague Price preencheu as lacunas. Éramos nós o alvo da licitação. O Carmichael tinha combinado tudo com a nossa mãe substituta. Por isso, enquanto nos pavoneávamos e nos portávamos como miúdos entusiasmados, os homens licitavam o direito de ficarem connosco.

O Sol já se pusera quase por completo e as sombras já tinham desaparecido. A lua cheia refletia uma luz pálida e etérea. Era o suficiente para Poe ver o quanto Reid estava a sofrer à medida que revivia os seus pesadelos.

— O Carmichael disse aos homens que ficaria com um dos «prémios» para si — prosseguiu. — Ele era esperto. Três rapazes, seis pedófilos. Oferta e procura. Tenho a certeza de que a Swift podia ter-lhe arranjado mais crianças, mas, se houvesse uma para todos, o preço seria menor.

Montague Price já tinha sugerido aquilo.

— E vocês perceberam o que se estava a passar? — perguntou Poe.

— Começámos a aperceber-nos de alguma coisa. Os homens começaram a rir-se e a tornar-se atrevidos. Mas pensei que era aquilo que os ricos faziam quando estavam com os copos. Só quando voltámos para uma casa algures para uma «festa» é que a verdade veio ao de cima. Já podes imaginar o que se passou ali.

— Meu Deus! — murmurou. — E o Price? Era tão inocente quanto afirmava?

— Não — rosnou Reid. — E foi por isso que ardeu como os outros.

Era o que ele temia, mas ouvi-lo da boca de Reid era desolador.

— E os homens que venceram a licitação levaram os miúdos consigo?

— Sim. Eu fui com o Carmichael. Drogado e bêbedo. Passei as semanas seguintes algures num quarto. Ocasionalmente, ele levava homens para «brincarem» comigo, mas era quase sempre só ele. Presumo que os meus amigos tenham passado pelo mesmo.

— Então, a festa depois do barco foi a última vez que os viste?

— Quem me dera — cuspiu ele. Olhou para baixo e pisou algo que estava no chão. O gemido de Swift desvaneceu-se num gargarejo. — Não, aqueles homens eram sádicos, Poe. Sem se

darem por satisfeitos por abusarem de nós durante várias semanas, quando chegou a altura de se livrarem das provas, eles reuniram-se uma última vez. Uma forma de os unir a todos no crime. Adivinhas onde os meus amigos foram mortos, Poe?

Poe não precisou de adivinhar.

— Num círculo de pedra. Foram mortos num círculo de pedra.

Capítulo 60

— Um círculo de pedra — confirmou Reid. — Levaram-nos para um círculo remoto, não muito longe daqui. Fui obrigado a ver enquanto, um a um, os meus amigos eram incendiados. Acho que nem todos os homens estavam confortáveis com aquilo, mas, naquela altura, já era uma questão de compromisso entre todos. O Carmichael tinha gravações em vídeo dos homens no barco, por isso ninguém podia voltar atrás, e creio que, da perspetiva dele, quanto mais horrendos fossem os crimes, mais seguros estariam todos. Nada une tanto as pessoas como uma atrocidade em comum.

Poe tinha começado o caso com o pressuposto de que estava a caçar um monstro que matava homens inocentes. Podia não concordar com o que Reid fizera, mas compreendia: aqueles homens tinham criado o monstro que mereciam.

— Como conseguiste sobreviver, Kylian? — Para segurança deles, todos os rapazes tinham de morrer. Deixar um vivo era pior do que deixá-los todos vivos.

— O Carmichael — disse ele. — Os outros homens imploraram-lhe que me matasse também, mas ele recusou. «Esta coisa pertence-me», disse ele. Referiu-se a mim como uma coisa, Poe.

— Então...?

— Então, mais tarde, ele acabou por se cansar de mim ou, o que é o mais certo, começou a dar ouvidos aos homens do barco. Porquê manter-me vivo? O risco era demasiado grande. Ele acordou-me uma manhã cedo, estava escuro como breu e a nevar, e levou-me para Keswick. Disse-me que íamos dar um passeio até

ao círculo de pedra de Castlerigg. Creio que queria sentir a emoção de fazer isso ao ar livre, como os outros tinham feito.

— E tu fugiste?

— Não. Estávamos a caminhar por um depósito municipal; vim a saber que era um atalho para o círculo. Significava que ele não teria de estacionar o carro muito perto. Estávamos a subir um dos montes de sal quando, de repente, ele caiu de borco. Morreu antes de atingir o chão. Creio que terá sido a excitação do que estava prestes a fazer. — O senso comum ditava que Reid tivesse ido a correr para junto das autoridades, mas... isso não aconteceu. — Estás a pensar porque não corri para a polícia? — Poe não disse nada. Era o que estava a pensar, mas não podia ser tão simples quanto isso. Não quando ele carregava aquele fardo. — Creio que não o fiz por dois motivos — prosseguiu Reid. — Um dos homens que me violou a convite do Carmichael disse que era polícia. Eu não fazia ideia de onde ele trabalhava. Tinha 11 anos nessa altura e, na minha cabeça, todos os polícias eram maus. Eu tinha medo deles.

— E o segundo motivo?

— O Carmichael disse-me que eu era cúmplice do que se tinha passado. Que eu estava vivo e os meus amigos não. Convinceu-me de que, se alguém descobrisse, eu seria preso juntamente com todos os outros. — Com aquela idade, e depois de tantos maus-tratos, seria de esperar que ele acreditasse em tudo. O ataque cardíaco tinha sido um destino quase misericordioso para Carmichael. Sacana diabólico. — Por isso, fiz a única coisa de que me lembrei: peguei na carteira e no dinheiro do Carmichael e fugi.

— E o Carmichael?

— Deixei-o no sítio onde ele caiu. Calculo que a neve o deve ter tapado.

Aquilo encaixava no que ele sabia. O facto de estar a nevar significava que os limpa-neves estariam a trabalhar. Era improvável que os operários das estradas se dessem ao trabalho de limpar a

neve do sal antes de carregarem as carrinhas. Carmichael deve ter sido levado juntamente com o monte de sal onde estava e transportado para o depósito de sal de Hardendale como parte das reservas da M6. Ficaria ali durante 25 anos.

— E depois fiz o que devia ter feito semanas antes — prosseguiu Reid. — Apanhei um comboio para Londres. Depois apanhei outro para Brighton e fui ter com a minha tia.

— Não — disse Poe. — Eu vi a tua ficha e tu não tinhas uma tia em Brighton. Não tinhas parentes com quem te sentisses à vontade para ficar.

— Poe, não sejas estúpido. Somos nortenhos. Não precisas de ser parente de alguém para a tratar por tia. Fui ter com a melhor amiga da minha mãe, a Victoria Reid. Sempre foi boa para mim e eu confiava nela. Pensei que ela saberia o que fazer.

— E sabia? — Poe aceitou a sua explicação. Ele próprio chamava tia Victoria à mãe de Reid e tio George ao pai. Era habitual entre miúdos.

— Nem por isso. Como poderia saber? Nem sequer sabia que eu tinha estado num lar de acolhimento; o meu pai não manteve contacto com ninguém depois de nos mudarmos para aqui. Conte-lhes o que se tinha passado. Tudo. O George queria ir à polícia, mas ela pensou em mim, não nos homens que mataram os meus amigos. Ela era terapeuta de comportamento cognitivo especialista em stress pós-traumático. Era um estado que tinha acabado de ser identificado e ela achou que eu não teria a ajuda de que precisava. Achava que o sistema de justiça criminal acabaria por me trucidar e que eu sofreria ainda mais do que já tinha sofrido.

— E então?

— Ela convenceu o George a manter o silêncio, até perceber o que devia fazer. O que seria melhor para mim. Era a primeira vez em muito tempo que alguém colocava as minhas necessidades à frente das suas. Gostei daquilo.

— E ela ajudou-te?

— Ajudou, Poe. Não foi fácil, mas ela sabia o que estava a fazer e tinha uma paciência de santa. Não demorou muito tempo a perceber que eu estava preso num ciclo em que revivia as minhas provações. É a grande questão do stress pós-traumático, e ela queria romper esse ciclo. Eu precisava de ser capaz de me lembrar do que tinha acontecido sem o *reviver*.

— E mudaste-te para aqui?

— Sabes bem que sim, Poe. Fomos colegas de escola. Eles os dois adoravam o Lake District e ela queria que eu visitasse os sítios envolvidos: Ullswater, o círculo de pedra onde os meus amigos tinham sido mortos, a casa do Carmichael. Mostrou-me que era tudo passado. Arranjou emprego como terapeuta no Westmorland General Hospital e o George abriu um consultório aqui.

Victoria Reid tinha mudado a sua vida por completo por um rapaz que não era seu filho. O marido fizera o mesmo. Não era frequente Poe encontrar pessoas boas na vida — sentia-se hipócrita quando isso acontecia — e agora desejava ter passado mais tempo com eles.

— E foste melhorando aos poucos?

— Demorou algum tempo, mas sim, fui melhorando aos poucos. Deixei de fazer chichi na cama. Deixei de chorar sempre que alguém se aproximava de mim ou me tocava. Deixei de reviver tudo aquilo.

— E transformaste-te no Kylian Reid — disse Poe.

— Naquela altura, todos partiam do princípio de que éramos quem dizíamos ser. Fui matriculado na escola como filho deles. Conheci-te. Ninguém punha em causa o meu passado. E, como a Victoria trabalhava para o serviço nacional de saúde, foi fácil para ela inserir uma nova certidão de nascimento.

Era quase inacreditável que alguém tivesse passado por tanto em tão pouco tempo. E, para essa pessoa, a oportunidade de

finalmente ter uma vida era animadora. A prova viva da resistência humana.

Então, o que tinha acontecido? Poe colocou a pergunta.

— Porque é que não passei o resto da minha vida com pais que me amavam? — Poe tinha os olhos marejados. Não confiava em si próprio para falar. — Sabes, acho que teria sido capaz de fazer isso. Acho mesmo. O plano sempre foi esse: quando estivesse pronto, apresentaria queixa na polícia. Denunciaria o caso e tentaria a minha sorte no sistema de justiça criminal. Mas... quando já estava pronto, descobri que não queria fazê-lo. A ideia de uma vida pacata com duas pessoas boas interessava-me mais do que a vingança.

— Então, o que aconteceu?

— Aconteceu o destino, Poe. Fui a um evento de veterinária com o meu pai. Um daqueles eventos para estabelecer contactos. Uma refeição e uns copos a seguir. Foi no Masonic Hall, em Ulverston, e adivinha quem encontro lá? — Poe não respondeu. — O cabrão do Graham Russell. Muito exuberante, a rir e a dizer graçolas, com manchas de brandy na camisa.

Merda...

— A Victoria tinha-me ajudado a parar de reviver tudo aquilo que associava ao meu passado — prosseguiu —, mas, quando vi aquele monte de merda badocha, qualquer coisa dentro de mim flipou. Já não estava no Masonic Hall; estava na cave do Carmichael, com o Russell a suar e a arfar em cima de mim.

— Foi quando decidiste matá-los?

Reid abanou a cabeça.

— Não. Mesmo nessa altura, a terapia da Victoria ajudou.

— Então, o que aconteceu?

— O sacana aproximou-se e apresentou-se ao meu pai. Eles conversaram, enquanto eu estava paralisado de medo. Fiquei a ouvir enquanto ele se gabava disto e daquilo. Sobre a influência que tinha. Sobre o facto de, apesar de estar reformado, ainda ser temido

pelos ricos e poderosos. Disse que sabia onde os corpos estavam enterrados. O George partiu do princípio de que ele se referia ao tempo em que estivera à frente do jornal. Todos os escândalos e segredos que tinham descoberto quando escutaram os ricos e poderosos. Eu sabia que ele estava a falar dos meus amigos.

Isso seria o suficiente...

— O sentimento de ódio tomou conta de mim, Poe. Por pouco não lhe cortei as goelas ali mesmo. Durante mais de um minuto, fiquei a olhar para a faca da carne e pensei nisso. A prisão teria sido um preço baixo a pagar para vingar os meus amigos.

— Mas...?

— Mas houve algo dentro de mim que me impediu. Uma lógica fria acalmou o meu espírito. Matar um deles não fazia sentido. — Reid olhou fixamente para Poe. — Não quando podia matá-los a todos.

Capítulo 61

Victoria Reid foi diagnosticada com esclerose lateral amiotrófica no final desse ano, e Reid jurou que nada faria enquanto ela fosse viva; gostava demasiado dela.

Mas isso não impediu que iniciasse os preparativos. Decidiu que, para aumentar as suas hipóteses de sucesso, inscrever-se-ia na polícia de Cúmbria. George estava renitente — queria que Reid se juntasse a ele no consultório —, mas Victoria incentivou-o; pensou que se ele ajudasse os outros alcançaria outro patamar do processo da cura. Esforçou-se por passar o exame para agente da polícia, para depois poder trabalhar com a unidade dos crimes graves. Quando aí chegasse, trataria de não mais sair. Poe ponderara muitas vezes sobre o porquê de Reid se recusar a seguir o caminho de inspetor ou a considerar funções mais interessantes, mas isto explicava tudo: planeava estar envolvido na sua própria investigação, orientando-a subtilmente na direção desejada, mantendo-se à frente da matilha.

Gamble nunca teve a menor hipótese.

Poe comparecera no funeral de Victoria Reid e, olhando em retrospectiva, lembrava-se de Reid demonstrar uma determinação irresoluta, em vez da dor que seria mais expectável. Longe de pensar num motivo sinistro, atribuiu isso ao facto de ele ter assistido ao lento definhar de um ente querido diante dos seus olhos e de se ter preparado mentalmente para a sua morte meses antes.

— Conhecias os homens envolvidos? — perguntou Poe.

— Só o Russell. Quis raptá-lo e arrancar os outros nomes à força, mas optei pela cautela. Eu não estava preparado. Idealmente, teria

preferido ter mais um ano.

— Mas depois o corpo do Carmichael foi descoberto...

— Isso foi o meu sinal de partida. Se tivesse deixado algo no corpo que pudesse identificá-lo, apesar de nessa altura os filhos já terem feito um trabalho excelente a convencer toda a gente de que ele tinha morrido no estrangeiro, os outros homens envolvidos podiam ter tomado precauções. Não precisava de me ter preocupado. A identidade do Carmichael nunca foi descoberta. Só quando tu apareceste.

— Então, começaste mais cedo do que querias?

— Houve algumas coisas que fiz de imediato. A compra dos veículos e de outro equipamento. Precisava de um sítio para trabalhar. O meu pai tinha-me falado desta quinta. Disse que não era cultivada há anos. Tinha roubado alguma papelada quando investiguei um assalto alguns meses antes de começar, e tinha pedido um passaporte, para o caso de precisar de uma identificação formal fosse para o que fosse. Usei-o para alugar esta quinta, e paguei em dinheiro por um ano.

Por isso é que a Bradshaw não a encontrou. A quinta não estava em nome dele.

— Quando estava o mais preparado possível, entrei em ação — prosseguiu.

— Raptaste o Graham Russell?

— E, com alguma persuasão, ele denunciou toda a gente exceto o Montague Price, que nunca tinha usado o nome verdadeiro. Só o Carmichael é que conhecia a sua verdadeira identidade, e ele estava morto há mais de 25 anos. Só soube o nome do Price quando encontrei aquele extrato bancário. Nessa altura, já ele tinha percebido o que se passava e estava escondido.

Isso explica porque é que só o corpo de Russell é que tinha marcas adicionais de tortura.

— E depois deitei mãos à obra para os encontrar.

— Quanto tempo é que...?

— Pouco tempo. Matei o Graham Russell para garantir que seria desencadeada uma grande investigação. Isso deu-me todas as justificações para aceder a bases de dados, o que anteriormente podia ter levantado suspeitas. Encontrei-os rapidamente e compilei dossiês sobre todos eles. E raptei-os, um por um.

— Como?

— Ora, Poe, sabes a facilidade com que um distintivo abre uma porta. Uma chávena de chá enquanto discutíamos a sua segurança, uma boa dose de propofol e ala para dentro da carrinha. Foi fácil.

O homicídio tornava-se fácil se fosse organizado e se o assassino soubesse o que estava a fazer. Os assassinos desorganizados é que são apanhados.

— Mas e o George? Ele não é psicopata; não teria alinhado nisto. A menos que o obrigasses.

— O George? Achas que o George teve alguma coisa que ver com isto?

— Não fizeste isto sozinho, Kylian. Tiveste um cúmplice. — Disse isto como quem constata um facto, apontando para a carrinha e para o camião. — E foi o Scafell Veterinary Group que adquiriu os veículos.

— O meu pai morreu há mais de um ano, Poe. Uma noite, abriu um livro e nunca chegou ao fim. Presumo que não tivesse muito interesse em viver após a morte da Victoria. Não teve nada que ver com isto. — Poe manteve o silêncio. — É possível que me tenha esquecido de dar conta da sua morte — acrescentou Reid.

— Sinto muito. — E sentia mesmo; George era um bom homem.

Reid pigarreou e Poe percebeu que ele estava com dificuldade em não chorar.

— Enterrei-o nestas charnecas. Num sítio perto daqui. Assinalei a sepultura com um simples monte de pedras. A autópsia vai comprovar quando e como morreu. Além de eu usar a empresa dele

como infraestrutura, o George não teve nada que ver com isto.

— Mas não fizeste isto sozinho — disse Poe. Tinha ficado triste ao pensar que George ajudara um assassino em série. Sentia-se agora mais aliviado. Mas tudo apontava para um cúmplice. Se não era George, quem seria?

— Não. Tive ajuda. Mas o nome da pessoa não é importante, e não vou falar sobre isso agora. Mas, para que tenhas paz de espírito, incluí essa informação nas provas que estão na carrinha de quatro celas.

— Vais denunciar o teu cúmplice?

Reid encolheu os ombros. Não lhe pareceu importante.

— Assim que eu os drogava, o meu cúmplice transportava-os na carrinha de quatro celas. Também disfarcei as datas dos raptos. Já tinha simulado que o Graham Russell estava em França. Enviei o Joe Lowell para Norfolk e o Michael James para uma prova de whisky na Escócia. Reforcei tudo isso com e-mails e mensagens que descansassem as suas famílias. Tive-os detidos na quinta durante mais tempo do que as pessoas imaginam, até mesmo tu, Poe. O Lowell, o James, o Owens e o Doyle estiveram aqui todos ao mesmo tempo.

O planeamento e a preparação eram extraordinários. Poe esfregou o pescoço. Começava a doer; estava a olhar para cima, para Reid, há quase 20 minutos.

— Seja como for — prosseguiu Reid —, mantive-os aos quatro muito descansadinhos no camião de dez celas. Mas matá-los não era o meu único objetivo. Queria confissões, queria preencher lacunas e, mais importante ainda, queria saber a localização dos corpos dos meus amigos.

— E eles disseram-te? Sem mais nem menos?

— De início, não; ainda estavam ciosos das suas reputações. Só lhes dei a volta quando decidi fazer de um deles um exemplo.

— O Sebastian Doyle — murmurou Poe. Sempre lhe fizera

confusão o porquê de Doyle ter sido enfiado no caixão de Carmichael e não ter sido exposto.

— O Sebastian Doyle — confirmou Reid. — Mostrei aos outros o que aconteceria se não falassem. Até verem o Doyle a arder, creio que ainda pensavam que podiam comprar a sua liberdade. Deixei-o no caixão do Carmichael para avivar o teu interesse. Para garantir que não desistias.

Poe tinha muitas perguntas a fazer sobre o seu envolvimento. Mas, por enquanto, parecia-lhe melhor ouvir uma versão linear dos acontecimentos.

— Eles contaram-te tudo?

Reid confirmou.

— E, por incrível que pareça, nenhum daqueles tarados se quis livrar dos seus prémios por completo. Todos eles foram enterrados perto das suas casas. O James admitiu que visitava a campa da sua vítima pelo menos uma vez por mês.

— Desenterraste-os?

— Um de cada vez. Com todo o cuidado. Eram os meus amigos.

— E a Swift?

Reid franziu a testa.

— A minha intenção sempre foi guardá-la para o fim; foi ela quem cometeu a maior traição de todas. Ela não tinha os impulsos doentios dos outros; era uma questão meramente financeira. Queres saber para onde foram as 300 mil libras que desapareceram da conta do Carmichael? Eram a parte dela.

Poe já suspeitara disso. O seu grau de envolvimento implicava que fosse a única explicação plausível.

— Mas porque não a raptaste juntamente com os outros? Por certo que ela teria percebido o padrão.

— Ela era a única cujo rapto eu não conseguia dissimular. Na altura em que achei que estava pronto, ela já tinha marcado férias na Austrália. Se não tivesse aparecido, teria havido uma

investigação ao seu desaparecimento e, como não teria recaído sob a alçada dos crimes graves, ficaria fora do meu controlo.

— Como podias ter a certeza de que ela não fugiria? Deve ter percebido o que se passava.

— Ela sempre negou ter estado no barco, lembras-te? Para ela, as únicas pessoas que podiam contradizê-la estavam mortas. Fugir serviria apenas para confirmar a sua culpa a quem estava a fazer isto.

Poe compreendeu a lógica retorcida por detrás daquilo.

— Devias ter-me contado tudo, Kylian — disse ele, em voz baixa.

— Imagina como teríamos sido formidáveis juntos. Teríamos conseguido fazer justiça para os teus amigos. Eles não teriam hipótese.

— Isto não foi uma questão de justiça, Poe. Nunca foi uma questão de justiça. Foi uma questão de vingança.

Vingança... Poe lembrou-se do provérbio chinês: «Aquele que procura vingança deve cavar duas sepulturas: uma para o seu inimigo e outra para si.» Poe descortinou o resto da narrativa — Reid não tencionava sair de Black Hollow Farm. Aquela casa era a segunda sepultura.

Olhou para cima e fixou o olhar no de Reid. Fez a pergunta que o atormentara desde o primeiro dia. A questão mais importante.

— Se não querias justiça, Kylian, porque decidiste envolver-me nisto tudo?

Reid olhou para baixo e sorriu.

— Por três motivos. Primeiro, és o melhor detetive que conheço. És intuitivo e inquieto, e não tens medo de fazer o que tem de ser feito. Irritas quem for preciso e não aceitas a primeira explicação que te apresentam. Apesar de, ao princípio, ter tentado desviar o foco da investigação com a hipótese da vingança motivada pelo inquérito Leveson, precisava que a coisa comesse a encarregar. Mesmo quando já tinha uma segunda vítima, a polícia de Cúmbria

não conseguia ver além de um assassino em série. Não estavam à procura de um móbil além das tretas psicanalíticas do costume.

— Mas sabias que eu o faria?

— Erradamente, parti do princípio de que, estando os crimes a ser cometidos no sítio onde crescestes, trabalhaste e agora vivias, a SCAS levantaria a tua suspensão de imediato. — Fez uma pausa e sorriu. — Mas parece que fizeste tantos inimigos por lá como fizeste por aqui, Poe. Quando eles não te chamaram, decidi agir e enviar-lhes uma mensagem.

— Gravaste o meu nome no peito de alguém.

— Merecidamente. E, como queria garantir que não te tornavas suspeito, matei o Clement Owens quando estavas em Hampshire.

— Obrigado — sorriu Poe. — Presumo que tenhas sido tu a enviar-me o postal.

— Sim. Eu não tinha percebido a extensão das queimaduras do Michael James. O ponto de interrogação invertido ficou praticamente destruído. Precisava de te dar uma ajudinha quando descobri que o relatório da tomografia indicava que o símbolo junto ao teu nome era o número cinco. Precisava que o reexaminasses para perceberes a ligação a Shap. Além disso, não queria que pensasses que eras a minha quinta vítima.

— És muito gentil — disse Poe.

— O segundo motivo do teu envolvimento prendeu-se com o facto de não fazer a menor ideia de quem era o último homem. Apenas o Carmichael sabia o nome dele. Eu tinha noção de que a minha melhor hipótese de o identificar seria dar-te rédea solta.

Meu Deus...

Não tinha pensado nas coisas daquela maneira. A sua descoberta do extrato bancário tinha denunciado a identidade de Montague Price. Poe podia ser considerado culpado pela sua morte. Apesar de ser difícil sentir pena de alguém que tinha sido cúmplice de violação e homicídio de crianças, Poe sabia que cometera um erro. Foi o

fantoche de Reid.

— Nessa altura, o Price já se tinha escondido. Durante a rusga, coloquei provas em sua casa para garantir que o Gamble fazia dele o suspeito número um e dava início a uma caça ao homem a nível nacional. Tinha a certeza de que, quando ele fosse apanhado, teria um álibi sólido e conseguiria sair com fiança. Assim que fizesse isso, cairia nas minhas mãos. Só tinha de esperar.

— Mas ele não foi apanhado. Entregou-se e tentou chegar a acordo.

— O que implicava que a farsa de a Hilary Swift não ter estado no barco seria desmascarada e também ela seria detida. Com os dois sob custódia, nenhum deles conseguiria ser libertado sob fiança, porque a verdadeira história começaria a vir a lume. Com recurso à carrinha, tracei um plano de contingência para raptar uma pessoa sob custódia, mas seria um truque que não resultaria duas vezes.

— Precisavas de raptar a Swift antes que o Price falasse.

— Antes de sairmos de Shap Wells em direção a Seven Pines, liguei... ao meu cúmplice e disse-lhe para se fazer à estrada. Ele sabia qual era a morada. Nessa altura, já tinha calculado as doses certas. Preparei as bebidas e dei uma dose mais pequena à Swift. Queria que estivesse grogue, mas acordada. O meu cúmplice entrou, levou a Swift e depois foi buscar os miúdos.

— E, meia hora depois, nós acordámos. Ela tinha desaparecido, e tu eras uma vítima tal como eu — rematou Poe. Um plano genial, convenhamos.

— O que me deu alguma margem de manobra. Mas sabia que estavas próximo, e a forma como a Tilly dispôs as peças no tabuleiro em Shap Wells foi a forma de chegares à verdade. A porra daquela lei de branqueamento de capitais... sabia que se a carrinha fosse identificada como o veículo dos raptos, o rasto da papelada seria a minha ruína, mas as benesses de a ter usado ultrapassavam os riscos. Presumo que tenha sido assim que chegaste lá.

— O rapto num domingo. O tribunal não estava em sessão e as transferências da prisão só ocorrem de segunda a sexta.

— Caramba, és mesmo um tipo esperto, Poe. E foi com a carrinha que chegaste até mim? Foste muito rápido. Pensei que demorarias mais tempo a perceber quem a tinha comprado. A GU colocou quase 200 veículos no mercado nos últimos anos, e não tinhas a matrícula original da carrinha.

— Não foi só a carrinha — disse Poe.

— Não? — inquiriu Reid.

— Tu nunca tiras o casaco.

— Eu nunca tiro o...? — disse, antes de perceber onde Poe queria chegar. Por instantes, ele não disse nada. As lágrimas que tinham secado começaram novamente a correr. — As minhas cicatrizes.

— Conhecemo-nos há tanto tempo e nunca vi os teus braços. Nem uma vez que fosse — disse Poe. Já tinha quase tudo. Mas... havia algo que não fora dito. Tudo o que Reid lhe contara podia ter sido dito por telefone ou e-mail. Por algum motivo, ele chamara Poe ali. — Disseste que tinhas três motivos para me envolver, Kylian — prosseguiu Poe. — Ainda só mencionaste dois. Qual é o terceiro?

Capítulo 62

Reid olhou para Poe com uma intensidade feroz.

— Primeiro, tenho de te perguntar uma coisa, Poe. E preciso que sejas sincero.

— Não tenho nada a esconder — disse Poe.

— Tens a certeza?

Poe hesitou.

— Tenho.

— O que aconteceu no caso do Peyton Williams?

— Sabes bem o que aconteceu! — disparou.

— A tua inspetora veio falar comigo, sabes? Queria saber porque não refutaste as acusações. Porque ficaste quieto enquanto toda a gente te pisava.

— E o que lhe disseste? — perguntou Poe, num tom de voz mais inseguro.

— Disse-lhe que estavas com dificuldade em aceitar que tinhas cometido um erro que custou a vida a um homem. — Poe assentiu.

— Mas estava a mentir, claro — prosseguiu Reid. Poe olhou fixamente para ele. — O que aconteceu realmente, Poe?

— Cometi um erro.

— Tu não cometes erros. — Reid fez uma pausa. — Tens um lado obscuro, Poe. Um desejo de justiça que vai além do normal. Eu tenho e tu também tens. É por isso que somos amigos há tantos anos. — Poe não respondeu. Não conseguia olhar para Reid.— A Tilly contou-me que espancaste o tipo que a atormentava em Hampshire...

— Eu não o...

— E que magoaste a sério um dos bêbedos no bar, em Shap Wells.

Poe não disse nada. Sabia que os dois incidentes podiam ter sido resolvidos de outra forma. Jonathan chamara atrasada a Bradshaw numa sala cheia de testemunhas — seria sempre despedido — e os idiotas no bar teriam parado assim que ele lhes mostrasse o distintivo da NCA.

Em vez disso, ele optara pela violência.

Reid tinha razão. E o seu estado de fúria permanente era anterior ao que acontecera com Peyton Williams. Os Black Watch tinham proporcionado um escape temporário, mas o Exército não tinha constituído um desafio intelectual à altura. Não tardaria a sentir-se entediado. Nunca se atrevera a olhar para as causas do seu estado de espírito. Em vez disso, tinha-se aproveitado dele. Deu-lhe uma vantagem. A capacidade para descortinar por entre as sombras. Permitia-lhe fazer coisas que os outros não conseguiam. Salvava vidas.

Mas a que preço?

— Enquanto não enfrentares os demónios que tens aí dentro — disse Reid, apontando para a cabeça de Poe —, eles vão obrigar-te a fazer coisas cada vez mais extremas. E, a dada altura, a tua raiva vai transformar-se em algo mais sinistro. Acredita em mim, tenho experiência nestas coisas...

— Mas... — protestou Poe.

— Vai falar com o teu pai, Poe.

— O meu pai? Porque faria isso? O que tem ele que ver com isto?

— Engole o teu orgulho e pergunta-lhe porque te chamas Washington. Isso vai ajudar-te a compreender.

Poe estava prestes a dizer-lhe para ir dar uma curva, que Reid não sabia nada sobre a sua vida. Mas isso não era verdade. Reid chegara a ficar dias a fio com Poe e o pai. Como Poe vivia em Kendal e Reid a poucos quilómetros da cidade, os dois rapazes

costumavam passar temporadas com as famílias um do outro. Reid sabia tudo sobre a sua vida.

— Não viste o meu lado obscuro porque estavas cego pelo teu. Mas o teu pai reconheceu-o. Tentou trazê-lo ao de cima e, para tal, por vezes contava-me coisas. Coisas que devia ter-te contado primeiro — disse Reid.

— O que te contou ele, Kylian? — Poe não tinha a certeza de querer ouvir o que Reid sabia.

— Ele contou-me sobre a tua mãe.

— Não metas a minha mãe nesta merda! — Havia coisas que eram interditas, mesmo numa situação destas. Ele não queria pensar nela, quanto mais falar sobre ela. Para ele, era como se ela nunca tivesse existido.

Reid ignorou-o.

— Vai falar com o teu pai, Poe. Pergunta-lhe. Nada era o que parecia. — Poe não respondeu. — Por favor, não me obrigues a dizer — continuou Reid. — Tem de ser o teu pai. Mas vou dizer-te uma coisa: a tua mãe não te odiava, Poe.

— Ela abandonou-me. Era uma cabra egoísta que não gostava de mim.

— Não é verdade, Poe — disse Reid. — A tua mãe adorava-te, mesmo muito.

— Tretas!

— E foi por te adorar que teve de partir.

O que sabia Reid que ele não sabia?

— Diz-me ou vou-me já embora, Kylian. Chamo alguém e podes entender-te com a próxima pessoa que subir por aquela estrada.

— Não posso ser eu, Poe. Tem de ser o teu pai.

Poe hesitou. Se o pai sabia algo sobre a mãe que não lhe contara, então eles precisavam de falar. Mas... porque contara ele ao Reid? Não fazia sentido. A menos que...

— O meu pai não é um homem particularmente corajoso, Kylian

— disse. — Sabes disso. Se tivesse uma coisa má para me contar que pudesse adiar, sabes tão bem como eu que o faria. De preferência, indefinidamente. Já pensaste na possibilidade de ele te ter contado para que tu me dissesse? Que queria que me contasses porque ele não era capaz?

Desta vez, foi Reid quem hesitou.

— Está bem, Poe. Tens a certeza? — Poe acenou. — Sabias que os teus pais passaram por um período em que estiveram com outras pessoas? — Poe abanou a cabeça. Não era uma surpresa. Os seus pais eram hedonistas. A monogamia nunca tinha assentado no perfil que ele traçara dos dois. Sempre tinha pensado que eles eram liberais com os seus votos matrimoniais. Reid prosseguiu: — O teu pai contou-me que eles estiveram separados quase 18 meses. Ele foi para o subcontinente para estudar um certo tipo de misticismo. A tua mãe foi para os Estados Unidos com um grupo de manifestantes da campanha de desarmamento nuclear. — Poe tinha uma vaga ideia de que o pai estudara com um guru na Índia; eles não ensinavam as posições de ioga ridículas que costumava praticar em Inglaterra. Não sabia que a mãe tinha ido para a América. Sabia mesmo muito pouco sobre ela. — O teu pai contou-me que a tua mãe lhe escreveu uma carta a dizer que estava em sarilhos e que tinha de regressar a Inglaterra. Podiam estar separados, mas amavam-se. Ele voltou assim que foi possível. Quando se encontraram, ela estava grávida de dois meses.

A notícia foi como um murro no estômago. *O pai não era o pai biológico...* Todos aqueles anos a criar o filho de outro. Sozinho. O homem era um santo. Mas... isso não fazia sentido. A ser verdade, não havia motivo para não lhe dizer. Que a sua mãe fosse promíscua não era propriamente uma surpresa. Mesmo naquela altura, não era vergonha criar o filho de outro.

Havia mais qualquer coisa. Algo ainda pior.

— Continua — disse ele a Reid.

— Enquanto ela estava nos Estados Unidos, um dos membros do grupo dela tinha conseguido marcar uma audiência com um representante da embaixada britânica, e foram todos convidados para um beberete depois disso. Pelo que me disse o teu pai, a ideia era eles serem o bobo da festa. Algo do género «vamos rir-nos às custas dos *hippies*».

— Em Washington?

— O quê?

— A embaixada britânica fica em Washington, D. C.

— Sim.

— O que estás a dizer? Que o meu pai era um diplomata? — Reid não respondeu. — O que foi, Kylian? — perguntou. — Diz-me quem é o meu pai. — Reid nada disse. — Kylian, podes dizer. Não vou ficar zangado.

Reid olhou para baixo. Tinha lágrimas nos olhos.

— A tua mãe foi violada, Poe — disse ele, em voz baixa. — Foi à tal festa manifestar-se contra as armas nucleares e foi violada.

O cérebro de Poe só conseguiu registar o choque. Abriu a boca para dizer algo, mas não saiu nada. O pesado fardo do abandono foi levantado, mas deu lugar a algo muito pior: culpa. Todos aqueles anos a odiá-la? Anos desperdiçados. O que terá ela pensado dele? Como se a sua centelha interior se tivesse extinguido, as trevas tomaram conta de si. Levantou-se, tentando compreender o significado de tudo aquilo. *A mãe tinha sido violada?* Porque é que ninguém lhe dissera nada? Ele era polícia. Podia ter feito alguma coisa. O futuro parecia uma estrada impossível de percorrer. Que rumo seguir agora? O que fazer?

— Acho que vou andando. — Virou costas, esquecendo por completo o caso.

— Espera! Ainda não ouviste tudo. Não te contei o bem que adveio do mal.

Que se foda! Não sabia porque tinha o nome da cidade onde a

mãe tinha sido violada. Que se lixe a parte boa, aquela era a resposta que ele procurava. Deu meia-volta.

— A tua mãe odiava a ideia de te ver nascer, Poe. Ela não te queria, tinhas razão, mas não pelo motivo que julgavas. Ela voltou para o Reino Unido para fazer um aborto.

— Maravilha... — rosnou Poe. Aproximava-se uma tempestade vermelha. A raiva estava a controlar os seus pensamentos.

— Mas, quando chegou à clínica, não conseguiu ir em frente — disse Reid. — Ela e o teu pai, porque ele é teu pai, Poe, decidiram que algo de bom tinha de sair dali. Segundo o teu pai, ela perguntou se ele estaria disposto a criar-te. Tencionava dar-te à luz e sair do país logo a seguir.

— E foi o que ela fez? — perguntou ele. — Deu-me à luz e depois abandonou-me? Pensei que tinha ficado para...

— Mas em vez de te odiar, como esperava, amou-te de paixão. «Um amor ardente», nas palavras do teu pai. Um laço imediato com que nenhum dos dois contava.

— Então...?

— Segundo o teu pai, ela não queria que soubesses como tinhas vindo ao mundo. E sabia que, se tivesse ficado, chegaria uma altura em que ficarias parecido com o homem que a tinha violado. Tinha de se ir embora antes disso. Não queria que visses a expressão no seu rosto quando isso acontecesse. Teria dado cabo dela. Tinha de partir. Mas não foi capaz. Amava-te demasiado. Precisava de algo que a ajudasse a partir, que a fizesse recordar. Precisava de forçar a partida antes que fosse tarde demais. Caso contrário, estaria sempre a adiar.

— Então, chamou-me Washington para nunca esquecer — concluiu Poe. Sempre que alguém dizia o nome dele, era como um punhal cravado no seu peito. Um lembrete de quem ele era e de quem seria no futuro. — Batizou-me com o nome da cidade onde tinha sido violada para ter forças para partir.

— Sim — disse Reid.

— O meu nome é como aqueles avisos nos maços de cigarro — disse Poe. — Não te afeiçoas muito a ele; ele vai ficar igual ao pai.

— Não poria as coisas dessa maneira.

— Então como porias?

— De forma mais simpática — respondeu Reid.

A raiva de Poe esmoreceu até desaparecer. O seu nome permitira à sua mãe fazer um enorme sacrifício. E ele costumava ter vergonha dele. Nunca mais seria assim: doravante, constituiria motivo de orgulho.

Ele pôs tudo isso de parte. Mais tarde lidaria com os seus pais. Se o homem que violara a sua mãe ainda estivesse vivo, tencionava ir atrás dele. Podia demorar meses ou anos, mas, algures no futuro, ele haveria de conhecer o seu «pai».

Só que, antes disso, tinha trabalho a fazer.

E, antes de seguirem em frente, Reid queria a resposta a uma pergunta. Ele *merecia* essa resposta. Reid tinha sido violado. A mãe de Poe tinha sido violada. Não admira que tivessem um laço. Por isso, se Reid queria saber a verdade sobre Peyton Williams, Poe contar-lhe-ia tudo.

*

Poe pensou no dia em que visitou a família de Muriel Bristow. Só tinha más notícias para eles. Tinha um suspeito, mas não podia dizer-lhes quem era. Pior, Peyton Williams sabia que estava a ser vigiado. Se estivesse viva, Muriel morreria de desidratação no prazo de uma semana. Tinha uma escolha a fazer: a vida dela ou a sua carreira.

E ele sabia o que aconteceria. Como poderia não saber? O pai de Muriel era um operário empedernido, habituado a resolver os problemas com os punhos. E o seu irmão tinha uma garagem no

meio do nada.

Poe divulgara o nome de Peyton Williams ciente de que ele seria raptado e torturado até revelar a localização de Muriel.

Ele sabia disso e, mesmo assim, não hesitou.

— Não foi um engano — disse Poe. — Eu entreguei-lhes o relatório errado de propósito.

Reid acenou, como se soubesse o tempo todo. Provavelmente sabia. Conhecia Poe melhor do que ninguém.

— E porque o fizeste?

A resposta era tudo menos simples. Podia repetir todas as desculpas que usara na altura para se convencer de que estava do lado do bem, que eram circunstâncias excepcionais, que o tempo e as opções começavam a esgotar-se.

Flynn acusara-o de ter um raciocínio binário naquela noite, no cemitério, mas a verdade era mais complexa. Apesar de continuar a acreditar que tinha sido a opção certa — se a escolha era entre os direitos de um assassino e os direitos de uma vítima inocente, bem... esse problema nem sequer se colocava. Se pudesse voltar atrás no tempo, faria tudo da mesma maneira. Porque garantir que a rapariga tinha hipóteses de viver; lidar com o tipo que intimidava Tilly em Hampshire e com os idiotas no bar; todas as ordens ignoradas — tudo o que os outros viam como autodestrutivo fazia parte de quem ele era, de quem sempre fora.

A verdade é que ele fazia tudo aquilo porque os culpados tinham de ser punidos.

Se lamentava a morte de Peyton Williams?

Claro que sim.

Se voltaria a fazer o mesmo?

Num piscar de olhos.

— Não respondas, Poe — disse Reid. — Já sei porquê. Tens-te perguntado se és sociopata. Não és. Os teus pesadelos provam que sentes empatia. Dizes que odeias tipos que intimidam, mas isso é

apenas a verdade que está mais patente. O que odeias realmente é a injustiça. Foi por isso que tinhas de ser tu.

— Não percebo — disse Poe. Tinha a cabeça a andar à roda. A revelação da sua mãe e a necessidade de admitir o papel que desempenhara na tortura e morte de Peyton Williams tinham-no deixado de rastos. Reid lia-o como um livro aberto. Já não tinha mais segredos para ele. Perguntava-se se teria sido sempre assim.

— Porque achas que te fiz percorrer estas etapas todas, Poe? — perguntou. — O corpo no cemitério, as ordens para não chateares o bispo que sabia que ignorarias. Porque não te deixei um bilhete algures? Porque não me limitei a matá-los, a dizer-te o que sabia e a desaparecer discretamente? — Reid podia ser o louco mais são que ele conhecia, mas não deixava de ser louco. — Precisava de ter a certeza de que ainda eras a mesma pessoa, Poe. Que viver naquela casa não te tinha amolecido. Este é o culminar da obra da minha vida e, se não estivesses disposto a enfrentar a Igreja ou a desenterrar um cadáver, não serias capaz de fazer o que preciso que faças a seguir.

— Tudo isto tem sido um teste? Para quê?

— Vais contar a minha história, Poe.

— Então, fizeste tudo isto para que eu fosse o teu biógrafo? — replicou Poe. Estava a ter dificuldade em perceber. Tudo aquilo era uma sobrecarga emocional. Precisava de ficar sentado numa sala escura durante uma semana. Precisava de falar com o pai.

Reid permaneceu em silêncio.

— Qualquer pessoa podia ter feito isso por ti — prosseguiu Poe. — Pessoas com mais credibilidade e perícia técnica do que eu. Porra, porque não divulgaste tudo na Internet? Deixavas que os maluquinhos das conspirações fizessem o trabalho por ti.

Reid encolheu os ombros.

— Faltam-me alguns documentos. O extrato bancário que encontrei. O convite para a festa. A cena do *Breitling*. Coisas que

corroboram as confissões em vídeo deles.

Ele tinha razão. Cada um deles tinha uma metade do quebra-cabeças. Sem as provas de Poe, as confissões revelavam apenas homens assustados a dizer tudo aquilo que o torturador queria que dissessem; sem as confissões, as provas eram meramente circunstanciais. Agora, ele compreendia. Tinha de ser ele. Não era apenas a pessoa que podia fazê-lo; era a única pessoa que o faria.

— Ele já tinha organizado mais festas, sabias? — disse Reid.

— O Carmichael?

— Sim. Não sei se tinham o mesmo nível de devassidão, mas podes ter a certeza de que nada de bom saía dali. Sei que algumas das pessoas que foram às primeiras festas são hoje em dia homens muito poderosos. O sistema vai tentar protegê-las. Não te podes esquecer disso.

Van Zyl já lhe tinha dito que havia pessoas em Westminster que queriam que aquele assunto fosse encerrado com discrição. Já os imaginava a sussurrar aos ouvidos do chefe da polícia de Cúmbria: *Todos os envolvidos estão mortos. O que lá vai, lá vai. Não vale a pena procurar sentido nas ações de um louco. A propósito, como vai essa candidatura para a Polícia Metropolitana? Se puder ajudar, conte comigo. Vou ver se puxo uns cordelinhos.* A verdade nunca viria totalmente ao de cima. Os homens e as mulheres que controlavam a comunicação social, o Ministério Público, os tribunais e a polícia obedeceriam a ordens superiores. Claro que alguns jornais mais liberais podiam desconfiar de um encobrimento, mas, sem a ajuda de Poe, não teriam nada para desenterrar.

Reid falou pausadamente.

— Sempre disseste que seguirias as provas até onde elas te levassem, mas agora pergunto: se te entregar as provas, certificaste de que elas são divulgadas? Contas a nossa história ao mundo, Poe? Os meus amigos não merecem menos do que isso.

— Eu certifico-me de que a verdade se sabe, Kylian. Toda a

verdade.

— Obrigado, Poe.

Ele olhou para cima quando Reid disse:

— Eu disse-te para não dizeres a ninguém.

Um veículo subia a estrada em direção à quinta. Os faróis eram visíveis através do nevoeiro.

— Eu não disse a ninguém — respondeu Poe.

Virou-se para Reid, mas ele já tinha desaparecido. Quando voltou, não estava sozinho. Trazia consigo Hilary Swift, semiconsciente. Estavam algemados um ao outro. Ele tinha um isqueiro na mão.

Capítulo 63

Os faróis do carro que se aproximava iluminavam o carro de Poe.

— Quem é?

— Não faço ideia — respondeu Poe. — Mas juro-te que não disse a ninguém. Se tivesse dito, já teriam chegado há mais tempo.

Ele percebeu que, fosse quem fosse, estava a dez minutos de caminho. A distância era curta, mas a inclinação fazia com que houvesse mais sete ou oito curvas apertadas a contornar. Em linha reta, eram uns 200 metros de caminho, mas pela estrada ainda faltava cerca de um quilómetro e meio. Ambos sabiam que o veículo estava ali por eles. Black Hollow Farm era o fim da estrada.

— Acho que já não faz diferença. Já terminei — disse Reid.

O papel de Reid na história estava prestes a chegar ao fim. Ele estava prestes a passar o testemunho a Poe.

— Não precisas de fazer isso — disse Poe.

— A Swift tem de sentir a dor que os meus amigos sentiram.

— E tu? Desperdiçares a tua vida não é uma grande forma de honrares a sua memória.

Reid olhou fixamente para ele.

— Tens razão. Por favor, certifica-te de que não sou enterrado com eles. E cuida das minhas provas. Foi uma honra poder considerar-te meu amigo, Poe.

Com um gesto do polegar, Reid acendeu o isqueiro e atirou-o por cima do ombro. O som do isqueiro a aterrar foi seguido pelo som do fogo a atear e por uma erupção de luz laranja. As sombras começaram a dançar por toda a colina escura e fria.

Reid fechou os olhos e desapareceu para o interior da casa.

Hilary Swift começou a gritar.

Capítulo 64

Poe não tinha ideia de como é que Reid armadilhara a casa, mas era óbvio que ele sabia muito sobre fogo posto. Num minuto, um fumo denso irrompeu pela janela aberta.

Não obstante a vontade de Reid, Poe não estava disposto a deixá-lo morrer. Também não estava disposto a prendê-lo, mas enfrentaria esse dilema mais tarde.

Tinha de arranjar uma maneira de entrar. Olhou para a porta robusta.

Na televisão, parece fácil arrombar portas ao pontapé. Na prática, a polícia usa aríetes portáteis e aponta para os pontos fracos das portas — por norma, fechaduras e dobradiças. Quando só podemos usar os ombros, as opções são mais reduzidas.

Poe atirou-se contra a porta e fez ricochete como uma bola de borracha.

Um ardor espalhou-se-lhe desde o ombro até à ponta dos dedos. Tentou mover o braço e percebeu que mal conseguia mexer os próprios dedos. Tinha lesionado alguma coisa. As portadas das janelas tinham barras de metal embutidas nas paredes maciças e só podiam ser retiradas por dentro. Eram impenetráveis.

Swift continuava a gritar, mas Poe percebia que ela estava a morrer. Em desespero, tentou encontrar uma solução.

Olhou para a carrinha de quatro celas e correu na sua direção. A porta estava aberta e a chave encontrava-se na ignição. Rodou a chave e o motor a gasóleo deu sinais de vida. Ele olhou para o banco do passageiro. A caixa com as provas de Reid estava ali. Trataria disso mais tarde. Poe engrenou a marcha-atrás e recuou,

colocando a carrinha na posição certa. Pressionou o pedal do acelerador e apontou a carrinha para a porta da casa.

Aconteceram várias coisas. A carrinha embateu contra a porta e o *airbag* do condutor embateu na cara de Poe. A placa de plástico que o mantinha no volante acertou-lhe no nariz, partindo-o. O motor destruído emitiu um som horrível. Poe arrastou-se para fora da carrinha e viu que a porta tinha cedido.

Poe nunca tinha sido acometido por paralisia analítica. Subiu para cima do capô e irrompeu pela porta estilhaçada da casa da quinta em chamas.

Quando entrou na casa, a massa de oxigénio resultante da porta aberta causou uma erupção das chamas semelhante à explosão de uma fornalha.

O calor era insuportável.

A visibilidade era nula.

Não conseguia respirar e não sabia para onde ir.

Retesou os músculos. O seu amigo estava no piso de cima.

Lembrou-se de algo sobre o fogo, algo que aprendera quando andava nos escuteiros: o fumo sobe; quanto mais nos baixarmos, mais puro e fresco é o ar. Poe pôs-se de joelhos e começou a rastejar. O fumo fazia-lhe arder os olhos e ele decidiu fechá-los.

Estendeu as mãos para ir apalpando o chão à sua volta e encontrou de imediato as escadas. Levantou-se a custo, na expectativa de que seria melhor correr lá para cima às cegas do que rastejar com visão parcial.

Agarrou no corrimão, ignorou o verniz borbulhante que se agarrava às suas mãos e subiu os degraus, dois a dois. Terminaram antes de ele parar de correr, e o resultado foi um tropeção para a frente e uma queda sobre os joelhos e mãos. Tinha sustido a respiração durante 30 segundos e também seria impossível respirar ali em cima. O desfecho seria rápido ou fatal.

Swift já não gritava, por isso ele não tinha nada que o orientasse.

Seguiu em frente, na esperança de encontrar uma parede para se poder orientar. Tentou esquadrihar rapidamente o espaço à sua volta. Partiu do princípio de que onde quer que Swift e Reid estivessem deitados teriam de estar pelo menos um metro separados. Deslocou-se alguns centímetros para a direita e a sua mão tocou no radiador de ferro fundido. Estava mais quente do que uma grelha acesa. Poe afastou rapidamente a mão. Sabia que estava gravemente queimada, mas ele tinha de seguir em frente.

Foi encontrá-los a meio da sala. Dois corpos. Entendeu a mão. Partes dos corpos ainda estavam em chamas; outras partes estavam esturricadas. Reid deve tê-los regado aos dois com combustível.

Estavam mortos.

Poe apalpou o espaço entre os dois. Tal como ele temia, ainda estavam algemados. Presos na morte como tinham estado em vida. Poe ponderou se teria sido esse o plano original de Reid.

Não podia deixá-lo ali. Reid disse que não queria ser enterrado com os seus amigos, mas teria um enterro condigno. Mesmo que só ele e Bradshaw aparecessem.

Poe começou a arrastá-los pelos pés, mas, como só tinha um braço em condições e pouco ou nenhum fôlego, era uma tarefa demorada e penosa. Arfava com o esforço.

Chegou às escadas.

Teria de os atirar lá para baixo. Ignorando os pulmões que ardiam, arrastou-os até à borda das escadas.

Quase conseguiu lá chegar.

Foi por pouco.

Mas os edifícios antigos têm traves de madeira exposta e a madeira arde num instante.

Uma racha ensurdecadora foi seguida por tantas fagulhas que a sala pareceu explodir em fogo de artifício. Ele olhou para cima e viu o céu. Uma parte do teto tinha desabado. As chamas sedentas de

oxigénio irromperam ainda com mais intensidade. O calor tornou-se insuportável sobre a sua pele já queimada. As labaredas foram projetadas pelo telhado, na direção do céu.

Mais uma racha e o telhado deu de si.

Uma chuva de madeira incandescente cobriu Poe. Em pânico, encheu os pulmões de ar tóxico. Sentiu que começava a perder os sentidos e apercebeu-se de que tinha pouco tempo para se salvar. Com os braços pesados e movimentos lentos, soltou-se dos destroços incinerados. Começou a rastejar em direção às escadas, mas os seus membros pareciam feitos de chumbo.

A ideia de adormecer tornou-se estranhamente apelativa.

Uma voz sobrepôs-se ao crepitar do fogo.

— Poe! Poe! Onde está, Poe?

Alguma coisa tocou no seu pé. Olhou para baixo e puxou instintivamente o pé para trás. Estava a alucinar. Só podia estar. Um monstro de lama, um golem dos seus pesadelos tinha-lhe agarrado o pé. Estava a tentar arrastá-lo para o Inferno. Prendeu o fôlego na garganta em pânico e exalou o pouco ar que subsistia nos seus pulmões.

A sala começou a andar à roda. O golem levaria a melhor; voltou a sentir as mãos do monstro nas suas pernas.

Os seus olhos arregalavam-se à medida que ele tentava respirar. Percebeu que começava a desistir.

Washington Poe pousou a cabeça nas mãos queimadas, fechou os olhos e desmaiou.

Capítulo 65

Poe ouviu sons. Soavam há algum tempo, mas ele não estava suficientemente consciente para os identificar. Queria abrir os olhos, mas pareciam estar colados.

Tentou perceber onde estava.

Estalidos, zumbidos, pessoas a falar em voz baixa. Estava deitado numa cama. Os lençóis lavados eram ásperos e estavam demasiado entalados nos pés. O ar cheirava a desinfetante de limão.

Poe sabia reconhecer o ambiente de um hospital.

Tentou novamente abrir os olhos, mas estes permaneceram fechados. Tentou usar os dedos para os abrir, mas estavam enfaixados em tecido macio — provavelmente, ligaduras. As suas mãos latejavam, certamente devido ao corrimão incandescente. Ou ao radiador de ferro fundido. Ou aos cadáveres incinerados. Ou ao telhado caído. Poe desistiu de usar as mãos e, ignorando a dor lancinante, abriu os olhos à força. Com um rasgão, abriram ainda mais. A dor fê-lo gritar. Um feixe estreito de luz penetrou na sua vista. Parecia que lhe estavam a despejar aço fundido na cabeça.

Tentou sentar-se, mas estava demasiado fraco. Viu que as mãos se encontravam enfaixadas. Um líquido da cor da bÍlis tinha ensopado as ligaduras. lodo, certamente.

Mas que raio se tinha passado?

O efeito dos sedativos toldava-lhe o raciocínio. Poe recostou-se na almofada e fechou os olhos.

Quando acordou, a dor de cabeça tinha melhorado ligeiramente. Voltou a tentar abrir os olhos e desta feita foi bem-sucedido. Examinou o seu corpo. A pele estava enfaixada ou exposta e em carne viva. Tinha uma tala no nariz. Uma cânula com um doseador duplo estava inserida nas costas da sua mão direita. Poe olhou para o suporte da intravenosa e viu um saco de soro fisiológico meio cheio. Outro saco mais pequeno, que ele presumiu ser um antibiótico, estava quase vazio.

As luzes do quarto estavam reduzidas e lá fora a noite já caíra. Ele estava sozinho num quarto duplo numa ala do hospital. A cama tinha grades laterais para o impedir de cair.

Perguntou-se há quanto tempo estaria ali.

Sentia-se sedento, mas o jarro de água estava fora do seu alcance. Pegou no dispositivo de emergência e pressionou o botão. A porta abriu-se e uma enfermeira fardada entrou no quarto. Sorriu para ele.

— Sou a Irmã Ledingham. Como se sente? — Era uma mulher de faces rosadas e sotaque escocês cerrado.

— O que aconteceu? — perguntou Poe, num tom roufeno. Não reconheceu a própria voz. Parecia que estava a falar com a boca cheia de gravilha.

— Está na UQ do Westmorland Hospital, Sr. Poe. Ficou queimado num incêndio. Tem sorte por ter sobrevivido.

— UQ?

— Unidade de Queimados — respondeu ela. — Não corre risco de vida, mas as queimaduras infetam com muita facilidade e esta é a melhor forma de o manter esterilizado até que a pele comece a cicatrizar.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Há quase dois dias. Tem uma fila de pessoas lá fora à espera para o ver, se tiver disposição para receber visitas.

Poe sentou-se direito, conteve a vontade de vomitar e acenou com a cabeça.

Em vez da fila de gente que a Irmã Ledingham referira, só uma pessoa cruzou a porta. Era Stephanie Flynn.

Tinha voltado a vestir o seu fato oficial de calça e casaco. Parecia tão cansada como ele se sentia.

— Como te sentes, Poe?

— O que aconteceu, Steph? — A sua voz era pouco mais do que um sussurro. Ele fez um gesto a pedir água.

Flynn encheu o copo de plástico, pôs uma palhinha e aproximou-se o suficiente para ele a levar à boca. Nunca uma bebida lhe soubera tão bem.

— De que te lembras? — perguntou ela.

Lembrava-se de Reid lhe falar sobre a sua mãe e lembrava-se da sala em chamas. Tinha uma vaga recordação de tentar arrastar Reid e Swift para fora da casa. Também se lembrava de um monstro de lama, mas decidiu guardar isso para si.

— De pouca coisa — admitiu. Tinha fragmentos de recordações, mas eram confusos e desorganizados. — As crianças...

— Estão vivas e bem de saúde, e estavam onde disseste. Já se encontram junto da mãe e não fazem ideia do que aconteceu.

— E o homem que as levou?

— Usava um boné e óculos de sol.

— Merda.

— Sim. Um retratista da polícia sentou-se com eles, mas não obteve nada de útil. A mulher que os levou para Center Parcs era uma ama registada. Foi contratada pelo Reid, que fez com que o pedido parecesse ter sido feito pela mãe. O e-mail disse que era um presente para eles, e um descanso para a avó, antes de ela aterrar no Reino Unido. Ficaram no apartamento do Reid até ele ter tempo para os deixar com ela. Levou-os diretamente para lá. Está inocente.

Fazia sentido. Reid precisava que ele pensasse que as crianças estavam em perigo, mas, dada a sua própria experiência às mãos de monstros, nunca lhes quisera fazer mal.

— Havia uma caixa. Uma caixa de metal estava no banco da frente da...

— Da carrinha que espetaste contra um edifício em chamas?

— O que lhe aconteceu?

— O mesmo que à carrinha. Ardeu completamente — respondeu ela. — Não sei o que continha, mas devia ser importante, porque, quando a equipa forense a encontrou, o chefe da polícia foi buscá-la pessoalmente.

— E?

— A versão oficial é que não resta nada do conteúdo. Ardeu tudo por completo. Pedimos para ver, mas disseram-nos de forma muito educada que era um assunto do foro de Cúmbria.

Ele escondeu a cabeça entre as mãos e balançou para a frente e para trás. Não demorou muito até que estivesse a soluçar de forma descontrolada.

Flynn chamou a enfermeira, mas foi um médico que apareceu. Ajustou uma das intravenosas e o choro de Poe acalmou, até que ele adormeceu.

— Ele era um assassino, mas teve os seus motivos, Steph — disse Poe. Tinham-se passado três horas e ele acordara sedento e faminto.

— O que estava dentro daquela caixa, Poe? — perguntou ela.— O que era, para deixar tanta gente em alvoroço?

Nos 30 minutos seguintes, Poe contou a conversa que tivera com Reid na quinta. Omitiu a parte que envolvia a sua mãe e as origens do seu nome.

Flynn colocou algumas perguntas e fez um telefonema rápido quando ele lhe contou sobre a campa de George Reid. De resto,deixou-o contar a sua história.

— Quero prestar depoimento — disse ele no final. — Sei que será considerado uma prova circunstancial, mas o Kylian merece que eu conte a sua versão da história.

— Há muitas pessoas e organizações que podem ser lesadas se isso acontecer, Poe. E, sem testemunhas, poucas provas que o corroborem e os principais intervenientes mortos, o Ministério Público já afirmou que não haverá acusações. Não há ninguém para acusar.

— E a confissão do Montague Price?

— Já foi suprimida.

— Como?

— Para todos os efeitos, foram informações que ele prestou tendo em vista um acordo, e, como o Reid o raptou antes de ele poder ser acusado, o advogado da família disse que interporia um processo se os registos não fossem destruídos. A polícia de Cúmbria entregou o depoimento do Price e o vídeo do interrogatório esta manhã. Disseram-nos para destruirmos a nossa cópia.

— E os corpos dos amigos dele?

— Foi tudo atribuído ao Reid. A teoria vigente, ou pelo menos aquela que se enquadra nas patacoadas que eles estão a impingir, é que ele os matou quando eram crianças e que tinha andado a reviver esses ímpetos com estes novos homicídios.

— Filhos da mãe! — sussurrou Poe.

— Tresanda a encobrimento — admitiu ela. — Tenho feito umas indagações, e algumas das pessoas que tiraram proveito da hospitalidade do Carmichael são... homens influentes, digamos assim. E, se o Carmichael abriu uma conta bancária para um evento específico, quem nos diz que não fez o mesmo noutras ocasiões? Ninguém quer investigar.

— Mas alguém devia fazê-lo — disse Poe.

— Enquanto estiveste inconsciente, o Ministro da Justiça fez um discurso onde agradeceu à polícia de Cúmbria, e sobretudo ao

chefe da polícia, pelo seu esforço incansável e profissionalismo «durante estes tempos difíceis». Disse que o Imolador era um polícia com problemas mentais e que rezava pelas famílias das vítimas. Destacou o Quentin Carmichael, dizendo tratar-se de um exemplo perfeito do tipo de altruísmo que dignifica o país e outras tretas que tais. — Poe olhava para ela, horrorizado. Não acreditava no que estava a ouvir. — Não podemos fazer absolutamente nada. Mesmo que prestasses depoimento e repetisses o que o Reid te contou, não serviria de nada. Disseram-me para te transmitir que, se disseses alguma coisa que se desvie da versão oficial, serás despedido. E, além de perderes o teu emprego e a pensão, terás algumas das famílias mais poderosas e influentes do país à perna. Vão processar-te e arrancar-te tudo o que tens.

Ela tinha razão. Sem provas, ele não teria onde se agarrar. Sem as confissões, as provas de Poe de nada valiam. Ele tinha metade da história, mas era a metade errada.

— Nós sabemos a verdade, Poe — disse ela. — Isso é importante.

— Ele merece melhor, Steph.

— Pois merece, mas não vai ter.

Mesmo que Poe fosse insensato ao ponto de tentar arranjar uma entrevista com um tabloide, sabia que as pessoas que estavam a suprimir a história eram as mesmas pessoas que controlavam a comunicação social, e que ela nunca daria à estampa.

Pensaria nisso mais tarde, mas decidira que não queria ter mais nada que ver com a NCA. Sairia e passaria algum tempo a fazer umas indagações, para ver se havia provas concretas à espera de serem descobertas. Devia isso ao seu amigo. Também precisava de fazer uma pausa para pensar no que fazer em relação à sua mãe. Primeiro, teria de falar com o pai, e conseguir encontrá-lo já seria um trabalho de monta.

— Tenho de sair e ligar ao Van Zyl, Poe. Antes de eu ir, há mais

alguma coisa que queiras saber?

— Sim, Steph — disse ele. — Algo que me tem ocupado a cabeça desde que acordei. — Ela inclinou a cabeça. — Como raio é que ainda estou vivo?

Capítulo 66

Flynn tinha umas chamadas para fazer primeiro, e ele tinha de mudar as ligaduras. Combinaram voltar a falar dali a uma hora.

— O calor estalava os ossos e derretia o vidro — disse Poe quando ela regressou. Ergueu a mão enfaixada. — Tocar num corpo era suficiente para provocar queimaduras graves.

— Nós sabemos — disse Flynn. — Eu vi o relatório de incêndio preliminar. A casa estava ensopada naquele combustível. Era pouco mais do que um invólucro vazio quando o fogo se extinguiu.

— Extinguiu?

— Os bombeiros chegaram meia hora depois de receberem a chamada, mas não conseguiram aproximar-se da casa porque...

— Havia pedregulhos a bloquear a estrada. — Foi para isso que foram arrastados para lá. — Quem é que os chamou? E meia hora parece-me demasiado tempo para eu ter estado inconsciente num edifício em chamas.

— Quem achas que os chamou?

Poe ponderou no assunto. Duvidava que tivesse sido Reid. Ele tencionava morrer na fornalha que tinha criado. «Do pó vieste...», e por aí fora. E mais ninguém sabia onde ele estava.

Exceto alguém que...

Lembrava-se dos faróis a deambular pelo nevoeiro a caminho da quinta. Não tinha visto o condutor; Reid ateara fogo à casa assim que o viu aproximar-se, mas estava alguém a caminho.

Além de Bradshaw, todos pensariam que ele teria ido para Shap Wells depois de sair do local do homicídio de Montague Price. Mas ela não podia ter descoberto onde ele estava.

Ou podia?

Ele encolheu os ombros.

— A mesma pessoa que te arrastou para fora da casa pelo colarinho: a Tilly. A verdadeira heroína do momento.

— Mas... como é que ela sabia onde me encontrar?

— O teu *BlackBerry*.

Aquela raposa matreira! Quando Ashley Barrett o obrigara a levantar o telemóvel, explicara que a aplicação de localização tinha sido ativada. Na viagem para Cúmbria, Poe pedira a Bradshaw para a desativar. Ela dissera-lhe que o fizera.

— Quando lhe pediste para desativar a aplicação, ela não te conhecia muito bem, por isso mentiu-te quando te disse que o tinha feito. Ainda bem. Quando percebeu que ias fazer uma estupidez, seguiu-te.

— Como é que ela chegou à quinta? Ela não sabe conduzir.

— Acho que a tua insubordinação deve ser contagiosa. Ela ligou-me a dizer que tinhas arrancado para parte incerta. Disse-lhe para ficar quieta e esperar por mim. Ela disse que era urgente. Pediu boleia a um agente fardado até ao hotel e, recorrendo ao seu próprio telemóvel para localizar o teu, seguiu-te até lá acima. Acha que estava meia hora atrás de ti.

— Mas isso não responde...

— A tua moto-quatro, Poe. Ela levou a tua moto-quatro até lá.

Meu Deus...

Poe estava sem palavras.

— Ela está bem? — Soou a pouco, tendo em conta a escala do que ela fizera por ele, do que arriscara por ele.

— Está ótima. Os pulmões precisaram de algum tempo para voltar ao normal, tendo em conta que inalou algum fumo, e ficou com algumas queimaduras superficiais nas mãos de te arrastar, mas já teve alta. A mãe veio buscá-la para a levar para casa, mas ela recusou.

— Não, isso não faz sentido. O telhado abateu e as chamas estavam ao rubro, Steph. Ninguém conseguiria subir as escadas sem um aparelho de respiração e equipamento de proteção.

— Ela não é estúpida, Poe. Ao contrário de ti, ela não mergulhou de cabeça sem um plano.

— Então, como é que...?

— Ela pesquisou no *Google* o que fazer.

— Estás a gozar!

— Teve a calma suficiente para perder alguns instantes a pesquisar o que fazer. Encontrou uma página que lhe disse para se cobrir com algo húmido. Não tinha o manto molhado recomendado, por isso improvisou e acabou por usar...

— Lama — concluiu Poe. Ela tinha-se besuntado em lama. Então, sempre houvera um golem: Bradshaw. Sentiu os olhos a encherem-se de lágrimas, mas não quis chorar à frente de Flynn. Pensou em Bradshaw, magra e míope, fascinada pelo mundo novo que estava a conhecer. Lembrou-se dela sentada no salão em Shap Wells quando aqueles idiotas embriagados se meteram com ela. Já na altura demonstrara coragem. Poe podia tê-los afastado, mas tinham-se portado daquela maneira porque ela se recusara a fazer o que eles queriam. Foi o primeiro indício de que, por detrás daquela inaptidão, estava alguém especial. — Como poderei alguma vez agradecer-lhe?

Um barulho no exterior captou a atenção de ambos. Bradshaw estava à porta. Tinha um sorriso envergonhado estampado no rosto. Fez um ligeiro aceno a Poe. Tinha ligaduras nas mãos e os seus olhos estavam vermelhos do fumo. Trazia as mesmas calças largas, mas, em vez da habitual t-shirt alusiva a um filme ou super-herói, trazia aquela que ele lhe comprara em Kendal. Aquela que tinha escrito «Nerd Power». Quando viu para onde ele estava a olhar, ergueu os dois polegares.

— Olá, Poe — disse ela. — Como se sente?

As lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto, e, pouco depois, chorava copiosamente. Havia uma crueza em todos aqueles sentimentos. Não chorava apenas por Bradshaw e pela sua coragem; chorava por Reid e por ter consciência do seu próprio fracasso no cumprimento da justiça.

Flynn levantou-se e saiu discretamente.

Bradshaw sentou-se na cadeira ao lado da cama. Esperou que ele parasse de chorar.

— Desculpa — disse ele, limpando os olhos.

— Não faz mal, Poe — disse ela. — A inspetora Stephanie Flynn contou-me o que o Kylian Reid lhe disse. É tudo muito triste, e tenho muita pena dele.

— Eu também, Tilly. — Lembrou-se de uma coisa; de algo que dissera depois de escorraçar os bêbedos no bar. — Tilly — disse ele —, diz-me que não correste para dentro daquela casa em chamas porque eu te disse que era a tua vez de me salvares.

Ela encarou-o com aquele olhar penetrante que o deixava pouco à vontade. Desta vez, não desviou os olhos.

— É isso que pensa, Poe?

— Sinceramente, Tilly? Nem sei o que pensar. O meu melhor amigo afinal era um assassino em série, por isso, neste momento, não me sinto muito perspicaz.

— Mas é perspicaz, Poe! Pense em tudo aquilo que desvendou.

— Que *nós* desvendámos, Tilly.

— Seja, que nós desvendámos. E não, Poe, não fui atrás de si por causa do que disse no bar. Foi insolente nessa altura porque se sentiu constrangido. Costuma fazer isso.

— Costumo?

— Sim, Poe, costuma.

— Então...

— Já lhe disse, é meu amigo.

Não havia muito mais a dizer depois disto.

Passada uma hora, Flynn foi saber deles. Estavam os dois a dormir profundamente.

Capítulo 67

Poe foi obrigado a passar mais um dia no Westmorland Hospital antes de ter alta. Os médicos, que receavam inicialmente que a sua garganta tivesse sofrido danos, não tiveram problemas em deixá-lo sair assim que começou a sarar. Queriam que uma enfermeira fosse a sua casa uma vez por dia para lhe mudar as ligaduras. Ele negociou um meio-termo: aceitou deslocar-se ao serviço ambulatório; não lhe pareceu justo pedir a alguém para andar cerca de três quilómetros no campo com uma mala cheia de equipamento médico.

Nos dias seguintes, recebeu um rol de chamadas. O diretor Van Zyl agradeceu a Poe e, apesar de tudo o que acontecera, ofereceu-lhe de volta o seu antigo cargo de inspetor; desta vez, em permanência. Poe recusou.

— A Flynn é mais indicada para o cargo — disse ele. — É melhor inspetora do que eu alguma vez fui. Este caso foi solucionado porque ela teve a disciplina para nos obrigar a fazer o nosso trabalho. Eu só vejo cada uma das árvores; ela vê toda a floresta.

Van Zyl concordou. Poe desconfiou que ele só lhe estava a oferecer o cargo porque sabia que ele recusaria.

— Há algo que me queira contar, inspetor Poe? — perguntou por fim.

Poe sabia que ele se referia à confissão de Reid. Van Zyl queria saber se ele tencionava fazer alguma coisa em relação a isso.

— Não, senhor — respondeu.

Queria contar ao diretor que o caso Peyton Williams não fora um engano. Que tinha colocado intencionalmente o documento não

rasurado no processo da família, ciente do que iria acontecer. Aceitar qualquer possível punição. Podia ter salvado a vida a Muriel Bristow, mas um homem morreria fruto das suas ações. Viu o que acontecia quando alguém tentava guardar segredos obscuros, e não queria acabar como Reid. Mas acabou por não dizer nada. Admiti-lo agora podia ser egoísmo. Casos antigos seriam reabertos, seriam interpostos recursos. A sua integridade seria posta em causa. Assassinos saíam em liberdade.

Haveria de carregar aquele fardo sozinho.

O diretor-adjunto Hanson ligou-lhe para pedir desculpa por ter apertado com ele nos últimos tempos. Fizeram alguma conversa de circunstância, constrangedora, até Hanson confessar o verdadeiro motivo do telefonema. Era um chorrilho de clichês e banalidades: mais vale deixar as coisas como estão; não é preciso arruinar carreiras; não vale a pena agitar as águas. Basicamente, também queria saber quais eram as intenções de Poe.

Poe fez-se de desentendido e Hanson não teve coragem de perguntar diretamente. Por fim, desembuchou:

— Essa alegada confissão não passou da divagação de um louco, inspetor Poe. Só isso.

O Bispo de Carlisle ligou, e Poe teve alguma pena do homem que tanto os ajudou. Ele queria saber até que ponto o sucedido afetaria a sua amada Igreja. No final, Oldwater disse-lhe para agir segundo a sua consciência.

Durante duas semanas, Poe repousou e deu longos passeios com *Edgar* nas noites primaveris. Os pulmões queimados sararam e a voz regressou à normalidade. As mãos recuperaram. Flynn aparecia ocasionalmente. Fingia que estava a atualizá-lo acerca do que estavam a fazer, mas queria apenas garantir que ele estava bem. Poe dava valor a isso, mas não conseguia encontrar palavras para o expressar.

Bradshaw enviava-lhe 20 ou 30 e-mails por dia. Todos eles o faziam sorrir. Disse-lhe que estava a voltar à rotina do dia a dia, mas que se sentia ansiosa por voltar ao terreno com ele. Estava a tirar a carta de condução e tencionava ir visitá-los, a ele e a *Edgar*, assim que passasse no exame. Agora que Reid estava morto, Bradshaw seria provavelmente a sua amiga mais próxima. Eram diametralmente opostos — ela era luz e ele, trevas —, mas, por vezes, as amizades mais fortes são assim. Ela perguntou-lhe quando voltaria ao trabalho.

Ele não tinha resposta. Não sabia se voltaria. Primeiro, queria ver se conseguia honrar a memória de Reid. Depois, precisava de falar com o pai. Enviara-lhe um e-mail a pedir para o contactar da próxima vez que estivesse no Reino Unido. Até ver, ele não tinha respondido, mas não fazia mal; Poe esperara muito tempo, podia esperar mais um pouco. Mas haveria um ajuste de contas. Um dia, ele e o homem que violara a mãe estariam sozinhos numa sala. Não pode ter havido muitas receções diplomáticas em Washington com um grupo de *hippies*. Alguém se lembraria de alguma coisa. Poe não precisava de muito para abrir um inquérito, e já investigara violações com menos informações à partida.

As provas encontradas na quinta foram analisadas. O ADN de todas as vítimas de Reid tinha sido encontrado nas celas do camião. Havia urina, vômito, sangue e fezes na maioria das celas. Por algum motivo, uma cela tinha sido esterilizada com lixívia. Gamble chegara à conclusão de que os homens tinham sido detidos na quinta antes de fazerem a sua última viagem. A campa de George Reid foi encontrada a umas centenas de metros de Black Hollow Farm, tal como Reid apontara. Ele dissera a verdade — a autópsia revelara que George morrera muito antes do início dos crimes. A causa de morte foi um enfarte. A polícia de Cúmbria procurava o outro indivíduo envolvido nos homicídios: o cúmplice desconhecido e fugidio de Reid. Mas Poe duvidava que o encontrassem — a sua

identidade desaparecera juntamente com as restantes provas, e eles não tinham quaisquer pistas. Continuariam a procurar — não tinham alternativa —, mas Flynn admitia em privado que não tinham muitas esperanças.

O resultado dos testes de ADN confirmou que os cadáveres encontrados no piso de cima da casa pertenciam a Swift e Reid.

O relatório do incêndio indicava que a quinta tinha sido limpa de produtos tóxicos, o que explicava o facto de o fumo não ser tão negro como Poe esperava. Gamble achava que Reid queria que Swift morresse queimada, e não por inalação de fumo.

Por uma vez que fosse, Poe e Gamble estavam de acordo. O superintendente mal-humorado conhecia bem Reid e acreditava no relato de Poe sobre o que acontecera na quinta. Tinha feito os possíveis para procurar a verdade. Contra a vontade do chefe da polícia, solicitou autópsias aos restos mortais dos três rapazes que Reid desenterrara. Mas o tempo e o fogo tinham levado a melhor. O médico-legista não conseguiu encontrar nada que sugerisse que haviam tido contacto com qualquer uma das vítimas de Reid. O relatório do médico-legista indicava um veredito de morte ilícita.

Foram enterrados no cemitério onde Poe levava a cabo a exumação. Mas não na zona K, por insistência de Poe. Houve uma grande afluência aos funerais, que abriram os noticiários. Apareceram homens de Londres, que recitaram lugares-comuns frente às câmaras e depois se enfiaram nos carros e saíram dali o mais depressa possível.

Com o caso quase encerrado, os cadáveres das vítimas de Reid — que, para todos os efeitos, estavam sob custódia do médico-legista — foram entregues às famílias. Poe assistiu a um rol de funerais solenes na televisão. Por fim, deixou de ver. O próprio ministro do Interior assistiu ao funeral de Carmichael. Aparentemente, conheciam-se há vários anos. Tinham sido apresentados num even-to de beneficência...

O funeral de Reid foi diferente. Foi enterrado num cemitério mais pequeno, menos cuidado, e, como nenhuma funerária quis aceitar o serviço de Poe, Reid acabou por ser enterrado num caixão comum. Poe, Flynn e Bradshaw assistiram ao funeral. A polícia de Cúmbria foi representada apenas por Gamble.

Poe estava estranhamente apático.

Depois do funeral, Gamble procurou Poe e disse-lhe que dava o caso por encerrado. Que estava prestes a atingir a idade da reforma, que sentia que tinha sido uma sorte não ser despedido e que ainda tinha filhos a estudar na universidade. Poe compreendeu. Aqueles homens já haviam estragado demasiadas vidas inocentes.

A comunicação social e os *spin-doctors* fizeram o que lhes foi pedido e retrataram Reid como uma versão pior do monstro em que se tornara. Distorceram os factos e rescreveram a história, de modo a garantir que a narrativa oficial revelava que Reid tinha estado a visitar os homicídios que cometera em criança. Poe achou tudo aquilo preocupantemente convincente. E, depois, o silêncio. Os tabloides podiam ter a capacidade de concentração de uma criança de 2 anos depois de consumir açúcar em excesso, mas um agente da polícia tinha andado a castrar e a incendiar homens poderosos — esta história deveria ter durado mais de três dias. Era óbvio que alguém lhes dissera para não persistirem.

Apesar de lhe cheirar a esturro, a imprensa liberal não tinha provas, por isso não fez grandes indagações; as famílias envolvidas eram muito poderosas. Os Carmichaels ameaçaram processar a polícia de Cúmbria e a NCA. Van Zyl ligara a Poe a dizer para não se preocupar.

— Aqueles sacanas não se atreveriam. Têm tanto medo dos homens de fato cinzento como nós. Duncan Carmichael vai ser armado cavaleiro por serviços solidários prestados para se calar. É assim que se compra o silêncio desta gente.

Tudo isto enojava Poe, que percebeu que já não aguentava ouvir

mais aquilo.

Após um telefonema particularmente perturbador, em que Flynn o informara de que Leonard Tapping, chefe da polícia de Cúmbria, tinha entrado para a lista de vice-comissário da Polícia Metropolitana, Poe decidiu esquecer o caso. Não lhe fazia bem nenhum, e era um esforço inútil. As provas haviam sido queimadas ou destruídas posteriormente. Fosse como fosse, o resultado era o mesmo.

Quando decidiu retirar todas as informações que tinham afixado na parede de Herdwick Croft, Poe percebeu que estava tudo acabado. Havia deixado tudo como estava para o caso de algo lhe avivar a memória. Mas isso não acontecera, apesar das muitas horas passadas a olhar para a parede.

Foi buscar uma caixa vazia e começou a desmantelar as últimas peças do seu trabalho. Havia fotografias, mapas e testemunhos periciais; documentos analíticos de Bradshaw e *post-it* de todos eles — tudo o que tinham descoberto ao longo da investigação.

A última coisa a ser retirada da parede foi a cópia que Bradshaw tinha plastificado do postal que Reid enviara a Poe em Shap Wells — o que tinha o ponto de interrogação invertido no verso. Foi o postal que os levou a descobrir o mesmo sinal de pontuação no peito de Michael James.

O postal que fez avançar a investigação.

Poe atirou-o para o cimo do monte.

O postal virou-se no ar e aterrou com a frente para cima.

Poe olhou fixamente para ele.

Capítulo 68

Poe lembrava-se vagamente da imagem; a informação de que necessitavam estava no verso do postal, por isso não tinham prestado muita atenção à frente. Fora irrelevante. Agora, não tinha tanta certeza.

Era a imagem de uma chávena de café a transbordar. Um empregado com demasiado tempo livre desenhara um padrão na espuma do café.

Poe olhou fixamente para a imagem.

Era uma pomba. O símbolo internacional da paz. Era o espaço negativo criado, supostamente, por cacau em pó.

Sem se dar conta, Poe parou de respirar. Reid enviara-lhe aquele postal, e ele não dava ponto sem nó. Deixava sempre pistas e quebra-cabeças. Seria este mais um?

Poe continuou a olhar para a fotografia, à procura de mais informações. Havia uma pomba, e as pombas estavam associadas à paz. Era uma chávena de café. Pensou naquilo como um mantra.

Uma pomba.

Paz.

Café.

Uma pomba.

Paz.

Caf... Porra!

Reid tinha-lhe trazido um pacote de café!

Poe correu pela cozinha. Atirou coisas da prateleira por cima da chaleira. Reid dissera que era para repor o café que tinham bebido. Ali estava ele. Um saco castanho cheio de café moído.

Depois de procurar um coador que sabia que nunca encontraria, Poe contentou-se com uma grande frigideira. Abriu o saco e despejou o conteúdo lá para dentro. Um som metálico confirmou que tinha razão. Não havia só café no saco. Procurou até encontrar o artigo.

Artigos. Dois, para ser mais preciso.

Um deles era uma *pen* USB e o outro era uma insígnia de metal.

Poe dirigiu-se para a secretária e abriu o portátil. Assim que ligou, ele introduziu a *pen*. Surgiu uma nova janela no ecrã. Estava cheia de pastas. Parecia haver uma para cada vítima. Uma delas não tinha nome. Abriu as pastas com nomes pela ordem em que apareciam no ecrã.

Todas continham ficheiros de vídeo, áudio e documentos. Todas as provas que Reid guardava contra eles. Tudo o que os obrigou a confessar. Todas as provas que reunira, mas que não conseguira partilhar.

Poe sorriu. Reid não confiara na polícia. Tudo aquilo tinha sido demasiado bem planeado para ele deixar alguma coisa ao acaso.

Claro que tinha feito cópias de segurança de tudo.

Poe pegou na insígnia de metal. Era um pino de ombro em esmalte. Reconheceu a insígnia da investigação. Era da empresa que organizava os cruzeiros no Ullswater antes de abrir falência; a empresa que fornecera o barco para o evento «Sente-se com Sorte?».

Havia uma palavra por cima da insígnia da empresa.

«Comandante.»

Poe examinou-a até se fazer luz.

Os homens que estiveram no barco naquela noite eram todos executivos ou de calibre superior. Hilary Swift era assistente social e os restantes eram crianças.

Então, quem estava ao leme do navio?

Apesar de ser um evento sem serviços externos, alguém teria de

fazer navegar o barco no lago. Não podiam ter sido eles. Havia seis homens a licitar, mais Carmichael e Swift, e os quatro rapazes.

E o comandante do navio.

Que deve ter visto tudo e mantido a boca fechada. Para Reid, isso tornava-o tão culpado como os outros.

Como é que isto escapara a toda a gente?

A Reid, não escapou. Ele tinha a insígnia do homem.

Mas onde estava ele?

Quem era ele?

Não era o proprietário. Bradshaw confirmara que este morrera de morte natural.

Poe voltou para junto do portátil. Faltava abrir uma pasta; a que não tinha nome.

Era mais uma gravação em vídeo de um interrogatório. Dois homens. Um usava um gorro, e Poe partiu do princípio de que era Reid a esconder a sua identidade, caso as coisas dessem para o torto antes de tempo. O outro era um homem que Poe não reconheceu. Não tinha surgido durante a investigação. Estaria na casa dos 50 ou 60 anos, e tinha ar de marinheiro. De pele tisonada, trazia um mapa do mundo gravado no rosto. Tinha o aspeto saudável de um homem que passava os dias ao ar livre e o físico de um trabalhador braçal.

Poe pressionou no botão *play*. O vídeo tinha a duração de quase uma hora. Era o homem que pilotara o barco no Ullswater. Disse para a câmara que não sabia o que ia acontecer no cruzeiro «Sente-se com Sorte?», mas que se apercebeu de algo estranho no decurso do leilão. Recebera dez mil libras em troca do seu silêncio, e a combinação do dinheiro com o risco de irritar pessoas poderosas havia garantido o seu silêncio.

Depois de o homem ter confessado tudo a Reid, eles fizeram um acordo. Ele ficaria no camião das dez celas até estar tudo terminado, e só sairia para cumprir algumas tarefas para Reid. Nada

de muito ilegal. Sobretudo recados como motorista. Poe desconfiava que tinha sido ele a levar o carro de Graham Russell até França e a deixá-lo lá. Também não tinha dúvidas de que tinha sido este desconhecido a levar Hilary Swift e os netos. Já não ia para novo, mas uma vida inteira passada no lago desenvolvera-lhe os músculos — estaria mais do que à altura de uma Swift parcialmente sedada.

E, se fizesse tudo isso, a gravação da confissão — e o seu papel nos homicídios dos rapazes — nunca viria a lume. Ele podia sair em liberdade. Mas... não cumprir as ordens de Reid traria duas consequências: teria o mesmo destino de todos os outros e o seu apelido cairia em desgraça. O homem concordou sem hesitar. Parecia ansioso por agradecer.

Poe tinha encontrado o cúmplice de Reid.

Passou-lhe outra ideia pela cabeça. Uma das celas no camião de transporte de reclusos fora desinfetada com lixívia. Seria essa a cela onde ele tinha estado? No início, quando Poe estudara o caso, as questões sem resposta eram tantas que mais parecia que estava a ler um livro com páginas arrancadas. Agora, tudo fazia mais sentido.

Porque é que uma das celas fora desinfetada com lixívia?

Porque é que Reid optara por morrer queimado com Swift?

Porque é que não quisera ser sepultado com os amigos?

Um cúmplice relutante oferecia uma nova perspetiva das coisas.

Teria Reid cumprido a sua promessa: libertar o homem depois de este cumprir a sua parte do acordo? Ou teria ele matado o homem e guardado o corpo até ser necessário?

Afinal, o que sabiam eles sobre o que se tinha passado naquela noite na quinta? A versão oficial tinha por base o seu testemunho presencial. Mas essa era apenas a sua perspetiva. Não significava que fosse a verdade.

E se tudo aquilo tivesse sido uma ilusão?

Quando Reid atirou o isqueiro e recuou, Poe partiu do princípio de

que ele tinha caído e ficado à espera da morte. Mas Reid podia ter tido tempo para trocar de lugar com alguém. Teria sido à justa, mas não era impossível.

E havia uma janela nas traseiras de Black Hollow Farm. Poe tinha memória de a ver quando o fogo fez desabar o telhado.

Normalmente, é possível encontrar provas desse tipo de truques muito tempo depois do ocorrido. *Normalmente*. Mas, como o caminho até à quinta estava bloqueado, o incêndio esteve ativo durante bastante tempo...

Todos os detetives têm de entregar uma amostra de ADN, de modo que o mesmo possa ser descartado de um local de crime; mas, com um cúmplice que lhe pudesse fornecer amostras, era impossível saber o que Reid tinha entregado. Poe não duvidava que Reid pudesse ter alterado a sua amostra de ADN. Sabia que Gamble e a sua equipa também tinham recolhido amostras de ADN no apartamento de Reid. Cabelo, uma cotonete descartada, uma escova de dentes. Tudo isso combinava com a amostra que ele entregara no início da investigação. Eram provas irrefutáveis de que o cadáver de Black Hollow Farm era do agente Kylian Reid.

Mas... porque é que uma das celas do camião tinha sido desinfetada com lixívia?

Seria possível que Reid os tivesse enganado a todos?

Poe ponderou no homem que comandava o barco. Será que Reid o teria libertado para que pudesse seguir com a sua vida? Ele sabia o que se estava a passar e recebera dinheiro para manter a boca fechada. Poe pensou que Reid não deixaria um homem desses com vida. Todos os envolvidos tinham de morrer. Além de ter sido seu cúmplice, seria possível que Reid o tivesse usado no final como álibi? Teria sido o cúmplice que Poe tentara arrastar para fora da quinta em chamas, e não Reid? Era uma teoria... que ele nunca conseguiria provar.

E, assim, Poe encerrou aquele capítulo. De volta à pomba.

Será que o amigo tinha finalmente encontrado paz?

Estaria algures pelo mundo? A tomar banhos de sol, a namoriscar com as empregadas. A brindar aos seus amigos.

A ser feliz.

Ele tinha de contar a Flynn. Pegou no telemóvel. O seu dedo pairou sobre o botão de chamada. Ela merecia saber. Ela saberia o que fazer.

Ou será que não? Alguém saberia?

Poe deixou cair o telemóvel.

O diretor-adjunto Hanson tinha-lhe dado um conselho que ele teria todo o gosto em seguir.

Não agitar as águas.

Capítulo 69

Poe estava sentado num café à saída da M5. Tinha apanhado um transporte público para sul, e depois roubara um carro de um parque de estacionamento de longa duração. Com sorte, conseguiria devolvê-lo antes de o dono dar pela sua falta. Estava diante de um bule de chá. Nas mãos tinha um tablet barato. Comprara-o em segunda mão numa dessas lojas de penhores que surgiram como cogumelos após anos de austeridade. Não sabia com que facilidade um endereço de IP podia ser rastreado, e não queria correr riscos. Podia ter pedido a Bradshaw para lhe ensinar a encobrir o rasto, mas isso seria abusar da sua amizade. Se houvesse consequências resultantes do que ele estava prestes a fazer, não queria envolver mais ninguém.

Estava de olhos postos no ecrã há mais de três horas.

Poe comprimiu todas as provas de Reid num ficheiro suficientemente pequeno para ser enviado como anexo num e-mail. Tinha incluído tudo, menos a pasta do cúmplice.

Havia pormenores importantes sobre o caso que não estavam incluídos no anexo: os dados do banco e o vídeo do interrogatório de Montague Price a tentar chegar a acordo teriam sido úteis, mas não estavam disponíveis quando Reid compilou as provas.

Mesmo assim... o que Poe estava prestes a enviar era a outra metade do quebra-cabeças de que Flynn falara, e desta feita seria metade *certa*.

O e-mail seria enviado a todos os editores, subeditores, jornalistas *freelance* e *bloggers* que conseguisse encontrar. Para jornais nacionais e internacionais. Quase cem nomes no total.

Não haveria provas em como tinha sido Poe. Na verdade, não podia ter sido ele. Estava inconsciente quando saiu da quinta numa ambulância. As suas roupas tinham ficado queimadas e haviam sido levadas para análise forense. A polícia de Cúmbria tinha a certeza de que ele não saía de Black Hollow Farm com provas incriminatórias. Todos partiam do princípio de que quem o fazia era o cúmplice desconhecido. Oficialmente, ele era o único interveniente que restava. A polícia de Cúmbria ainda estava atrás dele, mas Poe sabia que era uma caça aos gambozinhos. E não podia esclarecê-los sem desiludir Reid.

Se pressionasse o botão de enviar, cinco minutos depois, quase cem pessoas veriam as provas; na manhã seguinte, esse número chegaria aos milhares.

Seria instaurado um inquérito. Era inevitável — os cidadãos assim o exigiriam. Ele não teria de fazer mais nada: por lei, seria obrigado a entregar às autoridades tudo o que tinham descoberto — o cruzeiro de Carmichael e Swift, o *Breitling*, as contas bancárias secretas, o testemunho verbal de Reid. Alguém de Cúmbria divulgaria o interrogatório a Montague Price. Havia sido visto por demasiadas pessoas para continuar escondido. Poe seria convocado para prestar depoimento. Ser-lhe-ia exigido que testemunhasse sob juramento.

As pessoas estariam atentas.

Ele não deixaria o amigo ficar mal.

Se pressionasse o botão de envio.

O seu dedo pairou sobre o botão. O problema é que ele não sabia o que aconteceria a seguir. A borboleta de Bradshaw não lhe saía da cabeça. Haveria consequências que ele não conseguia prever. Dois membros do Governo haviam estado perante as câmaras a garantir às pessoas que o único crime tinha sido a loucura de Reid. Não seria tolerado mais um encobrimento. Podia dar azo a agitação social. A democracia só funciona quando permitimos.

Distribuir o e-mail era uma imprudência.

Mas... Poe pensou em Reid e na confiança que o seu amigo depositara em si. Pensou em Flynn e Bradshaw e nos seus esforços para expor o que tinha acontecido 26 anos antes. Pensou em todos os envolvidos no encobrimento do que se tinha passado. Pensou nos políticos arrogantes que se tinham atropelado para chamarem monstro ao seu amigo. Se não enviasse o e-mail, eles voltariam a ganhar. Edmund Burke disse: «Tudo o que o mal precisa para triunfar é que os homens de bem não façam nada.»

E... Duncan Carmichael tinha-lhe dito que ele era um «biltre». Poe não era homem para deixar insultos como este sem resposta à altura.

— Isto é por ti, Kylian — sussurrou.

Poe pressionou o botão, recostou-se e esperou pela chegada do futuro.

Agradecimentos

Escrever um livro é fácil. Fazê-lo chegar a bom porto, não.

Antes de mais, gostaria de agradecer à minha mulher, Joanne. Sem o seu apoio, nada disto teria sido possível. Mais importante ainda, ela é a primeira pessoa a quem tenho de impressionar. Ela vê o primeiro esboço muito antes de todos os outros, e ajuda-me a moldar a história que quero escrever.

Em seguida, um agradecimento muito especial ao meu agente, David Headley, da DHH Literary Agency — és uma verdadeira força da natureza; obrigado por me aturares. Já agora, o meu obrigado a Emily Glenister por responder a muitas das minhas perguntas tolas...

Krystyna Green, da Little, Brown, merece um agradecimento especial por ter apostado no manuscrito rudimentar que caiu de paraquedas na sua secretária no final de 2016. O seu entusiasmo por Poe, Tilly e Steph, e pelas suas aventuras e desventuras, é notável.

Martin Fletcher, Howard Watson, Rebecca Sheppard e JanMcCann — cada um de vocês tornou este livro exponencialmente melhor. E um obrigado a Sean Garrehy por ter criado uma capa extraordinária — sem recorrer a imagens, foi capaz de transmitir a ameaça obscura que se esconde nas páginas do livro.

Em seguida, gostaria de agradecer aos meus três primeiros leitores: Angie Morrison, Stephen Williamson e Noelle Holten. Se alguma coisa não fazia sentido ou não estava a ter o efeito desejado, eles tinham a sinceridade de me dizer.

Tenho agora de agradecer a algumas pessoas que me ajudaram na pesquisa para o livro.

Quero agradecer ao meu grande amigo Stuart Wilson (da verdadeira Herdwick Croft), que me explicou com uma enorme paciência como é que Poe teria conseguido tornar habitável a sua casa em Shap Fell.

Quero também agradecer a um velho colega e ocasional interlocutor, Pete Marston, por me instruir sobre os círculos de pedra de Cúmbria (existem mesmo 63...). Ele pode nem sequer se lembrar da conversa, ou que me emprestou um livro sobre o tema, mas as informações ficaram gravadas na minha cabeça, prontas a serem usadas cinco anos depois...

Jude e Greg Kelly, muito obrigado por me ajudarem com algumas das questões mais técnicas relativas às investigações criminais, e por partilharem comigo algumas das histórias que incluí nesta narrativa, de modo a conferir-lhe alguma profundidade.

Quero ainda agradecer ao Steve, de Shap Wells, por me fazer uma visita guiada pelas áreas do hotel que normalmente estão vedadas ao público. Trata-se de um hotel real, imponente e isolado, que foi efetivamente requisitado como campo de prisioneiros de guerra.

E, por fim, um agradecimento muito especial à verdadeira Serious Crime Analysis Unit. Tomei muitas liberdades criativas convosco, e por isso peço que me perdoem. Continuem com o vosso bom trabalho — a nossa segurança agradece.

Inevitavelmente, ter-me-ei esquecido de agradecer a alguém — peço-vos que atribuam as culpas à minha memória e não à minha ingratidão.

Obrigado a todos — foi um enorme prazer.

Edição original

Título: *The Puppet Show*

Texto: © 2018 M. W. Craven

Capa: Sean Garrehy – LBBG

Fotografia da capa: Shutterstock

Publicado pela Constable, uma chancela do Little, Brown Book Group, Londres.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *Teatro de Fantoques*

Tradução: Pedro Póvoa

Revisão: Madalena Alfaia

Paginação eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-668-843-1

ISBN edição ePub: 978-989-564-075-1

Depósito legal: 465 580/19

1.ª edição: fevereiro de 2020

Versão 1.0 • abril de 2020

© 20|20 Topseller, uma chancela da 20|20 Editora.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [f topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá devolvê-lo diretamente à Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

Teatro de Fantoques é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

Os thrillers mais tensos e viciantes
estão na Topseller.



Leia os primeiros capítulos em
www.topseller.pt
e procure os livros na sua livraria.